

SOBRE O DISCURSO JORNALÍSTICO

verdade, legitimidade e identidade

por

Sonia Aguiar Lopes

aluna do Curso de Mestrado em Comunicação

- área de Sistemas de Significação

Dissertação de mestrado
apresentada ao professor-
orientador Muniz Sodré.

UFRJ/Escola de Comunicação

março de 1980

Aos meus pais,
ao meu filho
a Marcelo

A todos que me ajudaram
a enfrentar o dilema entre
a atividade jornalística e
o trabalho acadêmico.

A Ana Redig, pelo auxílio à pesquisa;
a Rosa Amanda, pela revisão do texto.

SINOPSE

O jornal como um megarelatório;
fatos e opiniões; verdade e
legitimidade dos enunciados;
estratégias e táticas; selecionar,
dizer, interpretar e hierarquizar;
redação e edição: a busca de
identidade na imprensa do

eixo Rio-São Paulo



SUMARIO

1-INTRODUÇÃO

1.1-Fio da meada

1.2-Caminho das pedras

2-SOBRE FATOS E OPINIÕES

2.1-Saber e poder

2.2-Um fato e suas versões

2.3-O justo e o legítimo

2.4-Ilusão de ótica

3-SOBRE DIZER E INTERPRETAR

3.1-O leitor imaginário

3.2-Relação narrador/leitor

3.3-Táticas verbais

3.3.1-formas de enunciação

3.3.2-quadros de referências

3.3.2.1-sujeitos da narrativa

3.3.2.2-tempo e espaço

4-SOBRE O DITO E O NAO-DITO NA PRIMEIRA PAGINA

4.1-Formação de identidade

5-SOBRE OS ESPAÇOS DO JORNAL

5.1-O padrão USA Today

6-CONCLUSÕES

7-ANEXOS

8-NOTAS

9-BIBLIOGRAFIA



Não há jornalismo sem moral. Todo jornalista é um moralista. E absolutamente inevitável. Um jornalista é alguém que observa o mundo e o seu funcionamento, que diariamente o vigia de muito perto, que faz ver e rever o mundo, o acontecimento. E não consegue fazer este trabalho sem julgar o que vê. É impossível. Em outras palavras, a informação objetiva é um logro total. Uma impostura. Não há, de fato, jornalismo objetivo.

(Marguerite Duras/Outside)

1-INTRODUÇÃO

Cada jornal comporta, em seu processo de produção, uma gama de expectativas em relação ao que veicula ou deixa de veicular: da avaliação dos fatos que considera mais importantes à forma como supõe que o texto será recebido e compreendido, passando pela exclusão do que não considera relevante ou conveniente publicar. A imprensa trabalha com a idéia de leitor-padrão ou leitor-médio, ou seja, cada jornal tem o seu leitor imaginário, que pressupõe atingir e agradar. Para isso, equilibra-se entre os desejos da coletividade a que tal sujeito pertence, enfatizando os aspectos universais dos acontecimentos, e os interesses específicos de indivíduos ou grupos influentes, formadores e difusores de opiniões, comportamentos e padrões de consumo.

Por outro lado, todos os jornais têm em comum um repertório de fatos e situações de onde extraem o que consideram notícia ou assunto digno de reportagem ou de comentário (em editoriais, artigos etc). Aparentemente isto não é problema para uma época em que um sofisticado aparato técnico-científico - do telescópio espacial aos aceleradores de partículas - dá acesso tanto ao macrocosmo quanto ao microcosmo. Os avanços nos meios de processamento e de transmissão de informações tornaram possível que um evento seja visto simultaneamente em todo o mundo, com nitidez de som e imagem. E também que uma quantidade incalculável de informações circule rapidamente entre todos os cantos do planeta. Poderíamos imaginar, então, que agora sabemos tudo o

que acontece no mundo - da porta de casa aos fundos do universo. Ainda que isto possa ser viável, em termos tecnológicos, não o é do ponto de vista do indivíduo - que não se interessa por tudo o que está acontecendo - nem das coletividades humanas, que se organizam em torno de interesses particulares. Mas a inviabilidade maior está no aparentemente contraditório resultado do progresso técnico-científico: o mesmo sistema que facilita o processamento e a circulação instantânea de um número imenso de informações também permite controlar o que pode ou deve ser veiculado, para quem e com que intensidade ou frequência.

"Sofremos simultaneamente de subinformação e superinformação, de escassez e de excesso"¹, alertou Edgar Morin. Mas o que é informação? Num resumo das definições mais correntes, é o fato ou acontecimento que gera surpresa, pelo seu grau de novidade, ou incerteza, pondo à prova algo anteriormente conhecido e aceito como verdadeiro. Porém tudo o que não é redundância não é necessariamente informação, ressalva Morin.

A informação que resolve uma incerteza pode eliminar uma preocupação e tranquilizar. A informação que traz surpresa pode, pelo contrário, preocupar e provocar a incerteza sobre nossa aptidão de conceber a realidade. Compreende-se que o controle totalitário da informação seja usado para censurar as informações que preocupam e para distribuir as informações tranquilizadoras.²

Em países como o Brasil, que vivem o impasse entre a modernização e o "mal-estar social" (na expressão do economista Francisco de Oliveira), a imprensa - idealizada como uma das instituições pilares de um regime democrático de

tipo liberal - sofre um dilema particular: ora reforça, sutil ou abertamente, o sistema de valores dominantes, ora tem que admitir as contradições do sistema, por pressão da própria sociedade, personificada por cada conjunto de leitores.

No exercício do papel de mediador entre diferentes pontos de interesses, o jornalista se vê em constante operação de balanceamento entre as notícias inquietantes e as tranquilizadoras; entre as fortes e as fracas; ou entre as boas e más notícias. No primeiro caso, atuam as forças políticas e econômicas interessadas em manter o status quo ou desestabilizar um grupo adversário; no segundo, estão os próprios jornalistas, sempre preocupados com revelações bombásticas - ainda que efêmeras - que valorizem seus esforços de obtenção das novidades; e no terceiro enquadram-se todas as camadas de leitores, cujo conceito de boa ou má notícia é certamente muito variável, como exemplifica a notícia abaixo:

O governo de Mato Grosso do Sul fez um pedido formal à Superintendência Regional da Polícia Federal para evitar a divulgação de notícias "nocivas" ao estado, como a apreensão de contrabandos de maconha e cocaína, uma rotina diária de seus agentes em Campo Grande, Dourados e fronteira com o Paraguai e Bolívia. O secretário de Comunicação Social, publicitário Guilherme Cunha, alegou ao superintendente Roberto Alves que a imagem que a grande imprensa transmite de Mato Grosso do Sul à sociedade traz sequelas à própria conduta do governo (...). JB, 09/05/87

Ou a seguinte resposta do presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, Juvenal Osório, em entrevista ao *Jornal do Brasil* (07/05/89):

JB — Como o Sr se sente na posição de presidente de uma empresa que virou foco de uma crise do país?

Juvenal — Infelizmente, as notícias nacionais são as notícias negativas. Quando a gente produz bem, quando entrega muito aço, não merecemos destaque. A gente lamenta tudo isso, mas infelizmente as notícias más é que correm rápido. Os franceses têm até um ditado: *Pas de nouvelle, bonne nouvelle* ("Nenhuma notícia, boa notícia").

Mas, como afirma Edgar Morin, a informação além desses atributos, pode ainda ser rica.

A informação rica traz o novo, isto é, o inesperado, quer dizer, a surpresa. Assim, as informações fortes e ricas são trazidas pelos fatos inauditos, que nos parecem impossíveis antes de acontecerem, como o pacto germano-soviético de 1939, o ataque japonês a Pearl Harbor, (...)

...a queda do Muro de Berlim e todo o processo subsequente nos países do Leste Europeu. Para os jornalistas, essas informações fortes e ricas seriam as verdadeiras notícias, de importância e interesse inquestionáveis. Mas a informação não tem valor absoluto: "o que é ruído para um pode ser informação para outro e vice-versa"⁴, lembra Morin. Para isso contribui um aparato de conceitos e de percepções, elaborados ou não, que determinam o modo de construção e de apreensão das mensagens.

As vezes basta uma palavra ou uma associação desnecessária de dois fatos ou duas condições ("criada na favela, levava vida promiscua") para denunciar o preconceito de um jornalista ou sua visão de mundo sobre determinado assunto ou contexto. Por trás de cada narrativa estão mentalidades que funcionam como crivo consciente ou inconsciente em todo o processo de apuração, redação e edição de um jor-

nal. Ou seja, do ponto de vista da comunicação, a ideologia funciona como um sistema de idéias que controla esse processo, acolhendo ou rejeitando certas informações.

Mas como é possível atestar, na prática, o funcionamento desse equilíbrio no sistema de circulação de informações, particularmente na mídia impressa diária de uma sociedade que mantém sob suspeita todas as instituições que deveriam zelar pelos seus interesses - governo, Congresso, justiça e imprensa? Se todos os jornais têm compromisso com o *establishment* (como acredita Marc Paillet²⁰), o que diferencia uns dos outros? O que faz, por exemplo, que pessoas de um mesmo grupo sócio-econômico sejam leitores assíduos de veículos diferentes?

Em primeiro lugar, é preciso considerar que o acesso às informações impressas exclui, de imediato, os milhões de brasileiros analfabetos e semi-analfabetos, ausentes das estatísticas mas igualmente inaptos à leitura corrente. Pressupõe, além disso, uma atitude mais ativa do que a necessária para absorção das mensagens da mídia eletrônica. O olhar do leitor passeia pelo jornal e é paralisado a cada sinal de interesse. Da primeira à última página (às vezes de trás para frente), cada pessoa traça seu próprio roteiro, reorganiza a hierarquia das informações segundo critérios e motivações próprios, para depois selecionar, interpretar e armazenar o que lhe convém. Em segundo lugar, pressupõe-se a existência de identidade entre a visão de mundo do leitor e aquela que cada veículo pretende reforçar.

O que o jornal revela, oculta ou escamoteia está inscrito nas nomeações de suas partes, na arrumação dos textos, das imagens, das páginas; nos substantivos que remetem a universos particulares, nos adjetivos que enquadram as pessoas e coisas em categorias específicas, nos verbos que reconstroem as ações, reproduzem falas e supõem intenções. Estas são, portanto, chaves para uma leitura desmistificadora da neutralidade jornalística e para a compreensão do jornal na sociedade e do seu lugar entre os modernos sistemas de comunicação/meios de dominação.

1.1-O fio da meada

Fazer jornal é dar ao leitor um efeito ou simulacro de realidade a partir de pontos de vista diversos; é construir um discurso segundo certas regras e mediante determinadas condições. Para o semiólogo Eliseo Verón^e, toda sociedade comporta um sistema produtivo de discursos, isto é, tudo o que se diz, escreve ou faz significa alguma coisa para alguém, dentro de um determinado contexto social e histórico. Toda sociedade está, portanto, repleta de discursos sociais produzidos por sujeitos enunciadores (produtores de mensagens conscientes ou inconscientes) através de operações de investimento de sentido em diferentes matérias significantes (os suportes das mensagens, como a fala, a escrita, um gesto, um filme etc), dentro de certas condições sociais (circunstâncias culturais, econômicas, políticas etc).

Essas condições determinam o modo como um discurso é

produzido, como circula dentro de uma sociedade (ou de um segmento social) e a forma como é recebido, reconhecido, interpretado. Desvendar o processo de produção social de um discurso implica, portanto, conhecer suas condições de produção, de circulação e de consumo ou reconhecimento.

A noção de discurso como um conjunto de mensagens produzido por alguém e endereçado a alguém remete à questão das regras sociais e dos comportamentos individuais que influem no processo de produção da significação. O repertório de regras que condicionam a elaboração de um discurso constitui sua gramática de produção. Já as técnicas que norteiam as leituras previsíveis de um discurso constituem o seu enquadramento, que pode ser amplo ou restrito.

Para Verón, toda operação de produção de sentido é uma função complexa, uma relação entre relações. Os discursos sociais são objetos semioticamente heterogêneos ou mistos, nos quais intervêm, ao mesmo tempo, várias matérias significantes e vários códigos. O próprio discurso linguístico é dado como exemplo dessa intertextualidade: além de comportar a escrita e a fala, pode ser reforçado com regras paralinguísticas (como os gestos), o que fica patente na comunicação interpessoal e na dos veículos audiovisuais.

Na produção de sentido atuam, também, textos mediadores (como o roteiro de um filme, o projeto gráfico de um jornal ou os manuais de redação) que permanecem ocultos na superfície do discurso analisado, mas têm papel instrumental na sua produção e podem revelar alguns dos mecanismos que influenciam o processo de produção.

Dentro dessa perspectiva teórica proposta por Verón, cada jornal deve ser visto como um aparelho de enunciação (de produção de sentidos) no qual interferem outros discursos da sociedade em que circula (do Estado, das forças armadas, da Igreja, da família, da escola etc) e dos grupos hegemônicos que os influenciam. Abrange, portanto, uma rede de relações de sentido que fazem parte do sistema mais amplo da "semiose social" de que fala Verón.

Nesse complexo sistema produtivo, o jornalista aparece como sujeito enunciador. Mas é preciso lembrar que o termo jornalista é genérico de pauteiro, repórter, redator, editor, diagramador, fotógrafo, ou seja, um conjunto de profissionais que realizam diferentes operações de sentido sobre matérias significantes diversas (a palavra do entrevistado, o texto de um documento divulgado pela fonte, a matéria escrita pelo repórter, as fotos, os recursos gráficos etc). As técnicas para utilização desses diferentes elementos funcionam como uma gramática particular de produção de sentido na imprensa.

1.2-O caminho da pedras

Analisar o processo de enunciação jornalística dentro de um ponto de vista semiológico implica reconstruir a sua gramática de produção (conjunto de regras a que obedece) através das marcas deixadas pelos enunciadores (no texto, nos títulos, na diagramação etc) e indicar traços pertinentes às condições de reconhecimento, isto é, aos efeitos possíveis do discurso sobre seus consumidores. Para Verón,

esta reconstrução se dá através do estabelecimento de "relações sistemáticas" de presença e ausência de certas marcas (da linguagem verbal e da não verbal) consideradas relevantes dentro do universo jornalístico que se pretende analisar. E isto só é possível através de comparações, pois um texto não tem propriedades "em si"; caracteriza-se por "aquilo que o diferencia de outro", considera o semiólogo?

Para construir um texto, o jornalista trabalha como uma tecelã, entrecruzando os fios que puxa de dois carre-téis: de um lado, o fluxo dos acontecimentos cotidianos e suas narrativas primárias (das pessoas que viveram ou presenciaram o fato); de outro, os repertórios da língua e das falas que interpretam os acontecimentos. A trama que daí resulta pode ter tons suaves ou fortes; pode ter aparência uniforme ou mesclada, tradicional ou moderna; atingir a preferência de um público amplo e variado ou agradar apenas um grupo de gostos e interesses específicos.

Estabelecer relações sistemáticas em todo esse universo seria um trabalho de Hércules. Por isso, optou-se pelo caminho das pedras, isto é, de percorrer e conhecer o rio sem precisar mergulhar em todas as suas águas. Assim, foram selecionados tópicos considerados pertinentes a uma análise que pretende verificar os diferentes critérios de seleção e hierarquização adotados pela imprensa do eixo Rio-São Paulo, onde se concentram importantes áreas populacionais, urbano-industriais e centros de decisões políticas e econômicas fundamentais no panorama nacional.

O ambicioso universo de oito jornais* (quatro de cada

cidade) deve-se à preocupação em estabelecer a diferenciação dos públicos-alvo a partir das informações veiculadas e do tratamento que lhes é dado através da seleção vocabular, do grau de elaboração dos enunciados e da aplicação de regras para linguísticas (fios, vinhetas, ilustrações etc). Para isso, comparou-se os assuntos contidos nas primeiras páginas de duas semanas escolhidas aleatoriamente (17 a 23 de abril de 1988 e 17 a 23 de setembro de 1989), as características de edição de cada jornal na amostragem mais recente e exemplos de diferentes formas de enunciação.

Como suporte teórico, foram selecionados textos de vários autores que discutem, a partir da semiologia e da filosofia da linguagem, as estratégias narrativas decorrentes da necessária relação autor/leitor. Um sério problema neste ponto foi o fato de a maior parte dessas abordagens estar calcada na narrativa literária e/ou na comunicação interpessoal, raramente contendo referências ao discurso informativo. Porém, uma vez aceito o desafio, foram tomados todos os cuidados para manter a pertinência na transposição dos conceitos e idéias de um campo para outro.

(*) Rio de Janeiro: O Globo, Jornal do Brasil, Última Hora e O Dia
São Paulo: Folha de S. Paulo, Folha da Tarde (pertencentes à mesma empresa), O Estado de São Paulo e Jornal da Tarde (também da mesma empresa).
Período: de 17 a 23 de abril de 1988 (domingo à sábado)
de 17 a 23 de setembro de 1989 (domingo à sábado)
Obs.: O JT, a FT e a UH não circulam aos domingos e o ESP não circula às segundas-feiras.

2-SOBRE FATOS E OPINIÕES

A comunicação jornalística é historicamente marcada por duas idealizações, tanto do ponto de vista dos produtores quanto dos consumidores: a imparcialidade e a liberdade de informação. De um lado, há a idéia de que à imprensa cabe dizer toda a verdade dos principais fatos ocorridos dentro da linha de tempo que o veículo pretende cobrir (horário, diário, semanário etc). De outro, o pressuposto de que a coleta e a veiculação das informações e opiniões devem ser livres de qualquer cerceamento.

Mas quem determina quais são os principais fatos? Quem avalia se realmente "toda a verdade" foi colhida? E, antes disso, quem garante que o que foi narrado pelas personagens e testemunhas do fato corresponde verdadeiramente ao que ocorreu? Como manter a liberdade de informar sem a garantia de que as fontes tenham informado tudo, e fielmente, o que sabem ou viram? Como é possível manter a neutralidade, se são tantas as mediações entre o fato ou a situação real e a narrativa que chega ao leitor?

Se vivemos em uma sociedade pluralista, em flagrante luta de classes, com suas diferentes visões de mundo, como, então, pressupor a existência de uma única verdade? E como se poderiam abarcar todas as verdades em torno de um fato e seus desdobramentos? Trata-se de uma responsabilidade gigantesca - para não dizer quixotesca - atribuída a um pequeno grupo da sociedade, os jornalistas, sobre cujas cabeças pesa, também, a pretenciosa tarefa de registrar a his-

tória cotidiana.

Ao analisar as relações entre verdade e política e entre verdade e poder, Hannah Arendt e Michel Foucault articularam noções e argumentos que bem servem à prática jornalística. Hannah, com uma distinção entre "verdade racional", que informa a especulação filosófica, e "verdade factual", que informa o pensamento político, sendo mais vulnerável ao assédio do poder ("fatos e eventos são entidades infinitamente mais frágeis que axiomas, descobertas e teorias"²⁰). E Foucault, ao considerar que não existe verdade fora do poder:

Cada sociedade tem o seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos; a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.⁷

Tal encargo é assumido pelos jornalistas ao pressuporem que cada leitor, ao comprar um jornal na banca ou tornar-se assinante, lhe confere o mandato de investigar os fatos e deles extrair a verdade. As técnicas e os procedimentos que utilizam para chegar a essa verdade são mantidos sob vigilância da comunidade jornalística e submetidos ao jogo de poder das fontes, que podem se recusar a falar ou tentar ludibriar o repórter. Aos leitores cabe o papel de sancionar ou não os discursos que a imprensa faz funcionar como verdadeiros.

Como advertiu Hannah Arendt, a verdade factual "relaciona-se sempre com outras pessoas: ela diz respeito a

eventos e circunstâncias nas quais muitos são envolvidos; é estabelecida por testemunhas e depende de comprovação"¹⁰. Está, portanto, sujeita ao crivo das opiniões sobre os acontecimentos e das idéias que os fundamentam, explicam ou interpretam.

Fatos e opiniões, embora possam ser mantidos separados, não são antagônicos um ao outro; eles pertencem ao mesmo domínio. Fatos informam opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e paixões, podem diferir amplamente e ainda serem legítimas no que respeita à sua verdade factual.¹¹

As opiniões, então, também funcionam como um sistema de informações: elas informam visões de mundo, pressões morais, estratégias e táticas, enfim, a "microfísica do poder" cotidiano e das superestruturas.

Um jornal é, por excelência, um órgão formador de opinião pública. Sua força mede-se pela capacidade que ele tem de interferir nas opiniões em debate na sociedade e, apoiado em fatos e dados objetivos, mudar convicções e hábitos, influir no rumo das instituições políticas ou privadas. Assim como o jornal forma a opinião pública ele é formado por ela, que tem meios e os utiliza para influenciá-los e pressioná-los.

Manual da Folha de S. Paulo, 1ª edição, 1984

2.1-Saber e poder

Ao longo do contínuo processo de produção e divulgação dos acontecimentos, costumam ocorrer, sob determinadas conjunturas históricas, mudanças nas afirmações que são aceitas como cientificamente verdadeiras (o que não quer dizer, necessariamente, que antes estivessem erradas). Teorias rechassadas no período da Inquisição, por exemplo, tornaram-se importantes para a história das ciências.

Do mesmo modo, a imprensa, que busca sua matéria-prima nas estruturas e no funcionamento da sociedade, também

vê o seu saber (relatos e opiniões) submetido a razões políticas e estratégias momentâneas e a regras hegemônicas de pensamento e comportamento sociais. Episódios como a doença do presidente não empossado Tancredo Neves (março/abril de 85) e a descoberta da Aids trazem à tona o drama da conveniência da verdade, em que influem desde razões de Estado até o exercício do poder do conhecimento.

Durante toda a divulgação do estado clínico de Tancredo, o discurso médico foi usado tanto como anteparo do jogo político (adiando-se a verdade sobre a irreversibilidade da doença ganhava-se tempo para articular as medidas subsequentes), quanto como preservação corporativista de erros profissionais (que vieram à tona posteriormente). Em ambos os casos, a ocultação de informações foi facilitada pelo reduzido conhecimento que o grande público e os próprios jornalistas têm do jargão médico e pela centralização da fonte de informações (o porta-voz da Presidência da República), como demonstram os exemplos a seguir:

Quando o Presidente Tancredo Neves estava internado, o Porta-Voz Antônio Brito, para não interferir na ética médica, costumava invocar uma "coletiva em off", logo após a leitura do boletim médico, para dar detalhes do estado de saúde do Presidente. Um repórter de uma rádio do interior, inadvertidamente, colocou a informação no ar, ao vivo, e anunciou aos ouvintes: "Acaba de falar, em off", o Porta-Voz da presidência da República, jornalista Antônio Brito". Brito foi obrigado a ligar para a rádio e desmentir as informações que ele próprio havia dado.

(O Globo, 17/05/87)

Ao longo da agonia e morte do presidente Tancredo Neves em 85, os brasileiros foram brindados com uma série de boletins médicos enganosos, que começaram mentindo sobre o motivo de sua primeira cirurgia - um problema sério, o tumor no intestino, foi anunciado como sendo algo bem mais brando, um divertículo - e terminaram infundindo falsas esperanças de recuperação.

(Veja, 25/11/87)

Após ter proliferado no período de autoritarismo (1964/85) como praticamente o único meio de garantir a cir-

culação de informações fora dos boletins oficiais, o *off* (expressão originalmente utilizada nos EUA para indicar que o repórter deveria desligar o gravador e que, hoje, abrange todas as informações que as fontes não autorizam a publicar ou que o jornalista, por ética, acordo ou cumplicidade se recusa a fazê-lo) tornou-se rotina no jornalismo brasileiro.

O *off* tornou-se "o lugar da verdade no jornalismo - que não quer dizer que seja necessariamente o espaço de informações precisas, corretas, verdadeiras"¹². Nos bastidores dos palácios de governo, das autarquias, das empresas públicas e privadas travam-se os conflitos de poder local que os jornalistas são "convidados" a intermediar, levando "recados" de um lado para o outro, via espaço público do jornal. Ou via bastidor mesmo, pois muitas vezes, ao checar uma informação já está dando o "recado".

A utilização do "off" para recados ou para produzir um fato não é privilégio de políticos e técnicos do Governo Sarney. No auge da campanha presidencial, o Presidente Tancredo Neves, que raramente falava em "off", convocou os repórteres que o seguiam diariamente para uma conversa em seu escritório de campanha. Pedindo "off absoluto", Tancredo contou que tinha recebido uma informação segura de que seu principal adversário, Paulo Maluf, renunciaria à candidatura. Em menos de duas horas, todas as capitais comentavam a renúncia de Maluf. A informação de Tancredo teve um impacto tão grande que obrigou Maluf a convocar uma coletiva e garantir, formalmente, que a hipótese nenhuma disstiria da Presidência. O "off" do Presidente, como se verificou mais tarde, não passou de uma engenhosa manobra política. Para Tancredo, era vital que Maluf fosse seu adversário, pois disputando com ele, tinha a vitória praticamente garantida.

(O Globo, 17/05/87)

Mas não é só em função do jogo político que os jornais se vêem obrigados a publicar informações não necessariamente precisas, corretas, verdadeiras. E o que acontece em relação a grandes catástrofes como a Aids, o acidente radiológico de Goiânia ou o vazamento de Chernobyl, em que

o desconhecimento ou o conhecimento limitado das próprias fontes sobre os acontecimentos e suas consequências gera um tipo de divulgação sobre vazios de informação, afirmações contraditórias ou incoerentes, logo, não verdadeiras, embora não obrigatoriamente falsas.

As notícias sobre a Aids têm provocado múltiplas interpretações devido à diversidade de fontes investidas em autoridades sobre o assunto, mas também, e sobretudo, por se tratar de um tema que põe em xeque valores e conhecimentos até então cristalizados. A conveniência da verdade impôs-se pelo alto grau de disseminação da síndrome e os efeitos psico-sociais que lhe seguiram.

Foi também em função de riscos para muitas vidas que os soviéticos não puderam conter a verdade sobre o acidente de Chernobyl, em maio de 1986. Porém, quase um ano depois, a revista alemã *Der Spiegel* denunciou que a Agência Internacional de Energia Atômica manteve em segredo mais de 250 acidentes ocorridos em usinas nucleares de nove países, nos dez anos anteriores.

Por outro lado, quando o bloqueio a certas informações é rompido por um único profissional tem-se o chamado furo jornalístico, situação que costuma provocar euforia nas redações e pânico nos meios atingidos pela divulgação indesejada. Cabe lembrar, porém, que tal rompimento não pode ser atribuído, exclusivamente, à perspicácia, competência ou obstinação de um repórter. O mérito que lhe cabe é o de saber cultivar boas fontes (pessoas que têm acesso a informações de grande interesse, mas de circulação restrita) e o

de ficar atento aos momentos em que seja conveniente para alguém liberar determinadas informações.

O "caso Watergate" (*Washington Post*, 1975) não teria acontecido sem o *Deep Throat*, assim como Jânio de Freitas não teria desencadeado o "caso da Ferrovia Norte-Sul" (*Folha de S. Paulo*, maio de 1987) se alguém do governo ou de uma construtora não tivesse interesse em desmoralizar o projeto ou, no mínimo, o processo de concorrência para as obras.

Os episódios anteriormente citados revelam que as informações, em geral, têm o seu caráter de verdade abalado na origem. Ou seja, as fontes limitam, previamente, o que deve ou pode ser divulgado, concentrando as informações não divulgáveis nas mãos de poucos, de forma a controlar sua liberação. Este mecanismo, porém, escapa à grande maioria dos leitores, que baseia sua avaliação de veracidade na aparente coerência dos enunciados publicados.

2.2-Um fato e suas versões

Empiricamente, verdade designa o que é verdadeiro e está associada a dois tipos de paradigmas: um positivo, relacionado ao que é real, autêntico; outro negativo, referente ao que é irreal, falso, mentiroso. Ao especular "sobre a essência da verdade", Heidegger deduziu que "uma enunciação é verdadeira quando aquilo que designa e exprime está conforme com a coisa sobre a qual se pronuncia"¹³. Esta condição aplica-se particularmente ao jornalismo, onde o compromisso com o prático, o corrente e o social faz com

que a verdade se resume à aparente coerência de um fato com sua descrição ou narração, que passa a ser assumida como o que verdadeiramente ocorreu.

A crença nessa coerência, porém, pressupõe uma outra crença: a da isenção do jornalista, que só narraria fatos reais e que jamais mentiria, ou seja, nunca diria uma inverdade. Constrói-se, assim, à revelia da origem das informações e dos interesses dos veículos, um arquétipo de verdade em torno de uma suposta fidelidade do jornalista.

O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos e seu trabalho se pauta pela precisa apuração e sua correta divulgação. (Art. 7º do Código de Ética aprovado no 15º Congresso Nacional de Jornalistas, em setembro de 1985).

Desta forma, a discussão sobre a "essência da verdade" nos enunciados jornalísticos acaba ficando centrada no plano da intenção do autor, calcada em condutas de avaliação subjetiva: apuração precisa, divulgação correta. Para ampliar o quadro desta discussão, vejamos, a seguir, uma comparação entre as aparentes intenções de três jornalistas ao cobrirem o mesmo fato e o resultado objetivo do que divulgaram.

ATO PÚBLICO MARCA FIM DA CENSURA E
ARTISTAS PEDEM CRIAÇÃO DE CONSELHO (O Globo)

LYRA NO CASA GRANDE COMEÇA A
VARRER O ENTULHO AUTORITÁRIO (Jornal do Brasil)

PIMENTA DIZ TEMER
CENSURA CENTRALIZADA (Folha de S. Paulo)

O que, nestes títulos publicados no mesmo 30 de julho de 1985, indica tratar-se do mesmo fato? Claramente, nada.

O primeiro refere-se a um fato consumado, denotado pelo verbo marcar, endossando o que oficialmente se pretendia - o "fim da Censura". O segundo indica, através da expressão "começa a varrer", um processo desencadeado em determinado local (o Teatro Casa Grande). E o terceiro alerta, com o verbo temer, para perigo futuro: a "censura centralizada".

Trata-se, porém, de três enfoques diferentes para um único fato (não explicitado em nenhum dos títulos): encontro do Ministro da Justiça, Fernando Lyra, com intelectuais, artistas e produtores culturais para entrega de um documento denominado "Adeus Censura", no Teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro (as palavras sublinhadas indicam as únicas referências ao fato que aparecem nos títulos).

Independente dos estilos de texto - um de estrutura tradicional, denotativo (*O Globo*) e os outros dois carregados de expressões conotativas - as três matérias privilegiaram aspectos diferentes do fato, ao ponto de uma dimensão ampla do que aconteceu naquela noite só ser possível a partir de uma leitura tripla.

Para *O Globo* foi uma cerimônia, para o JB, uma festa; para a *Folha*, porém, o importante não foi o feito mas o dito por uma determinada autoridade em contraposição a outra da mesma esfera de poder. Editorialmente, a cerimônia e a festa foram tratadas como fatos políticos (um de âmbito nacional (*O Globo*), outro de interesse local (*JB/Cidade*), enquanto a fala do Ministro Aluizio Pimenta foi considerada como assunto relativo à produção cultural, daí sua publicação na *Folha Ilustrada*.

O documento de 21 itens elaborado pelos intelectuais, que para *O Globo* era o lide da notícia, foi reduzido pelo JB, no sublide, como "apenas normas oferecidas à discussão para se transformarem em leis no futuro", e citado de leve pela *Folha* como "um documento contendo sugestões para a 'Nova Censura', entre elas a classificação". Cabe ressaltar que os dois últimos jornais já haviam divulgado, anteriormente, o conteúdo do documento, considerando-o, portanto, de conhecimento prévio do leitor.

Apesar da analogia com o "cartaz em que uma tesoura aparecia com as lâminas partidas", visando a indicar "que o corte na Censura era mesmo pra valer", a matéria de *O Globo* ficou contraditória em relação ao título ao alinhar uma série de informações que atestavam que a Censura não havia sido abolida:

- (...) a partir de agora a Divisão de Censura de Diversões e Espetáculos não funcionará mais no prédio da Polícia Federal, em Brasília, e os censores só terão direito a dois ingressos, e não aos 20 que lhes era cedidos compulsoriamente a cada apresentação de peça teatral.

- O documento dos intelectuais propõe que os próprios produtores estabeleçam uma censura classificatória (...)

- Pela proposta dos intelectuais, a censura prévia será mantida apenas na televisão (...)

O JB, ao contrário, construiu todo o texto de forma a mostrar que não se tratava de um adeus, mas apenas de uma reforma da censura:

- Dona Censura não morreu ontem à noite (...) conforme insistia em dizer o Ministro (...)

A matéria relaciona uma série de afirmações dos participantes do encontro que documentam o enfoque adotado:

- Dias Gomes (teatrólogo): "conseguimos o que se podia obter nas atuais circunstâncias" - disse, acrescentando que, apenas por ora, se acaba a censura prévia e se retira dela o poder de proibir.

- Antonio Houaiss (filólogo): "A censura acaba apenas para a parte que não for compulsória"

(portarias, instruções, etc - explica a matéria).

- Ziraldo (cartunista e então presidente da Fundação Nacional de Artes - Funarte): "A censura classificatória não acabou ainda para espetáculos de diversão pública; o assunto está sendo repensado, o que já é um grande passo".

O enfoque é reforçado com a referência aos pedidos encaminhados ao Ministro da Justiça, já no final da festa, "para liberar uma coisa ou outra", e com a atitude preocupada do Ministro da Cultura - área a qual a censura diz respeito diretamente - em relação à chamada "censura branca", que impede que determinados espetáculos sejam vistos no interior.

Foi aí, neste ponto polêmico, que - metonicamente - a *Folha* privilegiou a parte em detrimento do todo, aguçando as duas formas não facilmente conciliáveis com que o assunto censura vinha sendo tratado pelo Governo: a visão jurídico-formal liberalizante do Ministério da Justiça e a tendência mais pragmática do Ministério da Cultura, que tinha atribuições de mediador entre os produtores e os consumidores de cultura.

As afirmações do Ministro Aluizio Pimenta destacadas no texto revelam a intenção do jornalista - endossada pelo jornal - de enfatizar uma mentalidade democratizante.

- "Não sei qual vai ser a decisão do Ministério da Justiça, mas eu acho que a censura por classificação etária deveria ser municipalizada. O mal do Brasil é a centralização."

- "A cabeça de um jovem do Rio ou de São Paulo não é a mesma de um garoto do Interior, porém, esse é um ponto de vista do Ministério da Cultura", observou Pimenta.

- Mais grave do que isso, na opinião do ministro, "é a censura branca a que estão submetidas as populações fora do eixo Rio-São Paulo, onde a cultura não chega".

Vale destacar, aqui, que o enfoque adotado pela *Folha* não se deve unicamente a motivações ideológicas ou estratégicas, mas também a um fator ligado exclusivamente às con-

dições materiais de produção do jornal, ou seja: o fato em questão ocorreu na jurisdição da sucursal Rio, que, devido à distância da sede - onde todo o noticiário é reunido, articulado e processado industrialmente - sofre restrições, sobretudo de horário.

Isto leva à hipótese de que o evento do Casa Grande não tenha sido coberto, mas apenas abordado por antecipação, tomando-se como fonte uma das mais importantes autoridades ligadas ao evento programado. Obviamente, esse fator não pode ser inferido do texto, mas não deve ser descartado em uma avaliação das condições de produção que influem na escolha do ponto de vista da narrativa. De qualquer forma, a apuração da matéria foi precedida de uma decisão de natureza editorial da *Folha* - pautar o assunto para o segundo caderno (*Folha Ilustrada*) - o que determinou uma diferença, *a priori*, em relação aos enfoques adotados pelos outros dois jornais.

A análise dessas três matérias evidencia que parcialidade não é sinônimo de mentira. Nenhum dos três repórteres mentiu ou ocultou deliberadamente a verdade; apenas privilegiaram, cada um, aspectos diferentes do mesmo fato, norteados tanto pelos seus valores individuais, quanto pelos dos jornais para os quais trabalham. Em nome destes, por sua vez, outros jornalistas atribuíram valores diferentes a cada uma das matérias, através da escolha de seções e da localização nas páginas.

E como se, em vez de repórteres e editores, houvesse fotógrafos usando lentes de angulações diversas e fotogra-

fando com enquadramentos diferentes. Tudo depende do ponto de vista. Mas a verdade nunca sai por inteiro e nem sempre é fotogênica.

2.3-O justo e o legítimo

Na trajetória do liberalismo e da modernidade, a questão da verdade aparece constantemente associada à batalha pela liberdade de pensamento e de expressão, por sua vez relacionada ao crescimento da importância do cidadão e da identidade coletiva. "O deslocamento da verdade racional para a opinião implica uma mudança do homem singular para os homens no plural (....); a força da opinião é determinada pela confiança do indivíduo no número dos que ele supõe que nutram as mesmas opiniões", pensava James Madison, citado por Hannah Arendt¹⁴.

Grandes polêmicas como a construção da Ferrovia Norte-Sul ou o naufrágio do Bateau Mouche (1/01/89) trazem à tona não só as dificuldades dos jornalistas, enquanto contadores de verdades, para dar conta da multiplicidade de versões, opiniões e atribuições de autoridade, como também a confusão entre o que é justo e o que é verdadeiro. Nessas situações, a verdade factual - de que a ferrovia vai ou está sendo construída, onde e por quanto, e de que o barco afundou e como - perde importância para a verdade racional, que especula sobre critérios de justiça e culpabilidade.

Ou seja, o julgamento do leitor a respeito da verdade dos fatos ou da narrativa desvia-se da coerência dos enunciados para a justeza ou legitimidade das declarações, se-

jam elas descritivas ou opinativas. Seu critério é o de se as afirmações selecionadas são justas, do ponto de vista de uma avaliação moral dos fatos, e se os autores (as fontes) de tais afirmações são legítimos, isto é, reconhecidos como autoridades ou com idoneidade para proferi-las ou avaliá-las.

Cabe frisar que a noção de legitimidade não está, neste caso, atrelada apenas à legalidade dos atos e dos sujeitos. A legitimação dos enunciados e dos enunciadores, em jornalismo, resulta de consenso fundamentado por um conjunto de normas de procedimentos valorativos. Estes, por sua vez, estão calcados tanto em racionalizações éticas individuais quanto no relacionamento da sociedade com a esfera pública (governo, políticos, administradores, justiça etc). E como diz Jean-François Lyotard:

O povo está em debate consigo mesmo sobre o que é justo e injusto, da mesma maneira que a comunidade dos cientistas sobre o que é verdadeiro e falso; (...) o "povo" que é a nação ou mesmo a humanidade não se contenta, sobretudo em suas instituições políticas, em conhecer; ele legisla, ou seja, formula prescrições que têm valor de normas.¹⁵

O problema de os enunciados jornalísticos serem considerados justos ou não - e, portanto, corretos ou incorretos, verdadeiros ou ilusórios - está relacionado, em grande parte, à dificuldade de se avaliar as expectativas do "leitor-imaginário" ou "leitor-modelo" (na acepção de Umberto Eco) e seus critérios de atribuição de valor aos acontecimentos. O mandato que, teoricamente, o leitor confere aos jornalistas tem a finalidade do exercício de guardiãs da reciprocidade e da cooperação social. Estes conceitos, se-

gundo Barrington Moore Jr., autor de vasta pesquisa sobre a injustiça, regem as manifestações de revolta e indignação diante de certos acontecimentos ou afirmações e a cobrança dos procedimentos corretos por parte dos sujeitos investidos de autoridade e de poder.

A reciprocidade e a cooperação não se desenvolvem espontaneamente, exceto, talvez, de forma limitada entre grupos pequenos de contato pessoal bastante contínuo. Caso contrário, há uma tendência contínua à erupção dos interesses egoístas do indivíduo e do grupo.¹⁶

A erupção mais frequente desses interesses egoístas se dá em sociedades cujas instituições são demasiadamente fracas para forçar a reciprocidade e onde não há sanções efetivas.

Ou nada acontece quando o indivíduo se recusa a desempenhar sua parte recíproca, ou um indivíduo prejudicado se enraivece em vão, especialmente se a outra pessoa tiver um status mais alto. Em tais casos padrões de reciprocidade podem realmente acionar o conflito ao suscitar expectativas não correspondidas.¹⁷

Nas sociedades modernas, mesmo as ainda em desenvolvimento (e, hibridamente, comportando sintomas de pós-modernidade), esses conflitos não se travam apenas através da imprensa mas também dentro dela. Seu papel ativo nesses conflitos é gerado pela destaque dado a esse ou aquele personagem, a essa ou aquela opinião. Nesse ponto, mesmo em épocas não autoritárias, o jornalismo que se faz no Brasil continua dando ênfase ao discurso de governantes, de grupos dominantes e sua visão particular de cooperação social. Estes geralmente falam de reciprocidade "para enfatizar sua contribuição às unidades sociais que dirigem, e para louvar as virtudes e necessidades de relações harmônicas aí. Desta

forma, a noção de reciprocidade rapidamente se transforma numa forma de mistificação, num revestimento ideológico da exploração"¹⁸. Por outro lado, campanhas eventuais de combate à imoralidade no trato da coisa pública, feitas por certos jornais, vão ao encontro da crítica popular à autoridade, quando esta não corresponde à sua "obrigação de cuidar dos subordinados" e "os oprime e explora, ao invés de protegê-los"¹⁹.

Assim, as opiniões seleccionadas (e não apenas os factos descritos) também influem no carácter de veracidade da narrativa jornalística de certos tipos de acontecimentos. Para Hannah Arendt, é a opinião (que ela coloca no campo da verdade factual) "que pertence à classe dos pré-requisitos indispensáveis a todo poder"²⁰. A verdade jornalística e seu poder estão justamente na capacidade e na possibilidade de desvendar os mecanismos e instâncias em que os enunciados são qualificados como verdadeiros ou falsos e os discursos que a sociedade - ou grupos dela - legitima como verdadeiros, ou recusa como falsos. Ao contrário do que reza a tradição e determinam as técnicas, o grande desafio, hoje, para jornalistas e jornais, está na interpretação dos factos e opiniões, e não no seu mero relato.

2.4-Ilusão de ótica

Se alguém olhar um cubo colocado sobre uma mesa, poderá ver uma figura de face única - quadrada - ou de apenas duas ou três, de formatos irregulares, conforme a posição que assumo diante do objeto. No entanto, experiências ante-

riormente incorporadas fazem com que esse estranho objeto seja reconhecido como um cubo: "sólido que tem seis faces quadradas iguais".

Qual é, então, o verdadeiro objeto: aquele que o olhar presencia ou o que o conhecimento e a experiência referenciam? Assim como a aparência do cubo se modifica conforme o ângulo de perspectiva a partir da qual ele é observado - sem que deixe de ser reconhecido como tal - também se modificam as feições de um fato, ou de uma situação, a cada mudança de ponto de vista da narrativa ou da fotografia.

Tomando emprestado o raciocínio de Muniz Sodré em *A máquina de Narciso*, vemos que o ponto de vista da perspectiva (referência à geometria espacial) "é de fato um artifício, uma manipulação ilusória, assim como o ponto-de-vista literário, que o escritor usa para destacar ou realçar certos efeitos pré-determinados; (...) suas técnicas asseguram as concepções estratégicas, as conquistas, a administração dos diferentes espaços"²¹.

A idéia de "manipulação ilusória" aplicada à imprensa fere, com ponta afiada, os chamados princípios jornalísticos de reprodução fiel da realidade. Mas, se retomamos o exemplo do cubo, vemos que a inevitável escolha de um ponto de vista não significa, necessariamente, que as faces ocultas do fato narrado ou fotografado não possam ser reconhecidas ou descobertas. O problema que aí se coloca é o da mediação entre a realidade e o público-leitor.

No filme fotográfico registra-se o resultado (a composição) de uma coordenação de decisões rea-

lizadas pelo olho. Há por trás da câmara um olhar de medida e avaliação regido por um padrão geométrico interno à consciência do fotógrafo, que resulta da interiorização histórica das regras de perspectiva.²²

De forma semelhante, o texto jornalístico resulta de um conjunto de escolhas ou de decisões cumulativamente tomadas a partir de regras ou convenções (formais ou informais) de apreensão e reapresentação da realidade. Assim, quanto mais diversificados são os pontos de vista apresentados pelo jornalista (das testemunhas, dos protagonistas, das autoridades de conhecimento etc), mais próxima da realidade a narrativa estará. Um texto, porém, será sempre uma referência, ou um conjunto de referências, do que se tem como real, jamais o real em si, fielmente reproduzido.

A escolha desses referenciais e a valoração hierárquica que lhes é atribuída (seja na famosa pirâmide invertida, seja na edição da página) constituem o jogo de estratégias que rege a mediação entre o real e o leitor, exercida pelo jornalista - ou pelo grupo de profissionais que elaboram o jornal. A tarefa destes é reconstruir aparências de realidade e produzir "efeitos de verdade", emprestando seu olhar ao leitor. Essa reconstrução e essa produção não se limitam ao resgate dos dados do acontecimento, através das fontes (apuração) e da narrativa (redação); abrangem, também, sua disposição valorativa em relação a outros fatos e situações desencadeados na mesma linha de tempo (edição).

Aí, na administração dos espaços do jornal, o jogo estratégico lança mão de regras cada vez mais sofisticadas e sutis. Trata-se de um complexo processo de conciliação

entre os diversos interesses e visões de mundo dos envolvidos (fontes/jornalistas/donos do jornal/anunciantes/leitores), que acabam determinando os limites de redução do real. A notícia como expressão neutra da realidade não passa de uma idealização.

3- SOBRE DIZER E INTERPRETAR

A linguística, a semiologia, a filosofia da linguagem e, mais especificamente, as teorias sobre o discurso e a significação têm-se dedicado, preferencialmente, à comunicação oral e à produção literária. Alguns autores - sobretudo os filósofos da linguagem - adotaram o discurso científico como objeto de estudo. Mas raros são os que abordam os textos informativos sem pretensão científica como uma categoria de discurso em que a produção de sentido assume características peculiares.

As primeiras teorias linguísticas e da linguagem gastaram páginas de ensaio e horas de conferências para discutir a produção de sentido a partir das menores unidades da língua: palavras (signos), expressões e frases (enunciados). Só a partir da década de 70 começaram a ser sistematizadas "técnicas para analisar unidades amplas de um todo linguístico, como parágrafos, fragmentos de discurso no diálogo e na conversa, esquema de argumentação (....)"²³, como assinalou Herman Parret.

As relações descobertas por essas novas metodologias vão além das relações anafóricas entre sentenças e além das relações de co-referência entre proposições. Elas reconstróem a coerência e a coesão dos textos como um macrosistema gramatical que habilita o intérprete, o receptor e o leitor para descobrir a significância dessas macro unidades.²⁴

Esse tipo de abordagem traz novas possibilidades para a compreensão dos processos de produção e recepção das mensagens jornalísticas, particularmente as da mídia impressa. Os textos publicados nos jornais diários são construídos

basicamente a partir de relatos orais (depoimentos dos protagonistas e testemunhas dos fatos, declarações e opiniões de autoridades etc), mas se submetem a regras de enunciação da escrita, incorporando traços de outros discursos: do literário, quando o narrador lança mão de enunciados impressionistas (em notícias-denúncias ou em reportagens de ação, por exemplo); do científico, ao utilizar esquemas de explicação e de demonstração; e do político, através de técnicas de argumentação visando provocar juízos de valor ou convencimento a respeito de algo, embora sob a aparência de neutralidade.

Mas, além de textos, o jornal comporta também a comunicação não-verbal, com as fotos, ilustrações, recursos gráficos e a própria organização espacial das páginas. Este conjunto integrado de linguagens verbais e não-verbais constitui o que se pode chamar de discurso da mídia impressa diária. Para entender as especificidades desse megarrelato, torna-se útil mapear os pontos de intercessão com outros discursos, do ponto de vista da relação emissor/receptor, das formas de enunciação, do tratamento dos conteúdos das mensagens e dos supostos mecanismos de reconhecimento (compreensão/interpretação) pelo leitor. Só então será possível avaliar o papel da edição como instrumento de organização das táticas que visam atender as estratégias de cada jornal.

Tradicionalmente, a estratégia é definida em termos militares como a arte de empregar a força para realizar objetivos determinados pela política. A tática difere da estratégia com respeito a seus atores e sua extensão - consiste em conduzir operações efetivas que de-

pendem estreitamente das possibilidades técnicas disponíveis. Os políticos definem, mesmo em tempo de guerra, a estratégia militar, ao passo que os generais definem a tática. As estratégias, em sua dependência da política é dependente da comunidade. As táticas, ao contrário, são contingentes enquanto determinadas por possibilidades efetivas (principalmente tecnológicas).^{2º}

Transpondo-se essas noções para o campo do discurso jornalístico, pode-se fazer um analogia entre os "políticos" - os donos do poder - e os proprietários ou os controladores de jornais, que traçam estratégias auxiliados pelos jornalistas que ocupam altos postos na hierarquia da empresa. São estes executivos da cúpula da redação que definem as áreas de conhecimento e de produção social, as ideologias e as mentalidades a serem priorizadas e, dentro delas, os enfoques e tipos de fontes de informação considerados relevantes para as estratégias de comunicação com um público (comunidade) pré-determinado.

Aos "generais" e seu oficialato correspondem os editores, chefes de redação e de reportagem encarregados de administrar as táticas mediante os recursos humanos e materiais colocados à sua disposição. Na linha de frente atuam os repórteres, interagindo com as fontes para obter os conteúdos que atendam às estratégias do jornal, e na retaguarda, os redatores ou copidesques, que zelam pela eficácia comunicativa na relação narrador/leitor.

É esse conjunto de intervenções que ocorre entre o acontecimento objetivo e sua apresentação ao público que gera o que alguns autores chamam de "falseamento" da narrativa jornalística. Mas, como lembra **Ciro Marcondes Filho**,

"o patrão - o orientador ideológico da empresa jornalística - não estabelece 'regras de redação' para que as notícias, que entram como fatos puros, saiam como informações enviesadas"²⁶. Para este autor, existem três formas de falseamento ou encobrimento das notícias, além do uso da técnica e da linguística: a visão fragmentada dos fatos, que na maioria das vezes aparecem descontextualizados, separados das relações sociais que lhes dão origem; a visão personalizada dos acontecimentos, ora centrados em personagens enaltecidos como agentes positivos, ora em agentes dos "males sociais" (os bodes expiatórios); e a sonegação de informações "indesejáveis", ou seja, o não-dito ou estrategicamente omitido.

3.1- O leitor imaginário

Um político sobe à tribuna ou ao palanque e lê ou recita o seu "discurso". Ele sabe com quem está falando e articula um conjunto de argumentações para tentar convencer sua audiência, através da afinidade de idéias, de promessas ou de propostas visando determinado fim. Apesar da comunicação oral e da co-presença de emissor/receptores, não há situação dialógica, embora possa haver manifestações sobre o dito através de atitudes de aprovação (aplausos), desaprovação (vaías), interesse (silêncio) ou desinteresse (burburinho). O que importa no discurso político não é a verdade dos enunciados, mas a identidade ou concordância entre emissor e receptor.

Um cientista tira conclusões a respeito do seu objeto

de estudo e as expõe, através de descrições, explicações e demonstrações via discurso oral (palestras) ou escrito (dissertação, ensaio etc) dirigido a um público específico, limitado pelo repertório de conhecimentos prévios necessários à compreensão do assunto tratado. No primeiro caso, o receptor está presente e, em geral, pode interferir no processo comunicativo através de perguntas, comentários ou questionamentos. No segundo, o receptor está ausente e não é levado em conta no momento da produção do texto, salvo quando este tem finalidade didática. De uma forma ou de outra, é o conteúdo dos enunciados científicos - caracterizado como conhecimento novo ou explicativo, com valor de verdade - que possui papel determinante na relação emissor/receptor.

Um romancista, cronista ou poeta expressa suas emoções e visão de mundo em uma forma escrita que, potencialmente, é dirigida a qualquer pessoa que saiba ler. Tal texto não possui valor de verdade nem propósito de convencimento ou ensinamento. Também não pressupõe um público específico - delimitado no tempo e espaço - nem um modo particular de compreensão do que foi dito. Na visão de Ricoeur, o discurso literário caracteriza-se pelo "significado autorial" (desconexão entre a intenção mental do autor e as possibilidades de interpretação pelo leitor); pela "autonomia semântica" (possibilidade de múltiplas leituras); e pela "universalização do auditório" (público imprevisível, disperso no tempo e no espaço).

Um repórter que cobre diariamente o Congresso Nacio-

nal ouve atentamente o discurso inflamado de um deputado contra o monopólio estatal sobre as riquezas minerais do país. Anota os principais argumentos com que o parlamentar defende seu ponto de vista e observa as reações da platéia (plenário e galerias): aplausos, vaias, os deputados que conversam em um canto, indiferentes ao discurso, e os que pedem aparte para discordar ou reforçar tal visão. Após entregar a matéria, é chamado à atenção pelo editor: havia dado ênfase, no texto, a todos os argumentos desaprovados pela platéia, destacando os apartes pró-monopólio. E o jornal era contra. Um redator é encarregado de reduzir a matéria, esvaziando a polêmica. O leitor saberá, apenas, que o deputado tal é contra o projeto em tramitação no Congresso e por que.

Enquanto isso, outro jornalista assiste a uma palestra de renomado cientista sobre processos imunológicos. Ele não entende nada do assunto, mas anota todas as explicações do palestrante, particularmente aquelas que contêm exemplos práticos. Ainda sem compreender bem o que ouviu, redige a matéria de uma forma que lhe parece lógica, com o cuidado de recorrer ao dicionário para "traduzir" certos termos técnicos. Dois dias depois de publicada, uma carta raivosa chega à redação: o cientista considerou que sua palestra foi "deturpada" e que o texto contém "impropriedades".

Situações como essas são comuns nas redações mas passam ao largo da percepção da grande maioria dos leitores: o que não foi dito não aconteceu e o que foi dito só pode ser compreendido de um único modo. O "vilão" dessa história é

quase sempre o repórter - primeiro e principal elemento na cadeia de intermediários entre um fato e um conjunto de leitores. Ao contrário da narrativa literária, aberta a um número indefinido e não localizável de leitores, o texto jornalístico é dirigido - em uma linha temporal definida - a um público razoavelmente controlado. Nem repórter, nem redator, nem editor conhecem o leitor, mas têm dele um perfil (características sócio-econômicas, geográficas, ideológicas, de sexo, idade, formação escolar etc) previsto nas estratégias do jornal (visão mercadológica). E com base nesse "leitor-modelo" (Umberto Eco) ou "leitor-imaginário" (Bakhtin) que repórter e redator selecionam as fontes, os conteúdos (informações e opiniões) e o vocabulário a serem compartilhados para garantir a eficácia comunicativa.

Mas, ao contrário do político, do cientista e do autor literário, o jornalista não possui total autonomia sobre a narrativa. Seu discurso é derivado de outros discursos, de fragmentos de relatos cuja ordenação resulta em uma visão particular dos acontecimentos - tida pelo leitor de um único jornal como o acontecimento. Por trás desse efeito de univocidade estão as técnicas jornalísticas de construção e hierarquização de enunciados através das quais é forjada a atitude de distanciamento que aproxima o leitor dos fatos narrados.

Entre o texto e o leitor, estabelece-se uma relação assimétrica na qual apenas um dos parceiros fala pelos dois. O texto é como uma partitura musical e o leitor como o maestro que segue as instruções da notação. 27

3.2- Relação narrador/leitor

Uma das grandes questões do jornalismo é a da objetividade, que leva à obrigatoriedade de organizar informações de forma unívoca, ou seja, que permita uma única interpretação por parte do leitor. Esta questão tem certa semelhança com a discussão sobre a objetividade científica nas ciências humanas. Nestas, existe um dilema entre o "distanciamento alienante" e a "participação por pertença" (condição de o cientista pertencer e participar da realidade histórica que pretende ter como objeto de análise), como considera Paul Ricoeur:

(....) ou praticamos a atitude metodológica mas perdemos a densidade ontológica da realidade estudada, ou então praticamos a atitude de verdade e somos forçados a renunciar à objetividade das ciências humanas.²⁰

De forma semelhante, exige-se do jornalista que mantenha, no ato de construção dos enunciados, distanciamento do que viu e ouviu para garantir a objetividade do texto. No entanto, devido à sua própria função - servir de intermediário entre os personagens dos fatos e os leitores - o jornalista (particularmente, o repórter) precisa conciliar a densidade existencial dos acontecimentos com a objetividade dos relatos, ou seja, a atitude técnica (em vez de metodológica) com a atitude de verdade. Sua tarefa não é de meramente observar e retratar toda uma situação para posterior interpretação e sim a de extrair do que viu e ouviu, dentro de um determinado contexto, aquilo que mais possa interessar ao público visado pelo jornal (ou que lhe seja relevante).

Isso implica que o que vai dizer pressupõe uma interpretação presumível por parte do leitor. Logo, o problema que lhe diz respeito é o de o que dizer (seleção de informações e fragmentos de discurso) e como dizer (seleção vocabular, contextualização, hierarquização dos enunciados) sem provocar mais de uma interpretação ou, antes, sem gerar dúvidas sobre a veracidade dos fatos e a fidedignidade da narrativa. Há, portanto, aí implícita, uma intencionalidade de sentido, ou seja, pressuposição de como o discurso deverá ser compreendido, em função de determinadas estratégias de comunicação. A cada intenção de comunicabilidade corresponde uma expectativa de reconhecimento o que gera, à semelhança do discurso político, uma relação de dominação.

Quem enuncia é, no momento específico em que enuncia, a entidade dominante, na medida em que é ela quem manipula as coordenadas do discurso.²⁹

No entanto, do ponto de vista da produção do discurso, o leitor tem uma função decisiva, na medida em que o narrador o situa em um quadro de significações que é obrigado a levar em conta para atingir seus objetivos de comunicação.

O texto, para Ricoeur, é o paradigma do distanciamento na comunicação; e o traço primitivo do distanciamento é o que ele chama de "dialética do evento e da significação. De um lado, "o discurso se dá como evento: algo acontece quando alguém fala". De outro, "todo discurso é compreendido como significação"³⁰. Na comunicação oral, o primeiro distanciamento é o do dizer no dito: o ato de dizer (denominado locucionário na teoria dos atos de fala) subordina-se

hierarquicamente àquilo que fazemos ao dizer - ordenar, ameaçar, prometer (ato ilocucionário) - e aos efeitos que provocamos pelo fato de dizer isto ou aquilo - obediência, medo, expectativa (ato perlocucionário).

Na comunicação jornalística, o distanciamento começa no dizer do dito, ou seja, pela transposição para a escrita não apenas do que foi dito pelas fontes de informação mas também do que elas fizeram ao dizer (prometeram? advertiram?) e, sempre que possível, quais os efeitos que provocaram pelo que disseram (o que pode ser obtido, ouvindo-se o "outro lado" interessado na ou afetado pela afirmação). O repórter/redator precisa, por exemplo, lançar mão de certos recursos gramaticais, sintáticos ou de pontuação para "marcar" a força ilocucionária, que no discurso oral pode ser identificada por gestos, expressões faciais ou entonação da voz. Ex.: Saia já daqui! - gritou o soldado (o ponto de exclamação e o verbo gritar identificam a força de ordem da afirmativa).

Mas o problema principal dessa passagem da fala para a escrita é a alteração dos princípios e regras de referência. No discurso oral, "a referência se resolve no poder de mostrar uma realidade comum aos interlocutores; ou se não podemos mostrar a coisa de que falamos, pelo menos podemos situá-la relativamente à única rede espacio-temporal à qual também pertencem os interlocutores. (....) é o "aqui" e o "agora", determinados pela situação do discurso, que conferem a referência última a todo o discurso."³¹

Na escrita, a situação comum ao narrador e ao leitor

e as condições concretas do ato de mostrar deixam de existir, mas precisam ser recriadas, na reportagem, como condição própria desse gênero de escrita (ver item "quadros de referências"). O texto jornalístico sofre, assim, o dilema da dupla referenciação: os fragmentos do discurso oral que reproduz (afirmações feitas em entrevistas, conversas informais, pronunciamentos oficiais, depoimentos à polícia etc) falam acerca de algo (referem-se a um mundo ou situação particular), sob determinadas circunstâncias, que pertencem a um contexto de interação locutor/ouvinte diferente da relação narrador/leitor presente no texto.

No exemplo abaixo, a frase entre aspas, extraída de um discurso oral, é referenciada como uma declaração (afirmação proferida em público ou diante de testemunhas; denúncia, manifesto), feita após um evento. Mas a situação específica da comunicação - que pode ter sido parte de uma conversa ou resposta a uma pergunta em entrevista individual ou coletiva - não é explicitada. Se o fosse, ajudaria o leitor a compreender o sentido imediato da proposição, embora não necessariamente o seu valor subjetivo, já que o locutor não está disponível para interpelação nesta nova situação comunicativa.

O candidato do PDT à Presidência, Leonel Brizola, acusou seu adversário do PT, Luís Inácio Lula da Silva, de atacá-lo sempre que toma cachaça. "Eu sempre tratei bem o Lula. Mas ele, quando bebe umas canas, vem logo para cima de mim." A declaração de Brizola foi dada logo após a carreta que realizou em Brasília. (JE, 23/10/89)

A maior ou menor contextualização não é mero instrumento de produção dos enunciados jornalísticos mas um dos elementos fundamentais às estratégias de compreensão desses

enunciados. Não se pode confundir a objetividade necessária ao texto com uma comunicação inocente, isenta ou bem intencionada, na qual o narrador (teoricamente transparente na terceira pessoa) apenas "transportaria" o leitor para a situação original dos acontecimentos.

A partir do momento em que o narrador (inicialmente o repórter) seleciona conteúdos proposicionais (informações e opiniões) que considera relevantes para o leitor, já está seguindo táticas de construção visando provocar determinados efeitos de sentido. Tal processo de decisão é seguido de outros, que incluem o grau de contextualização (reprodução das condições de comunicação em que ocorreram os diálogos ou as proposições citadas), com maior ou menor precisão; as operações associativas de dados, afirmações ou contextos em argumentações, demonstrações ou explicações com objetivo de convencimento; e a articulação dos enunciados diretos e indiretos, visando dar ao leitor uma cadeia hierarquizada de relevâncias. A interação narrador/leitor é necessariamente governada por estratégias e estas são "essencialmente opacas, polêmicas e comprometidas com o poder".³²

3.3- Táticas verbais

As táticas jornalísticas se desenvolvem em quatro etapas: pauta, apuração, redação e edição. Na primeira, são definidos os campos de ação: que assuntos ou fatos cobrir, com que abordagem. A segunda corresponde à tomada de posições: seleção das fontes a serem privilegiadas e dos conte-

údos relevantes. A terceira é similar à definição dos alvos e dos tipos de armas a utilizar: implica supor as expectativas do público em relação aos fatos e/ou situações a serem narrados e os conhecimentos prévios necessários à sua compreensão; implica, também, a escolha dos tipos de enunciados, do repertório vocabular e das formas de hierarquização que melhor atendam aos objetivos de comunicação visados. A edição corresponderia à ocupação estratégica do território, com a definição das matérias mais importantes e sua localização e tratamento gráfico no espaço de cada página.

A redação e a edição - focos centrais deste trabalho - são a parte visível do jornal, na qual as duas táticas anteriores aparecem diluídas. Sua análise, porém - como já foi dito antes - só se torna possível pelo processo de comparação entre diferentes veículos, que revela o que não foi dito por cada jornal e outras possibilidades de dizer e de interpretar as mesmas ações e afirmações. Tal processo traz à tona, também, os critérios de valorização deste ou daquele fato, dessa ou daquela atitude ou opinião.

A redação comporta as formas exclusivamente verbais do discurso jornalístico da mídia impressa diária e se divide, em relação aos conteúdos proposicionais, em textos informativos e opinativos, embora ambos possam estar presentes em um mesmo texto. Os textos que tenham como caráter primordial o de informar (reconstituir um fato recente, revelar dados, afirmações ou opiniões de interesse geral ou específico, anunciar um evento ou situação marcados ou pre-

vistos para breve) são as notas, notícias, reportagens e entrevistas. Já os que possuem propósitos explícitos de convencimento ou reflexão podem ser redigidos em gêneros variados (ver notas)³³: artigo, crítica, análise e ensaio (geralmente assinados por especialistas ou personalidade de destaque na vida pública), editoriais (opiniões em tom de advertência solene ou ferina, nas quais está embutido o jogo de interesses do jornal) e crônicas (opiniões individuais sob a forma de narrativa literária, dosadas com ironia e humor). Eventualmente, aparecem nas colunas de notas breve texto seguido de comentários que orientam a interpretação da informação dada: são os chamados suetos, tópicos ou várias - exemplos típicos de textos mistos (informativo/opinativo).

Como apoio à edição, existem ainda outras formas verbais - como os títulos, subtítulos, legendas, textos-legendas, chamadas de primeira página e abertura de matérias especiais - que obedecem a regras de enunciação peculiares em cada jornal.

A notícia e a reportagem são os principais gêneros de textos informativos. À primeira cabe o relato de um acontecimento ou pronunciamento recente (ocorrido entre a publicação anterior e a que está sendo editada), ou seu desdobramento (suíte). Esse relato pode ser centrado na ação ou nos seus personagens principais. Às reportagens cabe o detalhamento e contextualização de eventos ou situações não necessariamente recentes (na linha imediata de tempo que o jornal pretende cobrir), mas que despertam interesse pela

to ou utilidade para o público do jornal (ou parte dele, como as matérias publicadas em seções ou cadernos especializados).

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, existem três tipos de notícias, aos quais corresponderiam formas de enunciação específicas:

* notícia-anúncio - faz o relato imediato de ações acabadas ou de acontecimentos previstos, com registro sumário de suas circunstâncias. Embora os autores afirmem que neste tipo de notícia "só há referências ao que pode ser visto ou constatado"³⁴, nota-se (com base nos oito jornais pesquisados) que as notícias-anúncio são fundamentalmente baseadas em declarações, testemunhos e documentos que funcionam como os elementos de "constatação" dos acontecimentos. Isto, entendendo-se anúncio como a divulgação ou relato puro e simples de uma declaração, episódio testemunhado ou documento tornado público que sejam considerados relevantes para o leitor.

O táxi Gol placa RJ-TN 2291, dirigido por Carlos Antonio Targino de Oliveira, de 17 anos, bateu, ontem pela manhã, de frente com o ônibus da Viação Rodoviária Matias, linha 249 (Água Santa - Tiradentes), placa XM 8815, dirigido por Ademar Antonio Silva, após tentar ultrapassagem na contramão, no cruzamento das Ruas Dias da Cruz e Borja Reis, no Méier. (O Dia, 18/09/89)

O Presidente José Sarney embarca hoje para São Paulo, onde, pela manhã, discursa na sessão solene de abertura do Encontro Informática Sucesu 89 (sic), no Palácio de Convenções (sic). Em seguida (...) inaugura a IX Feira Internacional de Informática, no Parque Anhembi. Terminada a visita (...) (LH, 18/09/89)

O candidato do PDS à Presidência, Paulo Maluf, disse ontem em Presidente Prudente (570 quilômetros a oeste de São Paulo) que, se eleito, vai liberar o jogo do bicho. A afirmação foi feita durante o programa transmitido ao vivo por uma emissora de rádio local. (FSP, 17/09/89)

Os professores Antonio Bonzaga de Cerqueira Lima e Milka Ellent Rosenvald negaram que estejam acumulando irregularmente cargos na administração pública do Município. Os dois foram citados, na última quarta-feira, pela Presidente da Câmara Municipal, Regina Gordilho (PDT), como exemplo de servidores que estavam em situa-

ção funcional irregular. Na verdade, eles têm duas matrículas e não quatro, como divulgara a Presidente da Mesa, e como professores, podem acumular as duas. (O Globo, 17/09/89)

A Polícia Federal concluiu o inquérito sobre o rombo na Corretora Banespa (Banescor), ocorrido no primeiro semestre de 1987, através da compra de 2,5 bilhões de ações ON da Perdigão Agroindustrial S/A, a preços superiores aos de mercado. A operação foi concluída com a participação direta da corretora Invesplan. Em um relatório de 29 folhas, a delegada Nanci Cunha, do setor de investigações sobre crimes financeiros, da PF, indiciou dez pessoas, entre elas o economista Luiz Fernando Bueno e o empresário Fernando Pinheiro Machado, respectivamente gerente de operações e diretor-presidente da Banescor. Eles foram enquadrados na Lei do Colarinho Branco e estão sujeitos a uma pena de três a 12 anos de reclusão. (JT, 18/09/89)

As palavras sublinhadas no quarto exemplo destacam o anúncio de uma retificação (desmentido de informação publicada anteriormente) e a do último, uma notícia baseada em documentos.

* notícia-enunciado - forma de narrativa em que os acontecimentos são reconstituídos no passado ou no presente histórico (como se estivessem se desenrolando diante do leitor); apóia-se na ação e no detalhamento, com predominância do discurso indireto.

Mesmo desarmado, o pedreiro Paulo Roberto Lara Ruas, de 33 anos, enfrentou dois assaltantes que o abordaram, no Jardim Anhangá, ee Imbariê, Duque de Caxias, para se apoderar do cavalo que montava. Consequência: foi morto com diversos tiros. Muitas pessoas presenciaram o crime, mas nenhuma delas quis ajudar os policiais da 62ª Delegacia nas investigações. (UH, 18/09/89)

Doze bandidos com fardas de vigilantes invadiram, por volta das 19:30 de sexta-feira, a Chocolate Comércio de Roupas Ltda., na esquina das Ruas Clarimundo de Melo e Dr. Luis Masson, em Piedade (Zona Norte do Rio). Fortemente armados [só no último parágrafo a matéria diz que armas usavam], renderam todos os funcionários e ficaram à espera do carro-forte da Transpev, que recolheria o dinheiro às 21h. O vigilante José Cláudio Sanchez, 40 anos, reagiu e acabou assassinado com vários tiros. (JB, 17/09/89)

O Clube dos Tucaninhos, criado em São Paulo quando José Serra foi candidato a prefeito, vai abrir filiais em todos os Estados (...). A arrancada para a proliferação dos clubinhos, que congrega crianças, filhos de simpatizantes da candidatura Mário Covas, foi dada ontem ee Brasília, próximo a um dos estacionamentos do Parque da Cidade. Além de ficha de inscrição, mais de 500 crianças tiveram direito a petiscos, brincadeiras, informações e uma caminhada ecológica. (JT, 18/09/89)

* notícia-pronúncia - quando o narrador conduz o texto em tom de avaliação do caso, levando o leitor a um julgamento dos fatos (a um pronunciamento sobre o assunto); o texto aparece impregnado de juízos de valor, através de expressões que subestimam ou supervalorizam pessoas, objetos e situações e da justaposição de frases contrastantes.

Mais de 150 mil pessoas saíram ontem às ruas da cidade histórica de Lvov, na Ucrânia, para pedir a Moscou a legalização da Igreja Católica (...). Os atos de ontem foram os maiores em favor da liberdade religiosa na União Soviética e as primeiras grandes manifestações de caráter nacionalista na Ucrânia, que é a mais populosa das 15 repúblicas soviéticas depois da Rússia. Entre cruzes e imagens da Virgem Maria, os manifestantes carregavam também as proibidas bandeiras com as cores azul e amarela, que representaram a Ucrânia no seu breve período de independência, imediatamente depois da I Guerra Mundial. (...)
(JT, 18/09/89)

O apoio tão esperado do governador Tasso Jereissati (CE) não será apenas um troféu na campanha do candidato do PSDB, Mário Covas. No papel discreto de um escudeiro, o secretário de Governo do Ceará, Sérgio Machado, acompanhou com paciência e dedicação, nos últimos dez dias, em Brasília, todas as atividades do coordenador executivo da campanha, deputado Jaime Santana. Mas na noite de quinta-feira, em São Paulo, durante reunião de três horas com o candidato e membros da executiva nacional do partido, ele deixou de ser apenas um coadjuvante para propor mudança geral na campanha. (ESP, 17/09/89)

Ulisses Guimarães, o candidato presidencial do PMDB, deveria agradecer e não criticar os governadores do partido que se negam a participar de sua campanha: pesquisa feita pela DataFolha em dez capitais brasileiras indica que o apoio dos governadores a um candidato afugenta a maioria dos eleitores. (FSF, 17/09/89)

* notícia-denúncia - geralmente calcada em fatos depoimentos, estatísticas ou dados quantitativos, pode também basear-se em acusação contundente de uma pessoa ou condenação implícita de medidas institucionais e procedimentos de figuras públicas; muitas vezes aparece subdividida em diferentes ângulos, através de textos coordenados por títulos complementares: uns informado o fato, outros sobre o fato.

O Globo, 17/09/89

Assembléia aprova privilégio para os delegados de Polícia

A nova Constituição estadual vai dar aos delegados de Polícia do Estado do Rio o direito de serem julgados por um foro especial, ou seja, pelos desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado e não mais pela Justiça comum. Este privilégio, que era prerrogativa dos promotores públicos, defensores públicos, juizes, procuradores de Estado, Deputados e Secretários de Estado foi concedido a partir de emenda ao anteprojeto da nova Constituição, de autoria do Deputado Ademar Alves (PTB).

O Deputado Ademar Alves tem como Chefe de Gabinete o Delegado Thiers Montebello, ex-Presidente da Associação de Delegados de Polícia (Adepol) e Presidente do Conselho Estadual de Trânsito. Thiers afirmou que agora os cerca de 600 delegados do Estado do Rio poderão trabalhar com mais independência:

— Atualmente, cerca de 80 por cento dos delegados são processados, na maio-

ria das vezes, sob a acusação de abuso de poder, principalmente no interior, onde sofrem pressões para não realizar determinadas prisões — disse.

A Assembléia Constituinte estadual também aprovou ontem emenda do Deputado Alcides Fonseca (PS) que concede isonomia dos delegados de Polícia às carreiras jurídicas, entre elas a de promotor público. Outra emenda, do Deputado Jorge Armando (PMDB), eleva os agentes penitenciários à condição de Polícia Penitenciária, com o que poderão reivindicar gratificações como adicional de periculosidade.

Pela nova Constituição, a Polícia Militar, a Polícia Civil e o Corpo de Bombeiros do Estado do Rio não serão mais unificados numa só Secretaria. Duas emendas, de autoria dos Deputados Mesquita Bráulio (PFL) e Pereira Pinto (PDT), suprimiram do capítulo sobre Segurança Pública o artigo que determinava a unificação numa só Secretaria.

Jurista considera 'odiosa' emenda aprovada na Carta

O advogado e Professor de Direito Penal Evaristo de Moraes Filho classificou como um "privilégio odioso" a emenda que estende aos delegados de polícia o direito de serem julgados pelo Tribunal de Justiça. Evaristo de Moraes Filho afirmou que não vê motivos para que um delegado seja julgado por um foro especial:

— Quanto mais privilégios são criados, mais elitista e menos democrática se torna a Justiça — comentou o advogado.

A emenda não ganhou o apoio de deputados de partidos como o PT, PV, PC

do B e PDT. O Deputado Milton Temer (PT) que, na sexta-feira, se afastou do cargo de Vice-Relator da Constituinte, em protesto contra os critérios de aprovação e rejeição de emendas, que, na maioria, favorecem as bancadas governistas, é da mesma opinião de Evaristo de Moraes Filho. Na última semana, a Constituinte aprovou temas criticados pelo Deputado, como a permissão do jogo no Estado do Rio e a retirada do texto do anteprojeto de um artigo que criava o Conselho Estadual de Justiça.

Neste exemplo, a primeira matéria anuncia a nova conquista dos delegados, caracterizando-a como "privilégio", o que dá o tom de denúncia, reforçado pela insinuação de corrupção ao informar que o chefe de gabinete do autor da emenda é um ex-presidente da Associação de Delegados de Polícia. A condenação ao procedimento do deputado e dos constituintes estaduais vem na segunda matéria, na voz de um jurista famoso (logo, com autoridade reconhecida) e por comparação com o procedimento de outro deputado.

ESP, 17/09/89

PSDB suspeita da reconstituição feita pelo RPN na estréia do horário eleitoral



BRASÍLIA — O PSDB acusou ontem o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, de produzir chuva artificial no programa de estréia do horário gratuito. Essa cena foi gravada em Limoeiro de Anadia, interior de Alagoas, para lembrar um episódio de sua campanha em 1986, ao governo do Estado. Naquela cidade, Collor, que estaria na época ameaçado de morte por adversários políticos, discursou de baixo de chuva e desafiou os inimigos. Para recriar o clima, segundo o PSDB, o candidato do PRN teria usado chuva artificial nas gravações realizadas no começo do mês. Collor garante que a chuva é real, e assessores seus acrescentam que a equipe de filmagem teve de permanecer oito dias em Limoeiro de Anadia à espera da chuva. Essa região de Alagoas tem baixas médias pluviométricas anuais, de menos de 650mm.

O programa do PRN de sexta-feira foi gravado e passa agora por várias filtragens eletrônicas, no estúdio da TV Tucano, as quais produzirão uma cópia com alta definição sonora. Os tucanos querem decifrar o que diz um assessor de Collor no vídeo, se "olha a câmera" ou "molha a câmera". Dai a suspeita de que a chuva poderia ter sido forjada. O interesse do PSDB é com a eventual falsidade cometida por Collor. "Será

que, se eleito presidente, ele vai fazer chover no Nordeste?", extrapolou o deputado Jaime Santana (MA), um dos coordenadores da campanha de Mário Covas à Presidência. Santana sugere que, se o candidato do PRN é capaz de usar uma imagem falsa num programa eleitoral, seria também capaz de iludir o País com falsas promessas. A finalidade do PSDB, esclareceu o deputado maranhense, é usar a "chuva artificial" — se comprovada — para desmoralizar Collor em futuros programas de Covas.

O senador alagoano Teotônio Vilela Filho foi transformado pelos tucanos em investigador em Alagoas, com a missão de dar a versão exata do que aconteceu em Limoeiro de Anadia no começo do mês, quando foram gravadas as cenas de Collor.

Neste caso, a matéria relata uma acusação de fato ainda não comprovado (expresso pela locução verbal "teria usado" e pelo enunciado "Dai a suspeita de que a chuva poderia ter sido forjada") e enumera as providências que estão sendo tomadas para provar a denúncia ("filtragens eletrônicas", "decifrar", "dar a versão exata"). Os argumentos de defesa do acusado são contestados por uma informação: "Essa região de Alagoas tem baixas médias pluviométricas anuais, de menos de 650mm" (embora o texto não diga qual é o parâmetro considerado normal).

A notícia a seguir relata uma irregularidade de ca-

ráter inconstitucional (veradores em excesso) em órgão público com funções normativas denunciadas pelo autor de ação popular contra o mau procedimento. O texto é centrado não apenas nas informações do denunciante que documentam a irregularidade mas também na própria linha de raciocínio, que questiona o comportamento do TRE e argumenta a favor dos procedimentos que considera corretos.

UH, 18/09/89

Câmaras municipais têm cadeiras ilegais

O Rio de Janeiro possui nada menos que 288 vereadores em excesso, ou seja, desajustados dos preceitos da Constituição de outubro, segundo afirmou ontem o advogado Paulo Mendes, autor de ação popular apresentada em novembro do ano passado ao Tribunal Regional Eleitoral. Os vereadores fantasmas representam, no total, uma despesa da ordem de NCz\$ 96,7 milhões para os cofres estaduais, ao fim dos quatro anos do mandato de cada um.

Segundo disse à ULTIMA HORA o advogado Paulo Mendes, o desembargador Fonseca Passos, que em novembro presidia o TRE, só determinou o ajustamento da capital fluminense aos termos da Constituição federal, quando fixou o aumento do número de vereadores cariocas. Nos municípios onde tal número deveria ser diminuído, nada foi feito. Do ponto de vista constitucional, por conseguinte, passou a haver excesso de cadeiras em várias câmaras municipais.

De acordo com Paulo Mendes, em julho do ano passado o então presidente do TRE baixou a Resolução 148/88 fixando em 33 o número de cadeiras na Câmara carioca, levando-se em conta a proporcionalidade do eleitorado. Com a promulgação da Constituição

da República, em outubro, a proporcionalidade passou a ser feita através do número de habitantes e não de eleitores. Municípios com até 1 milhão de habitantes passariam a ter no mínimo de nove e no máximo de 21 vereadores. Conforme Paulo Mendes, em outubro, através da Resolução 159, os vereadores cariocas passaram de 33 para os atuais 42, "a fim de se cumprir o preceito constitucional".

"Por que a Constituição só foi aplicada para um lado? Por que foi utilizada apenas para aumentar o número de vereadores? — indaga o advogado. Se a Constituição manda que se aplique a proporcionalidade populacional, o desembargador Fonseca Passos deveria diminuir o número de vereadores dos outros municípios. Mas, não o fez" — argumenta.

Paulo Mendes cita os exemplos de São João de Meriti, com 21 vereadores, e Nilópolis, com 19, que deveriam, seguindo a Constituição, ter nove vereadores. Duque de Caxias, dos atuais 21, teria que ter 14 vereadores. Dos 68 municípios do Estado do Rio de Janeiro, somente dois — Rio de Janeiro e Nova Iguaçu — estão corretos. Os outros 66 teriam que diminuir o número de ocupantes da Câmara Municipal.

Por falta de provas, a matéria a seguir ameniza a força da denúncia através de expressões como "alerta, antes que seja tarde", "indício de um possível tráfico de influência" e "Pode ser que eu esteja errada". O texto é todo centrado no drama da denunciante, apresentada como "corajosa", "ativa integrante" de movimentos contra a violência e a favor da dignidade, que continua acreditando na justiça, apesar de temer a farsa.

OD, 17/09/89

Mãe de Grelha

Ana Lúcia Pinho

Três anos depois da bala disparada pelo banqueiro do bicho Maninho e que deixou seu filho paralítico, a professora municipal Tereza Moreira, mãe do estudante Carlos Gustavo Pinto Santos Moreira, o Grelha, continua acreditando na Justiça e nos desembargadores da 10ª Vara Criminal que vão determinar na próxima terça-feira se o banqueiro do bicho vai ou não à júri popular. Mas a corajosa Dona Tereza faz uma alerta, antes que seja tarde: o banqueiro contratou a advogada Ludmila Mayrink, mulher do Juiz do Tribunal de Alçada, Alvaro Mayrink da Costa. Para Tereza este é o indício de um possível tráfico de influência.

Mas a história não pára por aí: Dona Tereza foi surpreendida na última semana ao saber que o desembargador da 2ª VC, Pessegueiro do Amaral, foi designado para ser o relator do julgamento. Pessegueiro é também Juiz do Tribunal de Alçada. "Eu continuo acreditando na Justiça até o ponto em que ela me mostrar que tudo isso é uma farsa", desabafa a mãe do Grelha, uma ativa integrante da Associação de Familiares de Vítimas e Solidários contra a Violência e do Movimento Pró-Dignidade.

Justiça

Dona Tereza organizou para terça-feira manifestação em frente à 1ª VC, às 12 horas 30m, uma hora antes da decisão pela qual luta há 3 anos:

"A Justiça é muito morosa, mas eu não desisto. Minha vida não tem sido nada fácil: sou ameaçada constantemente e já levei até pancada. Mas não vou sossegar enquanto a impunidade for uma norma neste País".

O caso chegou ao Juiz da 2ª VC, Índio Brasileiro da Rocha, que julgou ter indícios suficientes para o júri popular. Mas a advogada Ludmila Mayrink entrou com um recurso junto ao Tribunal de Justiça e conseguiu transferir a decisão para a 1ª VC. "Pode ser que eu esteja errada, mas o que me cabe é gritar em voz alta. Enquanto é tempo", afirma ainda a professora.

- O Grelha depende de mim e dos irmãos para tudo. Ele só consegue andar com o uso de muletas, não tem controle esfinteriano, usa fraldas e sondas de 4 em 4 horas. É uma realidade muito dura. Meu filho perdeu uma vida normal e ganhou de presente - por uma bala - uma subvida -, acrescentou a mãe, que teve de reduzir a carga horária de suas aulas para se dedicar ao filho.

Mas Grelha não deixa a vida parar. Da bala que lhe tirou os movimentos - apenas por haver olhado para uma mulher bonita - e das lembranças do acidente restaram imagens negras. Mas ele sucumbiu. Começou a frequentar a ABBR e fez novos amigos. Trocou o curso de Engenharia pela computação. Isso tudo precisando de uma muleta para conseguir ficar em pé. E afirma: "Não tenho raiva de ninguém. Nem mesmo do Maninho. Continuo sendo contra a pena de morte."

teme influências de

Maninho

As reportagens são classificadas pelos mesmos autores em cinco modelos:

* reportagem de fatos (*fact story*, no jornalismo norte-americano) - relato de acontecimentos recentes de forma mais elaborada do que a oferecida pelas notícias clássicas (como alguns autores qualificam as notícias-anúncio), porém seguindo a mesma fórmula da pirâmide invertida (aspectos do fato narrados em ordem decrescente de importância); em raros casos, a narrativa obedece à cronologia dos fatos, de forma a reconstruir o clima de suspense de fenômenos misteriosos ou a dramaticidade de acontecimentos trágicos;

* reportagem de ação (*action story*) - narrativa que visa a envolver o leitor no desenrolar dos acontecimentos, como se ele estivesse diante de um filme; é comum nas reportagens investigativas ou nas testemunhais, em que o narrador faz parte ou participa da história que está contando, mesmo que na terceira pessoa;

* reportagem documental (*quote story*) - relato ~~com~~^{re}pleto de referências documentais (depoimentos de pessoas com autoridade de conhecimento sobre o tema tratado, dados numéricos ou informações sobre procedimentos técnicos e explicações científicas). Pode ter caráter denunciante (reportagem investigativa), didático (texto expositivo, carregado de pesquisa em documentos), ensaístico (especulações sobre uma situação com base em recuperações históricas e análises de tendências) ou de serviço (informações úteis ao dia-a-dia do leitor);

* reportagem-conto - quando a narrativa particulariza a

ação de um personagem ou grupo para chegar a uma situação mais ampla (o tema propriamente dito que a matéria pretende desenvolver);

* reportagem-crônica - narrativa de caráter impressionista (baseada em dados de observação), com ênfase em flagrantes do cotidiano nos quais os personagens atuam como figurantes: "O narrador observa as atitudes exteriores e flagra seus comportamentos contraditórios, engraçados, mesquinhos ou, mesmo, trágicos"³³; neste modelo - que como o anterior é mais comum em revistas - predominam os aspectos circunstanciais e ambientais;

* perfil - enfocado pelos autores em capítulo à parte, não propriamente como gênero, mas como recurso - (...) existe sempre um momento da narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem³⁴ - possui lugar cativo como reportagem centrada no comportamento ou na personalidade de uma figura de destaque na vida pública, incorporando traços da reportagem-conto e da reportagem-crônica. Sodré e Ferrari especificam três modalidades de personagens que merecem um perfil:

- o personagem-indivíduo: que se distingue do homem comum por sua personalidade peculiar;

- o personagem-tipo: que adquire fama ou se destaca em determinada área de atividade por suas habilidades, talento, beleza, riqueza, etc;

- o personagem-caricatura: cujo perfil exacerba hábitos estranhos, gestos grotescos ou atividades mirabolantes.

Existe, porém, uma variedade de notícias e reporta-

gens centradas em apenas uma única fonte de informação que atua também como o personagem da narrativa, conforme os exemplos a seguir:

* a fonte fala sobre si mesma, seus feitos recentes e projetos imediatos, opiniões sobre outrem ou situações em andamento etc; o texto é construído a partir de declarações, encadeando discursos direto, indireto e citado;

Rio de Janeiro, domingo, 17-9-89

Maluf se diz opção

PRESIDENTE PRUDENTE - "O Brizola visitou o Papa, mas nunca fez o sinal da cruz." Com esta e outras ironias a Leonel Brizola, o candidato à Presidência pelo PDS, Paulo Maluf, apresentou-se ontem como a única opção de voto útil para quem pensa em evitar Fernando Collor,

votando no candidato do PDT. "Se esse camarada (Brizola) vai incendiar o Brasil, como temem, então vamos tirá-lo logo fora do 2º turno", sugeriu Maluf, em seu segundo dia de viagem ao Oeste Paulista, a mais de 500 quilômetros de São Paulo.

Em entrevista, logo

após desembarcar do jatinho que leva sua comitiva, em Presidente Prudente, Maluf previu que "infelizmente o nível da campanha vai cair", com o horário gratuito, porque "há candidatos mal educados por natureza". Da parte dele, porém, garantiu que continuará fazendo uma

campanha limpa, sem ataques aos concorrentes. A assessoria de Paulo Maluf dispensou a segurança de quatro agentes da Polícia Federal de Presidente Prudente, que fora solicitada pelo PDS local. "Muito obrigado, mas não há necessidade", agradeceu aos agentes um assessor de

O DIA - página 3

entre Collor e Brizola

Maluf. "Se ainda fosse no Rio, onde há concentração brizolista, seria necessário", complementou o mesmo assessor.

Enquanto critica Brizola, na expectativa de lhe tomar a segunda posição nas pesquisas, embora esteja pouco atrás de Lula, do PT, que está em tercei-

ro -, Paulo Maluf investe pesado no contato direto com os eleitores do interior de São Paulo, Estado que dispõe da maior parte dos 82 milhões de eleitores do País e com o qual Maluf tem intimidade. Após uma palestra nas Faculdades Toledo, em Araçatuba, na noite de anteontem, o can-

didato do PDS embarcou na manhã seguinte para Presidente Prudente, conhecida como a capital da Alta Sorocabana, próspera região do interior paulista.

Assim como em Araçatuba, no dia anterior Maluf também falou nas emissoras de rádio locais, fazendo o que ele costuma classifi-

car de comício eletrônico. Respondeu a perguntas de ouvintes, sobre o custo de vida e o problema da violência, que também atinge o interior paulista. Pelo calçadão central de Presidente Prudente, Maluf foi cercado por um grupo de 100 populares e corréligionários.

* o personagem-fonte é observado em determinado evento ou percurso pelo repórter como se este fosse uma câmera em movimento; o texto - fortemente circunstanciado - resulta de uma seleção de cenas, atitudes e depoimentos que conduzem o leitor a uma avaliação do evento e/ou à formação de um juízo de valor sobre o caráter ou o comportamento do

personagem; (ver exemplos a e b);

a)

Ulysses chama candidato do PRN de 'transviado'

Fortaleza — O candidato do PRN à Presidência da República, Fernando Collor de Mello, é um "jovem transviado e preguiçoso", enquanto o Presidente José Sarney não passa de "sócio de um ladrão chamado inflação". Com afirmações como essas, ditas durante seu discurso de inauguração do comitê de campanha de Fortaleza, na noite de sábado, o candidato do PMDB à Presidência, Ulysses Guimarães, deu uma guinada no tom de seu discurso. A partir de agora, Ulysses não irá mais poupar seus adversários nem o Governo Federal, buscando apresentar-se como uma alternativa responsável para a atual situação do País.

"O Ulysses, quando acuado, é o melhor orador do mundo", entusiasmava-se em Fortaleza o deputado Márcio Braga (RJ). Como administrador de uma campanha em crise, Ulysses resolveu sair da defensiva. Já em sua chegada à Fortaleza, na tarde de sábado, o candidato do PMDB deu mostras de que estava disposto a partir para o ataque. Perguntado sobre o que destacava de seus programas eleitorais até agora, Ulysses lembrou-se da comparação feita entre as condições de vida na Ilha do Curupu, de propriedade de Sarney, e na casa de uma pobre professora primária de São Luís. Tal comparação causou irritação ao Presidente, mas a

reação de Sarney não preocupa. "Se ele quiser responder que responda. Estamos numa democracia", desafiou Ulysses.

À noite, para uma diminuta platéia de cerca de 500 pessoas, durante a inauguração do comitê de campanha de Fortaleza, Ulysses voltou a atacar. O PMDB esperava mais de cinco mil militantes no Clube do América, alugado para servir de comitê. Quando viu o público inexpressivo, o candidato entendeu que caberia a ele transformar o pequeno comício num acontecimento.

"Eu abraço os jovens que estão aqui, porque constituem a vanguarda", disse. "Com minha experiência lutando contra a tirania, quantos jovens vi se acabarem na cadeia, torturados no pau-de-arara, humilhados", continuou, para depois lembrar aos jovens que ele não se encaixa mais há muito tempo nessa categoria. "Não tenho medo da minha biografia", salientou. "Não escondo nada, nem a minha idade", prosseguiu, dando o bofe final em Fernando Collor. "O cidadão pode ser jovem, mas trata-se de um jovem meio louco, um jovem transviado, um jovem incapaz, um jovem preguiçoso, um jovem sem coragem, um jovem que no seu passado teve comprometimentos dos mais graves, inclusive afastado totalmente da nossa luta", afirmou Ulysses.

UH, 18/09/89

* a fonte é um dos personagens da notícia; conta uma história da qual é o protagonista e que o relato jornalístico recontitui. Assim, o repórter assume o papel de co-narrador da história, alternando seu relato (indireto) com o relato direto do locutor (exemplo c);

Fazia frio e garoava. Mesmo assim, dezenas de bandeiras vermelhas — a maioria do PC do B — foram desfraldadas ontem na praça da Sé, durante o comício do candidato da “Frente Brasil Popular” (PT-PC do B — PSB). Havia de 30 mil a 40 mil pessoas, conforme estimativas dos jornalistas, ou 70 mil, de acordo com o PT. Lula discursou uma hora, a partir das 19h10, e atacou seus adversários Fernando Collor de Mello (PRN), a quem chamou de “caçador de maracujás”, Guilherme Afif Domingos (PL), Paulo Maluf (PDS), Ulysses Guimarães (PMDB), Mário Covas (PSDB) e Roberto Freire (PCB). Mas poupou Leonel Brizola, do PDT.

“O tal do Collor diz para a televisão que é caçador de marajás, mas na verdade ele é caçador de maracujás, porque os marajás estão trabalhando para ele em Brasília”, afirmou. Lula disse que Afif prefere a televisão à praça pública “porque assim não precisa prestar contas da votação dele na Constituinte”. Covas e Freire foram criticados porque “assinaram o documento que permitiu ao presidente Sarney começar a privatizar 18 estatais”.

Lula na Sé, atacando todos, menos Brizola.

b)

“Não adianta o Maluf dizer que vai fazer justiça social porque esta costa velha conhece o peso das cacetadas da polícia dele”, atacou Lula. “E não adianta o Ulysses Guimarães tentar ignorar que não tem nada com o Sarney e com a Nova República, porque eles do PMDB são os autores dessa coisa fraudulenta e nojenta que é a Nova República.”

Lula comparou a Nova República ao “Reino de Avilan”, da novela “Que Rei sou Eu?": “Como no Reino de Avilan, no dia 15 de novembro haverá a revolução no reino da Nova República. A classe trabalhadora chegará ao poder, acabando com o reinado do rei da Nova República representado pelo presidente José Sarney”, prometeu.

JT, 18/09/89

Hilka Telles e Renato Homem

Enviados especiais

VITÓRIA — O comerciante Paulo César de Moraes Bessa, preso durante a Operação-Marselha, desencadeada no sábado pela Polícia Federal contra o crime organizado (roubo de carros e tráfico de drogas) no Espírito Santo, integrava a quadrilha de Lúcio Flávio Vilar Lírrio, motor há alguns anos no Rio de Janeiro. Há cerca de 25 anos, Bessa foi preso pelo delegado Luiz Mariano, da Polícia Civil do Rio, em ampla operação desencadeada do Rio a Vitória para desbaratar a rede de ladrões.

Coincidentemente, Luiz Mariano foi um dos dois delegados escolhidos para fazer parte da Operação-Marselha, dado o seu conhecimento sobre roubos de carros — ele é o diretor a Divisão de Roubos e Furtos de Automóveis, no Rio. Ao ouvir falar em Paulo Bessa, indagou imediatamente: “Por um acaso é Paulo César Moraes Bessa?” Com a resposta afirmativa, revelou: “Prendi esse cara há 25 anos atrás”. Segundo Mariano, dono de memória prodigiosa, Bessa, naquela ocasião, receptava os carros que Lúcio Flávio furtava e roubava no Rio.

— Lúcio Flávio roubava os carros e mandava para Paulo Bessa, aqui em Vitória. Eventualmente, Bessa também roubava carros, mas essa missão ficava mesmo por conta de Lúcio Flávio e Armando de Areas Filho, o Armandinho — contou Luiz Mariano.

Segundo o delegado, os então delegados Onório e Jaime de Lima iniciaram investigações para acabar com quadrilhas de roubo de carros instaladas no Rio, que mandavam os veículos para outros Estados. Como havia envolvimento de diversas pessoas na organização, a Polícia carioca foi obrigada a pedir auxílio ao Exército e montou o seu quartel-general na Polícia Militar da Capital Capixaba.

— Na época, nem existia uma delegacia de roubos e furtos de automóveis e muito menos divisão. Era apenas uma seção, e o comissário era o Eduardo Rodrigues. Na operação que desencadeamos, apreendemos 300 carros roubados ou furtados e levamos para o Rio um ônibus abarrotado de presos. Bessa não tinha a envergadura que tem hoje, mas já era conhecidíssimo — lembrou Luiz Mariano.

Jóias

Em fins de 1978, Paulo César de Moraes Bessa voltou a ser preso, no Rio, desta vez em consequência de um roubo de jóias em uma joalheria de Copacabana. O nome de Bessa surgiu como sendo de um dos receptadores das jóias roubadas e ele foi preso em um hotel de Nova Iguaçu onde estava hospedado junto com outros membros da quadrilha — Antônio Alves Santana, Aprígio Bispo e César Moretti.

Na ocasião, Bessa declarou que se chamava José Augusto Pistel Bistol — nome falso que passara a usar depois que soubera estar sendo procurado pelo roubo de jóias. Em seu poder foram encontrados 200 quilos de maconha.

c)

D.J.A. 18/09/89

* a fonte autorizada ou *off* (assessor, porta-voz, "alto-funcionário" etc) fala no lugar do personagem, confundindo-se com ele nas declarações;

d)

UH, 18/09/89

Ameaça altera tom da fala

Brasília (Sucursal) — O presidenciável do PRN, Fernando Collor de Mello, decidiu mudar de tática: não fará ataques ao Presidente Sarney durante os programas eleitorais do horário gratuito. Segundo sua assessoria, Collor reafirmará seu compromisso com "um capitalismo nunca visto no País, sem ineficiência e miséria", como vem prometendo aos empresários com quem tem conversado em diversos Estados.

Quanto aos ataques a Sarney, explicou um assessor do candidato, Collor percebeu que a tática já não empolga mais. "Sarney transformou-se em objeto de campanha de vários candidatos", disse. Na busca de sua singularidade política, Collor não teme deixar para trás tudo o que já disse. Em programas já preparados, para o horário gratuito, vai mostrar a versão de um predestinado ao Palácio do Pinaalto e que não tem vocação política.

Nem de longe tocará na questão com que sublinhou seu discurso de encerramento da convenção do PRN, quando chegou até a xingar a mãe do Presidente. Também foram levadas em consideração as ameaças do assessor particular de Sarney, Augusto Marzagão, de que, se o Presidente exigiria direito de resposta sempre que seu nome fosse citado pelo ex-governador de Alagoas.

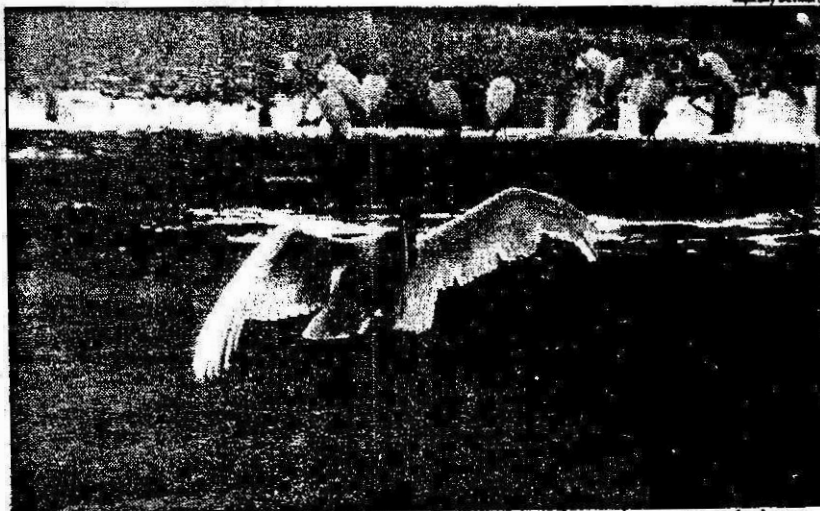
Todo o esforço do candidato, a partir de agora, já que está determinado a manter sua posição de recusar debates em público com qualquer dos concorrentes, será de desfazer na memória do eleitor as imagens de seu passado político. O ex-governador de Alagoas quer aparecer para o eleitorado como um empresário sério e capaz — em vez de um político, filho de político, que começou sua caminhada como prefeito de Maceió, e, depois, eleito deputado federal e

* a fonte fala de um acontecimento, situação em andamento ou de algo a acontecer por ser considerada uma autoridade no assunto ou por ter poder constituído (exemplo e); há casos em que a fonte desenvolve uma escala de argumentações que domina todo o texto, com ênfase no discurso indireto (exemplo f);

e) FT, 18/09/89

As aves do Pantanal mato-grossense estão ameaçadas pelo uso excessivo de agrotóxicos devido à expansão da agricultura na região. O alerta é do engenheiro de planejamento ambiental Siegfried Matthes, da Fundação Brasileira de Conservação da Natureza, órgão ligado ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama). Ele participou, com especialistas do Brasil e estrangeiros, do Simpósio Nacional do Meio Ambiente de Cuiabá (MT), encerrado neste fim-de-semana.

Matthes afirmou que os agrotóxicos organoclorados e organofosforados são "responsáveis diretos" pela mortalidade dos pássaros. Segundo ele, o maior perigo para as aves causado pelos defensivos agrícolas é impedir que elas se multipliquem com a velocidade necessária para continuar povoando o ecossistema em que vivem. "Se as aves alcançarem um nível



O tuiuiú, a maior ave do Pantanal, ameaçado pelos agrotóxicos

superior de contaminação devido à expansão da agricultura, sua sobrevivência estará comprometida", disse.

Estão ameaçadas, segundo o

engenheiro, o tuiuiú, o martim-pescador, as garças cinzas e brancas, o cabeça-seca, o biguatinga, o tabuiaia, a patuira, a gaivota e o taimã.

O deputado federal (PDT-RJ) César Maia, ex-secretário de Estado de Fazenda, pediu ontem à sociedade que comece a reagir à alta desenfreada dos preços. "Há uma espécie de grande capacidade de se adaptar à desgraça e isso pode sinalizar com um agravamento maior, se não houver uma organização contra este estado de coisas."

— Como este Governo não tem competência, o Brasil todo sabe disso e o empresariado parece concordar com o marasmo, o resultado que se pode esperar é o descontrole inflacionário, a hiperinflação (já estamos nela) e fatalmente uma futura explosão —, frisa César Maia, defendendo a posição de mão-de-ferro do próximo Governo, para conter a inflação.

— Sarney está tentando ganhar tempo. As medidas de emergência sugeridas pelo Congresso Nacional são muito soltas, ralas e apenas medidas cosméticas. O controle da inflação, que se tornou prioridade maior, exige respaldo da sociedade, legitimidade governamental para tomar uma decisão irreversível, ainda que custe perda política e reação dos poderosos.

César Maia reúne, no momento, dados sobre a situa-

ção do País, quanto à dívida interna, a dívida externa e o nível de emissão de moeda, para realizar estudos de orientação do futuro Governo (que ele espera seja do PDT), decretar a estagnação das dívidas e promover o total controle da emissão de dinheiro.

— Na verdade nós estamos em pleno processo hiperinflacionário, faltando-nos apenas chegar à crista da onda. Pelo que se vê, a inflação caminha, este mês, para 40%. Não há uma recuperação espontânea porque isso não interessa, principalmente, aos segmentos do mercado financeiro. A crise cambial se arrasta desde julho e só agora é que o ministro Mailson da Nóbrega viaja para uma acomodação que vai explodir no futuro Governo.

— Desde junho que se fala num setembro negro com inflação na casa dos 40% e uma crise cambial. O Governo negava e agora estamos dentro dela. A situação está aí. E cadê a reação? As perdas fiscais continuam; os incentivos e as facilidades para os amigos do Governo continuam. Até quando? — pergunta César Maia, disposto a formar uma frente com economistas e políticos que decidam "brigar" pelo fim da inflação.

f) UH, 18/09/89

Todas essas classificações - tanto de notícias quanto de reportagens - são, porém, insuficientes para abranger a variedade de esquemas de enunciados e de estruturas narrativas encontrados nos oito jornais selecionados para esta pesquisa. Uma amostra disso está na comparação de diferentes enfoques para notícias sobre o mesmo assunto (ver item a seguir) e na diversidade de estilos de reportagem encontrados.

3.3.1- formas de enunciação

Independente do tipo de notícia ou modelo de reportagem, os textos jornalísticos podem lançar mão de diferentes formas de enunciação e de organização dos enunciados, de acordo com a intenção comunicativa, o repertório informativo, cultural e linguístico do público-leitor e a flexibilidade das normas de redação de cada veículo.

Antes de tudo, porém, os relatos jornalísticos realizam-se como um tipo de comunicação predominantemente indireta, isto é, que faz a intermediação entre um enunciador ou grupo de enunciadores (as fontes de informação e opinião) e um conjunto de leitores. É esta intermediação que determina o caráter peculiar do discurso jornalístico - particularmente o da mídia impressa diária - que deriva de um quadro complexo de situações de troca, jogo de intenções e circunstâncias de comunicação, conforme demonstra o esquema a seguir:

Situação de troca ASituação de troca BSituação de troca C

FONTE <---->JORNALISTA

JORNALISTA <--> LEITOR

TEXTO <-----> LEITOR

Conjunto de intençõescondições de produçãocondições de reconhecimento

o que a fonte quer que o jornalista diga ao leitor;
 o que o jornalista quer que a fonte diga sobre algo;
 o que a fonte não disse mas o jornalista observou em seu comportamento;
 que informações ratificam ou se contrapõem ao que a fonte disse;

o que o jornalista considera relevante dizer do que a fonte disse;
 o que o jornalista acha que pode dizer em função dos interesses e restrições do jornal;
 o que o jornalista supõe que o leitor espera que ele diga;

o que o leitor espera encontrar no texto;
 o que o leitor conhece sobre o assunto;
 o que o leitor considera relevante no que foi dito;
 o que o leitor aceita como válido ou verdadeiro;
 que julgamento (moral, ideológico) faz do que foi dito;

Circunstâncias da comunicação

entrevista individual ou coletiva; conversa informal ou pronunciamento oficial; contato pessoal ou telefônico etc

orientação da pauta e da editoria; espaço para a matéria; normas de redação etc

prédisposição contra ou a favor do jornal e do assunto da matéria; repertório de crenças;

A situação de troca A compreende a relação dialógica entre repórter e fonte na qual o jogo de intenções realiza-se através de perguntas e respostas direcionadas a objetivos de comunicação nem sempre coincidentes. Ou seja, a fonte pode redirecionar o sentido proposto pelo repórter questionando proposições contidas na pergunta ou simplesmente dando uma outra resposta, segundo seus próprios interesses. Este tipo de desvio é expresso pela força ilocucionária de verbos ou locuções verbais como negar, contestar, evitar responder.

A situação de troca depende também das circunstâncias da comunicação, pois a relação dialógica entre repórter e fonte não é a mesma em uma entrevista coletiva convocada

pelo interessado em divulgar certas informações ou em uma entrevista exclusiva solicitada pelo jornalista para explorar um assunto específico, por exemplo. Em cada caso, muda a postura do repórter diante do entrevistado (e vice-versa). Mais complexa ainda é esta relação na cobertura de episódios ou eventos que envolvem várias fontes com papéis diferenciados (protagonista, coadjuvante, testemunha, autoridade).

Na situação de troca B, o jornalista efetiva a intermediação através da seleção das informações e opiniões que utiliza no texto, seguindo seus próprios critérios de relevância, suposições sobre as expectativas do leitor-imaginário, além de possíveis restrições da instituição jornalística previamente estabelecidas. As circunstâncias de comunicação, neste caso, são fundamentalmente determinadas pelo grau de pressão ou interferência que o jornalista sofre dos representantes dos interesses do jornal, seja através de orientação da pauta, seja pela atuação dos editores. O espaço disponível para a matéria condiciona a quantidade de informações a serem aproveitadas e as possibilidades de desenvolvimento do tema, enquanto as normas de redação regulam a formulação dos enunciados.

Na situação de troca C, o texto deve conter coordenadas gramaticais e sintáticas que orientem a sua compreensão por parte do leitor. Mas ela depende também dos conhecimentos prévios e das expectativas do receptor sobre o assunto, daquilo que considera relevante, do grau de aceitabilidade dos enunciados e das inferências morais ou ideológicas que

faz a partir do que está escrito. As circunstâncias da comunicação relacionam-se à postura do leitor diante dos textos jornalísticos: se ele lê porque tem interesse particular no assunto ou se é motivado por uma identidade *a priori* com o jornal que o leve a dar credibilidade a tudo o que é publicado.

Trata-se, portanto, de um quadro de relações dialéticas em que os jogos de intenções entre fontes e repórteres e entre jornalistas e a empresa-jornal, além das supostas expectativas do leitor, influenciam as condições de reconhecimento do texto. A dependência de fontes de informação e de opinião reduz o grau de autonomia do jornalista enquanto autor de um texto e faz com que o discurso jornalístico seja marcado pela interrelação entre discurso narrativo e discurso citado (fragmentos de falas), na acepção de Bakhtin, que vê o discurso indireto como transmissão analítica do discurso de outrem.

O emprego do discurso indireto ou de uma de suas variantes implica uma análise da enunciação simultânea ao ato de transposição e inseparável dele. A tendência analítica do discurso indireto manifesta-se principalmente pelo fato de que os elementos emocionais e afetivos do discurso não são literalmente transpostos ao discurso indireto, na medida em que não são expressos no conteúdo mas nas formas de enunciação.³⁷

Tomemos como exemplo a seguinte situação hipotética: em meio a uma conversa sobre o futuro econômico do país, um empresário diz a uma repórter: "Eu acho uma safadeza essa ameaça de calote da dívida interna."

Se a fonte não pediu *off*, a jornalista poderia sim-

plesmente incluir em seu texto que *Fulano considera uma "safadeza" a ameaça de calote da dívida interna.*

Ou poderia, para ser mais fiel à situação comunicativa original, contar:

Ao se referir à dívida interna, Fulano mudou de fisionomia, contraiu o rosto, cerrou os dedos e esbravejou: "Eu acho uma safadeza essa ameaça de calote!"

Embora as duas formas mantenham-se fiéis ao conteúdo da proposição original, é a segunda que faz a aproximação entre a referência feita pelo locutor (o empresário, na situação dialógica com a repórter) e a do seu relator, que assim recupera o sentido primeiro da enunciação. Como lembra Bakhtin, a transposição mecânica do discurso direto para o indireto é impossível.

O discurso indireto ouve de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que outros esquemas deixam de lado. Por isso, transposição literal, palavra por palavra, da enunciação construída segundo um outro esquema só é possível nos casos em que a enunciação direta já se apresenta na origem como uma forma algo analítica - isso, naturalmente, dentro dos limites das possibilidades analíticas do discurso direto. A análise é alma do discurso indireto.³⁰

Para Bakhtin, a análise envolvida na construção de um discurso indireto pode partir de duas abordagens:

a) discurso indireto analisador do conteúdo - quando a enunciação de outrem é apreendida como "tomada de posição com conteúdo semântico preciso", o que leva à recomposição do sentido exato do que disse o falante (ou locutor). Tal

apreensão é feita "no plano meramente temático e permanece surda e indiferente a tudo que não tenha significação temática".³⁷

(...) abre grandes possibilidades às tendências à réplica e ao comentário no contexto narrativo, ao mesmo tempo que conserva uma *distância nítida* e *estrita* entre as palavras do narrador e as palavras citadas.⁴⁰

Esse tipo de transmissão preserva a integridade e a autonomia da enunciação original, mais em termos semânticos do que sintáticos, mas gera uma certa despersonalização do discurso citado. Nesta variante, "a personalidade do falante só existe enquanto ocupa uma posição semântica determinada (cognitiva, ética, moral, de forma de vida)"⁴¹, transmitida de maneira estritamente objetiva (ver exemplos a seguir).

O líder do PDT na Câmara dos Deputados, Vivaldo Barbosa (RJ), acredita que a alteração aprovada pela Câmara dos Deputados, no artigo 25, do substitutivo da Lei Eleitoral — estabelecendo que o noticiário em rádio e televisão sobre os candidatos à Presidência da República não poderá exceder de um minuto — será mantida pelo Senado. Para Vivaldo, a nova lei será sancionada pelo Presidente Sarney até o final da semana. Polêmico, o artigo 25 é considerado por alguns uma forma de censura à liberdade de imprensa e de informação.

Vivaldo foi o autor do projeto original que, apesar de não determinar a duração das matérias jornalísticas referentes aos presidenciais, incluía o veto à participação dos partidos sem representação no Congresso Nacional. O deputado pemedebista Genivaldo Correa (BA) fez a emenda acrescentando o limite de tempo, e os deputados Saulo Queiroz (PSDB-

A economia brasileira está a bordo de um boeing que segue em rota errada, sem que o piloto saiba disso. Para onde se dirige não há aeroporto. O combustível vai acabar e o avião vai cair. Mas diante da falsa aparência de que o voo vai bem, os passageiros consomem muito uísque. Essa é a imagem do professor da Universidade de São Paulo, Afonso Celso Pastore, para a situação do país. Enquanto existe combustível (capacidade ociosa de produção), a economia poderá continuar num voo em rota errada. Mas a atual conjunção de consumo superaquecido com inflação alta poderá ainda este ano causar um desastre.

FSP, 17/09/89

MG) e Virgílio Guimarães (PT-MG) ajudaram na elaboração do texto final.

Segundo o deputado fluminense, a Lei Eleitoral, votada pelos congressistas em junho, sofreu o veto do Supremo Tribunal do TSE exatamente no artigo que excluía a participação das legendas sem parlamentares na Câmara e no Senado. Agora, estes partidos têm direito a 30 segundos no horário gratuito do Tribunal Superior Eleitoral.

Na opinião do líder pedetista, o Senado não fará emendas ao projeto para poder votá-lo ainda na próxima terça ou quarta-feira e, em seguida, fazer o encaminhamento à mesa do Presidente Sarney, que terá 15 dias de prazo para aprovar a legislação ou não. "O líder do Governo na Câmara, deputado Luís Roberto Ponte (PMDB/RS), acredita que o Presidente irá sancionar o projeto", revelou Vivaldo Barbosa.

UH, 18/09/89

Note-se que o discurso citado no último parágrafo do segundo exemplo é um fragmento extraído de outra situação comunicativa que não a do repórter com sua fonte (provavel-

mente uma conversa entre os dois deputados, na qual Pontes teria revelado a Vivaldo sua crença - expressa pelo verbo acreditar - no sancionamento do projeto pelo Presidente.

A análise do conteúdo do discurso de outrem não significa, necessariamente, concordância do narrador, que pode também apontar as contradições ou evasivas da fonte sob a forma de argumentações ou interrogação, como no exemplo abaixo:

Apesar de ter feito "vista grossa", o presidente Sarney não perdoou Ulysses Guimarães que, em sua estréia no horário gratuito, apresentou dona Margarida Melo, uma professora maranhense, reclamando da luta que teve de enfrentar para conseguir puxar a luz elétrica para sua casa, distante 200 metros da Ilha do Curupu, de propriedade da família Sarney. A resposta veio rápida, através do jornal O Estado do Maranhão e da TV Mirante — ambos também de propriedade de Sarney. Tanto nas fotos do jornal como nas imagens, reproduzidas em cadeia nacional pelo TJ Brasil do SBT, dona Margarida aparece ao lado de um rústico poste de madeira com a instalação elétrica e, depois, ao lado dos eletrodomésticos de sua casa. Com todas as características de uma ligação clandestina, dona Margarida explicou à TV Mirante que a instalação foi feita há quase cinco anos, sem autorização da Cemar, mas que foi posteriormente "legalizada".

O que aconteceu, afinal? Sarney não entendeu bem a mensagem do programa de Ulysses, ou a produtora de Ulysses não deixou suficientemente claro que na casa de dona Margarida havia, sim, luz elétrica, depois das dificuldades que ela passou para conseguir? Ulysses rebate a intenção de Sarney que, com as matérias em seu jornal e em sua tevê, estaria querendo mostrar que o PMDB enganou o telespectador.

JT, 18/09/89

b) discurso indireto analisador da expressão - quando a enunciação de outrem é apreendida e transmitida como uma expressão própria do locutor, não só em relação ao objeto ou assunto sobre o qual fala, mas também - e principalmen-

te - por sua maneira individual ou tipológica de se expressar (por exemplo: dificuldades de falar fluentemente, sotaque, jargões ou gestos característicos etc). Implica, necessariamente, juízo de valor do narrador sobre o modo de pensar, falar e se comportar do seu interlocutor. Essa variante - pouco explorada em jornalismo - integra ao discurso indireto as palavras e maneiras de se expressar de outrem "de tal forma que sua especificidade, sua subjetividade, seu caráter típico são claramente percebidos".⁴²

País de Mike não tem extradição

Lilian Newlands

Balsul era um país desconhecido até terça-feira, 23 de março. Um país pequeno e mágico, dirigido por um xerife de estrela e tudo. Balsul não tem tratado de extradição com qualquer lugar do mundo, e lá a chuva cai uma vez por ano — na noite de Natal.

Balsul é feito de leis flexíveis e punições muito brandas e para sua cadeia vão os assaltantes (só os de bancos) e as pessoas más. Balsul não consta em qualquer mapa da geografia universal, mas existe na fantasia de Michael Biggs, brasileiro, 6 anos, filho de pai inglês e mãe brasileira, residente no Rio de Janeiro, estudante da 1ª série (depois que um teste comprovou sua capacidade intelectual na medida de duas séries acima da de sua idade).

Dedicação

Ronald Biggs, o pai, é sem dúvida o cidadão mais notável de Balsul. Na sala do apartamento de Lia e John Stanley, onde corre livre a imaginação de Michael, sua fantasia denota sempre o afeto sem limites de fronteiras e uma sinceridade — uma crença mesmo, com toda a força que pode ter um menino de seis anos — absoluta diante do pai. Balsul é um país que ele descobriu e construiu na sua mente, com leis próprias e habitado por gente a quem ele deu vida própria, fantástica.

Ronald Biggs pode ter, um dia, ludibriado muita gente. Mas para Mike, ele é o único merecedor de um país inteiro. Um país que ele define e explica:

"Balsul está a 800km do Rio. A ida é feita em cima de um cavalo. Só um cavalo leva alguém a Balsul. Leva 15 dias, sem parar, galopando o tempo todo. Mas, a volta para o Rio, é mais fácil. Porque eu mandei construir uma passagem secreta que é um elevador enorme, e a pessoa chega aqui em dois minutos".

"Eu sou o xerife de Balsul. Quem manda lá sou eu. Tenho quatro assistentes. Quem são? Ora, quatro macacos-crianças. Eu sou chamado também de Número Cinco. Porque é sempre o Número Cinco que faz os projetos. O do elevador foi feito por mim. Projetei um elevador que anda a milhares de quilômetros por hora, pra ninguém chegar tarde. Sou o Número Cinco, mas tenho seis anos no tempo".

Mike para seu relato e encara firme a lente da Nikon. Depois, olha para a televisão, parece que já descobriu que dali poderão sair notícias sobre seu pai. Se descobriu, não contou a ninguém. É lá que conta:

"Ronald contou a Mike tudo sobre seu passado. Explicou que era preferível ser amado pelo que era do que ser rejeitado no futuro, através das revelações de outras pessoas. Mike sabe de tudo e adora o pai".

O xerife de Balsul desvia o olhar para a conversa de Lia. Sente que estão falando sobre ele, sobre o pai. Faz questão de contar como é a vida em Balsul:

"Lá só chove uma vez no ano. É na noite de Natal, sabia? A chuva cai e forma uma porção de lagos. Enche todos os baldes, mas ninguém se afoga. Quem faz a chuva cair? Claro que sou eu. Projetei foguetes que sobem, sobem, sobem e esbarram nas nuvens. Só eu tenho a fórmula dos foguetes. Poderia resolver problemas de qualquer seca. Até a do Nordeste. Projetei tudo sozinho. Dois assistentes falam e trabalham direitinho. Os outros dois são completamente idiotas. Mas continuam em Balsul, pois tem que ter alguém lá tomando conta da prisão que mandei construir. Só é preso assaltante de banco (só de bancos), gente má e gente chata. Mando enforcar todos, mas pelo pé. Meu assistente laça o bandido pelo pé e ele cai sentado em cima de um prego. Não machuca nada. O prego é de burracha. Mas ele se assustam".

— Onde está seu pai?

— Em São Paulo.

Mike Biggs desvia o assunto. Responde automaticamente que Ronald está em São Paulo, como se não quisesse pensar muito no assunto. No fundo, sabe que o pai não está lá. Porque Ronald jamais iria para algum lugar sem antes dizer bye, son (adeus, filho) e sem abraçá-lo. É isso que o intriga. Então ele fala:

— Os bandidos só ficam presos dois dias. Deixo eles sem comer e sem beber e depois solto. Não mando bater em ninguém, não. Ninguém conhece Balsul. Só meu pai, porque eu já contei para ele. Minha professora não sabe e nem vai saber. Quando meu pai voltar, vou levar ele para Balsul. Logo, logo. Assim que ele chegar.

JB, 26/03/81 (obs: box em uma das matérias suite sobre o sequestro do inglês Ronald

Biggs, que vivia no Brasil desde o famoso assalto milionário a um trem postal de Londres.)

Entre a variante analisadora do conteúdo e a analisadora da expressão, Bakhtin situa a variante impressionista, que visa transmitir o discurso interior - pensamentos e sentimentos dos personagens (marcante no exemplo acima) ou a registrar impressões subjetivas sobre o comportamento de alguém. Este recurso é comumente encontrado nas reportagens de perfil, crônica ou conto, mas é eventualmente utilizado para destacar um personagem de uma notícia.

(...) Covas teve uma performance diferente da racionalidade que apresenta quando fala para outros públicos. O apelo foi a emotividade. Beijou e abraçou dezenas de velhos e crianças, comeu macarrão, tomou café, ouviu muitos pedidos, deu autógrafos e dançou samba. Fez um discurso e disse que "se chegar lá" continuará sendo o mesmo. Disse que o "idoso não pode se sentir uma seringa descartável" e afirmou que o problema tem que ser resolvido "com um pouco de solidariedade".

FI,

18/09/89

Em resumo, as formas de enunciação jornalística são norteadas por processos de raciocínio ou cadeias de razões visando determinados efeitos de reconhecimento (apreensão e compreensão pelo leitor) e podem restringir-se a anúncio, descrição e demonstração, ou lançar mão de argumentações, persuasão, manipulação e sedução com objetivos de convencimento.

-anunciar: dizer o que aconteceu ou vai acontecer; dizer o que alguém disse (subentendendo a relevância do dito);

-descrever: relatar as etapas de um acontecimento (com suas circunstâncias), os passos de um personagem (com seus comportamentos, atitudes, declarações ou proposições) ou o quadro de uma situação (com os diversos aspectos envolvidos);

-demonstrar: provar a relevância, validade ou veracidade do que foi anunciado ou descrito;

-argumentar: orientar inferências a partir do que foi dito ou realizado;

-persuadir, manipular ou seduzir: orientar a compreensão do relato em uma só direção (univocidade), utilizando, no caso da manipulação, associações falsas ou precárias, e no caso da sedução, apelos emocionais (particularmente através de textos com carga poética ou dramática).

As possibilidades (infinitas) de utilização estratégica desses recursos retóricos ficam claras mediante a comparação de matérias sobre um mesmo assunto ou acontecimento publicadas em jornais diferentes.

CASO A

As três notícias (ver páginas seguintes) tratam da prisão de cinco rapazes acusados de assaltar uma drogaria em Cabo Frio - duas como anúncio e uma como enunciado. O esquema de *O Dia* é de quem (enumera nomes e idades) o que (foram presos), em que circunstâncias (por policiais do 1º CIPM, após assaltarem a drogaria) e a consequência imediata (todo o produto roubado foi recuperado). O de *O Globo*, do quem (a Polícia Militar), o que (desmantelou uma quadrilha), quando (ontem), porque (seria responsável por vários assaltos e arrombamentos em Cabo Frio). E o do JB, do quem contextualizado (cidadãos respeitáveis, com profissão definida e comportamento insuspeito) e o que circunstanciado (transformaram-se em assaltantes para custear suas estadias na cidade).

A matéria de *O Dia* segue o modelo típico de notícia-anúncio, descrevendo sucintamente os episódios (os dois assaltos e a prisão), com base no registro policial (daí a presença no texto de referências a policiais do 1º CIPM e da Patamo 52-0020), absorvendo linhas de raciocínio e valoração características dos meios policiais: "foram surpreendidos"; "Everaldo é conhecido por diversos assaltos realizados na região" (a matéria não documenta); "Os outros quatro assaltantes moravam em uma favela na ilha do Governador, Rio" (induz ao julgamento de que se são favelados devem ser mesmo assaltantes).

Já o texto de *O Globo* estabelece uma associação entre dois fatos - o desempenho da PM e a pressão dos comerciantes locais - ao afirmar que os cinco assaltantes foram presos 48 horas depois da reunião promovida pela OAB e a Associação Comercial de Cabo Frio. É contraditório, porém, ao utilizar o futuro do pretérito do verbo ser (conotador de incerteza) para documentar a proposição de que os rapazes presos formavam uma quadrilha que "seria responsável por vários assaltos e arrombamentos em Cabo Frio".

Esta hipótese associada à implícita necessidade de atender às reivindicações dos comerciantes dá à prisão um sentido de eficiência da Polícia Militar. Embora esse enunciado coloque a acusação sob suspeita, a sentença seguinte a endossa: "o bando comandado por(...)". A culpabilidade dos rapazes é indicada também pelas expressões: "presos em flagrante", "portava maconha" e "Duas armas foram apreendidas em poder dos assaltantes".

OP. 17/09/89

OG. 17/09/89

5 roubam drogaria em Cabo Frio

Hélio Tito Amaro Bahia, 19 anos, Walter Gonzaga Poleta, 29, Everaldo Moura Quintanilha, 19, Eliésio Gaspar, 19, e Marcelo Almeida Oliveira, 19, foram presos por policiais do 1º CIPM (Companhia Independente da Polícia Militar), em Cabo Frio, após assaltarem a Drogaria Bom Jesus e uma quitanda, na Praia do Forte. Todo o produto roubado - medicamentos, NCz\$ 996 em cheques e NCz\$ 500 - foi recuperado.

Os assaltantes, usando três bicicletas, roubaram primeiro a drogaria, rendendo o proprietário do estabelecimento. Em seguida, foram para a Praia do Forte e tentaram roubar a quitanda, onde um caminhão da Coca-Cola descarregava. Foram surpreendidos por policiais da Patamo 52-0020 e se entregaram. Everaldo é conhecido por diversos assaltos realizados na região. Os outros quatro assaltantes moram em uma favela na Ilha do Governador, Rio.

PM prende ladrões de casas em Cabo Frio

A Polícia Militar desmantelou ontem uma quadrilha de assaltantes que seria responsável por vários assaltos e arrombamentos em Cabo Frio. O bando, comandado por Hélio Amaro Bahia, de 19 anos, foi preso depois de assaltar a Drogaria Bom Jesus, na Avenida Assunção 804, Centro, de onde levou NCz\$ 1 mil e uma máquina de calcular.

Os cinco assaltantes - quatro da Ilha do Governador e um de Cabo Frio - foram presos 48 horas depois da reunião promovida pela OAB e Associação Comercial de Cabo Frio com o Secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, para tratar da questão da violência na Região dos Lagos.

Após o assalto à farmácia, os assaltantes foram cercados e presos no Bairro de São Cristovão. Além de Hélio Bahia, técnico de equipamentos submarinos e filho de uma escrivã de Polícia, foram presos em flagrante Marcelos Almeida de Oliveira, que portava maconha; Elieser Gaspar; Everaldo Moura Quintanilha, de 19 anos; e Walteir Gonzaga Poleta, de 29 anos.

Parte do dinheiro roubado da drogaria foi recuperado, além da máquina de calcular. Duas armas foram apreendidas em poder dos assaltantes. Os cinco foram autuados e estão presos na 133ª DP.

Eles são genericamente apresentados como "quatro da Ilha do governador e um de Cabo Frio" e apenas Helios Amaro Bahia (Elcius Titus Bahia, segundo o JB, ou Helio Tito Amaro Bahia para *O Dia*) é qualificado como comandante do bando, "técnico de equipamentos submarinos e filho de uma escrivã de policia". Mas nada (além da idade) é dito sobre Everaldo Moura Quintanilha, apontado como "conhecido" assaltante por *O Dia* e pivô da história pelo JB. A descrição do assalto à drogaria (não há referência à quitanda citada em *O Dia*) e da prisão é sumária, o que reforça a tese de esvaziamento de sentido em favor dos fatos contingentes.

A matéria do JB torna-se radicalmente diferente das

Grupo assalta para custear suas viagens

CABO FRIO — Cidadãos respeitáveis no bairro Cacua, na Ilha do Governador (Zona Norte do Rio), com profissão definida e comportamento insuspeito, o técnico em equipamentos submarinos Elcius Titus Bahia, 19 anos, o encanador Walter Gonzaga Poleta, 29, e o açougueiro Marcelo Almeida de Oliveira, 19, transformaram-se em assaltantes para custear suas estadias nesta cidade da Região dos Lagos.

Com a prisão dos três, após terem assaltado a drogaria Bom Jesus em companhia de Eliezer Gaspar e Everaldo Moura Quintanilha, ambos de 19 anos, o titular da 133ª DP (Cabo Frio), Jofre Guedes, começou a rever as ocorrências registradas nos fins de semana anteriores, uma vez que os presos admitiram em cartório que já se conheciam, vinham sempre a cidade e receberam de Everaldo — morador em Cabo Frio — as armas utilizadas no assalto.

Com uma pistola alemã calibre 5,35 e um revólver 32, o grupo rendeu às 20h30 de sexta-feira o farmacêutico Francisco de Campos, quando entrava o expediente na drogaria localizada à Avenida Assunção, 804, centro da cidade. O comerciante ficou sem a máquina calculadora e NCz\$ 200, levados pelos ladrões que fugiram de bicicleta em direção ao bairro de São Cristóvão. Francisco informou as características do grupo à Polícia Militar e, à 1h30min de ontem, a Patamo comandada pelo sargento Walter Louchart Xavier localizou e prendeu Eliezer, Elcius e Everaldo na Rua Expedicionário da Pátria.

Roupas exalando cheiro de maconha, segundo a polícia, os três admitiram o assalto e deram indicações para a localização de Marcelo e Walter. Na delegacia, foram reconhecidos pelo dono da Drogaria Bom Jesus, Francisco Campos. O dinheiro, que já havia sido repartido, voltou às mãos do farmacêutico, bem como a calculadora. A polícia descobriu que Everaldo responde a inquerito por furto e estava beneficiado com liberdade provisória conseguida pelo juiz da 2ª Vara Criminal, Edval Bastos Silva. Além de duas armas, foi apreendida pequena quantidade de maconha encontrada em poder dos cinco.

A 133ª DP irá fazer contato com a 37ª DP (Ilha do Governador), em busca de informações sobre Walter (morador na rua Moistuca, bairro Guarabu); Marcelo (Jerônimo Ornelas, 373) e Elcius (Condímínio Três Marias, Cacua), apesar de eles alegarem não possuírem antecedentes criminais. O delegado, porém, suspeita que os cinco tiveram participação em outros assaltos ocorridos em Cabo Frio e iniciou levantamento no Livro de Ocorrências.

Pesquisa recomendada pela Associação Comercial de Cabo Frio, devido ao índice elevado de crime contra o patrimônio no centro da cidade, revelou que mais da metade da população do bairro Braga (66,7%) já foi assaltada uma vez. O trabalho, denominado Radiografia da Segurança, resultou da vinda do secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, à cidade, a convite da OAB, durante a semana, para debater o problema.

JB, 17/09/89

duas anteriores ao qualificar três dos cinco rapazes como "cidadãos respeitáveis" de um bairro (e não favela), com profissões definidas (citadas no texto) e "comportamento

insuspeito" (não documentado). Diferencia-se, também, pela fonte das informações: em vez de restringir-se ao registro de ocorrência da PM, o repórter acompanhou os procedimentos de investigação da delegacia de policia encarregada do caso (113ª DP). Com isso, o relato (muito mais detalhado do que os dos outros jornais) baseia-se nas evidências concretas apresentadas pela policia e nos depoimentos prestados pelos rapazes na delegacia (ver trechos sublinhados na matéria).

Apesar de três dos cinco rapazes terem admitido o assalto e de terem sido reconhecidos pelo dono da drogeria, o repórter exime-se de julgá-los *a priori*, atendo-se a provas e a procedimentos legais. É interessante observar as diferenças de sentido entre os enunciados abaixo:

- Everaldo é conhecido por diversos assaltos realizados na região. (*O Dia*)
- A policia descobriu que Everaldo responde a inquérito por furto e estava beneficiado com liberdade provisória, conseguida pelo juiz da 2ª Vara Criminal, Edval Bastos Silva. (JB)
- A policia Militar desmantelou ontem uma quadrilha de assaltantes que seria responsável por vários assaltos e arrombamentos em Cabo Frio. (*O Globo*)
- O delegado, porém, suspeita que os cinco tiveram participação em outros assaltos ocorridos em Cabo Frio e iniciou levantamento no Livro de Ocorrências. (JB)

Os enunciados de *O Dia* e *O Globo* dão razão ao advogado Nilo Batista: "A imprensa tem o formidável poder de apagar da Constituição o princípio da presunção de inocência, ou, o que é pior, de invertê-lo."⁴³

Só no último parágrafo o JB menciona o movimento dos comerciantes de Cabo Frio sem, porém, estabelecer relação direta com a prisão dos cinco rapazes.

CASO B

Mãe mata recém-nascida porque queria um menino

SÃO PAULO — Inconformada por ter dado à luz uma menina e não um menino, Deolinda Ciríaco Carpenito atirou a recém-nascida pela janela do 7º andar do Hospital Ipiranga, na madrugada de ontem, 12 horas depois do parto. O bebê teve morte instantânea.

A tarde, falando pausadamente e demonstrando indiferença, a mulher, que já é mãe de uma garota, confessou o crime, cometido enquanto suas quatro companheiras de enfermagem dormiam.

O corpo da criança, identificado pela plaquinha presa ao pulso, foi encontrado no pátio do hospital pelo vigia.

Segundo o Diretor do hospital, José Túlio Bastos, Deolinda deve ser portadora de algum tipo de psicopatia de alta gravidade, embora tenha um comportamento aparentemente normal.

Apesar de revoltado com o crime, disse que compete à entidade manter o atendimento médico enquanto a mãe se recupera do parto. Depois, ela responderá pelo assassinato da própria filha.

O Globo, 17/09/89

Jogou pela janela a filha recém-nascida

Alegando que seu marido não aceitaria outra filha, Deolinda Ciríaco Carpenito, 24, matou na madrugada de sábado sua filha recém-nascida, atirando-a do 7º andar do Hospital Ipiranga, na avenida Nazaré, Ipiranga. Deolinda foi internada no Hospital quinta-feira e às 12h da sexta-feira teve o bebê. Na madrugada de sábado atirou sua filha da janela de um banheiro do 7º andar.

No seu depoimento no 17º Distrito Policial, onde foi autuada em flagrante, Deolinda disse que jogou a filha recém-nascida porque ficou anorosa quando viu que era mulher e que seu marido, Antônio Ângelo Carpenito, 36, passara os nove meses dizendo que queria filho homem. Deolinda foi liberada após o pagamento de uma fiança de NCz\$ 1,1 mil.

Ela está casada há dois anos e tem uma filha de dez meses. Ontem, passou o dia na casa da irmã, no Jardim da Saúde.

Deolinda disse que está arrependida e repetiu: "Meu marido não queria outra mulher". Ontem, segundo ela, o marido providenciou a liberação do corpo da menina no Instituto Médico Legal: "Ele acha normal tudo que aconteceu".

A irmã de Deolinda, Adalgisa Gonçalves Neves, disse que ela tem algum problema mental: "Já tentamos colocá-la na escola três vezes, mas ela não consegue aprender a ler nem escrever. Gostaria que Deolinda fosse submetida a exames de sanidade mental".

Segundo Adalgisa, o marido de Deolinda, Antônio Ângelo, durante os nove meses de gravidez "ficou botando na cabeça dela que a criança tinha de ser homem".

FT, 18/09/89

Bebê é jogado da janela do sétimo andar

Um bebê recém-nascido, do sexo masculino, foi atirado da janela do sétimo andar do Hospital Ipiranga, do Inamps, na Avenida Nazaré, 27. A maior suspeita do homicídio é a própria mãe, Deolinda Ciríaco Carpenito, que ficou com o menino desde a hora do parto, às 14h45 de sexta-feira. O corpo do bebê foi encontrado às 4h30 de ontem. Além de Deolinda, na enfermagem estavam outras quatro parturientes, também sob suspeita. A mãe alega não se lembrar de nada e, como se encontrava em estado puerperal (depressão pós-parto), deverá ser absolvida, caso se comprove sua participação no crime. O caso foi registrado no 17º Distrito Policial e está sob a investigação da equipe F da Delegacia de Homicídios do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deiec).

ESP, 18/09/89

Apesar de se restringir ao registro policial, a matéria de *O Estado de São Paulo* (ESP) mantém seu distanciamento através do enunciado na voz passiva (sublinhado no texto), do qualificativo "suspeita" e de um parecer técnico que serve de alibi para a acusada e indica a possibilidade de absolvição. Já *O Globo* e a *Folha da Tarde* afirmam cate-

goricamente que Deolinda "atirou a recém-nascida pela janela" ou que "matou na madrugada de sábado sua filha recém-nascida". Ambos atribuem a atitude ao fato de o bebê ser menina e não menino, o que teria desagradado a própria mulher ("Inconformada por...") ou ao seu marido ("não aceitaria outra filha").

Os dois jornais procuraram outras fontes além do registro policial para caracterizar as circunstâncias do episódio. *O Globo* destacou a "indiferença" da mulher quando "confessou o crime" e encampou a avaliação (sem provas) de que "Deolinda deve ser portadora de algum tipo de psicopatia de alta gravidade", feita pelo diretor do hospital, que ficou "revoltado com o crime". A sentença do jornal é proferida nas duas últimas linhas do texto.

Com base no depoimento à delegacia, a FT afirma a culpa ao dizer que a mulher foi "autuada em flagrante", mas ameniza o julgamento afirmando que ela "ficou apavorada" e "está arrependida". A exemplo de *O Globo*, porém, busca justificativa mais plausível para o crime em "algum problema mental" aventado pela irmã de Deolinda.

CASO C

A história que *O Globo* conta poderia ser resumida da seguinte forma:

Dois mil agricultores (ou colonos ou trabalhadores rurais) haviam invadido ilegalmente uma propriedade da Madeireira Caldatto em Palma Sola (a 720 km de Florianópolis) e montado um acampamento. Cerca de 500 policiais militares armados de revólveres e bombas de gás lacrimogêneo invadi-

OS. 17/09/89

Conflito entre invasores e PM: 3 mortos e 63 feridos

FLORIANÓPOLIS — Cerca de 500 policiais militares tentaram ontem terminar com um acampamento de dois mil agricultores que invadiram ilegalmente uma propriedade da Madeira Caldato em Palma Sola (no Oeste de Santa Catarina, a 720 quilômetros da Capital). Três colonos morreram e outros 40 ficaram feridos, enquanto 23 policiais tiveram ferimentos. A ordem de despejar os trabalhadores rurais partiu do Juiz da Comarca de Dionísio Cerqueira, Ildefonso Biazzotto. De acordo com o Coronel Aliatar Silveira Filho, Comandante do 2º Batalhão da PM, de Chapecó, os militares reagiram aos ataques dos colonos que, armados de coquetéis-molotov e facões, resistiram ao despejo.

Eram 6h quando os policiais do 2º BPM, sob o comando do Coronel Aliatar, armados de revólveres e bombas de gás lacrimogêneo, invadiram o acampamento montado pelos dois mil colonos na propriedade, de 7.500 hectares. Conforme o Coronel, os policiais foram surpreendidos com a reação dos agricultores, que se alinharam em filas de resistência.

As primeiras eram formadas por crianças. Depois, mulheres e, finalmente, os homens.

Conforme o relato do Coronel, logo que o oficial de Justiça deu início à leitura da ação de despejo, os agricultores avançaram armados de facões e coquetéis-molotov. O Coordenador do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra de Chapecó, Antônio Milan, não concorda com essa versão e diz que os colonos estavam dormindo quando os soldados chegaram ao acampamento atirando e lançando bombas.

A operação durou cerca de meia hora e dela resultou a morte de três agricultores — não foram identificados — e ferimentos em 63 pessoas. Os feridos foram transportados para os hospitais da região e 11 deles estão em estado grave. O agricultor Antonio Waldeci Steffen terá que amputar dois dedos da mão direita, pois foi vítima de uma facada.

Os médicos dos hospitais para onde os colonos foram encaminhados esquivaram-se de prestar informações sobre o quadro clínico. Apenas

o médico Alexandre Spessatto, do Hospital Vitória Missen, concordou em falar.

Segundo seu relato, dois agricultores — um homem e uma mulher — deram entrada no hospital por volta das 10h. O homem tinha um corte, feito a faca, na cabeça, enquanto a mulher estava ferida no braço esquerdo. Após serem medicados, os dois colonos receberam alta.

A enfermeira Maria Inez, do Hospital São Miguel, em São Miguel do Oeste, informou que o corpo de um dos agricultores mortos durante a luta, ainda encontrava-se, na tarde de ontem, naquele estabelecimento, sem que ninguém fosse identificá-lo. A enfermeira acrescentou que o agricultor recebeu um tiro na coxa e a bala acabou atingindo o intestino. O Coronel Aliatar informou que, entre os 23 policiais feridos durante o confronto com os agricultores, um teve o dedo decepado. O militar acrescentou que a operação de despejo não terminou e os soldados voltarão brevemente ao local, de onde se retiraram devido à gravidade dos incidentes.

ram o acampamento para despejá-los (com ordem do juiz da comarca). Os colonos reusaram ao despejo armados de coquetéis-molotov e facões. Os militares reagiram aos ataques. Três colonos morreram e outros 40 ficaram feridos; 23 policiais tiveram ferimentos. Segundo o coronel que comandou a operação, os policiais foram surpreendidos com a reação dos agricultores, que se alinharam em filas de resistência. O representante dos trabalhadores rurais tem outra versão: diz que os colonos estavam dormindo quando os soldados chegaram ao acampamento atirando e lançando bombas.

Um agricultor terá que amputar dois dedos da mão direita.

Um policial teve o dedo decepado.

FSF, 17/09/89

Atrito com PM causa morte de colono em SC

Do correspondente e do Reportagem Local

Mais de duas mil pessoas enfrentaram ontem aproximadamente 500 policiais militares que cumpriam mandado de despejo na fazenda São Vicente, em Palma Sola (SC), a 800 km de Florianópolis. Mais de 70 pessoas ficaram feridas, entre policiais e sem-terras. Um colono morreu com um tiro no abdômen. A polícia recuou para evitar mais mortes. O comandante do 2º Batalhão de Polícia Militar de Chapecó, tenente-coronel Aliatar Silveira Filho, disse que o mandado será cumprido.

A polícia chegou à fazenda, de propriedade da Madeli-Indústria e Comércio de Madeira, às 6h30 de ontem. Os sem-terras estavam preparados para enfrentar a PM. O mandado de despejo de posse foi expedido pelo juiz substituto da comarca do município de Dionísio Cerqueira, José Ildefonso Bizatto, que na tarde de sexta-feira requisitou vários caminhões para o transporte dos sem-terras. O movimento na cidade alertou os ocupantes, que procuraram se organizar.

No momento em que o oficial de justiça iniciava a leitura da sentença, ontem de manhã no acampamento, foi atingido por um coquetel molotov (fabricação caseira). A partir daí, o confronto foi generalizado. O vereador de Campo Ere, Isaias do Amaral (PT), acusou a polícia de ter iniciado a "batalha campal". Já o comandante do 2º BPM, responsabilizou os sem-terras pelo conflito.

Mais de cinquenta trabalhadores rurais, na avaliação do vereador, teriam ficado feridos, enquanto 23 policiais militares foram para os hospitais da região. Um PM teve um dedo decepado, atingido por um facão. Um colono, Antonio Stefani, 28, ficou com uma das mãos estraçalhada devido à explosão de uma bomba, que decepou dois dedos de sua mão.

Os feridos foram levados para os hospitais de Palma Sola, Campo Ere, São Miguel do Oeste e Chapecó. Até ontem à tarde, três sem-terras continuavam internados no hospital de Campo Ere, feridos à bala, mas fora de perigo. Cerca de 35 pessoas receberam atendimento no hospital de Palma Sola. Pelo menos seis pessoas continuavam internadas ontem. Um colono, que não foi identificado até a tarde de ontem, morreu por volta de 11h no hospital São Miguel, em São Miguel do Oeste.

O comandante Aliatar Silveira Filho foi o responsável pelo recuo da tropa, cuja operação foi comandada pelo major Osmar Alcides Pereira. Os colonos, de acordo com a versão da polícia, receberam a polícia com barreira humana, coquetés molotov, pedras e instrumentos de trabalho como facões e enxadas. Segundo

o comandante do 2º BPM, a polícia utilizou revólveres, cacetes e bombas de efeito moral. De acordo com o vereador Amaral, a PM teria usado também bombas de gás lacrimogêneo e granadas na repressão aos colonos.

A fazenda de 7.500 hectares foi ocupada no início deste mês, pela segunda vez. Na primeira invasão o despejo foi sem incidentes. Os sem-terras haviam acertado com o Incra que dentro de 60 dias novas áreas seriam colocadas à disposição dos trabalhadores rurais para assentamentos definitivos. Como o instituto não cumpriu o prometido, o imóvel foi novamente ocupado.

O relato do jornal, porém, não se dá com essa linearidade nem faz o mesmo tipo de associação de informações. Na estrutura da narrativa publicada, os militares são implicitamente apresentados como vítimas porque tentavam resgatar a ordem (acabar com a ocupação ilegal de uma propriedade), amparados judicialmente, e tiveram que reagir "aos ataques dos colonos" armados. Fica justificado, assim, o aparato bélico dos policiais citado no parágrafo seguinte. Só no terceiro parágrafo - e apenas nele - um representante dos colonos tem direito a voz para contestar o relato da autoridade policial. A contestação, porém, é conotada como mera opinião através da expressão "não concorda com esta versão".

A matéria da *Folha de S. Paulo* - que utiliza basicamente os mesmos conteúdos que seu concorrente carioca - dimensiona o conflito pela desproporção quantitativa entre as duas partes em luta (mais de duas mil pessoas enfrentaram aproximadamente 500 policiais) e pelo número de baixas (mais de 70 pessoas ficaram feridas, entre policiais e sem-terras, e um colono morreu). A utilização do verbo enfrentar deixa implícito a reação a um ataque (ou uma ameaça), imediatamente justificada pelo fato de os policiais estarem cumprindo mandado de despejo. Na estrutura narrativa da *Folha*, aliás, predomina a contraposição das versões dos dois lados:

- O vereador de Campo Ere, Isaias do Amaral (PT) acusou a policia de ter iniciado a "batalha campal". Já o comandante do 2º BPM, responsabilizou os sem-terras pelo conflito.

- Um PM teve um dedo decepado, atingido por um facão. Um colono, Antonio Stefani, 28, ficou com uma das mãos estraçalhada devido à explosão de uma bomba, que decepou dois dedos de sua mão.

Quando essa contraposição não foi possível, o jornal resguardou-se de julgamento através da impessoalidade da voz passiva ("Foi atingido por um coquetel molotov") ou por expressões do tipo "de acordo com a versão da policia" (ver sexto parágrafo). os dois jornais também destoaram na qualificação dos personagens: *O Globo* recusou o termo "sem-terras" e a *Folha* rejeitou a adjetivação de "invasores", substituída por "ocupantes". Houve também divergências de caráter informativo, como o nome da empresa proprietária das terras em litigio, o sobrenome do juiz que expediu o mandado de despejo e o número de mortos. Esse tipo de falha de apuração, porém, é relativamente comum em episódios de conflito intenso, que ocorrem em curto espaço de tempo (cerca de meia hora, segundo *O Globo*) e mobilizam muitas pessoas e instituições, além de envolver interesses de classes.

CASO D

O lançamento do projeto de recuperação da Lagoa de Marapendi na Barra da Tijuca, Rio, é um bom exemplo de como a mesma noticia pode ser avaliada de formas diferentes e de como a escolha das fontes influencia na produção de sentido da narrativa, gerando matérias complementares. No dia do evento (domingo), o *Jornal do Brasil* anunciou, em seu lide,

que os moradores da região dariam "voto de confiança" ao projeto e acusavam os órgãos do governo de "coniventes com a destruição das lagoas e lagos do estado". No dia seguinte, registrou o lançamento do projeto sem mencionar qualquer resposta de autoridades a essa crítica.

Já a *Última Hora* (UH) abriu sua matéria (na segunda-feira) questionando os dois lados pelo abandono da lagoa: "Descuido e desinformação dos moradores ou má fiscalização das autoridades sanitárias?". Em seguida, criou uma imagem

JB, 17/09/89

Empresas vão limpar Marapendi

O Projeto Lagoa de Marapendi terá o voto de confiança dos moradores da região, segundo Marcelo Seixas de Matos, do colegiado que dirige a Associação de Moradores e Amigos da Barra da Tijuca (Amabarra). "Estamos a favor da iniciativa das empresas que se juntaram para tratar da lagoa, porque os órgãos do governo, como a Feema e a Serla, sempre foram coniventes com a destruição das lagoas e lagos do estado", disse Marcelo.

O lançamento do projeto de preservação de Marapendi será hoje, no Alfabarra Clube, e os moradores estarão lá para saber o que a João Fortes Engenharia, a Cobra Sub, a Mesbla Náutica, a Petróleo Ipiranga e o próprio clube vão fazer para acabar com o lançamento de esgotos nas águas da lagoa e com a destruição dos manguezais.

"A preocupação demonstrada pela João Fortes Engenharia", afirmou Marcelo, "é prova de que a ocupação desordenada da Barra tem prejudicado a todos".

João Augusto Fortes, da empresa de engenharia, contou que a primeira fase do projeto vai durar quatro anos. "É um projeto permanente, que começa com a educação ambiental, quando os síndicos dos condomínios e os responsáveis pelos loteamentos serão pressionados a tratar seus esgotos; depois, todos os pontos de lançamento de esgoto serão detectados; e, por último, a manutenção será feita com apoio técnico das empresas envolvidas no projeto", explicou João Augusto.

A Feema terá uma lancha cedida pela Mesbla Náutica e a Ipiranga fornecerá o combustível. A João Fortes construiu um pier para a embarcação e um estande para a guarda do material dos técnicos da Feema.

João Augusto disse que, entre os conjuntos, o Mandala e o Alfabarra têm os mais sofisticados equipamentos de tratamento de esgoto — foram construídos pela João Fortes. Acrescentou, no entanto, que há períodos em que os síndicos desses prédios não acionam as máquinas e o esgoto é lançado diretamente na lagoa.

A mortandade de peixes, o mau cheiro e o desaparecimento dos praticantes de windsurf, esporte que começou nas águas calmas da Lagoa de Marapendi, denunciam a poluição do local.

Lagoa de Marapendi pode ser salva

O projeto "Usar para preservar/Preservar para usar", que prevê a recuperação da Lagoa de Marapendi, na Barra da Tijuca, no Rio, foi lançado ontem, às 10h, no clube do condomínio Alfabarra. Segundo o presidente da construtora João Fortes Engenharia, João Augusto Fortes, a Lagoa de Marapendi deverá ser despoluída em um prazo de quatro anos. Além da construtora, a Cobra Sub, a Mesbla Náutica e a Petróleo Ipiranga patrocinarão o projeto, que será realizado pela Fundação Estadual de Engenharia de Meio Ambiente (Feema) e pela Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente do Rio. A Lagoa é poluída principalmente pelo esgoto dos condomínios vizinhos.

Fortes disse que a Feema fará o monitoramento da Lagoa com uma lancha doada pela Mesbla Náutica e a distribuidora Ipiranga fornecerá o combustível.

FT, 18/09/89

JB, 18/09/89

Marapendi voltará a ser usada para esporte e lazer

Despoluir a Lagoa de Marapendi, na Barra da Tijuca (Zona Sul), para que volte a ser usada como centro de esporte e lazer. Este é o objetivo do convênio assinado ontem de manhã entre a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema), o Alfaharra Clube, a João Fortes Engenharia, a Cobra Sub Equipamentos Náuticos e a Companhia de Petróleo Ipiranga. Ao redor da lagoa, atualmente considerada imprópria à prática de qualquer esporte — até mesmo pescaria —, existem pelo menos 25 condomínios residenciais, responsáveis pela poluição.

Para fiscalizar e recuperar os 333 hectares (3,3 quilômetros quadrados) da Lagoa de Marapendi, a Feema recebeu um barco de alumínio de 3,5 metros, um ecobatímetro (medidor de profundidade), uma garrafa de Van Dorn (para coletar amostras de água), três tipos de amostradores de segmento do fundo da lagoa, termômetros e material

para coleta biológica. O projeto *Usar para preservar/Preservar para usar*, foi lançado no Espaço Desenvolvimento Ambiental, na Avenida Sernambetiba, 6.350 (atrás do condomínio Barramares), uma área ampla e bem tratada, que antes pertencia à lagoa e foi aterrada.

O diretor de comunicação da João Fortes Engenharia, João Augusto Fortes, disse que a ideia do projeto começou no ano passado, durante um seminário na Associação dos Dirigentes das Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), sobre o turismo náutico no Rio de Janeiro. João Augusto explicou que, para incentivar a indústria náutica, é preciso que haja locais onde as pessoas possam usar seus barcos. Como construir uma marina custa muito caro, os empresários lembraram que o Rio de Janeiro tem diversas lagoas, entre as quais a de Marapendi.

"Resolvemos juntar, então, os órgãos responsáveis pela lagoa e financiar sua recuperação, para estimular a volta dos esportes náuticos ali", disse o empresário. João Augusto disse ainda que, além da recuperação, será feito um trabalho de conscientização dos moradores dos condomínios.

de Dom Quixote da iniciativa privada que, "inconformada" com a má utilização desse espaço natural, elaborou o projeto com objetivos pragmáticos: "usar para preservar, preservar para usar". Mas, de acordo com o lide de *O Globo*, a Lagoa de Marapendi "conseguiu unir os interesses de empresários, do Governo e da comunidade" no que o jornal chamou de "campanha de educação ambiental para reabilitação da Lagoa".

Apesar da supervalorização inicial do empresariado, a notícia da UH é a que forneceu mais detalhes sobre os objetivos, etapas e participantes do projeto, descrevendo, inclusive, as atribuições que caberão a empresários e órgãos

UH, 18/09/89

Marapendi vai voltar a ser um espelho d'água

DESCUIDO e desinformação de moradores ou má fiscalização das autoridades sanitárias? Ninguém sabe o porquê de a lagoa de Marapendi, na Barra, que moradores antigos conheceram como um espelho d'água, estar hoje poluída, a ponto de se tornar um depósito de esgoto. Inconformada com a perda gradativa de um espaço que poderia ser aproveitado para atividades náuticas e turísticas, a iniciativa privada, através das empresas João Fortes Engenharia, Mebla Náutica, Petróleo Ipiranga, Cobra Sub e Alfabarra Clube, criou o projeto Usar Para preservar, Preservar Para Usar.

A médio prazo o projeto que vai durar quatro anos, deverá ser estendido às lagoas de Camorim, Jacarepaguá e Tijuca, pertencentes à região. No momento foram estabelecidos convênios com a Secretaria Estadual de Rios e Lagoas — Serla — e Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente — Feema. Em seguida vai ser detonada uma Campanha de Educação Ambiental, atingindo os cerca de 15 condomínios que cercam e poluem a lagoa. A sede da campanha foi inaugurada ontem, no Espaço para Educação Ambiental, na Avenida Senambetiba 6.350. O Espaço fi-



A lagoa se transformou num depósito de lixo

cará aberto à visitação pública, para informações.

Presente à inauguração o secretário municipal de Desenvolvimento, Arnaldo de Assis Mourthé, ressaltou que a mobilização da comunidade é o maior instrumento de controle contra a poluição, apesar do assunto ser de competência do Município e do Estado. Mourthé ofereceu a Secretaria para a aplicação de multas aos condomínios infratores.

O engenheiro João Augusto Fortes, diretor de Marketing da João Fortes Engenharia, explicou serem poucos os edifícios que dispõem de estação de tratamento de esgoto, naquela área. "Os prédios que possuem o equipamento evitam usá-lo

pelo alto custo de manutenção. O síndico, para economizar energia, não utiliza a bomba da estação de tratamento do esgoto, explicou Fortes. Aí entra a Feema, que além de monitorizar a poluição da lagoa de Marapendi dará cursos aos moradores.

A Serla caberá o mapeamento das margens da lagoa. De acordo com o diretor de estudos e projetos, Hélder Costa, esse cadastramento evitará a retirada de areia para aterros, além da favelização já notada em alguns pontos dos 34 quilômetros de perímetro da lagoa. Estabelecida pela Serla, a faixa é de no mínimo 15 metros, não sendo permitida a construção de casas ou edifícios.

governamentais - já que se trata da utilização de um bem público. A de *O Globo* deu ênfase aos aspectos educacionais e protecionistas, complementados por um box com as características da Lagoa e um parecer técnico sobre as causas da sua poluição. Nenhum dos dois, porém, ouviu um representante da comunidade, como fez o JB (na primeira matéria), que contrapôs o ponto de vista dos moradores às explicações do diretor da João Fortes Engenharia sobre o projeto. A *Folha da Tarde*, por sua vez, restringiu-se ao anúncio do lançamento (no dia seguinte), descrevendo sumariamente os objetivos e as empresas participantes do projeto, que provavelmente é de pouco interesse para o público paulista.

06. 18/09/89

A Lagoa de Marapendi, na Barra da Tijuca, conseguiu unir os interesses de empresários, do Governo e da comunidade. A campanha de educação ambiental para reabilitação e preservação da Lagoa foi iniciada ontem, com o lançamento do projeto "Usar para preservar e preservar para usar", patrocinado por cinco empresas e que contará com o apoio técnico de órgãos públicos estaduais. A intenção é devolver a Lagoa à comunidade, transformando-a num parque aquático.

O lançamento do projeto reuniu empresários, moradores e representantes de órgãos públicos numa área do Condomínio Alfabarra, onde foi construído um salão com 83 metros quadrados, que abrigará os equipamentos utilizados na fiscalização e controle das águas do Canal e da Lagoa de Marapendi. Do lado de fora do salão, construído pela João Fortes Engenharia, ficará o barco doado pela Mesbla Náutica. A embarcação



Poluída, a Lagoa está quase toda cercada pelos condomínios da Barra

será utilizada por técnicos de dois órgãos do Governo: Fundação Estadual de Engenharia do Meio Am-

biente (Feema) e Superintendência Estadual de Rios e Lagoas (Serla). Os técnicos da Feema utilizarão

equipamentos comprados pela empresa Cobra Sub para medição da profundidade, velocidade da corrente e temperatura e para coleta de amostras de água da Lagoa. A Serla fará o cadastramento das ocupações existentes às margens da Lagoa. O Diretor de Estudos e Projetos da Serla, Hélder Costa, afirmou que a Lagoa de Marapendi está impraticável para esportes náuticos, devido ao despejo de esgotos em suas águas.

O Diretor de Comunicação e Marketing da João Fortes Engenharia, João Augusto Fortes, o idealizador do projeto, lembrou que em vários países a iniciativa privada começa a investir no meio ambiente, ciente da melhoria da imagem das empresas junto à opinião pública e a consequente valorização da área que recebe investimentos para preservação ambiental. Representantes da Associação de Moradores e Amigos da Barra estiveram presentes ao lançamento do projeto.

Aterros irregulares e esgoto que agriem o ecossistema

Entre o mar e a Avenida das Américas, a Lagoa de Marapendi, que ocupava originalmente 3,5 milhões de metros quadrados, em 1982 teve sua dimensão reduzida para 3,2 milhões de metros quadrados por causa dos aterros irregulares. Mas não são apenas os aterros que agriem o ecossistema da Lagoa. Segundo o engenheiro Sérgio Sardinia, Diretor da Associação de Moradores da Barra da Tijuca (Amabarra), a cada segundo são lançados 50 litros de esgoto em suas águas.

O Coordenador da área de Oceanografia Física da Uerj, Da-

vid Zee, que há dois anos pesquisa os efeitos da poluição no Canal de Marapendi, afirma que o índice de coliformes fecais nas suas águas é 40 vezes superior ao permitido. O Conselheiro da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária (Abes) Evandro Brito diz que a única estação de tratamento de esgotos que funciona bem na Barra é a do Condomínio Novo Leblon, operada por técnicos da Cedae. Nos demais condomínios, as estações funcionam precariamente e algumas delas são desligadas temporariamente, lançando grande quantidade de esgotos in natura na Lagoa.

CASO E

A fraca repercussão da inauguração de dois comitês do então candidato à Presidência Fernando Collor de Mello, registrada por *O Dia*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo*, foi simplesmente ignorada por *O Globo*, que considerou notícia o trajeto feito por ele entre os dois comitês, supervalorizado como um teste do "preparo físico de quase uma centena de pessoas" que o acompanharam na caminhada.

O Dia destacou no lide a demora de duas horas do candidato, reclamando que "ninguém da sua assessoria justificou oficialmente o atraso" e qualificando-o, no terceiro parágrafo, como "candidato retardatário". *O Estado* também abriu sua matéria com o atraso, afirmando que Collor estava fazendo gravações "sempre sigilosas", para o horário gratuito. O JB só falou do atraso no terceiro parágrafo, atribuindo-o à viagem a Tocantins, e *O Globo*, também no terceiro parágrafo, fez elegia à performance do candidato dizendo que ele "não parecia cansado, embora estivesse chegando, com duas horas de atraso, de uma maratona".

Outro fato destacado pelos jornais foi a curta duração dos dois eventos; "tudo foi muito rápido", "inaugurações relâmpago", segundo o ESF. O candidato "não ficou mais do que 5 minutos em cada comitê e saiu sem falar com os repórteres", de acordo com *O Dia*, que em seu quarto parágrafo diz que o trajeto entre os dois locais foi feito "em ritmo acelerado" e que "Collor só parou para receber os cumprimentos da equipe que representou o Brasil no Campeonato

JB, 17/09/89

Márcia acha que PRN teve uma festa sem povo

BRASÍLIA — "Deviam ter trazido mais povo". A reclamação decepcionada foi feita ontem no início da tarde pela deputada Márcia Kubitschek (PMDB-DF) a um grupo de assessores do candidato Fernando Collor de Mello, do PRN, enquanto o aguardava na QI-7 do Lago Sul, para inaugurar o comitê feminino do partido no Distrito Federal. Apesar dos três ônibus fretados pelo comando da campanha para trazer populares das cidades satélites, não mais de 400 pessoas se concentraram no local, metade deles componentes da comitiva de Collor, que voltou a Brasília às 12 horas, vindo do estado de Tocantins, onde fora gravar cenas para seu programa eleitoral na TV.

A QI-7 é uma das regiões mais nobres de Brasília, concentrando casas da classe média alta da cidade. Enquanto populares, trazidos das cidades satélites, se reuniam em pequenos grupos à espera do candidato, a juventude *collorida* do Lago Sul, onde um segundo comitê também foi inaugurado ontem, interrompia a marcha dos carros que passavam em frente ao comitê, tentando convencer os motoristas a aplicarem adesivos dos candidatos nos vidros. Quanto aos carros que já tinham adesivos de outros candidatos, o tratamento foi diferente: os adesivos acabaram pregados mesmo sem a autorização dos motoristas, gerando muita discussão.

As inaugurações aconteceram com duas horas de atraso em relação ao programa, por causa do atraso na viagem a Tocantins. Collor evitou comentários sobre os programas eleitorais na TV e passou o resto do dia recolhido a sua casa no Lago Sul, em reunião com assessores.

Também passaram o sábado em Brasília os candidatos do PSDB, Mário Covas; do PMDB, Ulysses Guimarães; do PTB, Afonso Camargo; e do PSD, Ronaldo Caiado, todos envolvidos com as gravações de programas para o horário gratuito eleitoral. Covas ficou até o fim da tarde nos estúdios da TV Tucano, viajando em seguida para São Paulo, onde participa hoje de uma planfagem no Jardim da Penha e de uma visita à Feira da Vovó, na Casa dos Velhinhos, em Itaquera, na região metropolitana.

Em nome de Ulysses Guimarães, o candidato a vice do PMDB, Waldir Pires, reuniu-se pela manhã com os representantes do comitê jovem do partido. Ronaldo Caiado viajou para a cidade de Luziânia, a 70 quilômetros de Brasília, para assistir à realização de um rodeio, na Feira Agropecuária local.

Sul-Americano de Karatê", cuja viagem patrocinou. O JB não registrou a rapidez, mas a laconicidade: "Collor evitou comentários sobre os programas eleitorais na TV e passou o resto do dia recolhido a sua casa..." *O Globo* mais uma vez enalteceu o desempenho atlético do candidato: "(...)caminhou tão rápido que as pessoas tiveram que correr para segui-lo".

OG, 17/09/89

Collor vence eleitores em 'maratona' em Brasília

BRASÍLIA — O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, testou ontem o preparo físico de quase uma centena de pessoas durante uma caminhada no Lago Sul — bairro mais sofisticado da Capital —, onde inaugurou dois comitês, deu autógrafos e aceitou para os carros que passavam.

Após inaugurar o Comitê Jovem, Collor decidiu ir a pé até o Comitê do Movimento Feminino de sua campanha, a menos de um quilômetro. No entanto, caminhou tão rápido que as pessoas tiveram de correr para segui-lo.

O candidato não parecia cansado, embora estivesse chegando, com duas horas de atraso, de uma maratona. Ele acordara de madrugada e viajara para o Estado de Tocantins, onde fizera gravações para seu programa de televisão.

Ao chegar ao Comitê Jovem, o candidato era aguardado por cerca de 200 pessoas, em sua maioria jovens moradores do Lago Sul, que organizaram o comitê e dançavam ao som do jingle da campanha. A assessoria de Collor providenciou três ônibus que foram a Ceilândia — cidade satélite mais pobre do Distrito Federal — trazer eleitores para a inauguração.

OD. 17/09/89

Collor tem pressa e não dá entrevistas

BRASÍLIA - O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, chegou 2 horas atrasado ontem, para a inauguração de seus comitês jovem e feminino. Ele não ficou mais do que 5 minutos em cada comitê e saiu sem falar com os repórteres. Ninguém da sua assessoria justificou oficialmente o atraso, mas especulava-se que ele teria ido a São Paulo, no início da manhã, gravar o programa de televisão que será veiculado hoje. A inauguração estava marcada para as 10 horas e Collor chegou ao meio-dia.

O Trio Elétrico Folha Verde, de Maceió, começou a tocar às 9 horas 30m em frente ao comitê jovem, na QI 9 do Lado Sul, mas não reuniu mais do que 300 pessoas, em sua maioria moradores de cidades-satélites. A falta de gente foi comentada até pela única parlamentar do PRN presente, a Deputada Márcia Kubitschek (DF): "Deviam ter trazido mais povo aqui".

Por volta das 11 horas 30m, cansados de esperar pelo candidato retardatário, algumas colletes foram até a pista que passa em frente ao Centro Co-

mercial da QI 9 para distribuir adesivos do candidato. A receptividade dos moradores do Lago Sul não foi das melhores. Muitos recusaram o material de propaganda e um senhor chegou a fechar os vidros de seu carro e dizer que votaria em qualquer um, "menos nesse cara".

O percurso entre a QI 9 e a QI 7, onde está instalado o comitê feminino, foi feito a pé pelo candidato, em menos de dez minutos. Durante o trajeto, coberto em ritmo acelerado, Collor só parou para receber os cumprimentos da equipe que representou o Brasil no Campeonato Sul-Americano de Karatê. Collor foi quem patrocinou a ida dos atletas à Venezuela, e um dos competidores, o bicampeão Altamiro Cruz, agradeceu ao candidato em nome da equipe.

O comitê jovem está funcionando informalmente há dois meses, e segundo o seu presidente, Fabiano Cunha Campos, o trabalho será concentrado na periferia. "Isso aqui é o baoba. Nosso objetivo é suprir as cidades-satélites de material e conquistar o máximo de votos lá", informou ele.

O pouco interesse que os eventos despertaram foi expresso por uma partidária de Collor em uma frase com a qual o JB abriu sua matéria: "Deviam ter trazido mais povo", considerada como uma "reclamação decepcionada" da deputada Márcia Kubitschek - "única parlamentar do PRN presente", segundo *O Dia*. *O Estado* interpretou a frase como um "desgosto da deputada mineira" com o reduzido público e *O Globo* ignorou a frase e a parlamentar. Contudo não houve consenso quanto ao número de pessoas presentes: o encontro "não reuniu mais do que 300 pessoas", conforme *O Dia*, "não mais de

400 pessoas" de acordo com o JB e "cerca de 200 pessoas" nos cálculos do ESP. *O Globo* afirmou que, ao chegar, Collor "era aguardado por cerca de 200 pessoas" mas os reduziu para "quase uma centena" na caminhada entre os dois comitês.

O JB registrou que esta pouca presença de público ocorreu "apesar dos três ônibus fretados para trazer populares das cidades satélites". *O Estado* ironizou que o candidato "bem que tentou aumentar a multidão", afirmando em seguida que "ônibus voltaram praticamente vazios". *O Dia* não mencionou o fato e *O Globo* deu-lhe um sentido trivial ao dizer, no pé da matéria, que "A assessoria de Collor providenciou três ônibus que foram a Ceilândia - cidade satélite mais pobre do Distrito Federal - trazer eleitores para a inauguração".

Assim, *O Globo* afastou (literalmente, no texto) a relação entre os possíveis eleitores buscados em uma área carente do DF e as características sócio-econômicas do Lago Sul - "bairro mais sofisticado da capital" - conforme explicado em seu próprio lide. Dois outros jornais, ao contrário, exploraram esse contraste. Segundo o ESP, os comitês foram organizados "por pessoas da classe média alta" e ficavam "num bairro onde moram pessoas de alto poder aquisitivo - justamente o meio em que o candidato tem perdido mais votos". O JB definiu a QI-7 como "uma das regiões mais nobres de Brasília", que concentra "casas da classe média alta da cidade", e contrapôs "os populares trazidos das cidades satélites" à juventude collorista dos comitês. *O Dia* refere-se a esses jovens como "algumas colloretes" que dis-

tribuíram adesivos do candidato. Segundo o jornal, a receptividade "não foi das melhores. Muitos recusaram o material de propaganda e um senhor chegou a fechar os vidros de seu carro e dizer que votaria em qualquer um, menos nesse cara". De acordo com o relato do *Estado*, "os jovens coloridos conseguiram irritar um grande número de partidários de outras candidaturas", pois "quem passasse de carro se sujeitava a ter um selo" grudado na lataria ou nos vidros. Segundo o JB, "os adesivos acabaram pregados mesmo sem a autorização dos motoristas, gerando muita discussão". As palavras sublinhadas denotam o efeito negativo da atitude dos partidários de Collor percebido pelos repórteres dos três jornais. Para *O Globo*, porém, não houve decepção nem rejeição: enquanto os jornalistas observavam o fracasso do evento, os jovens que organizaram o comitê "dançavam ao som do *jingle* da campanha".

CASO "F"

A pauta era a carreta que o então candidato à Presidência da República Leonel Brizola faria à Baixada Fluminense. Seis jornais mandaram repórteres para cobrir o evento que acabou não acontecendo, gerando uma outra notícia: a da frustração dos brizolistas. Além disso, o experiente político aproveitou a concentração da imprensa em busca de explicações para o cancelamento e criou um outro fato: críticas veementes a dois outros candidatos em relação aos quais vinha se mantendo neutro.

Dois jornais aproveitaram a decepção dos militantes para acentuar uma imagem negativa do candidato - *O Globo* e

O Estado de São Paulo (ver matérias reproduzidas nos anexos). Em seu título, *O Estado* afirmou que "Brizola prefere não se molhar", parodiando o dito popular "Quem sai na chuva é pra se molhar", ou seja, quem entra numa situação, deve se expor. Todo o texto procura mostrar o cancelamento como injustificável, a começar pelo lide (a desculpa, o motivo alegado), e enfatiza a frustração dos brizolistas, contrastando suas atitudes de empenho e resistência com indícios de descaso por parte das lideranças pedetistas:

- desde cedo cerca de 500 pessoas se aglomeravam, em pé, ora sob uma garoa fina, ora sob um sol forte; queriam apenas [pediam pouco] que o candidato aparecesse, ao menos, na sacada. "Ele não apareceu."

- apesar do desfile de carros [como o jornal se refere à carreata] ter sido convocado através dos jornais de maior circulação do Rio, "Brizola ficou em casa e Lyra não saiu do hotel". Um aposentado estava "disposto a enfrentar qualquer temporal". "As reclamações, porém, não chegavam aos ouvidos de Brizola".

- "A gente espera, não tem problema", garantiu uma militante, após mais uma explicação de um assessor. Ela perguntou se Brizola iria até lá quando acabasse a gravação. "Vamos ver", disse o assessor, que não desceu mais.

Nos dois últimos parágrafos, o jornal utiliza-se de enunciados interrogativos para induzir o leitor à falta de compromisso e falsidade de Brizola: "se estava programado de o candidato ficar gravando para o horário gratuito, por que marcou o desfile de carros? se estava com problemas vocais, está gravando o quê?" Para reforçar sua crítica, consegue o endosso de um dos mais ferrenhos militantes (o presidente da Brizolândia): "O maior erro está em marcar e não fazer".

Com um texto muito mais curto e menos informativo, *O Globo* afirmou categoricamente (a partir do título) que a carreata fracassou, o que atribuiu à "presença de poucas pessoas" (cerca de 500 militantes, informou logo abaixo). Duas páginas adiante, porém, não considerou fracasso a pre-

sença de "cerca de 200 pessoas" na inauguração de um comitê de Collor (ver caso "E") e de "quase uma centena" que acompanhou sua caminhada. [Será que os leitores percebem esse tipo de discrepância?] Em relação à tática editorial, vale chamar a atenção para o perigo das tradicionais análises de favorecimento deste ou daquele candidato com base no espaço concedido. Enquanto a notícia sobre Collor - claramente favorável, pelo esvaziamento do fracasso do evento - ocupou 49 cm², com texto em uma coluna de 11 paicas e título em corpo 18, a matéria sobre Brizola - nitidamente negativa pela afirmação do fracasso - ocupou 55 cm², em duas colunas de 12 paicas e título de seis colunas em corpo 60, negrito, no alto da página - logo, com o máximo de destaque.

A *Folha de S. Paulo* também centrou sua matéria na frustração causada pelo cancelamento da carreata, embora sem tanta carga negativa sobre o político gaúcho. Iniciou o texto com a justificativa dada pelo candidato, recheando-o com citações que ironizavam a decisão por causa da chuva (ver trechos sublinhados). Ao mesmo tempo, procurou mostrar que o candidato estava realmente mobilizado pelas gravações do programa eleitoral e aproveitou a fala de um assessor para lançar dúvidas sobre o real motivo da suspensão da carreata: "Todo tempo tem que ser aproveitado na gravação", justificou o assessor, depois de falar também da chuva.

Já *O Dia*, *Ultima Hora* e *JB* priorizaram as declarações de Brizola contra seus três principais adversários, deixando em segundo plano a frustração com a carreata não realizada. Os três jornais selecionaram basicamente as mesmas

afirmações do candidato, transmitindo-as ora em discurso indireto, ora por meio de citações. Segundo *O Dia*, ele "evitou criticar seu programa", mas as observações que transcreveu foram qualificadas pelos outros veículos como autocrítica. É interessante observar que a diferença de público desse jornal aparece na preocupação em explicar o significado do termo *yuppie* - pouco disseminado nas camadas populares. *O Dia* utilizou, também, recursos de transposição indireta de respostas através de verbos que subentendem as perguntas: "Ele não se preocupa que críticas como essa(...)esquivou-se. Brizola negou que...(último parágrafo). Já a UH extrapolou as declarações do candidato para um contexto futuro, supervalorizando-as ao afirmar que "Os novos programas do FDT (...) trarão surpresas(...). Trata-se de um enfoque diametralmente oposto ao de *O Globo*, só que sem manipulação das informações relatadas.

Em relação à suspensão da carreatá, os três jornais destacaram (com diferenças de ênfase) a frustração das cerca de 500 pessoas após mais de três horas de espera; a divulgação que havia sido feita nos jornais; e a justificativa da chuva. Para o JB, o cancelamento causou "uma grande frustração" e a chuva foi uma "alegação", pois sua reportagem apurou que "as chuvas eram ocasionais na Baixada" e não que "chovia torrencialmente", como afirmaram assessores de Brizola. *O Dia* considerou "insistente" a espera de 3 horas e 40 minutos e disse que os "simpatizantes só arredaram pé e o perdoaram quando Brizola desceu para cumprimentá-los". Este foi o único jornal a ressaltar que o candidato pede-

tista "já havia anunciado um dia antes que, se estivesse chovendo, cancelaria o evento".

Cabe observar que existem razões extra-discursivas que influem nas condições de produção e, por conseguinte, no enfoque adotado por esses três jornais cariocas. De um lado, o processo de fechamento: as declarações de Brizola foram feitas no final da tarde, sendo portanto, fato mais recente em relação à finalização da edição do que a matéria da carreata frustrada, coberta na parte da manhã. Além disso, tais declarações visam desdobramentos futuros, enquanto que a importância da carreata esgotou-se na sua não realização e suas consequências ficaram restritas ao passado. De outro lado, há as razões mercadológicas: era impossível ignorar a atenção despertada pelas críticas de Brizola, em função de sua importância no contexto político do Rio de Janeiro (só *O Globo* negligenciou essa circunstância em função de outros interesses de seu proprietário no âmbito da política nacional). Como os jornais "fecham" mais cedo aos sábados e trabalham com equipe reduzida (em função de revezamento de folgas semanais), só um evento de grande interesse nacional justificaria que os jornais paulistas mobilizassem suas sucursais em final de expediente para uma cobertura que colocaria em risco o processo de produção industrial e, conseqüentemente, de distribuição.

3.3.2- quadros de referências

Diante de tanta diversidade verificada nesses casos exemplificadores, cabe fazer uma crítica às técnicas esque-

matizadas nos compêndios jornalísticos e manuais de redação, cuja rigidez parece subentender a existência de simetria entre as condições de produção e os mecanismos de compreensão (inferências) utilizados pelo leitor. Esta pressuposição traz novamente a questão da verdade ou, mais especificamente, do que Herman Parret chama de *veridicção* - o dizer verdadeiro. Tradicionalmente, um enunciado é considerado verdadeiro quando corresponde à realidade. Parret questiona, porém, esse tratamento de correspondência, colocando-se ao lado dos defensores da "teoria da verdade em termos de coerência". O principal fundamento dessa teoria é o de que o mundo existe independente do nosso conhecimento e do nosso discurso, mas é "refletido" ou "espelhado" por sistemas semióticos com valor de verdade.

(...) A realidade é constantemente atualizada ou realizada pela força do pensamento. (...) Aquilo a que chamamos então a Verdade está ligado intrinsecamente às propriedades das crenças que se adquirem como resultado de um processo de interpretação. (...) a realidade é identificada com a verdade, com o que é conhecido como o resultado, nunca definitivo, de um processo de interpretação.⁴⁴

Se cada conjunto de leitores - ou parte dele - aceita como verdadeiro o relato do "seu" jornal (embora a comparação revele a diversidade de interpretações para o mesmo fato ou declaração), então é porque essa comunidade considerou o relato coerente com sua visão de mundo ou adequado aos conhecimentos e crenças pré-existentes sobre o tema, ou ainda útil ao seu universo cotidiano. A relevância dos conteúdos e o valor de verdade das proposições ficam, assim, submetidos aos critérios de coerência, aceitabilidade, ade-

quação e utilidade norteados pelos repertórios de conhecimentos, crenças e valores de cada leitor.

Pelo processo de interpretação aqui proposto - tendo a comparação como método - fica claro que não existe correspondência necessária entre a verdade dos enunciados ou da narrativa jornalística e a verdade dos acontecimentos (o que não quer dizer que não se deva buscar aproximação entre ambas). Parece claro, também, que o leitor não dispõe de outro mecanismo de verificação do valor de verdade dos relatos a não ser pela comparação com os de outros jornais. O dizer-verdadeiro, em jornalismo (mas não só nele), equivale a "fazer-criar" ou a "fazer-parecer-verdadeiro".

(...) a adesão do destinatário só pode ser adquirida se corresponder à sua expectativa, o que equivale a dizer que a construção do *simulacro de verdade* é fortemente condicionada pela representação (dos valores) que o destinador, que é sempre autor da manipulação, manipula.⁴⁵

O processo que gera, no texto, a ilusão ou o efeito de sentido realidade/verdade é o da referencialização, que consiste em reconstituir os contextos dos acontecimentos e reconstruir as referências de mundo que dão sentido às proposições.

(...) "Reconstruir" significa construir de novo o que já está construído: pressupõe-se uma estrutura existente que se simula depois. (...) um discurso reconstutivo implica subjetivação, enquanto que o discurso construtivo procede da objetivação ou da formação de um "objeto" (...) ⁴⁶

Pela sua própria característica de comunicação indireta, o discurso jornalístico resulta de processos de interpretação - atividade cognitiva que opera a passagem de um enunciado dado para outro considerado equivalente. Nessa trans-

posição de um enunciado para outro e de um acontecimento para o seu relato, o narrador jornalístico precisa recriar referências que estão implícitas na relação dialógica entre repórter e fonte e entre personagens de um evento para torná-las compreensíveis na nova situação de troca texto/leitor.

Os relatos jornalísticos são dirigidos a um público que o narrador desconhece e sobre o qual não tem controle, embora possa ter em mente determinado grupo ou tipo de pessoas como destinatários (leitor-modelo). As relações narrador/leitor são, portanto, bastante despersonalizadas e abstratas se comparadas à comunicação interpessoal, daí a tendência à formalidade das regras de enunciação. É aí que se coloca o problema da eficácia comunicativa como condição indispensável de viabilizar um intenção pré-determinada de informar, tornar público, disseminar uma idéia, polemizar, criar identidades etc.

Para ser eficaz, é necessário que o narrador busque pontos de identificação com o leitor, partindo de elementos supostamente conhecidos ou aceitos para acrescentar-lhes dados novos ou revesti-los de outros significados. Parte-se do princípio de que o texto é uma ação cooperativa entre narrador e leitor na qual o que se diz precisa ser ancorado em quadros de referências comuns aos participantes do processo comunicativo. Trata-se, portanto, de dados de realidade que são compartilhados pelos leitores e que os jornalistas atualizam a cada edição.

Os textos jornalísticos se referem, prioritariamente,

aos atores das situações ou acontecimentos relatados (quem fez o que) e aos sujeitos enunciadorees das sequências linguísticas citadas (quem disse o que), contextualizados no tempo e no espaço (quem fez ou disse o que quando e onde). Tem-se, assim, um quadro (a) de:

a.1- referências actanciais

* relativas aos atores e aos sujeitos enunciadorees, referencializados por meio de nomes próprios, papéis que ocupam nos episódios ou situações relatados (protagonista, testemunha, denunciante, autoridade de conhecimento), categorias em que são enquadrados na sociedade (deputado, atleta, atriz, traficante etc) e demonstrativos:(o presidente, um presidiário, este cientista ou ele, quando se referindo a alguém já citado na narrativa (ver item 3.3.2.1);

a.2- referências temporais

* que reconstituem as relações de tempo - início e fim, etapas, duração etc - que circunscrevem os fatos, as situações e o desempenho dos personagens (ver item 3.3.2.2);

a.3- referências espaciais

* que dizem respeito aos contextos de lugar, direção, origem, itinerário, posição relativa etc, nos quais atuam e se movimentam os personagens (ver também item 3.3.2.2).

Mas os atores e os sujeitos enunciadorees agem ou dizem algo movidos por certas circunstâncias de modo, crenças ou razão inscritas em um universo de "estados de coisas" (o que existe, o que se conhece, o que se acredita) que são

recuperados no texto através de (b):

b.1- referências existenciais (ontológicas)

* dizem respeito ao que se considera **possível** ou **impossível** de acontecer, **necessário** que aconteça, **contingente** (que depende das circunstâncias);

A teimosa sobrevivência do ex-ditador das Filipinas, Ferdinand Marcos, em um hospital do Havaí, não permite o desfecho de uma bizarra situação: o enterro de sua mãe, Josefa Marcos.

A situação é bizarra porque Josefa Marcos morreu aos 91 anos em 4 de maio de 1988. Embalsamada e sob constantes cuidados de preservação, o cadáver está em um luxuoso caixão de metal, coberto por uma tampa de vidro, iluminado por dois candelabros de ouro e rodeado por fotografias emolduradas de Ferdinand Marcos. (FSP, 17/9/89)

b.2- referências de conhecimento (epistêmicas)

* dizem respeito ao conhecimento que se tem como **certo** ou **estabelecido**, logo **incontestável**; ao que se considera **excluído** (inadmissível, do ponto de vista do que se admite como real ou verdadeiro); ao que é **plausível** (admitido como real, mesmo que não conhecido); ao que se considera **contestável** (passível de crítica ou negação de validade); e ao que se considera **equivalente** (relativo a semelhanças, aproximações, identidades etc);

A área onde será construído o templo já estava sendo utilizada desde 1974 como local de aprimoramento da comunidade messiânica e para realização de cultos. O aprimoramento, que é a busca de entendimento da vontade divina, está expresso nos acontecimentos do cotidiano e na relações entre as pessoas; do homem com a natureza, a sociedade, o governo. Para o reverendo Ricardo Maruishi, o protótipo será um local "onde as pessoas poderão aprender a viver em harmonia", ou onde se encontrará um ambiente parecido com o paraíso, sem inveja, rancor, doença ou desigualdades. (FT, 18/9/89)

O país consome cerca de cinco vezes menos agrotóxicos por hectare plantado do que o Japão, de acordo com avaliação da Associação Nacional de Defensivos Agrícolas (Andef). No entanto, é preciso considerar quais são os agrotóxicos utilizados e seus respectivos graus de toxicidade, além da forma de aplicação.

b.3- referências morais (deonticas)

* dizem respeito ao que se julga moralmente **obrigatório**; ao que está determinado como **proibido** pelas leis, regras sociais ou poder estabelecido; ao que é **permitido** (moralmente aceito); e ao que é **facultativo** (permitido a

certos grupos sociais) ou tolerável (admissível em certas circunstâncias).

Para Hilton e Maria, que perderam há muito a confiança na Justiça brasileira, o assassinato de Michel Frank restabeleceu, de certa maneira, a justiça.

Mesmo não sendo religiosa, Maria sente-se agradecida a Deus.

(...)era um jovem rico, que costumava dar muitas festas em seu apartamento no Leblon, onde certamente consumia drogas, principalmente cocaína.

A família não era bem vista pela vizinhança. Segundo alguns vizinhos revelaram, Frank estava constantemente drogado e frequentemente recebia visitas de pessoas que descreveram como "esquisitas", na maioria jovens. Os boatos são de que as "visitas" eram na verdade clientes em busca de tóxicos. (trechos extraídos de matéria de O Globo em 19/9/89)

As referências existenciais, morais e de conhecimento estão relacionadas à vida prática, aos interesses cotidianos do leitor e às suas perspectivas de inserção na sociedade em que vive e/ou pretende atuar. Por isso, partem de experiências, julgamentos e saberes subentendidos ou implícitos. Assim como no discurso político, existe no discurso jornalístico o que Hakira Osakabe⁴² chama de "o implícito não explicitável" e "o implícito interdito institucionalmente". O primeiro diz respeito à economia informativa (não se explicitam assuntos ou dados que se considera suficientemente disseminados e aceitos) e às táticas editoriais (não se explicita algo que não se quer ver questionado). O segundo abrange o uso de palavras e expressões consideradas imorais e a descrição de comportamentos tidos como moralmente constrangedores (como cenas de sexo ou de crimes hediondos).

O jornalista, quando escreve, pressupõe que existirá por parte do leitor, além da avaliação do valor de verdade do texto, um julgamento moral sobre as informações e opiniões que está transmitindo. Esta atitude corresponde ao

que Habermas chama de "ética do Discurso", baseada no princípio de universalização como "regra de argumentação para discursos práticos"⁴⁸. Tal ética reduz a multiplicidade de concepções morais empiricamente previsíveis dentro de uma comunidade, excluindo visões de mundo específicas de certos grupos culturais em favor das formas de juízo de valor consensuais. Exclui também o que Osakabe chama de "discursos de tensão", que podem levar ao dissenso entre leitores e jornal.

A mudança de atitude na passagem do agir comunicativo para o Discurso, que ocorre com a tematização de questões de justiça, não é diversa da que tem lugar no caso das questões de verdade. O que até então, no relacionamento ingênuo com as coisas e eventos, havia valido como "fato", tem que ser visto agora como algo que pode existir, mas que também pode não existir. E, assim como os fatos se transformam em "estados de coisa", que podem ser ou não o caso, assim também as normas habitualizadas socialmente transformam-se em possibilidades de regulação que se podem aceitar como válidas ou recusar como inválidas.⁴⁹

Esse tipo de interdição do discurso implica, portanto, racionalizações acerca do que é tido como válido ou pertinente no processo de seleção realizado pelo conjunto de jornalistas que processam as informações e opiniões a que o jornal tem acesso. Desse processo depende o grau de imparcialidade adotado em cada notícia ou reportagem. Os artigos assinados e os editoriais ficam fora dessa avaliação por serem destinados e reconhecidos como a expressão de pontos de vista individuais e institucionais. Os conhecimentos e julgamentos implícitos nas avaliações de fatos e de comportamentos de personagens são de particular impor-

tância nas notícias e reportagens que trabalham com indícios:

Por terem, possivelmente, lesado traficantes de tóxicos que atuam na Vila São Luis, em Duque de Caxias, Gilson Gonçalves da Silva, de 25 anos, e uma mulher negra, aparentemente da mesma idade, foram mortos a tiros na madrugada de ontem. Muita gente ouviu os disparos, mas ninguém se atreveu a verificar o que acontecia. (UH, 18/9/89)

A repatriação dos restos mortais do ex-presidente argentino Juan Manuel Rosas, marcado para o próximo dia 30, poderá ser a oportunidade que o presidente Carlos Saúl Menem esperava para conceder o polêmico indulto aos militares acusados de violação dos direitos humanos durante a "guerra suja" da década passada. (ESP, 17/9/89)

A desmilitarização da Europa parece ser uma hipótese cada vez mais palpável, exceto por uma reversão imprevista. Primeiro, porque o clima gerado pela perestroika cria possibilidades imensas de diálogo. Segundo, porque a crise do Pacto de Varsóvia parece indicar que a divisão do mundo em blocos tem seus dias contados. Mas esta hipótese, a mais otimista, não é tão tranquilizadora. O espectro da barbárie militarista ainda ronda a Europa. (FSP, 17/9/89)

E a partir desses dois conjuntos (a e b) de referências que o narrador jornalístico seleciona as atitudes e visões de mundo dos sujeitos e atores dos acontecimentos que considera pertinentes às suas próprias intenções comunicativas e às do veículo para o qual trabalha. O processo por meio do qual se constroem enunciados visando determinados objetivos de comunicação é denominado (na semiologia) **operações de modalização**. Cabe distinguir, porém, no caso do discurso jornalístico, as modalidades próprias do narrador e as que pertencem aos enunciados proferidos pelas fontes de informação e citados ou transcritos no texto.⁵⁰

a- modalidades das fontes:

a.1- **declarativa** - marca as proposições enunciadas por sujeitos com autoridade de conhecimento ou de poder reconhecida, o que reveste as afirmações de um caráter incontestável;

A indústria de informática não tem cumprido integralmente seu compromisso de manter um intercâmbio com as universidades brasileiras, nem de formular uma política de formação de recursos hu-

manos na área. A observação foi feita ontem, no Informática 89, pelo secretário especial de Ciência e Tecnologia, Décio Leal de Zagottis, durante a divulgação de um documento elaborado por nove entidades relacionadas com o setor e que será encaminhado a cada um dos candidatos à Presidência de República. (ESP, 19/9/89)

O Brasil não está às portas da hiperinflação. E a curto prazo é possível segurar as taxas mensais nas proximidades dos 30%, como pretende o governo. As duas afirmações passariam despercebidas, se não saíssem da boca de um dos mais respeitados e também um dos mais críticos economistas brasileiros: o diretor da Fundação Getúlio Vargas e ex-ministro da Fazenda Octávio Gouvêa de Bulhões. (ESP, 19/9/89)

a.2- **declarativa-representativa** - marca os enunciados completos (e não fragmentos de fala) das fontes ou personagens dos acontecimentos que, ao serem transcritos como discurso direto (em uma sequência de períodos entre aspas ou iniciada por travessão), diluem a responsabilidade do narrador sobre o valor de verdade das proposições. Podem vir em um parágrafo isolado da matéria ou introduzidos por uma frase do narrador:

Ao participar do Encontro com os Presidênciaáveis, Maluf aproveitou para criticar o governo de Leonel Brizola: "Os falsos protetores dos direitos humanos têm que assegurar este direito para o trabalhador e não só para os bandidos. Se um pivete de dezessete anos entra numa joalheria mata a vendedora rouba as jóias não vai preso porque é de menor (sic). Ora, mas ele não vai comer as jóias! Eu criei a Rota (Ronda Ostensiva Tubias de Araújo) para dar segurança ao cidadão." (JB, 19/9/89)

a.3- **expressiva** - marca as atitudes emotivas ou irracionais que uma fonte ou personagem expressa durante uma entrevista, depoimento, comício etc e que o narrador reproduz com a intenção de provocar juízos de valor a seu respeito;

(...)Camarguinho preparou dois decretos para Jânio assinar: um, exonerando Reynaldo; outro, nomeando o chefe de gabinete para o seu lugar. Na hora da cerimônia, Jânio assinou a exoneração mas empacou diante do outro decreto:

"Quem mandou fazer isso?" bronqueou com Camarguinho. E em seguida rasgou o decreto em pedacinhos. (...)Reynaldo ficou furioso: "Ele é um velhaco, como ele pôde fazer isso comigo?" Não adiantou. Reynaldo já estava exonerado e seu chefe de gabinete já não seria seu substituto. (FT, 23/9/89)

b - modalidades do narrador:

b.1- **da mensagem** - corresponde às operações de orga-

nização estrutural dos enunciados, que podem ter uma ou mais orações, visando comunicar uma proposição e reconstituir acontecimentos.

No jornalismo, as modalidades da mensagem são norteadas pelas normas de redação e por esquemas consagrados nos manuais de técnicas jornalísticas que determinam o que é permitido e o que é aconselhável na construção dos enunciados, tendo como pano de fundo as chamadas "máximas conversacionais de Grice" (1967), abaixo descritas de forma adaptada e ampliada:

* *máxima da quantidade* - ser objetivo, não dizendo nada além do necessário para a compreensão da mensagem; implica dosagem das informações na medida exigida pelas circunstâncias da comunicação e condicionada pelas referências epistêmicas compartilhadas entre narrador e leitor;

* *máxima de qualidade* - não afirmar aquilo sobre o qual não se tem provas suficientes ou que encerre contradição lógica no plano referencial; a cada afirmação ou conjunto de afirmações afins deve corresponder uma documentação (através de descrições, explicações, depoimentos etc);

* *máxima da exposição* - ser relevante, isto é, não dizer nada além do que se supõe realmente importante para o leitor; implica conformidade com as experiências existenciais e morais do público-alvo;

* *máxima da maneira* - ser breve e objetivo, evitando a duplicidade de informações, ambiguidade de sentido, obscuridade e prolixidades inúteis.

O atendimento a essas máximas depende da forma como o

narrador escalona e estabelece ligações entre as orações dentro dos enunciados e entre estes na estrutura narrativa. Para isso, duas operações de modalização da mensagem são particularmente importantes: a **topicalização** e a **hierarquização**. A primeira diz respeito à escolha do ponto de partida do enunciado que, dependendo das intenções comunicativas, pode ter objetivo de ênfase ou de esvaziamento de uma proposição, de uma situação ou do papel de um personagem, levando o leitor a uma certa conclusão ou a desviar-se dela.

Exemplo:

Um garoto de oito anos denunciou ontem à polícia de Nova York que sua própria mãe traficava drogas, influenciado por um discurso que o presidente americano George Bush dirigiu às crianças pela televisão.

Influenciado por um discurso que o presidente americano George Bush dirigiu às crianças pela televisão, um garoto de oito anos denunciou ontem à polícia de Nova York que sua própria mãe traficava drogas.

O discurso contra as drogas que o presidente americano George Bush dirigiu às crianças pela televisão influenciou um garoto de oito anos a denunciar sua própria mãe, como traficante, à polícia de Nova York.

O caso "E", analisado no item 3.3.1, é outro bom exemplo de topicalização. Ao abordar o mesmo assunto, dois jornais adotaram como tópico inicial o atraso de Collor às inaugurações, enquanto outro preferiu enfatizar a decepção de uma partidária do candidato com o esvaziamento do evento e o último priorizou um tópico que desviava a atenção do leitor para o desempenho positivo do candidato.

Já a hierarquização consiste na forma de ordenação das orações nos enunciados através da qual o narrador faz referência a estados de coisas, estabelecendo relações de sentido. Pode ser feita por meio de três tipos de opera-

ções: justaposição, coordenação e subordinação.

* **justaposição** - quando as orações são separadas por vírgula, ponto em vírgula ou dois pontos, obedecendo a uma ordenação linear de proposições, cuja ligação de sentido pode indicar causa ou explicação (exemplo I), oposição, ressalva, conclusão ou consequência. Em jornalismo, este recurso é muito utilizado em narrativas descritivas, tornando-se cada vez mais comum a justaposição de orações separadas por ponto, em que se insinuam ou se escamoteiam relações de sentido entre as afirmações (exemplos II, III e IV). Para alguns autores, a justaposição é, na verdade, uma falsa coordenação ou coordenação assindética.

(I) Carlos Alvaros, a mulher Maria do Carmo e os cinco filhos sabem muito bem como são os bandidos do lugar: foram expulsos de casa por eles e ninguém, nem a polícia, pôde fazer qualquer coisa. (JT, 19/9/89)

(II) A secretária dos Transportes, Tereza Lajolo, foi exonerada ontem pela Prefeita Luiza Erundina. Lajolo é a primeira integrante do secretariado da administração petista a deixar seu cargo. A prefeita e parte do seu secretariado discordavam da forma como Lajolo administrava o sistema de transporte. Eles defendiam a tomada de medidas rápidas para o trânsito e transporte coletivo. Lajolo preferia atuar a longo prazo. (JT, 19/9/89)

(III) A empregada doméstica Neuza Muniz dos Santos chegou ontem ao Hospital Municipal Tide Setúbal, em São Miguel Paulista, às 4h45, com uma pequena hemorragia. Grávida de seis meses, precisava de um atendimento de urgência. Os três ginecologistas do hospital estão de licença e nenhum outro médico quis atender Neuza. A única coisa que ela conseguiu foi uma maca. Às 7 horas da manhã, a empregada doméstica deu à luz um menino, no corredor do hospital. A criança nasceu morta e Neuza só conseguiu tratamento médico adequado às 13 horas, quando foi transferida para outro hospital. (JT, 19/9/89)

(IV) São 12 rapazes, vivem em uma mesma casa, em Vila da Fábrica, um bairro operário do município de Camarajibe, localizado a 12 quilômetros do Recife. Normalmente usam camisetas do PT. Convivem com posters de Ché Guevara - "hay que endurecerse pero sin perder la ternura jamás" - assim como com cartazes sobre a emancipação feminina, alguns da CUT ou mesmo de John Lennon espalhados pelas paredes da sala principal da residência. Na estante, os livros são os mais variados: vão de obras religiosas da Editora Vozes, passam por *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, e vão até *Apelo aos vivos*, do ex-comunista Roger Garaudy. (JB, 17/9/89)

* **coordenação** - encadeamento de idéias por meio de orações separadas por conectivos (ou conjunções coordenativas) que também obedecem a uma ordenação linear, porém in-

dicando claramente a relação semântica entre as proposições. A exceção das aditivas, das adversativas e da explicativa "porque", essas conjunções foram encontradas com dificuldade nos jornais pesquisados, que preferem expressões como "além de", "apesar de", "uma vez que", "já que" para expressar:

- idéias que se somam ou se aproximam para descrever um contexto ou situação (conjunções aditivas);

Os surdo-mudos não têm nenhuma reivindicação, nem [= e não] votarão com nenhuma esperança de que os seus votos retornem em forma de benefícios (...). Muitos deles não acompanharam o trabalho de Afif na Constituinte e assumem o voto no prefeito Marcello Alencar nas eleições de 88.

- idéias que se excluem ou se alternam (conjunções alternativas);

O presidente da Confederação Brasileira de Judô, Joaquim Manede, não parece nada preocupado. Nem com as recentes declarações de Aurélio Miguel, o judoca medalha de ouro em Seul; nem com a imediata reação do Planalto, através do presidente da República.

- idéias que marcam oposição, às vezes com nuance semântica de restrição ou ressalva (conjunções adversativas);

Outra alteração feita, no entanto, pode ser fatal para o projeto.

A vereadora Tita Dias observou contudo que o parecer do promotor Grelia refere-se às denúncias levantadas pela Comissão Especial de Inquérito e não contra a acusação de improbidade administrativa que as Comissões Processantes estão apurando.

- a segunda oração encerra o motivo, explicação, razão ou justificativa do que se declara na primeira (conjunções explicativas);

O fundador Alberto Rodrigues da Cunha disse ter escolhido esse nome porque, pela manhã, olhando o povoado de longe, tem-se a impressão de que o loteamento está suspenso sobre a miragem de um grande lago..

- aquilo que se afirma na segunda é consequência, resultado ou efeito do que se declara na primeira (conjunções conclusivas);

Será preciso, portanto, descobrir uma forma de eximir o candidato dos erros do governo, sem afirmar que esses erros são exclusivamente do presidente.

* **subordinação** - quando a ligação entre as orações implica relação de sentido e dependência sintática; trata-se de uma operação de encadeamento lógico, e não linear, das proposições no qual a mudança de ordem dos termos do enunciado provoca alteração nos graus de relevância atri-

buidos às proposições. E a modalidade da mensagem mais utilizada nos textos jornalísticos. No que diz respeito à análise das intenções comunicativas, merecem destaque as subordinadas adverbiais, que expressam oposição de idéias (embora, apesar de, mesmo dizendo que), relações temporais (enquanto, depois que, antes de), causa (por ter feito...), finalidade (para que), condição (se, caso), consequência (tanto fez que...), conformidade (conforme), proporcionalidade (à medida que, quanto mais), comparação (mais do que). Nesse plano, também têm grande importância as orações subordinadas reduzidas, resultantes das formas nominais dos verbos:

- infinitivo: Ao se confrontar com as duas versões, o ex-ministro disse que as desconhece.
- gerúndio: Confrontando-se com as duas versões...
- particípio: Confrontado com...

A importância das modalidades da mensagem para a eficácia comunicativa pode ser exemplificada por uma outra opção para o texto abaixo (construído por justaposição e subordinação):

A rodovia Fernão Dias (BR-381) liga os dois mais populosos Estados brasileiros: São Paulo e Minas. Esta ligação é feita em pista única. Estudos sobre a sua duplicação estão prontos há mais de cinco anos, mas engavetados por falta de recursos. (...) Este trecho, de 70km, vai de São Paulo até Bragança Paulista, onde nos finais de semana o volume de veículos diários chega a 60 mil - 20 mil acima da capacidade da rodovia. (FSP, 17/9/89)

Mantendo-se a mesma topicalização, mas optando-se por operações de subordinação e de coordenação, os conteúdos desse lide poderiam ganhar novo sentido:

Apesar de ligar os dois estados mais populosos do país - São Paulo e Minas Gerais - a Rodovia Fernão Dias

(BR-381) permanece com pista única, suportando uma carga superior à sua capacidade. No trecho de 70km que vai de São Paulo a Bragança Paulista, por exemplo, o volume de veículos que trafegam nos fins de semana chega a 60 mil por dia - 20 mil acima do previsto. Estudos sobre a duplicação dessa estrada estão prontos há mais de cinco anos, mas engavetados por falta de recursos.

b.2- **modalidade representativa** - marcada, na imprensa, pelos textos construídos em discurso direto (mas na terceira pessoa), sem citação ou indicação de fontes, nos quais o narrador assume perante o leitor a responsabilidade pelo valor de verdade dos seus conteúdos e proposições. O perigo dessa modalidade, em jornalismo, é o de levar a falácias ou a sofismas pela generalização de indícios ou de casos particulares, pela utilização de argumentos insuficientes ou inadequados, pela supervalorização da fonte (ouvida em *off*) ou por belos textos construídos com dados falsos ou incompletos - o que, em última instância, significa manipulação de informações e abuso do poder de comunicação.

A modalidade representativa abrange, também, a variante analisadora dos conteúdos do discurso de outrem, na qual verbos com força ilocucionária funcionam como modalizadores das intenções implícitas nos fragmentos de fala citados no texto. Com base em três autores⁵¹ e no material pesquisado, foi possível elaborar uma classificação (nem rígida, nem definitiva) desse tipo de verbo. Note-se, antes, que há alguns que se enquadram em mais de uma das categorias listadas, sendo seu uso determinado pelas intenções do narrador de reproduzir com maior precisão o sentido original das proposições ou de criar juízos de valor a respeito dos enunciadores.

* verbos modalizadores

- de asserção (afirmar, dizer, declarar)

"Isso extingue o dolo e portanto não há como nos processar", afirma o vereador.

- de revelação (revelar, divulgar, anunciar, anteciper, adiantar, confidenciar, comunicar, informar)

"Ficamos reunidos uma semana na Seplan (Ministério do Planejamento) para montar o texto-rascunho da medida provisória", informa José Alves Sena, analista de Finanças e Controle da Secretaria de Controle interno da Seplan, e membro do Movif.

- de narração (contar, relatar, descrever, lembrar, recordar)

"Na época, nem existia uma delegacia de roubos e furtos de automóveis e muito menos divisão (...) - lembrou Luiz Mariano.

- de denúncia (denunciar, apontar, acusar)

"Ele praticamente não comeu nada. Morreu de inanição e devido a grande quantidade de drogas", acusou.

- de opinião (achar, crer, acreditar, pensar, opinar, julgar, comentar)

"Toda pessoa viciada em ice deve ser colocada numa camisa de força", opina o professor Karl Muller, do Havaí.

- de resposta (responder, confirmar, negar, admitir, reconhecer)

"Queremos que o partido seja aberto. Por isso, não existem motivos para impedir a presença dos jornalistas", respondeu Mieczyslaw Rakowski, secretário-geral do PC.

- de réplica (contestar, contrapor, discordar, refutar, contra-argumentar, defender-se)

"Dizem que eu levei uma grana alta, mas não ganhei nada", defendeu-se.

- de recusa (negar, repudiar, criticar, duvidar, ironizar)

Sartori repudia as denúncias de que a entidade seja marxista:

"Não concordamos com a acusação, que os materialistas fazem, de que a religião é o ópio do povo e para o povo, embora em algumas paredes do Instituto haja cartazes com frases de Marx, mas acompanhadas por frases de outros líderes da história, como Gandhi.

- de queixa (queixar-se, lamentar, reclamar, protestar)

"Sempre que promovemos alguma atividade importante, eles fazem algo para denegrir nossa reputação", protesta Marco Resende, ministro da Igreja Messiânica Mundial.

- de concessão (reconhecer, confessar, admitir, assumir)

Maradona ao entrar no segundo tempo foi de tal maneira ovacionado que, depois, confessou: "Me senti como uma criança".

- de inquirição (indagar, perguntar, questionar)

"Por que a Constituição só foi aplicada para um lado? Por que foi utilizada apenas para aumentar o número de vereadores?" indaga o advogado.

- de conjectura (estimar, prever, apostar, supor, suspeitar, imaginar, calcular, vaticinar))

"Não há a menor dúvida em relação a isto. A vitória de Collor no interior promete ser avassaladora" - vaticina, sem conter o entusiasmo, o Presidente da Artplan, publicitário Roberto Medina.

- de expectativa (esperar, desejar, acreditar, imaginar, querer)

"Depois que o usuário do cartão sentir a qualidade do serviço, poderemos conquistar mais clientes para o banco", imagina Hartzell.

- de importância (ênfatisar, destacar, acentuar, frisar, ressaltar, chamar a atenção para, advertir, alertar)

"Nós queremos despertar em toda a população a necessidade de se unir para lutar contra a aprovação do projeto do Governo Federal (...), ressaltou o vice-presidente da Asaprev, Roberto Pires.

- de reforço da asserção (garantir, assegurar, confirmar, sentenciar)

"Antes mesmo de assumirmos, estaremos notificando os credores externos de que as atuais cláusulas de pagamento da dívida externa não podem continuar", assegurou.

- de compromisso (prometer, comprometer-se, garantir)

A façanha, no entanto, será difícil, já que Nepomuceno confessa que ainda não escreveu nem uma linha do livro. "Mas as informações estão completamente organizadas", garante.

- de proposição didática (explicar, demonstrar, detalhar, comparar)

"O custo de um consumo mensal dessa natureza equivale ao preço de quatro garrafas de cerveja", compara.

"Estes microorganismos precisam de oxigênio para viver", explica Moraes Junior.. "Ao comerem o oxigênio, acabam também com as substâncias tóxicas", detalha.

- de categorização (classificar, definir, chamar de, denominar, comparar)

(...)afirmou o presidenciável, chamando os três de trindade política que "não representa nenhuma mudança".

- de emocionalidade circunstancial ou estado de ânimo (desabafar, gritar, esbravejar, vociferar)

"O Ulysses, quando acuado, é o melhor orador do mundo", entusiasma-se em Fortaleza o deputado Márcio Braga.

"Eles queriam que Funaro fizesse o papel de Cid Moreira", brinca o autor.

- de enfrentamento (desafiar, provocar, incitar)

Tal comparação causou irritação ao Presidente, mas a reação de Sarney não preocupa. "Se ele quiser responder que responda. Estamos numa democracia", desafiou Ulysses.

- de função conativa (apelar, convocar, estimular, incentivar)

"Está na hora de votar egoisticamente; que outro candidato, além de Maluf, seria capaz de conhecer cada um dos quarteirões de Tupã?!", pregava o candidato.

- de argumentação (argumentar, raciocinar, ponderar,

lembrar, discorrer, observar)

"Se a Constituição manda que se aplique a proporcionalidade populacional, o desembargador Fonseca Passos deveria diminuir o número de vereadores dos outros municípios. Mas não o fez" argumenta.

- de avaliação (avaliar, ponderar, concluir)

"Até agora, os outros candidatos faziam três Estados em um dia e nós levávamos três dias para ir e voltar de um Estado", exagera o assessor de Lula.

- de reiteração (lembrar, reiterar, repetir, insistir, tornar a dizer)

"O Brasil não pagará a dívida externa nem com a recessão, nem com o desemprego, nem com a fome", repetiu Sarney.

- de conclusão (concluir, finalizar, completar, acrescentar)

"Caso contrário, o movimento iria se esvaziar e cair no esquecimento", acrescentou.

c. modalidade mista

* diretiva de interpelação - corresponde aos enunciados interrogativos tanto das fontes quanto do narrador jornalístico. No primeiro caso, marca os enunciados de recusa, réplica ou de argumentação, algumas vezes carregados de ironia.

Bezerra preocupa-se em como ficará o trânsito, com calçada para todo lado. "Se já é caótico agora, calcule depois que afunilarem mais as pistas. Por onde escoará todo o fluxo de carros que hoje passa pela Ipiranga - por essas transversalzinhas que têm por aí?" (JT, 18/9/89)

No caso do narrador, é utilizada para despertar curiosidade, introduzir um novo tema, apontar contradições ou levar o leitor a acompanhar uma determinada linha de raciocínio. Também comporta a ironia.

O que faz para sobreviver um país pequeno da América Latina, com mercado interno reduzido, escassez de capital e de tecnologia, sem expressão no ranking das exportações? Quem responde pelo Uruguai é um dos donos de um dos maiores e mais representativos escritórios de Montevidéu, o advogado Ignacio de Posadas Montero, que esteve no Brasil na última semana, falando a empresários nacionais(...). (OG, 17/9/89)

(...)O que aconteceu, afinal? Sarney não entendeu bem a mensagem do programa de Ulysses, ou a produtora de Ulysses não deixou suficientemente claro que na casa de dona Margarida havia, sim, luz elétrica, depois das dificuldades que ela passou para conseguir? (ESP, 17/9/89)

3.3.2.1- sujeitos da narrativa

As colunas sociais nos mostram as classes

dominantes em seus momentos de lazer e prestígio, às vezes lançando farpas políticas ou pessoais sobre este ou aquele em particular. As páginas econômicas dos jornais e as análises de revistas nos acostumam a vê-las e a entendê-las atuando e agindo na esfera da produção. Os artigos de um ou outro empresário nos dão uma idéia do que seria o mundo de seus sonhos e da imagem que fazem da realidade.

Rene Dreyfuss⁵⁴

O jornal, como um universo organizado de saberes e discursos, reproduz relações sociais ao estabelecer papéis para os diversos mediadores entre uma situação da realidade e o público-alvo. Não se trata, apenas, de papéis demarcados pela função dos atores e sujeitos nos acontecimentos e declarações (protagonistas, observadores, testemunhas, denunciantes, declarantes, autoridades, especialistas etc), mas também da reprodução das relações hierárquicas existentes na sociedade, em termos das estruturas de poder, da organização social (estruturas de classe) e até do domínio de saberes (em que se valorizam pessoas como "autoridades de conhecimento" em determinados campos).

Essa lógica discursiva privilegia os discursos oficiais das instituições em detrimento dos pacientes das decisões políticas e econômicas e dispensa tratamento desigual aos personagens das notícias, conforme sua situação social. Os criminosos comuns, por exemplo - astros das mazelas cotidianas das grandes cidades - são "suspeitos", "acusados" (quando não condenados antes do julgamento), enquanto os criminosos da área financeira são "envolvidos" no "caso tal". Da mesma forma, os inimigos políticos e ideológicos da empresa jornalística são tratados pejorativa ou

ironicamente, através do realce aos seus mínimos deslizes e a atributos sabidamente inconvenientes em certos momentos ("o ex-guerrilheiro Fernando Gabeira, candidato a governador pelo PT..."). A outra face da moeda é o engajamento (às vezes até "tietagem" ou fanclubismo) que alguns repórteres deixam escapar no texto através de expressões como "o filósofo popular e petista" ou "o poeta maior da MPB".

Assim, ao se analisar as marcas das intenções comunicativas presentes no texto jornalístico, é preciso diferenciar as formas de referência aos sujeitos da narrativa que possuem finalidade de identificação e de qualificação. No primeiro caso incluem-se os nomes próprios, apelidos, funções nos acontecimentos (a testemunha, a vítima, o delegado encarregado do caso tal etc), e as profissões, funções ou cargos que substituem o nome próprio já mencionado na matéria (o deputado, a atriz, o diretor da estatal, o ex-governador etc). Já as formas de qualificação abrangem classificações técnicas e ideológicas (especialista em problemas reumáticos, membro da ala esquerda do partido) e categorias de grupos (os parlamentares, a classe média, o empresariado), que às vezes levam a generalizações impróprias. Cabe ressaltar, porém, que dependendo do contexto algumas formas de identificação (como certos apelidos ou funções que a pessoa gostaria de esquecer que exerceu) podem ser utilizadas como qualificadoras.

Na festa de estréia de Bebeto, ontem na Vila Belmiro, diante do Santos, o artilheiro - astro maior do Vasco - não poderia dar melhor presente para a torcida do que abrir caminho para a virada de 2 a 1. O craque deixou a sua marca no primeiro tempo e o goleiro decretou o final.

A vítima morreu na porta de sua residência. (...) Nenhum morador da vila soube informar sobre o crime, afirmando não terem visto, nem ouvido nada.

O atirador não se importou com as quase 500 pessoas que assistiam à partida de futebol e disparou seguidas vezes contra os três rapazes. O pai de Marcelo, Jair dos Santos, não soube a que atribuir o crime, mas os policiais da 34ª DP (Bangu) acreditam na hipótese de um "acerto de contas" e envolvimento dos jovens com o tráfico de drogas.

O menino Afranio Peixoto Gouveia, 8 anos, foi baleado na cabeça por J.O., 16, na Estrada do Mendanha, 1675, em Campo Grande. Segundo testemunhas, os dois estavam brincando quando iniciaram uma discussão.

Quatro homens armados assaltaram a casa do bispo diocesano de Santos (65km a sudeste de São Paulo), dom Davi Picão, da ala progressista da Igreja.

Resumindo o clima de festa popular na praça, o filósofo popular e petista Carlito Maia disse: "eu vim meio adoentado e fiquei bom; o povo na praça é um santo remédio".

(...)quando o novo Presidente estará assumindo o cargo, que, segundo se espera, contará com o respaldo da maioria dos brasileiros. [generalização imprópria: a maioria dos brasileiros não é eleitora]

A proibição foi decidida por três ministérios - Transportes, Trabalho e Saúde -, por pressão de entidades antitabagistas.

Os mineiros, que na política são conhecidos por uma atuação discreta, mas eficiente, parecem dispostos a reeditar a velha tradição do "café com leite".

(...)vice-governador licenciado do Estado de Goiás, Roriz aproveita sua passagem pelo Palácio do Buriti para chegar perto da parcela do eleitorado que costuma decidir as eleições - a classe baixa.

Para se defender da inflação, a classe média correu para os Fundos. As aplicações financeiras nos Fundos de Curto Prazo estão aumentando em grande velocidade, com os pequenos e médios investidores funcionando como acelerador.

Antes que Collor chegasse, os jovens colloridos conseguiram irritar grande número de partidários de outras candidaturas.

Começa a ser preparado hoje pelas principais lideranças empresariais paulistas um plano de emergência contra a inflação.

No discurso indireto, há uma série de verbos e de locuções verbais que funcionam como modalizadores das atitudes dos sujeitos da narrativa, numa variedade tão grande quanto as possibilidades de reações dos indivíduos, o que exige do jornalista - para ser um bom narrador - uma apurada capacidade de observação, como indicam os exemplos a seguir.

Ele tinha receio de pegar chuva, ficar gripado e, assim, prejudicar sua atuação nos programas.

Quando viu o público inexpressivo, o candidato entendeu que caberia a ele transformar o pequeno comício num acontecimento.

Lula se orgulhou de que "ninguém consegue botar tanta gente na rua como a Frente Brasil Popular".(fc)

O dirigente acredita que(...) Por isso desafia a direção do Detran a ir até o terminal de ônibus da Central do Brasil, na hora do rush, para ver de perto como se comporta a população.

O irmão de Célia, Aguinaldo Silva, mostrou-se revoltado com a atitude do delegado.

3.3.2.2- tempo e espaço

Tempo e espaço são categorias que circunscrevem a atuação e a movimentação dos personagens nos fatos e situações reconstituídos pela narrativa jornalística. Mas as referências espaço-temporais não se limitam a reproduzir factualmente a linearidade do tempo e a dimensionalidade do espaço. Elas são também modalizadoras de aspectos contextuais que dão sentido às relações entre indivíduos e entre estes e os estados de coisas. A diferença entre o presidente discursou e o presidente estava discursando não é de tempo (ambos estão no passado), mas de aspecto: a primeira proposição restringe-se a uma ação já finalizada; a segunda contrapõe ou associa a ação a outro contexto, porque algo de relevante aconteceu enquanto o presidente estava discursando. Da mesma forma que na frase _ "Na praça havia 450 mil pessoas, o equivalente a três maracanãs lotados" _ a referência às dimensões do local não se dá pelas medidas reais (em metros quadrados) do espaço, mas pelo seu aspecto de continente.

As formas linguísticas que expressam factualmente a perspectiva espaço-temporal dos falantes são denominadas *deíticos* (do grego *deitkos*, equivalente a "capaz de mostrar

diretamente"). Expressões dêiticas como isto, aquilo, aqui, ali, agora, ainda há pouco - típicas dos noticiários radiofônico e televisivo - não são pertinentes na mídia impressa, onde há uma grande defasagem entre o momento e o lugar dos acontecimentos e aqueles em que o texto é lido. Neste caso, não há co-presença entre emissor e receptor nem no momento do fato, nem na emissão/recepção dos relatos (sequer de forma simulada, como faz a televisão).

O aqui e o agora em que o narrador produz seus relatos para um jornal não são o aqui e o agora do leitor nem o aqui e o agora do fato, no tempo real em que se deu. Em geral, o jornalista sequer está presente no momento exato em que um fato e/ou situação têm início (afinal, ninguém prevê um incêndio, um crime ou um desabamento, por exemplo) e não raras vezes precisa lançar mão de "testemunhas oculares" dos acontecimentos para dar conta de sua reconstituição. Isto faz com que o repórter precise "traduzir" (ou simplesmente eliminar) a perspectiva imediata de quem viveu ou presenciou o desenrolar dos fatos para uma outra dimensão espaço-temporal que faça sentido para o leitor, na distância que o separa das ocorrências.

Toda reconstituição tem como base um sistema triádico de tempo - passado, presente, futuro - no qual o presente é tomado como o eixo de referência de onde se relata o que precede (passado) e o que sucede (futuro). Porém, essa linearidade não é suficiente para dar conta da variedade de relações que envolvem os indivíduos e os estados de coisas, como simultaneidade, sucessividade, duração, iniciação,

terminação, incoação (situação iniciada mas ainda não encerrada), repetição e ritmo, como exemplificam os trechos a seguir.

A partir de 29 de dezembro será proibido fumar em todos os vãos - domésticos ou internacionais - das companhias aéreas canadenses. (começo com terminação indefinida)

Joseph Wheelwright, um escultor de Massachussets (Estados Unidos), que aderiu aos patins quando eles ficaram na moda, no início desta década, acaba de projetar patins destinados às pessoas que trabalham no centro da cidade. (fato passado que referencia o sujeito no presente)

Um urubu de hábitos excêntricos está causando polêmica na pacata Pongal (440km a noroeste de São Paulo). A ave vive ali há três anos e recebeu o nome de "Getúlio". Entre outras coisas, sb gosta de se alimentar de carne de primeira qualidade e leite fresco, de brincar com "Cartucho", um cão que lhe faz companhia. (continuidade, hábito)

O assalto durou duas horas, das 21h às 23h de terça-feira à noite.(...) O assalto é o quarto deste ano contra religiosos em Santos. Em junho, a Cúria diocesana foi assaltada duas vezes. (duração, demarcação de início e fim, ordem, localização no calendário, repetição)

A prefeita Luiza Erundina está visitando hoje, ao meio-dia, as obras do mutirão de Valo Velho, em Campo Limpo (zona sul de São Paulo). Estão sendo construídas no local 196 casas pelos futuros moradores (...). (futuro próximo indicando possibilidade de demora na ação e situação em andamento com objetivo previsto)

O recente aumento dos preços do metro cúbico da água - entre 300 e 1.000 por cento - que está sendo cobrado desde o último dia 10 pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto (Saac) de Barra Mansa será examinado por uma comissão de inquérito formada por cinco vereadores, a partir de quarta-feira. (situações presente e futura relacionadas e com início demarcado)

Dois policiais morreram e cinco ficaram feridos durante os ataques do narcotráfico, que colocaram o país sob tensão enquanto se comemorava o "Dia do Amor e da Amizade", uma das festas mais populares da Colômbia. (simultaneidade de dois fatos contrastantes)

A Baixada Fluminense foi ontem novamente visitada pelos fiscais do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) que, em prosseguimento à Operação Liberdade, apreenderam 14 jacarés papo-amarelo, quatro jabutis e cinco maritacas. (repetição, continuidade)

Dos 750 marrecos de Pequim mandados em agosto para Campos, 70 já morreram desidratados, segundo informou o veterinário Antonio Siqueira, Diretor do Colégio Agrícola Antônio Sarlo, onde estão as aves. (a partícula "já" contraposta ao mês indica frustração de expectativas em relação ao fato: muitos marrecos morreram em pouco tempo)

(obs: os cinco primeiros exemplos foram extraídos da edição de 17/9/89 da FSP e os restantes de 06, na mesma data)

Há enunciados que desprezam a precisão factual para

dar ênfase a aspectos psicológicos do tempo, algumas vezes relacionando-os a atitudes ou movimentos de personagens em espaços físicos e institucionais delimitados (referências espaço-temporais integradas)

Felix Bloch e seu *poodle*, Mephisto, têm estado fora das manchetes de primeira página nos últimos dias. Mas o inquérito sobre se o veterano diplomata era de fato um espião soviético continua numa marcha silenciosa, sem nenhuma conclusão à vista. (processo lento, com resultados indefinidos, insinuando frustração de expectativas)

Após cerca de dez dias andando a passos lentos, a Assembléia Constituinte estadual, graças a um acordo entre bancadas, conseguiu, durante a última semana, acejear seus trabalhos e aprovar cerca de 80 por cento do texto da nova Constituição, incluindo seus temas mais polêmicos. (relação entre dois ritmos, mudança de atitude e seu resultado)

Collor chegou ao meio-dia no Comitê Jovem, depois - tudo muito rápido - caminhou uns 300 metros, até o Feminino. Foram inaugurações relapago. (impressão subjetiva da duração do percurso e dos eventos)

O Jardim Botânico ainda não se preparou para a chegada da primavera, na próxima sexta-feira, dia 22. Prova disso é que suas alamedas estão tomadas por montes de entulho, folhas, galhos e troncos de árvores que, em vários pontos, impedem a passagem dos visitantes. (a descrição do cenário documenta uma situação defasada no tempo, indicando atitude de descaso)

Foi como uma cena de cinema: o trem do metrô parou na plataforma, a garota entrou, sentou-se, fecharam-se as portas e o trem partiu. Um senhor aparentando ter entre 55 e 60 anos, cabelos grisalhos, caminhou em direção a ela, arrancou-a da cadeira, jogou-a no chão e a estuprou. O trem parou na estação seguinte, ninguém entrou, e o estupro prosseguiu. (texto de José Carlos Santana, correspondente de *O Estado de São Paulo* em Londres, publicado em 17/9/89; a descrição telegráfica recria a rapidez do desenrolar dos fatos mas o verbo "prosseguir", no final, referencia a lentidão psicológica da violência)

Vê-se, assim, que as relações temporais implicam um quadro de referências muito mais amplo do que o oferecido pelo sistema triádico e no qual os tempos e modos verbais combinados funcionam como demarcadores de situações na linha do tempo, conforme esquematizou Othon Maria Garcia⁵³. (Dessa classificação foram excluídas as situações que se restringem à comunicação oral.)

a) presente do indicativo

* **habitualidade ou frequência** - "E o presente chamado universal ou acronístico, com que se expressam fatos habituais, perenes, notórios, doutrina firmada, conceitos filosóficos ou morais, em tom sentencioso ou proverbial." 54

As chuvas que caem em janeiro...

A Terra é um planeta que...

* **ação próxima e decidida**

Os professores da rede pública estadual fazem amanhã uma paralisação de advertência pelo não pagamento de seus atrasados.

* **promessa ou ameaça (em lugar do futuro)**

O governador garante que não negocia [em vez de negociar] até que os grevistas voltem ao trabalho.

* **presente histórico (fatos passados relatados como se estivessem acontecendo diante do leitor)**

Passa um pouco das 6 da tarde e Anderson Fernando Firmino, oito anos, conserta um skate na porta de casa com um amigo da mesma idade. Então começa o tiroteio e, como sempre acontece, todos que estão na rua correm para dentro. Ele também. Só que, desta vez, avisando: "Vó, fui atingido!" Cai nos braços de dona Rute Mendes Firmino enquanto a tia Maria Aparecida sai em busca de socorro. Anderson morre antes de chegar ao hospital. Agora a rua Joaquim Ferreira da Rocha - a mesma onde fica o 45º Distrito Policial, na Vila Brasilândia, zona Norte - está em pé de guerra. (adaptado de texto do JT, 18/9/89, pag.14)

obs: o "agora", na imprensa diária, tem valor incoativo e não dêitico, como nos meios eletrônicos de comunicação

* **validade duradoura (presente de citação)**

"Sou do tipo que nunca leva desaforos para casa", afirmou o coronel.

b) pretérito imperfeito do indicativo

* **simultaneidade ou duração no passado**

Quando a polícia chegou, os assaltantes ainda tentavam arrombar o cofre.

* **hábito no passado**

Antes de assumir a presidência, ele costumava acordar tarde.

c) pretérito mais que perfeito

* **ação anterior a outra no passado**

Quando subiu ao palco, ele já fiscalizara a aparelhagem, constatando que estava tudo bem.

d) futuro do presente

* **incerteza, cálculo aproximado (futuro problemático)**

As reservas cambiais durarão no máximo até abril, prevê o economista.

* **fato provável no momento em que se fala (futuro hipotético)**

Lula lembrou que, no Governo, vai suspender imediatamente o pagamento da dívida externa.

* **observância a preceitos ou normas (valor impera-**

tivo)

O presidente cumprirá a Constituição, garantiu o ministro.

Além dos verbos, as situações também podem ser demarcadas no tempo por sintagmas nominais (o ex-deputado, o sucessor do presidente, a próxima década, a estréia) e por conjunções ou locuções conjuntivas denotadoras de:

- anterioridade (antes que, primeiro que)
- sucessividade (depois que, assim que, após)
- subsequência (logo que, mal, apenas)
- simultaneidade (enquanto, quando)
- finalização (até que, até quando)
- iniciação (a partir de , desde quando, desde que)
- continuidade (a última vez que, agora que)
- frequência (toda vez que, sempre que, cada vez

que)

- intensidade (pouco antes, muito depois, imediatamente depois)
- progressão (à medida que, à proporção que)

Mas, apesar de todos esses recursos descritos, é bom que se tenha em mente, como lembra Othon Garcia⁵⁵, que o vocabulário da área semântica de tempo possui um campo de referência geral (idade, era, época, período, fase, temporada, prazo, instante etc) e campos de referências específicas (fluir do tempo, duração, cronologia, intervalo, frequência, interrupções, medição etc) que parecem infinitas, como o próprio tempo.

Em relação ao leitor, as referências temporais movimentam-se a partir de um ponto próximo (o "hoje" da edição

do jornal) para trás (passado) e para frente (futuro). Já as referências espaciais funcionam como coordenadas em torno de um ou mais pontos considerados relevantes nos acontecimentos e que servem de conexão a outras direções. Seu campo semântico abrange referências factuais (localização, distância, percurso, dimensões, proporções, posições relativas, cenários); referências existenciais, individuais ou coletivas (locais marcados por ligações afetivas e históricas; instituições sociais como escola, hospital, delegacia etc; ambientes do dia-a-dia como ruas, lojas, restaurantes etc) e de conhecimento (áreas geográficas como cidades, países e regiões, contextos rurais e urbanos, universo cósmico). Essa complexidade explica a atual preocupação de certos jornais (às vezes excessiva e até mal realizada) em detalhar coordenadas espaciais para públicos cada vez mais amplos e heterogêneos como os visados pelos projetos de grande alcance mercadológico.

4- SOBRE O DITO E O NAO-DITO NA PRIMEIRA PAGINA

A informação jornalística é um dado que se presume ser do interesse de uma parte ou do conjunto dos leitores. Numa definição pragmática pode-se dizer que é frequentemente a descrição de um fato que alguns querem esconder mas muitos querem conhecer.

Manual da Folha de S.Paulo, 1ª edição, 1984

Nas sociedades complexas, o intenso fluxo de informações produzidas diariamente geraria um caos se não houvesse instâncias responsáveis pela organização da sua distribuição e consumo, dando sentido lógico aos acontecimentos, neutralizando a entropia. Diariamente, os jornais extraem desse fluxo informações que podem gerar surpresas, pelo seu caráter inesperado, inusitado ou dramático; ou provocar a revisão de conceitos, de valores e de status individuais até então cristalizados e tidos como inabaláveis. São as chamadas novidades, que refletem o movimento dos indivíduos e as transformações sociais.

Ao mesmo tempo, porém, os jornais destacam informações não necessariamente novas que reforçam conceitos, valores e personagens do *establishment* que consideram ameaçados ou "esquecidos". Através dessa seleção de informações no fluxo de acontecimentos cotidianos os jornais visam, ao mesmo tempo, atualizar dados de realidade e reforçar visões de mundo, reinterpretando as novidades.

No processo de apuração, redação e edição, o jornalista - como intermediário entre os meios de elaboração técnico-científicos, econômicos, políticos, culturais e o público-alvo - tanto pode optar por fatos favoráveis à or-

dem estabelecida quanto por aqueles que reflitam mudanças fundamentais em curso na sociedade. Isto depende, sobretudo, da capacidade de reflexão dos profissionais de imprensa envolvidos no processo decisório do jornal e do seu poder de barganha junto aos executivos zeladores dos interesses empresariais. A luta interna entre essas duas possibilidades de seleção e ordenação das novidades costuma gerar edições híbridas, às vezes aparentemente contraditórias, entre o realmente novo e o *dejá vú* recuperado, ou entre visões de mundo consideradas conservadoras e progressistas.

De qualquer forma, os jornalistas são obrigados a escolher os assuntos que estarão na edição do dia seguinte e a avaliar, entre esses, os mais importantes para a elaboração da primeira página. Além do fluxo de acontecimentos cotidianos - que inclui desdobramentos de fatos já divulgados (suites), situações em andamento (ex.: "caso Nahas") eventos previstos e fatos iminentes - interessam informações produzidas em círculos específicos, como informática, agricultura, negócios etc, que compõem seções ou cadernos especializados, necessários à inserção do jornal no mercado de consumo e úteis à ampliação do repertório cultural dos leitores. Sua importância está no interesse pragmático que despertam e que une pessoas de diferentes profissões, idades, regiões, posições políticas etc (ex.: turismo para quem gosta de viajar, informática para quem usa ou quer usar computador).

O valor de novidade desse tipo de informação está na sua divulgação para públicos mais amplos do que aqueles em

que normalmente circulam, e não no quanto sejam recentes. Assim, uma descoberta científica feita "no mês passado", mas que se manteve restrita à comunidade acadêmica durante todo esse tempo, tem valor de novidade para o chamado "público leigo" ao ser divulgada pela primeira vez em um veículo de comunicação de massa. Ainda mais se ela implicar novos procedimentos no diagnóstico e/ou tratamento de uma doença, no consumo de determinado alimento, nas precauções a serem tomadas com certos agentes químicos ou qualquer outra consequência para o cotidiano dos cidadãos.

A maior ou menor concentração dos assuntos de primeira página de um jornal em áreas temáticas (política, economia, crimes, esportes etc) e o destaque dado a informações específicas têm relação direta com o público visado. Pessoas envolvidas em funções estratégicas ou decisórias, por exemplo, costumam ter grande interesse por informações dos campos político, econômico e tecnológico, embora também desejem estar atualizadas em certas áreas culturais, esportivas e de consumo. Já as que pertencem às camadas médias e às menos favorecidas da população tendem a se interessar mais por matérias de comportamento, cultura e lazer, embora também tenham necessidade de saber das principais decisões políticas e econômicas que afetem as relações cotidianas de capital/trabalho, fornecedores/consumidores, governo/contribuinte, Estado/sociedade etc.

Por outro lado, é extremamente difícil para pessoas com baixos níveis de escolaridade e de poder aquisitivo entender notícias sobre ciência e tecnologia, negócios, rea-

lidade de outros países etc, que exigem referências de conhecimento estranhas às suas experiências concretas de vida. Todos esses fatores orientam - e às vezes restringem - o repertório de assuntos selecionados para a primeira página.

As estratégias de circulação também influem na proporção que cada jornal estabelece entre as notícias de origem e interesse local, nacional e internacional. Jornais destinados às camadas média e alta da população e com interesse em atingir públicos mais amplos, tendem a dar mais destaque a notícias nacionais e internacionais, enquanto os voltados para as camadas média e baixa concentradas em determinadas regiões (zona oeste do Rio de Janeiro, Baixada Fluminense, periferia de São Paulo) enfatizam o noticiário local (ver item 4.1).

Essa adequação ao público influi, ainda, na seleção dos conteúdos destacados na primeira página. Para os leitores de *O Dia*, por exemplo, as principais informações sobre uma greve geral podem ser a de se os motoristas de ônibus vão parar e a de quais categoriais de trabalhadores já aderiram ao movimento. Para grande parte dos leitores de *O Estado de São Paulo*, porém, o mais importante pode ser a previsão dos prejuízos empresariais, caso a greve seja bem sucedida, e as medidas que o governo está tomando para conter a paralização.

Depois de selecionados, os assuntos são resumidos em tópicos - os títulos, às vezes detalhados em subtítulos - e em breves narrativas - as chamadas e os textos-legenda (descrição ou comentário de um fato ilustrado por foto de

impacto). Esse conjunto integrado resulta de operações sintáticas e semânticas através das quais se estabelecem relações de causa/efeito, motivo/consequência, agentes/pacientes, heróis/vilões etc, visando ressaltar, condenar ou minimizar decisões, comportamentos e proposições. Seu principal instrumento de produção é a palavra - "fenômeno ideológico por excelência" ⁵⁶.

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. E assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. ⁵⁷

A última etapa na confecção da primeira página resulta de operações de linguagens não-verbais: a geografia da página; a geometria das massas gráficas; o marketing tipográfico (agora incluindo a cor); o momento congelado nas fotos; a ilustração que interpreta o abstrato; a charge que "opina" sobre fatos e personagens. Essas operações incluem a hierarquização, isto é, a arrumação de textos, fotos e ilustrações de cima para baixo, da esquerda para a direita, com atribuição de pesos aos assuntos através de recursos como corpo (tamanho) das letras, negrito (intensidade do preto), corte e abertura das fotos, artefinalizando a ordenação das informações no universo de cada primeira página.

4.1- marcas da identidade

A primeira página é o discurso-síntese da identidade que o jornal busca criar junto a uma comunidade de leitores, com base em três procedimentos:

- dizer/não-dizer (escolha dos assuntos considerados

como de grande interesse/ exclusão daqueles que não interessam à instituição jornalística destacar ou que não sejam relevantes para o público-alvo);

- interpretar (marcado pelo tratamento sintático e semântico dado aos títulos, chamadas e textos-legenda);

- destacar ou enfatizar (marcado pela hierarquização e pelo tratamento gráfico dos assuntos na página).

Enquanto a interpretação e a ênfase são claramente marcadas no contexto da primeira página, as marcas do não-dito só aparecem pela comparação com o que está dito em outros jornais. Tomemos como exemplo as edições de duas semanas não contínuas (escolhidas aleatoriamente) dos oito jornais de maior circulação no eixo Rio-São Paulo: *Jornal do Brasil, O Globo, Última Hora, O Dia, Folha de S. Paulo, Folha da Tarde, O Estado de São Paulo e Jornal da Tarde*. Para se verificar o que cada um disse e o que deixou de dizer, foram listados todos os assuntos destacados nos títulos de primeira página e quantificadas as coincidências (ver quadros 1 e 2, nos Anexos).

Na primeira amostragem (A= de 17 a 23 de abril de 1988) a proporção de assuntos coincidentes em dois ou mais jornais foi de no máximo um terço das informações selecionadas em cada dia, variando de 11,1% a 31,3%, sendo que apenas três chamadas foram comuns a todos os jornais ao longo da semana (ver Listagem 1). Na segunda amostragem (B= de 17 a 23 de setembro de 1989) essa proporção atingiu limites ainda menores - entre 3,5% e 28,1% e, apesar de ser um período rico em informações de grande interesse geral

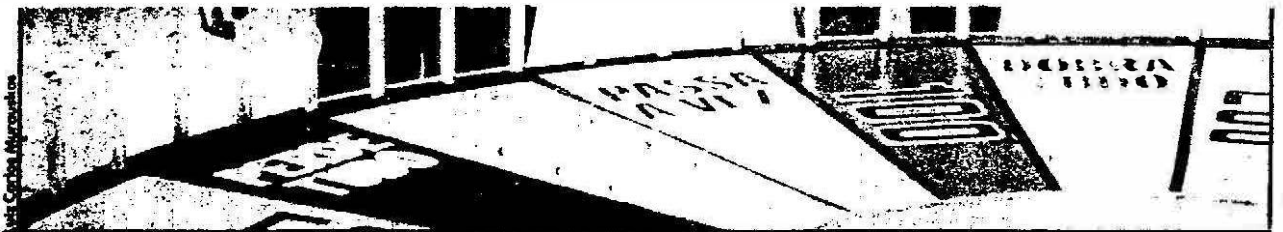
(véspera de eleições presidenciais, crise econômica, aumento da violência urbana, queda de aviões etc), só dois assuntos foram destacados por todos os jornais (ver Listagem 2).

Individualmente, porém, os índices de coincidência variaram bastante, o que se explica, em grande parte, pela própria característica do fluxo cotidiano dos acontecimentos, mais rico em alguns dias, mais fraco em outros. Um ponto que despertou a atenção foi a enorme diferenciação das primeiras páginas dominicais de OG, JB, OD, FSP e ESP (UH, FT e JT não circulam aos domingos). Na primeira amostragem, os percentuais variaram de 7,1% (a *Folha de S. Paulo* teve apenas uma chamada comum) a 42,8% (de *O Globo*); na segunda, de 0 (novamente a FSP) a 22,2% (*O Dia*). No restante da semana mais de 60% dos assuntos listados nas duas amostragens foram comuns a apenas dois jornais, o que indica uma diversidade de critérios na avaliação de importância das informações.

O JB destacou-se com os mais baixos índices de coincidências na amostragem A (31,5% a 57,1%), seguido por *O Dia* (30% a 66,6%), enquanto a UH atingiu o percentual mais alto (77%), embora, em média, tenha ficado abaixo do JT (37,5% a 75%), FSP (43,7% a 75%) e OG (45,5% a 75%). Na amostragem B, a UH foi a que mais se diferenciou dos demais, com percentuais de 6,2% a 46,1%, enquanto *O Dia*, seu concorrente direto, alterou significativamente o perfil, com índices de 45,4% a 72,7%, os mais altos da semana.

Nesse cálculo comparativo não foram incluídas as cha-

madras para editoriais, previsão do tempo, classificados e promoções do jornal; os índices, as cotações financeiras, charges e editoriais de capa. No caso da *Folha da Tarde*, foram excluídas as pequenas chamadas para colunas de críticas e comentários (com os respectivos logotipos em lugar de títulos), publicadas diariamente em bloco, na parte inferior da página (ver exemplo a seguir).



Sílvio Santos e Gugu Liberato no quadro "Roletrando", que foi ao ar ontem

Ontem foi o dia D para Gugu Liberato, o menino de ouro de Sílvio Santos. O sucessor do dono do SBT teve sua estréia no comando das tardes dominicais da TVS em clima de batismo de fogo. Cheio de sorrisos, Gugu começou devagar e depois dividiu a apresentação e animou o auditório ao lado do padrinho todo-poderoso. Pág. 23

FERREIRA NETTO

Antecipando o dia das mães que vem aí, Xuxa deu de presente à mãe dela uma plástica completa com o cirurgião Ivo Pitanguy. Preço: Cz\$ 5 milhões. Pág. 27

VENENO DA GENTE

Elba Ramalho bate record: gravou seu novo elepê, "Fruto", pela gravadora Polygram, em apenas três semanas de estúdio. Pág. 30

Sala VIP

O ex-ministro Dilson Funaro, Miguel Colassuono e outros nomes da política e do comércio paulista falam sobre a Constituinte com Adelina Silveira. Pág. 30

TELMO MARTINO

Arnaldo Jabor tem dois roteiros prontos mas não faz cinema enquanto não armar uma estrutura internacional para filmar. Par enquanto, faz teatro. Pág. 25

BOLA SOLTA

A eleição tricolor quebrou uma velha tradição: os cartolas dispensaram a finesse e chutaram o pau do galinheiro. Chico Lang conta na pág. 19

SIBA UM

Ines Marie de La Fressange, a manequim francesa mais famosa que a torre Eiffel, conta seus segredos sem pudores e censuras. Pág. 2

Leão Lobo

Depois da sangrenta "Carmem", a Manchete exhibe hoje um especial sobre a bossa nova com a presença de Nara Leão e Roberto Menescal. Pág. 29

ANÚNCIO

Como a indústria americana do cigarro castiga as agências e as queixas das mulheres sobre a propaganda são os temos, hoje, da coluna de Wladir Dupont. Pág. 14

ALK KOSTAKIS

Maria Betânia e Chico Buarque serço as grandes atrações brasileiras mês que vem em Portugal. Eles se apresentam no Cassino Estoril e no Porto. Pág. 26

Esse conjunto representava uma forma muito particular de valorização de informações corriqueiras sobre a vida particular e profissional de artistas, empresários, políti-

cos e "colunáveis" e foi abolido após a reforma gráfica da FT, em outubro de 1989.

presidenciais: Eymael, do Democrata Cristão está apotando Maluf.

Assessor de Collor está na lista negra do Banco Central. Se o ex-governador alagoano for eleito, tomará providências imediatas: a lista passará a ser colorida.

Sarney admite que perdeu luta para a inflação. A modestia presidencial é constrangedora.

Justiça nega a Nahas pedido para usar um minuto e 50 segundos para se defender no programa do PSDB. Sabia que ele estouraria o horário, gratuito e ganharia uma fortuna em "merchandising".

Corajera, A primeira continua sendo Inps.

Dada Maravilha diz que "para a problemática do Brasil, Maluf tem a solução". Esqueceu-se de dizer, entretanto, que falta a "votática".


Nova secretário municipal dos Transportes não tem qualquer relação anterior com o setor. E, se jeito regula, não terá relação posterior.

Comissão que investiga acidente com o Boeing da Varig diz que pouso na mata foi "brilhante". Ninguém sabia que o avião estava em chamas.

Touinho Malvadares

los jurídicos para o sepultamento, que deverá ser em Zurique, já que não existe nenhum pedido para o traslado do corpo. Pág. 5

Um programa de transmissão de todo o acidente... Pág. 7



Sargento e soldado se afogam no rio

O sargento Reinaldo Muniz de Oliveira, 21, e o soldado Paulo Donizete dos Santos, 19, morreram afogados ontem quando faziam manobras do exército num rio perto de Morungaba, a 110 quilômetros de São Paulo. Os Bombeiros levaram quatro horas para achar os corpos. A 11ª Brigada de Infantaria abriu inquérito. Pág. 11


Brasil tenta empréstimo para BR-116

O ministro dos Transportes, Reinaldo Tavares, negocia empréstimo de US\$ 140 milhões com o Bird para a recuperação de três mil quilômetros de estradas federais e duplicação da BR-116. O governo estima que o custo total das obras chegue a US\$ 400 milhões. O ministério não informou de onde virá o resto do dinheiro. Pág. 2

Tuma aperta cerco para pegar Nahas

O diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, desconfia que Naji Nahas e Elmo Camões Filho — envolvidos em irregularidades no mercado de opções das bolsas de valores de São Paulo e Rio — estão aqui mesmo no Brasil. Ele incumbiu ontem três equipes da PF de "vasculhar" as duas maiores cidades do país. Pág. 10

T E M P O



MIN. MÁX. 13 28

INICIANTE	NOVA	CRESCENTE	CHEIA
01/11	07/11	13/11	19/11

Tempo bom, com aumento de nebulosidade à tarde, no litoral, vales da Paraíba e do Ribeira e demais regiões. Chuvas isoladas no interior. A temperatura no litoral vai oscilar entre a mínima de 17 graus e a máxima de 28 no interior, mínima de 22 e máxima de 33 graus.

Municipais têm aumento de

Os servidores fazem assembleia hoje para discutir a reposição

Está preso estuprador de 50 mulheres

O mecânico Ramon Manuel Legorburu Macaya está preso no Deic acusado de ser o estuprador que atacou mais de 50 mulheres em bairros da Zona Leste. Ontem ele foi reconhecido por três de suas vítimas, uma delas menor. Ramon só agia às sextas-feiras e além de estuprar roubava jóias, relógios e dinheiro das mulheres. Pág. 5

Emerson corre para o título

Emerson Fittipaldi começa hoje os treinos para as 200 Milhas de Nazareth, prova que pode lhe dar o título da Fórmula-Indy. Em Portugal, Senna inicia a briga para alcançar Prost na Fórmula-1. Pág. 12

Já puseram Basílio na corda bamba

O ambiente voltou a ficar agitado no Corinthians, após a derrota por 1 a 0 para o Náutico. Basílio pode cair se perder para o São Paulo, domingo. O nome de Telé Santana ganha força no clube. Pág. 14

Mesmo reconhecendo-se uma certa precariedade metodológica (não foram usados critérios matemáticos e de categorização rígidos), esta comparação empírica revelou indicadores significativos das diferenças de discurso informativo existentes entre os oito jornais e que podem servir de base para uma pesquisa mais aprofundada. Em primeiro lugar, notou-se que, apesar da irregularidade do número de chamadas ao longo das duas semanas, os denominados "grandes jornais"

(JB, OG, FSP e ESP) apresentaram maior variedade de assuntos do que os considerados "populares" e os de origem "vespertina" (OD, UH, FT e JT). Estes optaram por jornais mancheteados, isto é, cada edição centrada em um assunto supervalorizado por letras em corpo acima de 72, negrito (e caixa alta, no caso de *O Dia*) e os demais hierarquizados por tamanhos e densidades variadas, raramente ultrapassando o total de 15 chamadas (salvo a FT, na primeira amostragem). Já os "grandes jornais", apesar de também adotarem a fórmula de um tema principal, não utilizaram corpo acima de 60 (sempre em caixa alta e baixa), nem número inferior a 15 chamadas (ver exemplos nos Anexos). Essas diferenças de seleção e de tratamento gráfico têm a ver com as exigências e o repertório informativo do público-alvo, como mencionado na primeira parte deste capítulo.

Mas, para configurar as marcas do dito e do não-dito, é preciso observar também os tipos de assuntos consensuais entre alguns jornais, especialmente aqueles que aparecem em certas duplas concorrentes ou pertencentes à mesma empresa. Os jornais pesquisados possuem forte tendência a enfatizar acontecimentos de conotação negativa, particularmente os ligados a violência, fraudes, corrupção, acidentes, tragédias, catástrofes, guerras, mortes de pessoas famosas, dramas pessoais, injustiças etc. Dos 98 assuntos comuns a dois ou mais jornais da amostragem A, 40 (40,8%) eram relativos a esses temas; e dos 101 da amostragem B, 37 (36,6%) tinham a mesma conotação (ver listagens 1 e 2).

Os temas políticos (locais, nacionais e internacio-

nais) ocuparam a segunda posição de importância, com 23 e 25 chamadas comuns; a seguir vieram os assuntos econômicos (incluindo negócios de empresas e consumo popular), 16 e 20 chamadas em cada semana. As coincidências restantes abrangem informações sobre esportes, cultura e lazer, ciência e tecnologia etc.

No cômputo geral (independente das coincidências), observou-se que as chamadas de primeira página abrangem 12 áreas temáticas principais:

- POLITICA ECONOMICA: decisões de governo para controle da economia, incluindo índices de preços, salários, taxações, cotações financeiras, importação/exportação, subsídios etc;

- POLITICA NACIONAL: decisões do governo federal sobre o funcionamento das instituições, decisões do congresso nacional, manifestações de políticos, partidos e entidades da sociedade civil etc;

- POLITICA LOCAL: decisões de governos estaduais, prefeituras, assembleias legislativas e câmaras de vereadores, manifestações políticas sobre assuntos de interesse local;

- POLITICA INTERNACIONAL: processos de mudança política em outros países (eleições, golpes), fatos violentos envolvendo personalidades ou grupos políticos (sequestros, atentados a bomba), relações diplomáticas, intervenções, guerras e atuação de organismos internacionais (ONU, OEA, OTAN etc);

- ECONOMIA (negócios e consumo): desempenho de empre-

sas, novas áreas de negócios, mercado financeiro, retração e expansão de consumo, economia popular (pesquisas de preços, comportamento do consumidor, aconselhamentos de consumo e investimentos) etc;

- ESPORTES: competições e desempenho de atletas locais, nacionais e internacionais, política das entidades desportivas, negócios envolvendo esportes etc;

- COMPORTAMENTO GERAL: atitudes, modos de vida, reações típicas de certos grupos (mulheres, crianças, adolescentes, *yuppies* etc) ou de pessoas em determinadas circunstâncias (assalto a banco, medo de avião, liquidações etc), aconselhamento para hábitos cotidianos (culinária, moda, decoração, serviços de apoio doméstico etc);

- COMPORTAMENTO DESVIANTE: violência, fraudes, corrupção, sonegações etc, punições aos desvios (atuação das polícias, justiça e grupos paramilitares ou de *justiceiros*);

- ENTRETENIMENTO (artes, cultura e lazer): produção e eventos nas áreas de artes plásticas, música, cinema, teatro, TV, vídeo etc; locais de lazer nas cidades e turismo nacional e internacional (os quadrinhos, as crônicas e as seções de humor, peças importantes de entretenimento dos jornais, não foram considerados como elementos específicos do discurso jornalístico);

- CIENCIA E TECNOLOGIA: descobertas, invenções, aplicações, projetos individuais ou de instituições de pesquisa em andamento, política governamental para o setor, formação de mão de obra qualificada, análise de cientistas sobre fa-

to recente ou situação presente etc

- MOVIMENTOS SOCIAIS: atuação e manifestações de setores da sociedade organizados em torno de interesses afins como sindicatos, conselhos profissionais, associações de moradores, entidades ecológicas, grupos feministas etc (a atuação dos partidos e das entidades empresariais é normalmente coberta junto com os assuntos de política nacional, política econômica ou economia);

- OUTROS: acidentes, tragédias, catástrofes, dramas e afortunamentos pessoais (preso nas ferragens, ganhador solitário da loteria), morte de pessoas famosas, fatos inusitados, registro de anormalidades no cotidiano da cidade etc.

A ênfase que cada jornal dá a essas áreas temáticas nas chamadas de primeira página sofre influência do fluxo de acontecimentos (uma semana de grandes mudanças na política econômica, um período eleitoral, época de chuvas ou de seca etc), mas também pode ser relacionada a estratégias ideológicas e mercadológicas. Nas duas amostragens pesquisadas, notou-se uma forte tendência de valorização de assuntos ligados a política econômica pela *Folha* e *O Estado de S. Paulo*, seguidos pelo JB (ver quadro 3). Esses dois jornais paulistas também deram ênfase à política nacional, mas se mostraram fracos em política local, área à qual *O Dia*, a *Última Hora* e a *Folha da Tarde* dedicaram maior número de chamadas. Estes três jornais, por outro lado, demonstraram pouquíssimo interesse pela política internacional, em contraste com o JB e o ESP, seguidos pela FSP.

Em matéria de destaque a assuntos econômicos (negó-

cios e consumo) o *Jornal do Brasil* disparou na frente com mais do dobro das chamadas da maioria dos outros jornais, posição ocupada pela *Folha da Tarde* em relação a acontecimentos esportivos (embora perdendo um pouco para o *Jornal da Tarde* na segunda amostragem). Já os movimentos sociais, que de uma forma geral são pouco valorizados na primeira página (salvo em casos de greves de grande repercussão nas atividades econômicas ou nos serviços públicos), tiveram mais espaço em *O Dia* e UH. Ciência e Tecnologia, ao contrário, é uma área que vem merecendo maior atenção dos jornais (observar aumento do número de chamadas de uma amostragem para outra, no quadro 3), embora de forma ainda restrita nos chamados jornais populares; o valor estratégico das informações dessa área foi reconhecido por veículos tidos como "de elite", particularmente o JB e ESP.

Pela sua intensa cobertura de fatos violentos, *O Dia* apareceu com um número bem maior de chamadas para assuntos qualificados como comportamento desviante. Mas estes também tiveram grande peso nos outros jornais em função da ênfase que vem sendo dada pela imprensa brasileira a fraudes e atos de corrupção. Já os comportamentos estratificados tiveram mais espaço nas primeiras páginas de *O Globo* e JB. Em relação a cultura e lazer, ocorreram mudanças de uma amostragem para outra: o JB e a FT reduziram a quase a metade o número de chamadas para essa área (a FT pelo fato de ter eliminado as pequenas chamadas de colunistas), enquanto UH, JT e ESP fizeram movimento inverso.

Mas para avaliar o que essa diversificação temática

significa na construção do perfil de um jornal não basta quantificar. E preciso qualificar os temas que cada veículo valoriza sistematicamente e analisar o tratamento semântico que diferencia abordagens do mesmo assunto.

A maioria das chamadas do *Jornal do Brasil* refere-se a temas de interesse nacional e acontecimentos internacionais, com destaque para fatos políticos, desempenho da área econômica e questões estratégicas de ciência e tecnologia.

Exemplos:

- Liberalização da economia
- Dólar: melhor negócio, apesar da repressão
- Ladrão de chips
- Nova Iorque disputa voto judeu
- Calças Toulon têm argola de segurança
- Alta tecnologia terá incentivo do governo

Em matéria de cultura e lazer, costuma selecionar eventos só acessíveis a um público de maior poder aquisitivo e bem informado: 1º Piano Solo Festival; Mostra Ingmar Bergman; Disco do Clash lançado no Brasil; Quem vem ao Free Jazz etc. Seus cadernos *Idéias* (livros e ensaios) seguem a mesma linha, com temas sintonizados com os grandes debates intelectuais da atualidade. Mas é híbrida em relação a consumo: na mesma edição que anuncia as novas coleções de estilistas de moda (seção *Estilo*) traz dicas sobre onde se pode achar roupas e objetos usados, as farmácias que vendem mais barato, promoções de discos e as diferenças de preços entre vários supermercados (seção *Prateleira*).

Já *O Globo* procura dar maior ênfase a assuntos de âmbito nacional e local de interesse predominante das camadas médias da população, o que parece evidente na frequência com que dedica chamadas a certos movimentos sociais urbanos

(ausentes nas primeiras páginas do JB):

- Funcionários públicos vão fazer greve dia 3 de maio
- Acordo evita paralisação de professores particulares
- Zona Sul exige que o Forte seja preservado
- Grafiteiros transformam um túnel em Niterói
- Estudantes defendem em passeata o ensino oficial
- Justiça é que vai decidir devolução de aluguel de julho

Em relação a consumo cultural, *O Globo* é eclético, procurando atingir tanto pessoas interessadas nas críticas feitas pelo *New York Times* ao cantor Sting, em uma tradução de Albert Camus, na moda Andy Warhol ou nas obras primas de Gerchman, quanto as que se interessam pelo aniversário de Roberto Carlos, a história de Michael Jackson, o novo papel de Malu Mader na TV ou os paquitos do show da Xuxa. Do comportamento cotidiano desse público imaginário o jornal tanto extrai velhos problemas ("por que algumas pessoas são mais friorentas que outras?"/"menina com poderes paranormais assusta gauchos"), quanto questões emergentes (quando o marido fica à sombra da mulher na vida profissional; "cinema nojo" atrai viciados em drogas). A presença desses dois tipos de repertórios na primeira página (um de gostos e visões de mundo mais elaborados, outro de estética e mentalidades massificadas) indica uma preocupação em atrair ampla faixa de público, estratégia semelhante à da rede Globo de televisão, que estratifica ao máximo a sua programação.

As marcas de "jornal popular" de *O Dia* estão inscritas particularmente na forma coloquial com que aborda os

mais variados assuntos:

- Arrocho leva funcionalismo à greve
- Rio çaga o cabeça dos sequestradores
- Máfia das imobiliárias cobra taxas fora da lei
- Fiscal levou a pior
- Tele joga a toalha

Mas abrangem também o repertório temático próprio de um público com grandes preocupações com os meios de subsistência e com possibilidades restritas de consumo. Não é à toa que os movimentos reivindicatórios e associativos estão frequentemente em suas primeiras páginas (e não nas dos "grandes jornais"):

- Aposentado não perdeu URP
- Empregados das estatais têm direito a reposição de 70% (manchete)
- Salário da PM vai ser igual ao do Exército (manchete)
- URP leva servidor à rua
- Petroleiros na Justiça contra Sarney
- Metalúrgico denuncia pressão na CSN
- 45 mil bancários nas urnas
- Faferj perde o voto das grandes favelas
- Derrubar regime não é papel de sindicato

A cultura e o lazer acessíveis a este público são oferecidos pelas programações gratuitas de rádio e TV e relativamente baratas do cinema e dos discos, que o jornal reforça com apelos eróticos com os quais supõe atender desejos inconscientes do leitor:

- Romulo nu em vila da Rua do Lavradio
- Jocasta com Edipo em Mandala
- Cláudia Ohana é bruta e sensual em Luzia Homea
- O bem-dotado José Mayer
- Sexo e intrigas em Top Model
- As mil agitações de Zeca Pagodinho
- Mike Biggs grava LP como roqueiro
- Angélica filma com Trapalhões
- Erasmo reúne duas gerações do rock

Outra marca de apelo popular está na exploração das crenças e dos dramas pessoais:

- Deputados evangélicos decepcionam fiéis
- Cidade pede bençãos a São Jorge e a Ogun (sic)

- Vanessa chorou [texto-legenda de menina abandonada]
- Abraço apertado [encontro da menina com a mãe]
- Depois do susto [professor que impediu que passageiros da barca entrassem em pânico e se atirassem ao mar]
- Morreu na solidão (sobre a morte da cantora Linda Batista)
- Araci [de Almeida] internada com derrame cerebral
- Certeza de mãe [desaentido de mais um falso "Carlinhos"]

Na mesma linha "popular", a *Última Hora* se diferencia de *O Dia* por dar mais ênfase a assuntos políticos e econômicos e mais destaque a movimentos sociais das camadas médias:

- Servidor exige que Congresso revogue congelamento da URP
- Greve já está marcada: dia 3 / Juizes também ameaçam parar
- Licença-maternidade/ Gordinhas fazem ato público com muito humor
- Governo continua demitindo grevistas
- Estudantes voltam a parar o centro
- Políticos e trabalhadores pedem hoje eleições e o fim do arrocho
- Pensões militares podem subir até 125%
- Sai reajuste do pessoal da Saúde
- Famerj quer mais verbas para metrô

Outra característica peculiar da UH é o destaque a manifestações de alguns setores militares aliado a chamadas de cunho nacionalista. Nas edições pesquisadas (particularmente as da primeira amostragem), este jornal levantou temas que não apareceram em nenhum dos outros sete, algumas vezes reforçando-os com editoriais:

- Militares dão prazo para Governo acertar economia
- Pressão militar (editorial)
- Militares só agem se ordem for perturbada
- Multinacionais armam golpe na Constituinte
- Cuidado na privatização (editorial)
- Políticos exigem: "O minério é nosso"
- Brizola reafirma não temer a intervenção dos militares
- Em defesa do Brasil (editorial)

A UH também se distingue de *O Dia* (e dos demais jornais cariocas) pela atenção ao cotidiano dos bairros em chamadas como estas:

- Desabrigados ainda sofrem em Vaz Lobo
- Bonsucesso teme cheia do sistema Faria-Tiebbó

Os hábitos e as possibilidades de consumo de um público de poder aquisitivo médio aparecem ainda em chamadas para matérias de aconselhamento:

- Quando o carro usado vira um problema
- Não compre gato por lebre nos camelôs
- "Prego" deixa de ser solução

Em São Paulo, espaço semelhante ao de *O Dia* e da UH é ocupado pela *Folha da Tarde*, que no final de 1988 sofreu uma grande reforma gráfico-editorial inspirada no diário norte-americano *USA Today*. Sua diagramação tornou-se modular (exatamente igual, todos os dias), sendo o único dos oito jornais pesquisados com impressão diária a quatro cores. Na primeira amostragem, a FT dedicava, em média, metade de suas chamadas a assuntos de interesse nacional, distribuídos por esportes, violência, entretenimento e comportamento. Na segunda, aumentou significativamente a atenção para temas locais, reduzindo o número de chamadas para comportamento, cultura e lazer, embora dando-lhes destaque no alto da página. Sua linguagem, nas duas semanas, mostrou-se ainda mais coloquial que a de *O Dia*, sendo algumas vezes crua e/ou mordaz:

- Tião não tem onde jogar
- Cebolas podres contra a CPI/ O senador Carlos Chiarelli é o alvo
- Dia de cão no México
- A metralhadora giratória de Roberto
- Cai delegado do caso da modelo morta
- Americano come a noiva aos pedaços
- Classe média acha saída nos Fundos
- Dadá entra com tudo no time de Maluf
- Já puseram Basílio na corda bamba

A possibilidade de dizer a mesma coisa de outra forma - factual ou valorativa - fica ainda mais clara quando se compara as chamadas de assuntos publicados pelas duas *Fo-*

Ihas, pertencentes à mesma empresa jornalística (as chamadas da FSP estão precedidas de asterisco):

- ‡ Maluf elege presidente do PDS paulista
- Sem festa, PDS ressurgiu
- ‡ O presidente 'invade' rota dos ciclistas
- Presidente atrapalha corrida
- ‡ EUA destróem 2 plataformas de petróleo do Irã no Golfo
- Guerra aberta entre EUA e Irã
- ‡ Jânio recoloca mais duas estátuas antigas na cidade
- 'Monstros' estão de volta
- ‡ Procon lança cartilha sobre mensalidades
- Aprenda a calcular a mensalidade escolar
- ‡ Depois de cinco anos, menino deixa a rua e volta para casa
- O garoto que saiu do submundo
- ‡ Nota sobre nacionalidade partiu de ACM, diz Tutu
- Tutu é americana

Nas chamadas para matérias de comportamento, a FT explora o cotidiano e o imaginário populares com assuntos do tipo: "Quando o pé fica inchado", "Solidão maltrata Rambo", "Quando os fãs ameaçam os seus ídolos", "Autor de livro para emagrecer ficou gordo". Mas em relação a consumo cultural, segue uma linha semelhante à de *O Globo*:

- As estrelas do sertão
- Cazuza dá a volta por cima
- Conflitos de sobra em Top Model
- O melhor de Fábio Jr.
- Masp mostra Carybé
- Fogueteira é tema de música funk
- Música vai ter uma universidade livre
- Terror em pré-estréia
- Mel Gibson será o novo Hamlet
- Quadrinhos que não deram certo
- Béjart está na cidade
- Tudo novo para Mariane (apresentadora de TV)

A *Folha* e o *Estado de S. Paulo*, dois jornais que dão grande destaque a assuntos nacionais, sobretudo fatos políticos, demonstraram, na primeira semana pesquisada, um obstinado interesse em denunciar comportamentos fraudulentos ou lesivos a instituições públicas. A FSP chegou a dedicar, diariamente, sua principal chamada à CPI da Corrupção além

de, como o seu concorrente, esmerar-se em matérias investigativas:

Folha

- Cartas demonstram como é fácil pedir concessão de verbas
- Constituintes vendem bolsas de estudos
- Governo usa conta do BB para socorros
- Funaro acusa Sarney na CPI-Corrupção
- Genro de ACM ganha obra sem licitação
- Waldir também ajuda empreiteiras na Bahia [dois dias depois]
- Merenda vai para crianças "fantasmas"
- Câmara veta dinheiro facilitado ao Nordeste
- Aureliano deu primazia a MG como ministro

Estado

- Sarney gasta milhões para ficar popular
- Emprestou trator, acabou na cadeia
- Constituinte resolve punir quem faltar
- Dion de Mello é denunciado por peculato
- Governo pede trégua e dá verba em troca
- Estados dão partida a trem da alegria

A semelhança do JB, as marcas de um público bem informado e de alto poder aquisitivo visado por esses dois jornais aparecem nas matérias sobre consumo cultural e comportamento. A *Folha* teve chamadas para simpósio de escritores, exposição de pintor concretista, orquestra alemã tocando Brahms em São Paulo e Ana Carolina dirigindo ópera de Strauss no Rio, além de aconselhar aulas de tênis para crianças e de dedicar um suplemento de oito páginas tablóide a revistas estrangeiras consumidas por paulistas.

O *Estado* ampliou significativamente o repertório de assuntos culturais entre as duas amostragens, procurando atingir uma parcela de público mais jovem com chamadas sobre o grupo de rock Legião Urbana, Beth Goulart (com foto sexy) na peça Cabaret, *Rastros de ódio* em vídeo, álbum de Ed Mort, entre outras. Mostrou-se, porém, conservador ao enquadrar no *Suplemento Feminino* e no caderno *Casa e Famí-*

lia temas como moda, jardinagem, crianças, culinária, produtos descartáveis, projetos de arquitetura etc, tratados pela *Folha* nos tablóides *Casa & Companhia* e *Folha d'*, como de interesse para mulheres e homens.

A exemplo do JB, estes dois diários paulistas também valorizaram em suas primeiras páginas temas de alto nível intelectual, como a modernidade de Baudelaire (suplemento *Cultura*, do ESP) e a literatura de Portugal (*Folhetim*).

Na primeira semana pesquisada, o *Estado* apresentava como traço diferencial entre os jornais paulistas as chamadas dedicadas a notícias do interior do Estado (a exemplo do que a UH faz com os bairros, no âmbito do Rio de Janeiro):

- Medo da Aids nas pequenas cidades
- São Roque vai ter um museu de cera
- Liberadas obras no morro do Guarujá
- Crise obriga Bauru a cortar despesas
- Estado abandona as escolas de Sorocaba
- No campo, o outro lado dos bóias-frias

Na segunda semana, no entanto, deu preferência a destacar os assuntos tratados no *Caderno 2* (cultura e lazer), ao caderno de *Economia* e a seções de opinião e análises (*Espaço-aberto*, *Análise*, *Notas e informações*).

Já o *Jornal da Tarde* tem como característica marcante seu projeto gráfico baseado em grandes manchetes sobre amplos espaços brancos através dos quais explora chamadas de impacto moral ou emocional, utilizando linguagem coloquial e valorativa, com ênfase a duas linhas temáticas:

a) imoralidade política e economia perdulária (à semelhança do ESP)

- Investigação: mortos recebem na Fepasa

- CPI da Corrupção desafia: quer ser investigada
- A Receita de olho no Caixa 2
- Como a máfia dos fundos de pensão estatais manipula as bolsas de valores
- Deputados votam hoje, e você paga: US\$ 100 milhões a mais em despesas
- Isonomia não passou. Vitória dos contribuintes.
- BB corta gordura para manter a carne
- A inflação da greve (do IBGE) já tem cálculo
- Um dia de muito lucro para Nahas na Bolsa. Nem ele sabe quanto.
- Uma mamata nacional: a aposentadoria precoce dos políticos
- A fome do Leão: cinco mordidas de uma vez

b) situações dramáticas ou emotivas

- Sarney à CPI: Apocalipse não!
- Na mata, gritos de socorro. (lá está o avião que caiu há 7 dias)
- Terror xiita explodiu DC-10 no ar: 171 mortos.
- A cocaína está cercando você
- Preso matador de Michel Frank. Foi queima de arquivo.
- Missão especial vai a Brasília com um pedido a Sarney: coragem.
- Uma história de amor [doação e transplante de rim entre jovens recém-casados]
- A magia do pai-de-santo não funcionou. E ele optou pelo revólver.
- Débora deixa UTI. Com o fígado do menino Bruno.
- Bombardeios e mortes: EUA e Irã em guerra no Golfo
- Roubo de toca-fitas: uma praga que leva as vítimas a extremos.

Essas chamadas de estilo "popular" contrastam, contudo, com os temas selecionados para o *Caderno de Sábado* na primeira amostragem e com as pequenas chamadas acrescentadas à primeira página na segunda semana pesquisada:

- As raízes religiosas do racismo
- Condutas sexuais no Brasil colonial
- Os pequenos personagens da História
- Hockney estará na Bienal. Ele mostra sua arte-fax no JT.
- Os misseis da prosperidade aumentam a safra em Fraiburgo
- Aumento de 35,59% não acaba com o ágio nos carros
- Cartões: lojistas vão à Justiça

O contraste entre os repertórios acima exemplificados - um baseado em apelos morais e emocionais, outro em conteúdos do interesse de um público informado e com capacidade de consumo sofisticado - levam à necessidade de se refletir sobre a tradicional associação entre o discurso valorativo e as camadas populares e entre o discurso racional ("objetivo") e as elites.

5- SOBRE OS ESPAÇOS DO JORNAL

A edição - instrumentalizada por projetos gráfico, mercadológico e ideológico - é o procedimento que configura o megarrelato jornalístico e complementa a identidade do jornal sintetizada na primeira página. Através dela, a realidade cotidiana fragmentada nas diversas notícias, reportagens, fotos e textos de opinião é unificada em um todo discursivo que enfeixa a visão de mundo privilegiada.

As formas de organização espacial que cada jornal adota têm relação direta com o público visado mas também refletem o próprio estágio de desenvolvimento da sociedade. Nas primeiras décadas do século, quando apenas uma casta tinha acesso à imprensa, cada jornal era um grande território ocupado por densas massas de textos, eventualmente entrecortados por fios, pequenas ilustrações e precárias fotos. A medida que o desenvolvimento industrial passa a exigir nova organização da produção, do consumo, dos saberes e das instituições, os jornais se vêem obrigados a se transformarem em empresas modernamente administradas e a organizarem seus espaços em função de novas necessidades de informação, opinião e serviços (a publicidade aí incluída).

Hoje, quando a televisão atua como o principal intérprete e porta-voz da sociedade de consumo e que a tecnologia promove crescente diversificação de conhecimentos e produtos, a imprensa vê-se exigida a alterar frequentemente a sua ordenação espacial, reduzindo ou ampliando certas áreas e criando novas, em sintonia com solicitações emer-

gentes da comunidade a que se dirige. Trata-se de um processo de acompanhamento do movimento permanente de substituições e de interações do antigo com o novo que marca o atual estágio da modernidade (e que vem sendo provisoriamente chamado de pós-moderno).

Essa avalanche [de constantes mudanças] tem como motor propulsor a luta e consolidação da hegemonia burguesa que se apresentou como a destruidora de todos os valores e representatividades do mundo pré-moderno e que se mantém hegemônica sob a condição de promover contínuas transformações (inclusive dentro de seus próprios segmentos).⁵⁶

A imprensa, enquanto um dos aparelhos ideológicos de certos setores da burguesia, reflete duplamente essa movimentação moderna: de um lado, atualizando constantemente a organização da sua espacialidade (repaginação, mudanças na diagramação, criação de novos cadernos e seções etc); de outro, absorvendo a reordenação concreta ou simbólica dos espaços social, político, econômico e cultural. Na última década, por exemplo, o Congresso ampliou sua importância no cenário político nacional em função da retomada do estado de direito; as cidades ganharam páginas ou cadernos como reflexo da predominância do urbano sobre o rural e da sua recuperação como palco de exercício da cidadania; e a ecologia vem estendendo seu domínio como discurso social e político resultante da tomada de consciência da inserção das sociedades no espaço planetário. Assim como a editoria de Economia é filha legítima do "milagre brasileiro" dos anos 70 e a Informática reflexo da nova ordem tecnológica implantada nos anos 80, o meio ambiente tende a consolidar, nesta década, seu lugar na imprensa.

A organização espacial representa, assim, uma forma de disciplinar a percepção global da realidade retratada (dai constituir-se em megarrelato), através de critérios de seleção, hierarquização e associação de sentidos operados por diferentes modelos de discurso visual: uns afinados com a estética televisiva e a linguagem da informática (cor, fragmentação, massificação, economia informativa); outros, com um tratamento estilístico (diferenciações não padronizadas, grafismo, esbanjamento de espaços brancos).

Essa organização abrange grandes continentes temáticos (economia, política etc) subdivididos em "territórios tribais" que congregam e diferenciam os interesses dos "vencedores" (especialistas, talentosos, competentes) dos da massa de indivíduos cujos comportamentos, hábitos de consumo e gosto estético são padronizados ou sensíveis à padronização. Regendo os relatos e a harmonia de seus enquadramentos estão os discursos hegemônicos da modernidade:

- político: centrado na gestão do poder, avaliada por critérios de desempenho afinados com um projeto liberal, neo-liberal ("liberal avançado") ou conservador;

- econômico: centrado nas condições e possibilidades materiais do capitalismo, com ênfase na "geo-finança", isto é, na expansão do capitalismo financeiro em escala mundial;

- geográfico: centrado no enaltecimento da grandeza territorial do país, das suas riquezas naturais e das suas potencialidades humanas;

- cosmopolita: centrado na metrópole como espaço-sin-

tese da modernidade, sofrendo expansão contínua e diferenciação crescente;

- modelador: que dissemina modelos de comportamento, formas de pensamento e hábitos de consumo de forma a constituir padrões (sociedade de massas), ao mesmo tempo que estabelece diferenciações ao enfatizar modelos exemplares de desempenho, eficácia e estilo de vida.

A época da segunda amostragem selecionada para esta pesquisa (setembro de 1989), alguns jornais estavam realizando reformas gráfico-editoriais (particularmente OD, UH e ESP), mas sem alterar as grandes estruturas temáticas já tradicionais na imprensa brasileira (ver Listagem 3):

- política
- nacional (Brasil no JB, O País em OG)
- internacional (Exterior nas duas Folhas, O Mundo em OG)
- opinião (OG, FT, JT e ESP agrupam editoriais e artigos de colaboradores em uma página sem rubrica)
- economia (OG separa o noticiário de empresas na página de **Economia e Negócios**, mesmo nome do caderno diário do ESP; a FSP possui dois cadernos diários - um para **Economia**, outro para **Negócios**)
- noticiário local (Geral para OD, UH e FT onde também agrupam notícias de interesse nacional; **Grande Rio** para OG e OD; **Cidade** no JB, UH, FT e JT; **Cidades** na FSP e ESP onde também incluem notícias nacionais; e **Interior** no ESP)

Alguns jornais possuíam, na época, cadernos regionais veiculados semanalmente, como o **Niterói** do JB, os jornais

de bairros (um grupo de localidades por dia) do *Globo*, *UH-Rio* e *UH-Baixada*. Posteriormente, *O Dia* também lançou um caderno dirigido à Baixada Fluminense.

- esportes (páginas diárias e um caderno semanal em todos os jornais; a UH editava também um tablóide semanal sobre turfe)

- comportamento e entretenimento - é uma das áreas que melhor permite delinear o perfil sócio-cultural do público-alvo de cada veículo. Nos cadernos diários ou nos de fim de semana, exercem-se os poderes tribais (críticos, colunistas, cronistas) e revelam-se as contradições pós-modernas pela exibição de novas mentalidades e de comportamentos emergentes e pelo reforço de visões de mundo conservadoras.

O Caderno B, por exemplo, destaca talentos individuais e *modus vivendi* particulares em seções como *Olho Nelles/gente que ainda vai o que falar*, *Perfil* (de uma personalidade artística ou intelectual, com "mapa astral" e "palavra-amiga") e *Perfil do consumidor* (de figuras famosas em várias áreas). Alguns jornais buscam modelos de gosto pessoal e hábitos individuais de consumo para complementar determinadas matérias: *O que eles estão pensando?* (JB), *Meu disco inesquecível* (OG), *O filme que eu vi* (OD), *O que você está ouvindo/lendo/vendo?* (FSP).

O Segundo Caderno de OG é um bom exemplo de convivência do antigo com o novo: ao lado de seções tradicionais como *Há 50 anos* (efemérides com a primeira página do jornal), *Globe Trotter* e *O que você deve saber sobre Medicina*,

abre espaço para demandas de consumo e de identificação da juventude através de seções como **Rio Fanzine** e **Agamenon Mendes Pereira escreve** (humor escrachado do Planeta Diário e da Casseta Popular).

Os outros dois diários cariocas caracterizam-se pela ênfase ao gosto popular, inclusive na linguagem com que nomeiam suas seções internas. O **Caderno D** é tipicamente um veículo de passatempo (**Cruzadas, Jogo dos Dez Erros, Piada do Dia**, quadrinhos, Folhetim - **Avesso da Vida**), de lazer econômico (TV, cinema, pagodes, dicas sobre o **Barato do Dia**) e de aconselhamentos (sentimental, psicológico, espiritual, sexual). Já na **UH-Revista**, apesar de também haver passatempos (**Sala de Espera**) e humor (**Jésus Rocha**), predominam as reportagens e críticas sobre produção culturais; inclui, ainda, seções sobre **Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, Livros**, lançamentos de produtos (**Mercado**) e **Filatelias**. Na programação, a UH tenta atingir um público de classe média de perfil conservador ou de gosto popular (ópera, balé, gafieira, video, roteiro gastronômico - **Não morra pela boca**).

Já os cadernos paulistas chamam a atenção pela diversidade de opções de entretenimento, típica de uma grande metrópole: além da programação tradicional veiculada por todos os jornais (cinema, teatro, TV etc), inclui templos de consumo gastronômico como cafés, sorveterias, pizzarias, docerias; atividades para gostos eruditos (conferências, recital, concerto); alternativas econômicas para públicos exigentes (sebos, discos usados, roupas usadas, livrarias,

bibliotecas, cineclube, videolocadoras), além de sauna, reggae e serviços "fora de hora".

Nos suplementos dominicais e nos culturais (dedicados a literatura e ensaios) podem-se encontrar traços ainda mais evidentes desta fase de transição para a pós-modernidade. **A Revista de Domingo** - colorida, repleta de fotos, com diagramação arejada e acabamento sofisticado - foi a pioneira no tratamento conjunto de talento e competência com desvios sócio-culturais. Nela, aparecem pequenos e médios empresários que se tornaram bem sucedidos em negócios não convencionais; mas também casais que buscam novas formas de convivência morando em casas separadas.

Já o **Jornal da Família**, de OG, mostra-se conservador a partir do próprio nome (que restringe o seu universo de interesse) e das pautas baseadas em velhos valores que já não podem ser sustentados sem ressalvas ("Filho de peixe às vezes é "ovelha negra"; "Já não é fácil se reunir para o almoço de família/a festa inadiável de todos os domingos..."). Enquanto a RD fala do uso doméstico do fax ou de comidas congeladas para gatos, o JF relembra o "Eterno problema de quem tem o pé fora da fôrma" e os "Doces em pasta e compotas como aqueles da vovó". Na época desta pesquisa, o ESP publicava o **Suplemento Feminino**, de conotação semelhante ao JF, porém mais restritivo pelo repertório de assuntos dedicados à mulher caseira, interessada em muitas receitas e dicas de novidades de uso doméstico. Meses depois, o *Estado* lançou uma revista inspirada na RD.

O suplemento **Modo de Vida**, do JT, tem uma linha pró-

xima á da RD, embora com predominância de matérias sobre moda feminina. Sua diagramação também é arejada e o tratamento dos textos e títulos bem coloquial; os temas que aborda são adequados a um público "classe A" não convencional e bem informado (Look Valentina invade passarelas; guarda-roupa ecológico; bicicleta estimula o sexo; o velho e bom uisque). Já a *Folha d'* é tipicamente um tablóide *yuppie*: diagramação sóbria, mas ousada; longas entrevistas com personagens polêmicos; críticas aprofundadas de assuntos levantados pela televisão (*top models*, temas malditos); sintonia com referências internacionais (qualidade de vida em Nova York, perfil de Meryl Streep) e abordagem de consumos sofisticados (livro sobre a arte do vinho, opções para o champanhe, receitas renascentistas, negócios de escritórios/dia da secretária).

Além das grandes áreas temáticas, há certas atividades e campos de saber que vêm aumentando progressivamente seu espaço editorial, como Ciência e Tecnologia, Informática e Meio Ambiente. Existe, porém, uma tendência de certos jornais de (por motivações pragmáticas e financeiras) dar maior aproveitamento ao farto material distribuído pelas agências internacionais de notícias. Assim, em lugar de disseminar uma ciência e uma tecnologia adequadas à realidade do país, alimenta-se o permanente complexo de inferioridade científica e visões distorcidas, quando não preconceituosas, de certos conhecimentos (apresentados como "curiosidades"). Em relação à ecologia, o tratamento é híbrido: há enfoques alarmistas, educativo-preservacionistas,

politico-econômicos (pressões internacionais, medidas paliativas de governo e procedimentos de controle industrial etc). Mas raramente se vêem matérias que discutam as propostas alternativas já existentes para conter a destruição e preservar os recursos naturais, sem abrir mão do desenvolvimento econômico.

O espaço destinado à vida nas cidades, embora venha crescendo, ainda está com seu perfil indefinido: poucos são os jornais que organizam a sua cobertura e sua edição de forma a contemplar os aspectos básicos das gestões municipais e do atendimento às necessidades cotidianas dos cidadãos - sobretudo educação, saúde, transportes e abastecimento (este último abordado geralmente sob o ponto de vista dos fornecedores, nas páginas de economia). Os fatos policiais, no entanto, ganham mais destaque do que essas quatro áreas juntas, seja em páginas específicas (caso de OD, UH, JT e ESP), seja diluídos nas demais editorias, inclusive na Economia, que abriga os crimes financeiros e os de lesa-consumidor.

Na busca de aumento de receita e de prestígio, alguns jornais têm lançado mão de segmentações cada vez maiores das informações, através de páginas ou cadernos semanais destinados a públicos específicos: Propaganda e Marketing (FT); Casa e decoração (JB); Carro e Moto (JB); Jornal do Carro (JT); AgroFolha (FSP); Suplemento Agrícola (ESP); PortoFolha (FSP); Aviação (ESP) e suplementos eventuais como Vestibular (OG) e Diretas 89 (FSP).

5.1- o padrão USA Today

Das recentes reformas gráfico-editoriais realizadas na imprensa brasileira, duas se destacaram por incorporar a estética televisiva e a fragmentação típica desta fase da modernidade, através do uso da cor, da economia de texto e da diagramação modular (padronizada): a da *Folha de S. Paulo* e a da *Folha da Tarde* - ambas inspiradas no diário norte-americano *USA Today*. Lançado em 5 de setembro de 1982 pela Gannett Company Incorporated, grupo do setor de comunicação que já publicava 84 diários regionais em todo o país, além de possuir canais de rádio e televisão, este jornal veio desafiar quatro verdades fundamentais para a comunidade jornalística americana:

- a de que os jornais diários têm que ser locais (até 82, apenas o *The New York Times*, o *Christian Science Monitor* e *The Wall Street Journal* tinham enfoque e circulação nacional);

- a de que a imprensa estava deixando de ser um bom negócio (constatada pela queda progressiva no número de leitores, apesar do crescimento populacional, pela consequente estagnação das tiragens e pelo fechamento de vários jornais);

- a de que os jornais diários tinham que ser preto e branco, admitindo cor em apenas algumas seções ou ocasiões especiais;

- e a crença de que os jornais nunca conseguiriam competir com a televisão;

Havia, porém, além dos desafios jornalísticos e comerciais (atingir o público que não estava lendo jornais e tirar fatias de publicidade da TV e das revistas), um objetivo ideológico que o editor *senior* do *USA Today*, John Walter, não mencionou na palestra que fez no Brasil, em 1987⁶⁰, mas que Daniel Hallin analisou em um capítulo do livro *Reading News*, publicado nesse mesmo ano: "servir como fórum para uma melhor compreensão e unidade para ajudar os EUA a se tornarem uma verdadeira nação"⁶¹. Ou seja, recuperar o esmaecido orgulho americano que mantinha a unidade nacional, apesar do federalismo forte (uma das razões do sucesso dos jornais metropolitanos ou regionais). Essa intenção está explícita no próprio cabeçalho do jornal, ao lado do logotipo: *O Jornal da Nação/ nº 1 nos Estados Unidos da América...5,3 milhões de leitores por dia. Tudo isso por 50 cents - least but not last - Via Satellite*⁶². E é reforçada pela utilização frequente do pronome "nós" nas suas manchetes e textos.

Assim, por trás da tão elogiada e ao mesmo tempo polêmica organização espacial do *USA Today* não está apenas a intenção editorial e mercadológica de atender o leitor que tem pouco tempo e se aborrece com matérias longas (conforme detectado pelas pesquisas realizadas pela Gannett antes de lançar seu novo produto). Há também uma estratégia de massificação da mentalidade e dos hábitos dos americanos de médio poder aquisitivo das grandes cidades dos EUA.

O jornalismo do *USA Today* não é um jornalismo de temas políticos mas de símbolos da vida diária, entendida porém não como uma luta material (como parece ser o caso do *New York Daily News*)

mas como símbolo "para cima" de uma unidade "EUA" definida basicamente pela cultura do lazer e do consumo de massas. (....) O *USA Today* está preocupado com o cidadão comum (....) não com a particularidade de vidas individuais mas com as formas pelas quais as pessoas comuns compartilham em geral, através da cultura de massas, de alguma forma de vida nacional. O *USA Today* está voltado para consumo, lazer, televisão, celebridades e histórias de interesse humano, saúde e valores e crenças que são consenso entre seus leitores.⁶³

A validade dessa crítica é reforçada por uma afirmação de John Walter ao tentar sintetizar o perfil do jornal que edita:

Como o clip de papel, *USA Today* luta pelo reconhecimento instantâneo, pela simplicidade no design, pela aparência uniforme e pelo uso da terminologia da era do computador de uma forma que não afaste o usuário (....).⁶⁴

A tática principal para atender a essa estratégia foi a divisão do jornal em quatro cadernos temáticos - noticiário geral, dinheiro, esporte e vida - cada um com uma capa cujo esquema de organização espacial é semelhante ao da primeira página:

- no alto, à direita, o que os editores chamam de "nosso quadro de avisos" (*our billboard*), em fundo vermelho, com pequenas chamadas para assuntos considerados úteis ao leitor;

- do lado esquerdo, um índice de 15 a 20 matérias do noticiário geral, composto majoritariamente por matérias de interesse nacional;

- ao centro, sete ou oito matérias curtas, das quais apenas uma - sobre o principal assunto do dia - continua no interior do jornal (sempre na página dois);

- nos cantos superiores ficam as "orelhas", com cha-

madas para os outros cadernos (à esquerda, sempre uma matéria de esportes);

- nos cantos inferiores - os "cantos quentes" no jargão interno do *USA Today* - vêm, à direita, um gráfico, foto ou pequena matéria com fundo colorido, e à esquerda os *snapshots* - flagrantes estatísticos da vida dos Estados Unidos (*A look at statistics that shape our lives/your finances/the nation*), que tanto pode ser a comparação do último PNB com o de dez anos atrás (gráfico evolutivo), quanto as atividades domésticas preferidas pelos homens, por exemplo. Foi com base nesses quadros que a FSP criou o *IndiFolha*, publicado obrigatoriamente no canto inferior esquerdo de todas as capas de caderno.

No noticiário geral, o *USA Today* condensa em apenas uma página o que considera as principais notícias dos 50 estados norte-americanos, com dois ou três registros de cada. Em função disso, tem sido frequentemente acusado de superficialidade. A página de opinião é centrada em um tópico a cada dia, apresentado no editorial localizado sempre à esquerda; ao lado, vêm quatro artigos de pessoas de fora da Redação sobre o mesmo assunto, sendo que pelo menos dois deles são obrigatoriamente contrários à "opinião da equipe do jornal". Na página contígua, um dos assuntos da edição serve de tema para a entrevista ping-pong (perguntas e respostas) com uma personalidade nacional. Segundo Daniel Hallin, quando o *USA Today* trata de política, tende a focar o presidente como um tipo de homem médio elevado a uma categoria superior e símbolo da nação; não como um defensor

de diretrizes políticas das quais as pessoas possam discordar, mas como um monarca.

O segundo caderno - dinheiro - fala de cotações do mercado e opções de investimentos ao alcance do consumidor de rendimento médio (deixando as altas finanças para o *Wall Street Journal*) e retrata personagens que se tornaram empreendedores de sucesso. O terceiro - esportes - procura atender a uma demanda reprimida de noticiário esportivo na imprensa (em comparação com as audiências dos programas esportivos da TV) e inclui, além de um ou dois tópicos de cada estado, uma página de "arquivo", com quadros estatísticos dedicados aos fãs de cada esporte que adoram relembrar, por exemplo, quem marcou mais gols ou cestas no campeonato de 1940.

O esporte é a parte da vida pela qual diferentes regiões do país e, de forma provinciana, seus fãs podem participar ativamente da vida nacional; é uma das poucas maneiras pelas quais a maioria das cidades viram notícia com frequência regular. (sic)⁶³

O quarto caderno - vida - consolida o projeto do jornal ao abordar aspectos típicos do cotidiano das metrópoles americanas, de entretenimento (com ênfase na televisão), comportamento, educação e saúde. Eventualmente, o *USA Today* publica cadernos especiais sobre assuntos que estejam despertando grande interesse nacional.

A América retratada pelo jornal é a América dos anunciantes - feliz, homogênea, próspera e preocupada, em esmagadora maioria, com os assuntos da vida privada.⁶⁴

Este não é exatamente o perfil dos leitores da *Folha da Tarde* - o jornal brasileiro que adotou mais caracterís-

ticas do *USA Today* - embora também vise um público de massa. A reforma por que passou em 1988 não foi apenas gráfica, mas também editorial, com objetivo de "fortalecer a linha popular do seu noticiário" sem cair no "popularesco"⁶⁷. A idéia era privilegiar os fatos ligados à vida da cidade, à economia de caráter essencialmente popular, aos esportes, à televisão e ao vídeo (partindo do pressuposto de que seus leitores não gostam muito de sair de casa). Como diferenciação editorial e estratégia para "aumentar a abrangência do público que o jornal deseja capturar"⁶⁸, a FT adotou ainda títulos criativos e bem-humorados.

Fala-se muito (....) que só restará em cada cidade importante do país um grande jornal de caráter nacional. O que não impede que outros, usando a criatividade e a ousadia, ocupem com sucesso os espaços segmentados.⁶⁹

A *Folha de S. Paulo* - pertencente ao mesmo grupo empresarial que a FT - é um desses jornais que pretende se firmar em termos nacionais como veículo de um público sofisticado e metropolitano.

A maioria dos leitores da *Folha* vivem (sic) em centros urbanos. O leitor padrão e alvo do jornal é cosmopolita. Há uma grande identidade entre a abordagem temática típica das grandes metrópoles e a da *Folha*.⁷⁰

Mas a principal característica do novo diário americano é o tratamento gráfico das informações, sobretudo pelo uso de quatro cores com excelente qualidade de impressão graças a um sofisticado processo tecnológico (descrito mais adiante). Segundo John Walter, o objetivo é apresentar notícias de forma rápida e concisa e facilitar a leitura de assuntos mais complexos pela sua divisão em partes (subre-

trancas ou matérias coordenadas, no jargão das redações brasileiras) e pela utilização de recursos visuais (gráficos, mapas, ilustrações) que sintetizem um grande volume de informações.

O exemplo que já se tornou clássico é o mapa do tempo que o *USA Today* publica na última página do primeiro caderno, com uma variedade de avaliações climáticas. Ironizando sutilmente o impacto que este recurso causou na imprensa americana, Walter lembrou que há pelo menos 20 anos todos os noticiários de TV do país dedicam cinco minutos à previsão do tempo, agora enriquecida com projeções eletrônicas de fotos de satélites e recursos de animação. Embora não haja esta tradição no Brasil, a FSP criou o mais completo mapa de previsão do tempo da imprensa brasileira, ocupando cerca de dois terços da segunda página do caderno *Cidades*, com uma variedade de indicadores meteorológicos e climáticos: foto de satélite, tempo no Brasil, tempo em SP, qualidade do ar, sol, fases da lua, marés, agricultura, temperatura no mundo, semana da Terra (raios, furacões etc), qualidade das praias (às 6^{as}, sab. e dom. - este último incluindo as do Rio).

Se, por um lado, o tratamento sintético das informações (tanto pelo enfoque seletivo quanto pela apresentação esmiuçada) ajuda a aumentar o repertório cultural do leitor medianamente informado e sem grande interesse no seu próprio crescimento intelectual, por outro funciona como um discurso metonímico de tendência alienante, já que toma o particular como o geral e elimina ou dilui a diversidade

social, cultural e ideológica através de estatísticas e ênfase a padrões de comportamento e de consumo de massa.

Um exemplo dessas duas faces da moeda foi contado por John Walter. No dia seguinte à explosão da Challenger, em vez de repetir o anúncio da explosão já feito pela TV (inclusive ao vivo), a manchete do USA Today foi "Oh, meu Deus, não!" - a frase que Nancy Reagan pronunciou quando viu a cena na televisão. "Novamente trouxemos um detalhado gráfico explicando como o ônibus espacial poderia ter explodido, e colocamos dentro dele as diversas histórias sobre o caso", enfatizou Walter²¹. Outro exemplo que confirma o engajamento desse jornal na ideologia da sociedade de massa é o tipo de cobertura que fez nas últimas eleições presidenciais dos EUA. Em vez de preocupar-se em cercar o acontecimento com relatos e análises, centrou sua edição em um "serviço" sobre o que a TV iria apresentar sob o título "Como assistir à votação". E no lugar de destacar a imagem dos candidatos, publicou em área nobre (o "quadro central") fotos dos astros televisivos envolvidos na cobertura. Não é à-toa que o USA Today foi apelidado de McPaper (em alusão à cadeia multinacional de lanches rápidos industrializados).

Em relação à FSP e FT, o universo desta pesquisa não permitiu avaliar o efeito que a redução de 25% no volume de texto (em número de toques) provocou na quantidade e na qualidade da informação veiculada. Mas vale citar o impacto que casou sobre o público, em termos de eficácia comunicativa, segundo pesquisa realizada pelo DataFolha em junho de 1989. Dos 60% de entrevistados que se revelaram "totalmente

favoráveis" à reforma gráfica (que abrangeu, também, o aumento do corpo de letras, a diagramação em módulos, a setorização em cadernos e o uso eventual de fotos e ilustrações em cores), 71% preferiram as letras e o entrelinhamento maiores, mas só 13% justificaram, espontaneamente, que a leitura ficou mais rápida e dinâmica e apenas 9% consideraram que as reportagens estão mais concisas e objetivas. Nas perguntas dirigidas (com mais de uma resposta possível), 91% responderam que a leitura ficou mais fácil; 85% que se tornou mais rápida; e 78% que o jornal ficou mais bonito. Em relação ao uso da cor, 48% disseram que ela chama a atenção e diferencia o jornal; 38% que torna o visual mais bonito e alegre; 30% que torna a leitura mais agradável e 18% que representa inovação e modernização. Mas os leitores demonstraram certo conservadorismo em relação a esse recurso ao indicar quais seções ou cadernos ficariam melhor com fotos e ilustrações coloridas: 49% responderam a Ilustrada, 39%, Esportes, 28%, Turismo, 15%, primeira página, 15%, Cidades e apenas 5% todo o jornal.

O material informativo que o *USA Today* publica diariamente é fruto do trabalho de seus 425 jornalistas e das redações dos 90 outros jornais regionais da Gannett, das suas 10 emissoras de rádio e 16 de Tv (junho de 1989), além das agências nacionais e internacionais de notícias. Todas essas informações são enviadas a um computador central aos quais estão ligados centenas de terminais. Depois de editadas, as matérias de cada editoria são enviadas eletronicamente para o departamento de fotocomposição, onde os textos

são processados a uma velocidade de 800 linhas por minuto. Em seguida, são artefinalizadas (*paste up*) e enviadas ao departamento de fotolito, cujas câmaras fotográficas são controladas por computador, o que aumenta a qualidade da reprodução, sobretudo das cores. Os gráficos e fotos a cor são reproduzidos em dois *scanners* (leitores óticos) a raio laser programados para produzir a seleção de cores, o que permite a obtenção de meios tons do mesmo nível das revistas.

Para ser transmitido às 32 gráficas de vários estados americanos encarregadas da impressão do jornal, o fotolito de cada página é colocado em um cilindro que gira à velocidade de 3.500 rotações por minuto. Simultaneamente, um outro *scanner* a laser faz sua leitura e codifica o que leu em sinais eletrônicos que são transmitidos via satélite. Em cada gráfica há uma antena receptora dos sinais do satélite e gravadores de fac-símile que recodificam esses sinais em negativos do tamanho natural de uma página. A transmissão de todo o jornal dura cerca de 8 horas e a impressão é feita em máquina *offset* de alta velocidade (média de 18 mil cópias por hora).

Foi esse aparato tecnológico mais a infraestrutura já disponível pela Gannet que tornaram possível um projeto de jornal nacional em um país com as dimensões dos Estados Unidos. Sem essas duas condições, a idéia esbarraria imediatamente nos problemas de transporte das edições impressas. Em 1987, o *USA Today* chegava antes das nove da manhã aos pontos de venda das cem maiores cidades americanas e

possuía uma gráfica em Cingapura e outra na Suíça para impressão de sua edição internacional, reduzida a 16 páginas diárias e distribuída a 50 países da Europa, Oriente Médio, Ásia e África. Eram, na época, 1,5 milhão de exemplares só nos EUA, o que representava 4,8 milhões de leitores por dia (considerando-se a leitura cumulativa). Só perdia para o *Wall Street Journal*, especializado em economia e negócios, com quase dois milhões de exemplares/dia.

6- CONCLUSÕES

Ao longo dos dezesseis anos de convivência com o jornalismo - aprendendo, fazendo, ensinando - vinha experimentando o dilema entre a crença em relatos objetivos dos acontecimentos e a desconfiança sobre a possibilidade de se revelar a verdade dos fatos. Após mergulhar nos 104 exemplares dos jornais pesquisados, pude constatar que a questão da verdade no jornalismo tem mais facetas do que as que supunha inicialmente. A medida que avançava na pesquisa, mais perguntas me colocava e novos caminhos me surgiam - daí a extensão do trabalho. Por isso, em lugar de um quadro conclusivo fechado, cheguei ao final desta maratona com perspectivas de novas discussões e aprofundamento dos temas levantados em cada capítulo.

Entre as conclusões possíveis, há a de que - para analisar o discurso jornalístico como meio e não como fim - é preciso deslocar o eixo, das técnicas (regras de como fazer) para as linguagens (possibilidades do fazer); da lógica (esquemas de construção racional) para a dialética (relações dos jogos de linguagem). E também a de que é necessário repensar a verdade mais do ponto de vista das ideologias, das relações de poder, do que da ética e das intenções subjetivas.

Foram esses procedimentos metodológicos que permitiram a confirmação da importância do não-dito na produção de sentido na imprensa e de que as inverdades não resultam, necessariamente, de relatos mentirosos, mas da supervalori-

zação ou ausência de certas informações. No dito, o "falsamento" dos fatos se dá, em grande parte, pela credibilidade acrítica às declarações (o que a fonte disse) em detrimento da avaliação dos seus referentes (aquilo de que se fala) e de seus contextos (as contingências do discurso relatado e as circunstâncias histórico-sociais dos referentes). Ocorre, também, pela valorização espacial das narrativas - seja pelo destaque a matérias favoráveis às estratégias do jornal, seja pela ênfase aos aspectos negativos dos personagens adversários e das idéias antagônicas.

A realidade reconstituída pelo discurso jornalístico pode até manter uma certa dialética, mas perde a sua dinâmica quando as práticas são separadas das suas estruturas (sistemas) e as significações são delimitadas pelos cortes ideológicos da seleção de informações, da estrutura narrativa e da hierarquização espacial.

7- ANEXOS

- * Reprodução de matérias do caso F (pág.91)
- * Reprodução de primeiras páginas (amostragem A e B)
- * Quadro 1 - Seleção de assuntos na primeira página
(amostragem A)
- * Quadro 2 - Seleção de assuntos na primeira página
(amostragem B)
- * Quadro 3 - Número de chamadas por áreas temáticas
(amostragens A e B)
- * Listagem 1 - Assuntos comuns a dois ou mais jornais
(amostragem A)
- * Listagem 2 - Assuntos comuns a dois ou mais jornais
(amostragem B)
- * Listagem 3 - Organização espacial
 - . Jornal do Brasil
 - . O Globo
 - . O Dia
 - . Última Hora
 - . Folha de S.Paulo
 - . Folha da Tarde
 - . O Estado de São Paulo
 - . Jornal da Tarde

Corpo a corpo

Afif quer crescer no Rio de Janeiro

Disposto a investir no eleitorado fluminense, Afif Domingos quer crescer corpo a corpo em uma alternativa a Csp. Rio e Urubabe. Ele lembra que já é o terceiro colocado em intenções de voto no Rio, podendo crescer ainda pelo Rio de Janeiro, ser "um candidato que prega o voto".

Para reforçar esta opção junto ao eleitorado do Estado, Afif pretende empregar o mesmo trabalho de corpo a corpo que vem realizando em Minas — que já visitou 39 vezes, desde março. Ontem, Afif inaugurou um comitê em Goiânia.

GAZETA — Yassa o dia em São Paulo.

U-GUARANI — Roberto Freyre não pretende mesmo incluir o hino da Internacional Socialista em seus programas na TV, pois, segundo os coordenadores da sua campanha, o hino já teria tido votos do candidato em eleições passadas. Freyre, que ontem

Fracassa carreira de Brizola

Fracassou ontem a tentativa do candidato do PDT à Presidência, Leonel Brizola, de realizar uma car-

rente. A presença de poucas pessoas em concentração marcada para Copacabana e a chuva que caiu ontem de manhã em algumas regiões da Baixada Fluminense foram os principais motivos para o cancelamento do que deveria ter sido a primeira manifestação significativa de Brizola no Rio. Com receio de que um eventual refreado prejudicasse sua performance na gravação dos próximos programas eleitorais, segundo afirmou um assessor, Brizola deu "voto" em cerca de 500 manifestantes, que permaneceram durante horas em

frente ao edifício onde mora, na esquina da Avenida Atlântica com a Rua Xavier de Silveira.

Os organizadores tentaram convencer as pessoas que compareceram a realizar a manifestação sem Brizola, mas ninguém saiu do lugar. Os primeiros manifestantes chegaram ao local às 9h. Eles deveriam seguir até o Mercado São Sebastião, na Penha, onde haveria outra concentração, para em seguida se dirigirem à Brásia. Brizola só desceu de seu apartamento, onde gravava os próximos programas de televisão, às 14h30m, mas não quis declarar de qual percorreria a Baixada.

Partidos repetem programas na TV

Se o telespectador interessado em assistir ao horário eleitoral gratuito ficou surpreso na sexta-feira com a forma inusitada em que alguns candidatos se apresentaram, sua expectativa em se manter lido nos programas de TV de cada partido não foi atendida. A República sofreu ontem uma ducha de água fria. A maioria dos partidos repetiu, às 13h, os programas do dia anterior.

Ouvidas pelo GLOBO, as assessorias dos candidatos justificaram a repetição com a necessidade de fixar bem a imagem de cada um deles junto ao eleitor, e que a partir de domingo os programas vão variar de tema, para fidelidade daqueles que concordam que o horário gratuito é importante para a democracia e se prestam a assistir todas as noites.

Jornalistas, empresários e mercenários

É NOTÓRIO que certas organizações jornalísticas são obrigadas a sucessivas reintenções nas dívidas assumidas em estabelecimentos oficiais de crédito ou locam obrigadas a vender empresas e a obter concessões de serviços públicos, a fim de captar recursos para o custeio de seus veículos.

UMA SITUAÇÃO torna difícil a seu responsável com a prestação de serviços e a sua própria renda dos leitores e a sua própria de mídia eletrônica asseguram à Organização Globo uma demanda publicitária cuja rentabilidade lhe permite o serviço e da qualidade do "produto global". Possibilita-lhe ainda reservas que não ficam contraídas em aplicações financeiras, mas em empreendimentos produtivos de interesse

para o desenvolvimento nacional.

A DIREÇÃO desses empreendimentos atua-se através de executivos competentes cujas atividades, realizadas no seu âmbito mercadológico, não se mesclam nem se confundem com as dos jornalistas que, há várias décadas, vêm propiciando à Organização Globo um lucro que, para concorrentes incombustíveis, possibilita um "monopólio" da correntes profissionais e do talento artístico.

INFELIZMENTE as manifestações de descontentamento não foram o suficiente para atingir as excusas que reduzem no abandono das mais conhecidas regras da ética, chegando à deliberação de desrespeito ou de fatos e divulgação de ilicitudes desastrosamente internas.

É POSSÍVEL que tais deslezes ocorram, não por culpa dos dirigentes, mas por crises administrativas que ensejam a informações menos acuradas, ao invés de fazer a cobertura de certos gabinetes ministeriais ou apresentar para seus jornais, senão, sem intenção a fazer a cobertura de seus jornais para aquelas gabinetes.

COMO É óbvio, esse comportamento não foge ao âmbito da imprensa e Organização Globo, pois apenas aumenta o desânimo que abandonam anular.

DE QUALQUER maneira, é lamentável que a insistência nesse prática vá cada vez mais obtendo discernir as fronteiras que até hoje têm distinguido a postura de respeitável órgão que se destacaram na imprensa brasileira, daquela que caracteriza as aventuras públicas-pães do jornalismo marrom.

Brizola cancela carreata no Rio e irrita militantes



Enviado especial ao Rio

A chuva e o atraso nas gravagens para o horário gratuito fizeram ontem com que o candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, cancelasse uma carreata que iria de Copacabana, na Zona Sul do Rio, até a Baixada Fluminense. O cancelamento frustrou cerca de 300 pessoas que aguardavam diante do prédio em que mora o candidato e onde funciona também seu estúdio de gravação.

"Brizolista de verdade não tem medo de chuva, só de fome e água", reclamava, por exemplo, Silas Cardoso, 69, depois de ouvir de assessores do candidato que chovia forte naquele momento na Baixada Fluminense. "Tem que ir, tem que ir", repetia Leda Salgado, 65, coberta de "bottons" do PDT e de Brizola. Uma roda de samba tentava manter a animação, sem muito sucesso. "Desce, desce", pediam alguns manifestantes, aos gritos. O candidato tem apartamento no sétimo andar.

Enquanto isto, Brizola gravava para o horário eleitoral. Com a viagem à Europa na semana passada, atrasou-se o cronograma de gravações e agora a campanha precisa recuperar o tempo.

Quando um assessor subiu no caminhão de som e disse que a carreata iria sem Brizola, explodiram as vozes. "Todo tempo tem que ser aproveitado na gravação", justificou o assessor, depois de falar também da chuva. "Ninguém vai", responderam os manifestantes, exigindo a presença do candidato. Ele só desceu às 15h40, fez uma rápida saudação e voltou.

A carreata foi convocada por amigos nos jornais do Rio e a Baixada Fluminense foi escolhida

PDT imprime

manuais

Do enviado especial ao Rio

O PDT começa a imprimir amanhã 100 mil manuais para distribuir entre seus filiados da preparação na eleição. Quatro equipes, cada uma composta por um advogado e um técnico em processamento de dados, também começam a percorrer as capitais dos Estados, preparando coordenadores de fiscalização.

Segundo o deputado Luiz Salomão, a operação custará 100 mil BTN (cerca de NC\$ 270 mil). Ela será complementada por 35 milhões e um meio milhão. (AG)

da por ser um reduto brizolista, ideal para "suscitar" a campanha após o intervalo da viagem à Europa. "E se chover no dia da eleição, o Brizola não volta?", perguntava outro manifestante, carregando uma bandeira com o nome de seu candidato.

Os dirigentes da campanha tentaram insistir na saída dos carros, que fariam um percurso apenas pelo centro da cidade, mas abandonaram a ideia. O carro de som, então, permaneceu diante do prédio.

Deputados federais do PDT estiveram no apartamento de Brizola sem vê-lo, já que as gravações continuavam. A presidente da Câmara Municipal do Rio, Regina Gasparino, também de "impedimento", também apareceu, mas não conversou com o candidato.

CASO F

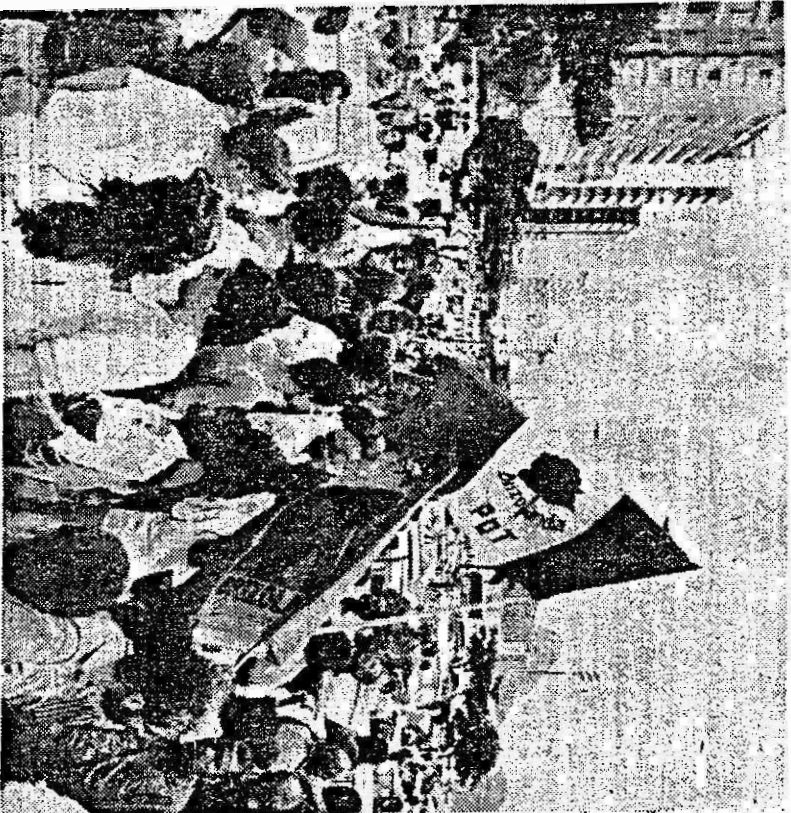
Brizola prefere não se molhar

Candidato do PDT
cancela passeata na
Baixada Fluminense e
irrita militantes

MARA ZIRAVELLO

RIO — A desculpa, foi o tempo nublado. O motivo, alegado por assessores, foi a gravação do programa eleitoral gratuito. Por um ou por outro, o candidato do PDT, Leonel Brizola, ausentou-se do desfile de carros, programado para ontem na Baixada Fluminense, região operária do Rio — e o resultado foi a frustração de cerca de 500 pessoas que desde cedo se aglomeravam diante da residência de Brizola, em Copacabana. Das 10 horas da manhã até as 15 horas, em pé, sob um sol forte, os brizolistas pediam apenas uma coisa ao candidato: que ele aparecesse, ao menos, na sacada. Ele não apareceu.

Convocada pelos jornais de maior circulação no Rio de Janeiro, a concentração para dar início ao desfile estava marcada em dois lugares distintos. Uma, de Copacabana, deveria começar às 11 horas. Outra, na zona Oeste da cidade, próximo à saída para a Baixada, às 13h30. Na primeira estaria Leonel Brizola. Na segunda, o vice-deputado pedetista, Fernando Lyra. Brizola ficou em casa e Lyra não saiu do hotel. "Chuva não muita ninguém", reclamava o apovado Sillas Cardoso Maia, 69 anos, disposto a enfrentar qualquer temporal desde as 0h30.



Carlos Chaves/VE

Passeata frustrada do PDT. Brizola não quis sair na chuva

O primeiro aviso de que Brizola não iria à Baixada foi mandado pelo coordenador da campanha, Cibyllis Viana. O recado, transmitido pelo carro de som por um militante, convenceu alguns e decepcionou a maioria. "Chove torrencialmente lá na Baixada. Então vamos organizar um ato público pela cidade", ressaltou, sob vaivas. Fora dos microfones, o assessor Carlos

Contursi repetia as explicações ouvidas de Brizola: "Eu sato, começa a chover, fico doente e aí?" O serviço de meteorologia informou, por telefone, que o tempo estava incerto na Baixada — mas não estava chovendo.

"Resfriado também não mata ninguém", insistia o apovado Sillas Maia. As reclamações, porém, não chegavam

aos ouvidos de Brizola. Decididos a acalmar os ânimos, integrantes da Brizolândia pedetista — sacaram de violão, pandeiro e reco-reco. Improvisaram sambas e reanimaram a torcida. Foram vinte minutos de cantoria, até que o assessor Roberto D'Ávila veio com mais uma explicação: "Ele está gravando".

A brizolista Leda Salgado Goes, 65 anos, queria saber até que horas Brizola ficaria nos estúdios. "A gente espera, não tem problema. Mas ele vem ou não vem quando acabar de gravar?" D'Ávila não sabia a resposta. "Vamos ver", disse ao subir novamente para a casa do ex-governador — e não desceu mais. "Ele não pode perder essa chance", discursava Leda. "Nem que seja só para fazer um comício." A possível chuva e a gravação do programa dividiram opiniões — e as pessoas começaram a ponderar sobre uma questão aparentemente óbvia: se estava programado de candidato ficar gravando para o horário gratuito, por que marcou o desfile de carros?

Problemas com as cordas vocais de Brizola foi outra das desculpas para que ele não cumprisse o compromisso divulgado nos jornais. Mais um motivo para outra pergunta: se está com problemas vocais, está gravando o quê? Para o presidente da Brizolândia, Antonio Ferreira do Nascimento, o Ferefinha, o beco estava mesmo sem saída. "Ele deveria ter vindo de qualquer jeito", declarou. "O maior erro está em marcar e não fazer."



O carro de som estava pronto. Mas Brizola, com receio de gripe, adiou a sua carreata

Brizola critica TV e evita sair com chuva

CASO F

JB, 17/09/89

Além de criticar seu principal concorrente na eleição presidencial, Fernando Collor de Mello, do PRN, o candidato do PDT, Leonel Brizola, vai mirar também os candidatos do PDS, Paulo Maluf, e do PL, Guilherme Afif Domingos, nos programas eleitorais gratuitos de seu partido. "Eles são *yuppies* políticos. Formam uma trindade política com a mesma substância. Nasceram no ventre da ditadura, exerceram altos cargos biônicos da ditadura, vêm do PDS, da Arena. Como podem ser diferentes? O povo brasileiro precisa saber quem é quem. E nos programas eles se apresentaram como anjinhos.", comentou Brizola sobre o primeiro dia de propaganda eleitoral gratuita na televisão, anteontem.

Ele disse que não gostou dos programas: "Achei tudo muito água com açúcar, uma espécie de geleia, com os candidatos se mostrando como bonzinhos. Vou dedicar um comentário a esse respeito porque nós, candidatos, não somos iguais". Este comentário, segundo seus assessores, será transmitido hoje à noite no programa do PDT. Brizola ressaltou que não pretende fazer ataques pessoais aos seus

adversários, mas "levar questões políticas". Sobre o programa do PDT, o candidato fez uma autocrítica: "O partido tem limitações em matéria de aparelhagem, de laboratório, de meios. Nosso programa não ofereceu qualidade. Mas contamos com os melhores quadros neste campo, como o jornalista Fernando Barbosa Lima".

O candidato pedetista provocou ontem uma grande frustração na sua militância, que o esperou por mais de três horas, em frente ao edifício em que Brizola mora, na Avenida Atlântica, Copacabana, para uma carreata que percorreria a Baixada Fluminense e a Zona Norte do Rio, que chegou a ser anunciada pelo PDT nos principais jornais do Rio. A alegação de Brizola para cancelar o que seria o primeiro grande ato de sua campanha de rua no Rio era de que chovia na Baixada na parte da manhã e início da tarde, quando deveria acontecer a carreata, e ele poderia ficar gripado. Embora seus assessores afirmassem, para as cercas de 500 pessoas que o esperavam na calçada, que na Baixada chovia torrencialmente, as chuvas eram ocasionais.

Foto Cláudia Rangel



Brizola chamou os candidatos Maluf, Afif e Collor de yuppies políticos

Carreata de Brizola é adiada pelo mau tempo

O candidato do PDT à Presidência, Leonel Brizola, chamou ontem os candidatos Guilherme Afif Domingos (PL), Paulo Maluf (PDS) e Fernando Collor de Mello (PRN) de *yuppies políticos* - *yuppies* são jovens executivos bem-sucedidos - por pertencerem ao mesmo grupo de políticos "que vêm da ditadura e cresceram nessa estrutura". Essa foi a primeira declaração do pedetista após avaliação do início do horário de propaganda gratuita no rádio e tevê.

A carreata marcada para ontem e anunciada em vários jornais do Rio em propaganda paga pelo PDT e que seria sua primeira grande investida na Baixada Fluminense - seu reduto eleitoral - foi cancelada por causa da chuva, frustrando os cerca de 500 brizolistas que se aglomeraram na porta do prédio do candidato. Seus simpatizantes só arredaram pé e o perdoaram, quando Brizola desceu para cumprimentá-los, após insistente espera de 3 horas e 40 minutos.

A carreata foi transferida para outro dia ainda não definido. Brizola já havia anunciado um dia antes que, se estivesse chovendo, cancelaria o evento. A avaliação - não explícita - da cúpula do Partido é de que

o candidato não deveria amargar o ônus de não conseguir mobilizar a Baixada por causa do mau tempo.

O ex-Governador do Rio achou os primeiros programas eleitorais exibidos no horário gratuito "muito água com açúcar" e disse que vai dedicar um espaço em seu próprio horário para esse comentário. Brizola, no entanto, evitou criticar seu programa. Afirmou apenas que se Partido tem limitações de aparelhagem e de "meios", apesar de contar "com os melhores quadros", citando o jornalista Barbosa Lima Sobrinho.

Afirmou que Afif, Maluf e Collor "representam, na verdade, o continuísmo" e que chegou a "hora da verdade, do povo brasileiro saber quem é quem". Ele não se preocupa que críticas como essa que venha a fazer no horário gratuito possam vir a lhe tomar o tempo, reivindicado pelos Partidos dos candidatos que se sentirem agredidos. "Não estamos difamando ninguém. Estamos apenas levantando questões políticas", esquivou-se. Brizola negou que a crise na Câmara do Rio, envolvendo Regina Gordilho - que estava presente ontem - abale sua candidatura. Disse que a postura do PDT será a de prestigiá-la no exercício de suas funções.

CASO F

OD, 17/09/89

Alvos de Brizola na TV São Collor, Afif e Maluf

Unipolítica

Os novos programas do PDT no horário eleitoral gratuito no rádio e na televisão trarão surpresas não apenas quanto ao principal adversário de Leonel Brizola, Fernando Collor, do PRN, mas também sobre os candidatos Paulo Maluf, do PDS, e Afif Domingos, do PL. A primeira foi feita por Brizola, que passou duas horas em estúdio gravando novas participações no vídeo e fez também uma autógrafa à qualidade dos primeiros programas pedetistas no horário do Tribunal Superior Eleitoral.

"Eu junto três candidatos, que considero iguais substancialmente. São os yuppies Paulo Maluf, Fernando Collor e Guilherme Afif. Em meu conceito, eles são iguais porque cresceram, prosperaram politicamente e exerceram cargos burocráticos durante a ditadura", afirmou o presidente eleito, chamando os três de trindade política que "não representa nenhuma mudança".

Após analisar o primeiro dia do horário eleitoral, sexta-feira passada, Brizola disse que não gostou. "Houve muita água com açúcar. Todos os candidatos se apresentaram como bonzinhos. Pareciam Papai Noel com sacos de promessas e bugingangas", observou, para em seguida admitir que seu próprio programa não teve o desempenho que desejava. "O partido tem muitas limitações de aparelhagem e, por este motivo, o programa não ofereceu a qualidade que gostaríamos que oferecesse", ponderou. Lembrou que o partido trabalha com



Centenas de pedetistas se reúnem à porta da casa de Brizola.

profissionais do mais alto gabarito, como o jornalista Fernando Barbosa Lima.

Sábado era a data programada pelo diretório regional do partido para a realização de uma grande carreta que sairia da Zona Sul, percorreria bairros da Zona Oeste e terminaria na Baixada Fluminense. Após mais de três horas de espera, cerca de 500 pessoas que aguardavam na frente do prédio onde mora Brizola, na Avenida Atlântica, em Copacabana, ficaram frustradas quando ele desceu para avisar que a carreta não aconteceria porque estava chovendo na Baixada. Ele logo resolveu de pegar chuva ficar gripado e, assim, prejudicar sua atuação nos programas.

PRN monta cena para usar Papa

O ex-governador Leonel Brizola solicitou ao Vaticano cópias das fotos de seu recente encontro com o Papa João Paulo II, para utilizá-las no horário gratuito do TRF, na televisão. A informação é do próprio candidato, que recebeu denúncias de que seu principal adversário, Fernando Collor de Melo, fez uma montagem da foto do encontro que teve com o Papa, para incluir nela sua mulher, Rosane. A mulher de Collor não foi ao encontro com o Papa porque não é casada com o candidato do PRN na Igreja Católica. A apostólica Romana, Brizola disse

Copeira também vai à Justiça contra Rosane

Maceió — Depois do êxito obtido pelas camareiras Mariana do Amparo Lino e Maria Nivea, a copeira Ivanilda de Souza Batista, 27 anos, deu também entrada com ação trabalhista, na 3ª Junta de Conciliação e Julgamento de Maceió, contra Rosane Malta Collor de Melo, mulher do candidato à Presidência, Fernando Collor de Melo.

A ação trabalhista é patrocinada pelo mesmo advogado Narciso Francisco Torres, que reclama adição de noturno, horas extras, aviso-prévio, gozo de férias, salário-família, seus direitos rescisórios e denunciou, ainda, que trabalhava nos feriados e dias santificados sem direito a gratificação.

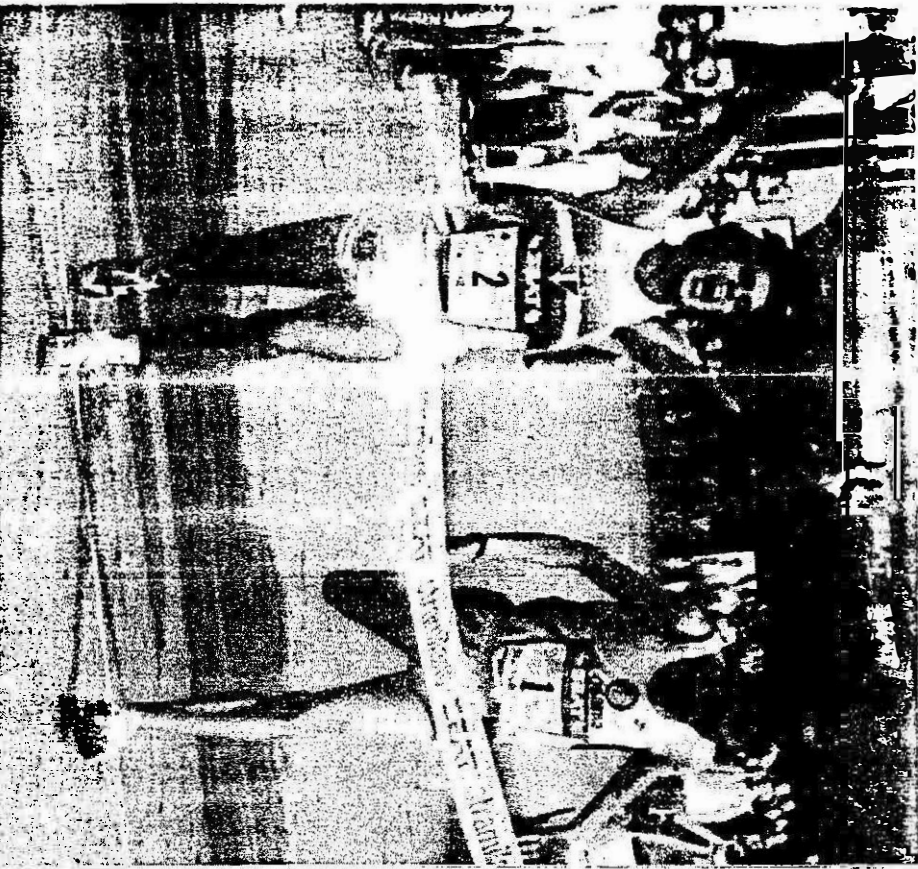
A copeira Ivanilda Batista tem audiência já marcada pelo juiz classista Francisco Lima, no dia 18 de outubro, às 16h25m na 3ª Junta de Conciliação. Ela mostrou-se bastante revoltada. Ivanilda, que mora numa das ruas do bairro do Jacintinho com o seu marido e um filho de um ano e três me-

trabalhado pela primeira vez numa casa de uma pessoa rica, sem ter recebido o que lhe merecia".

Disse que perdeu o emprego na residência oficial do palácio do governo de Alagoas. Ivanilda Batista disse "estar sem trabalho, juntamente com o seu marido, que está desempregado há um ano". Ela disse que mandou o seu advogado pedir a mesma quantia que foi dada às duas camareiras — Maria do Amparo e Maria Nivea —, que receberam na Justiça trabalhista 3 mil e 500 cruzados novos cada.

— Estou feliz com a justiça que se fez com as minhas duas amigas, disse ela, acrescentando: "Trabalhei até de madrugada no palácio vários dias, em consequência das recepções que o então governador Fernando Collor fazia quase todos os dias para receber amigos". Ivanilda Batista estranhou, apenas, o sumiço que deram em Maria Nivea e Maria do Amparo; no entanto, disse ela, "o que mais me deixou triste é que fui mandada embora pela dona

Sarney gasta milhões para ficar popular



A mesma cabeça que criou os comerciais das calcinhas Hope e das cuecas Mash está agora a serviço do presidente Sarney. Já está pronta uma campanha que, apoiada numa linguagem tosca, com frequentes agressões ao idioma, tenta provar que o governo fez sua opção pelos pobres e os ricos querem derrubá-lo para assegurar os próprios privilégios. Só a produção dos filmes (guardados nas gavetas do ministro da Casa Civil, Ronaldo Costa Couto) ficou em torno de cem milhões de cruzados. A veiculação, hoje, custaria mais de um bilhão de cruzados. O presidente e sua assessoria aprovaram a campanha da agência Agnelo Pacheco Criação & Propaganda. Ela só não foi ainda para o ar porque o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, e não gostou. Com esse esforço publicitário, divulgado com exclusividade pelo Estado, o presidente acha que vai ficar mais popular, invertendo a curva de sua imagem junto à opinião pública. Um dos filmes tem como protagonista a cadete do presidente Sarney, sempre vazia.

Página 4 e 5

Presidente ainda não tem equipe

Há três anos no poder, o presidente José Sarney ainda não conseguiu compor um ministério de sua confiança, apesar de contar com Antônio Carlos Magalhães e Prisco Viana, cuja atuação pôe em xeque a CPI da corrupção no Senado. Agora, a CPI tem de decidir se agrá para valer, apontando responsáveis, ou se recuará ante as pressões do governo. Livres das pressões e críticas dos políticos, Sarney

Página 5, 7 e 11

Ameaça no Jumbo

ARGEL — Uma manançaça a bordo do Jumbo do Kuwait, mas em outro lugar, "Fora da amlistosa Argélia". A ameaça foi feita ontem pelos seqüestradores do avião — parado no aeroporto de Argel no Norte-mar-se do aparelho. Os repórteres ficaram no alto de uma escada, a dois metros da porta. Um terrorista transmitiu as ameaças feitas por outra pessoa — provavelmente o chefe do com poucos progressos. Os seqüestradores querem combustível para o avião, a libertação de 17 xitas presos no Kuwait e a mudança da política externa pró-ocidental do emirado. O Kuwait

Página 1 e 2

Juvêncio vence
Nunes Galvão
por 109 a 108

Chefe militar da OLP assassinado em Túnis

TUNIS — Khalil Al-

Diamantí no dos Santos vence o italiano Francesco Panetta na maratona de Milão

FOLHA DA TARDE

Número 10.545 São Paulo, Segunda-feira, 18 de abril de 1981 • Alameda Barão de Limeira, 425 • CEP 01202 C\$ 145,000

FMI volta ao Brasil em maio



O ministro Malsan da Nóbrega (foto), que ontem voltou dos Estados Unidos, informou que no começo de maio uma missão do Fundo Monetário Internacional virá ao Brasil para negociações formais. O ministro disse ainda que o acordo com os credores está próximo. Pág. 12

DIA A DIA

Eles falam

CPI da Corrupção convoca os ministros José Reinoldo e Vicente Fialho para depor. Ambos devem estar juntos em Brasília no dia 3 de maio.

Sarney agora pensa em ficar seis anos. Sarney acredita em serviço completo: quem mata tem de tirar o couro.

CPI da Corrupção

convoca ministros

A CPI da Corrupção, que hoje ouviu o ex-ministro Wilson Furoto, vai chamar para depor os ministros José Reinoldo Tavares, dos Transportes, e Vicente Fialho, da Irrigação. Deverão explicar uma coincidência: o decreto que permitiu o aumento dos preços em obras e serviços retroativo ao período de congelamento do Plano Cruzado, saiu 18 dias antes da empreiteira Mendes Junior terminar uma grande obra. E também como foi feito o aplicação do decreto em 159 contratos e obras que estavam sendo realizadas pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento (Ministério da Irrigação) e Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (Ministério dos Transportes). Pág. 11

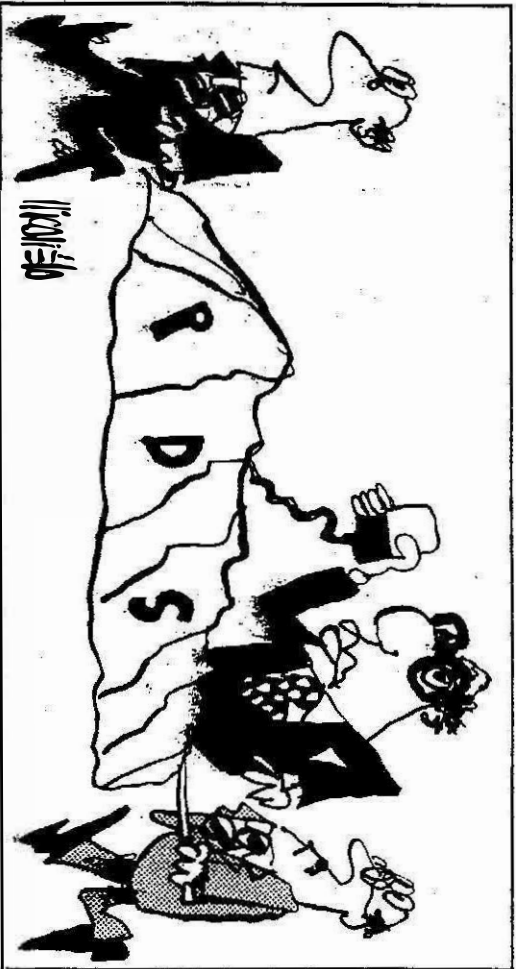
Funcionalismo decide parar por 48 horas

Os servidores públicos e os funcionários das estatais decidiram entrar em greve por 48 horas no dia 3 de maio. Será um protesto contra o congelamento salarial por dois meses decidido pelo governo. Pág. 15

Localizados mais dois sequestradores

Gérson Prontov e Nazareth (ou Neder) Vicente Nunes, dois prováveis sequestradores, foram encontrados em São Paulo.

SEM FESTA, O PDS RESSURGE



Jornal da tarde

CZ\$ 45,00

Terça-feira, 19 de Abril de 1988. Número 6.870 Ano 23

Bombardeios e mortes: EUA e Irã em guerra no Golfo.

Dois plataformas petrolíferas destruídas, uma conhoneira afundada e duas fragatas iranianas atingidas: é a resposta dos EUA à mina que atingiu um de seus navios no Golfo. O Pentágono diz que um helicóptero está desaparecido. E o Irã fala em vários mortos. Página 10.

A COCAÍNA está cercando você

Cherada, ou injetada, a coca deixou de ser um vício de ricos: embora cara, ela teve seu consumo aumentado enormemente e já ocupa pontos de venda que antes eram da maconha. Na Polícia Federal, aqui em São Paulo, há uma tonelada e meia de pó apreendido. Página 28.

Sobem a gasolina e 13 mil remédios

Litro já custa Cr\$ 7,40 desde zero hora de hoje, subindo o álcool para Cr\$ 48,70 - Beijão de gás de 13 quilos vai de Cr\$ 310,00 para Cr\$ 360,00 - Elevado também o preço do leite em pó, a partir de hoje fica 18,58% mais caro, no segundo aumento em 11 dias - Remédios entram na escalada dos aumentos: o Conselho Interministerial de Preços concedeu majoração linear a 13 mil medicamentos - Linhas telefônicas sobem 16% (Pág. 5)

APOSENTADO NÃO PERDE URUP

Afirmativa foi feita ontem pelo Ministro da Fazenda - Segundo Malkson da Nóbrega, medida atinge somente os inativos da União - Informação, no entanto, não coincide com as declarações do Ministro do Planejamento, dando conta de que as aposentadorias seriam congeladas também com a regulamentação do Artigo 10 do decreto-lei assinado pelo Presidente Sarney - (Página 3)

Mãe jura que preso é Carlinhos

Após 14 anos do sequestro, D. Maria da Conceição Ramos da Costa reconheceu em Carlos Antônio da Rosa, um assaltante preso em Bangru, seu filho Carlinhos, arrancado de casa em Laranjeiras. Sua declaração foi na Justiça e ela levou 4 meses estudando as reações do detento - Autoridades policiais, porém, não acreditam - Exames determinam grau de parentesco - (Leia na página 8)



Reportagem de TV

Presidente: ARY CARVALHO Diretor-Editor: DACIO MALTA

O DIA

Capital e Interior
20,000
CRUZADOS

ANO XXXVII - Nº 13.103 Rio de Janeiro, quarta-feira, 29 de abril de 1988

O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO PAÍS

Leão adiou o prazo da renda trimestral

Recolhimento do imposto passa de 29 de abril para 25 de maio - Receita começa a distribuir cartilha para os que têm pelo menos duas fontes de renda - Quem ganha mais de 90% em uma delas está isento da declaração de 3 em 3 meses - Prazo continua para os demais - (Leia na página 5)

Fluminense em Itaperuna e Botafogo em Niterói

Tricolor enfrenta o Porto Alegre defendendo a liderança de Taça Rio - Procução maior é com as paradas dimensões do estádio de Itaperuna - Piloneiro com muitos problemas para escalonar time contra a Católicaense - Zélio sustenta denúncia original em favor do Amarelino, de Campos (Esportes)

Superprêmio da Sena sai para apenas um ganhador

Um apostador de Brasília acertou a Sena principal e ganhou o menor prêmio individual até hoje, propõeias bolanhas da Caixa Econômica Federal - Ele vai receber a indenização líquida de Cr\$208.276.583,31 - As demais sorteadas no concurso da lotem' 04 - 07 - 27 - 28 - 42 e 50 (Página 5)

Água está contaminada nas bicas de Paracambi

Contaminação foi constatada por técnicos de uma subestação de Light - Desde 1983, um vereador do Município denunciava a poluição - Água consumida pela população local é misturada com fontes terra e capim (na página 6)

É SOLAR A FALANGE ORDEM DO GOVERNO



O Lupa no Rio: encoberto a nuidade, com chuvas esporádicas, breves e isoladas e períodos de melhora. Temperatura estável. A máxima da ontem foi de 29,3 graus; em Bangor, o mínimo, de 19 graus, no Alto do Boa Vista. Página 15

O GLOBO

Fundador: JIRINEU MARINHO
 Ano XIII — RODE JARIRO, QUINTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 1938 — Nº 19.374

Director-Redactor-Chefe: ROBERTO MARINHO

Director-Administrativo: GUILHERME FERREIRA

Director-Administrativo: RICARDO MARINHO

Director-Administrativo: EVARDO CARLOS DE ANDRADE

Como é a situação
 As muitas restrições do Plano de Constituição sobre exploração de subsídios deixam o Brasil fora do mercado internacional de minérios, na via dos superminérios, reconduzindo-se a garimpos. Editorial, página 4

Passagens de avião e tarifas telefônicas aumentam hoje

As passagens aéreas de linhas domésticas e as tarifas telefônicas estão mais caras a partir de hoje. O Departamento de Aviação Civil anunciou ontem um reajuste de 17,00% nas passagens, o que eleva o preço do bilhete de ida e volta na ponte aérea Rio-São Paulo de C2\$ 10.580,00 para C2\$ 12.355,00.

Os serviços telefônicos em geral — incluídas as linhas de telex — subirão 18,61%, em média, a partir de hoje. A ficha de telefon: foi reajustada em 14,81%, passando de C2\$ 2,70 para C2\$ 3,10 e as ligadas telefônicas domésticas aumentam 16,01%. Com esses reajustes, as tarifas telefônicas já acumulam aumento de 11,4% este ano.

Amanhã o CIP autorizará aumentos para 70 grupos de produtos, entre eles cereveja, chope, refrigerantes, detergentes líquidos e sabão em pó. **Página 27**

Metalúrgicas italianas vão se instalar no Estado do Rio

A Redaelli, Trecca e a Iia, fabricantes de cabos especiais de aço na Itália, vão se instalar no Estado do Rio. O Governador Moreira Franco assina hoje, em Milão, protocolo de intenções com as duas empresas metalúrgicas, que investirão ao todo US\$ 30 milhões (C2\$ 387 bilhões). As empresas se comprometem a transferir tecnologia e equipamentos. O Governo do Estado garante a infraestrutura necessária e concederá incentivos fiscais.

O setor agrícola também pode se be-

Governo duplica verba para financiamento da casa própria



Foto de Paulo Mendes

Caullio mostra o documento de registro de Carlos Antônio como seu filho, observado por Mário Mascado, que diz ter limbo de rapta

Pai adotivo afirma que Carlos não é Carlinhos

Caullio Antônio da Rosa, pai adotivo de Carlos Antônio da Rosa, desmentiu ontem a versão de seu filho,

onde moram. Ele acha que Carlos Antônio está enganando Maria da Conceição Ramirez da Costa. O pai de



A Caixa Econômica Federal (CEF) vai dobrar o orçamento deste ano para financiar a compra da casa própria, passando-o de C2\$ 150 bilhões para C2\$ 300 bilhões, segundo anunciou ontem o Ministro da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente, Prisco Viana. Mensalmente a Caixa vai liberar recursos de C2\$ 25 bilhões. Ele disse que os recursos para compra de imóveis usados também serão suplementados. Este ano a CEF vai financiar 760 mil unidades construídas em 87.

A CEF contestará a liminar da Juiz Mariaena Soares, que proibiu os agentes financeiros de cobrar a cota extra de 26,06% nas prestações da casa própria. **Página 27**

Fla recusa US\$ 3 milhões do Bologna por Renato

O Bologna, que pressua a Primeira Divisão italiana, ofereceu ontem US\$ 3 milhões (cerca de C2\$ 500 milhões, no câmbio pararelado) pelo passe-detratante Renato. O Flamengo não aceitou e Mário Braga disse que só negocia o jogador por US\$ 6 milhões (C2\$ 1 bilhão). O Verano também quer Renato e, sabendo, deverá chegar um emprestado com a oferta do clube.

Fez segundo turno do Campeonato Estadual, ontem, o Fluminense empatou com o Porto Alegre, em Itaperi-

PARLAMENTAR FALTOSO VAI LEVAR MULTA

Constituintes que faltarem às sessões plenárias de agora em diante serão castigados. Poderão perder um trinta avos do salário — cerca de Cz\$ 25 mil — e ter-se-ão nomes publicados no Diário da Assembleia Nacional Constituinte. Isso foi resolvido ontem, para punir os faltosos. Página 2

Multinacionais armam golpe na Constituinte

Equipe de Likov!

Cidadão na privatização

A privatização é uma necessidade. Mas é preciso fazer isso de maneira que não prejudique o cidadão. O cidadão deve ter voz e voto na decisão. Não se trata de um ato de desobediência, mas de um ato de cidadania. O cidadão deve ser tratado como cidadão e não como mero espectador. Há muitas alternativas para a privatização. Não se trata de um ato de desobediência, mas de um ato de cidadania. O cidadão deve ser tratado como cidadão e não como mero espectador. Há muitas alternativas para a privatização.

O País inteiro está convencido da importância inadiável da diminuição do déficit público. Mas não chegamos lá porque a privatização, tal como é feita, não é a medida adequada. O problema maior está na conservação dos subsídios existentes. O problema maior está na conservação dos subsídios existentes. O problema maior está na conservação dos subsídios existentes.

José Nunes

Com um lobby bem-estruturado, as multinacionais estão armando um golpe de mestre na Constituinte, através de lideranças do Centro. O objetivo é considerar como nacionais as empresas estrangeiras, para atuar com maior liberdade em diversos setores, sobretudo a mineração, área estratégica da economia e que movimenta muitos bilhões de dólares anuais. Página 3

Ano XXXVII - Rio de Janeiro, sexta-feira, 22-4-88 - Nº 12.483 - C\$ 25,00

Ultima Hora

Estudantes voltam a parar o Centro



Cerca de 3 mil estudantes — entre universitários e secundaristas — das redes pública e particular fizeram ontem, no final da tarde, mais uma passeata de protesto (foto) contra o pacote de decretos- leis baixado recentemente pelo Governo federal. Eles não querem a privatização das escolas públicas nem a estatização das federais. Página 8

FOLHA DE S. PAULO

Não aceitarei seis anos, promete Sarney

A própria CPI deu bênção aos decretos, contra-ataca Saulo

O conselheiro-geral da República, Saulo Klamon, disse ontem que a própria CPI da Corrupção atendeu a legalidade dos decretos nº 34.042 e 91.283 (que concederam reajustes retroativos aos funcionários do governo) em 1987. Entre os que não, uma vez que o presidente da CPI, José Ignácio Ferreira (PMDB-SP), assinou ato da Mesa diretora do Senado, autorizando a concessão de reajustes retroativos aos seus funcionários. Ontem, em reunião extraordinária num dos salões do Congresso, os integrantes da CPI decidiram reverter ao presidente do Senado, Humberto Lucena

(PMDB-PIB), uma carta em que pedem a "suspensão" dos reajustes retroativos a fornecedores da Casa. Esses reajustes foram autorizados por um documento chamado "Ato da Comissão Diretora", assinado no dia 21 de maio de 1987. Entre os que assinaram o documento estão dois integrantes da CPI: seu presidente, José Ignácio (1º vice-presidente do Senado) e Ithy Magalhães (1º secretário). Saulo Klamon disse ainda que a CPI deveria recorrer ao Supremo Tribunal Federal (STF) para definir se os decretos são inconstitucionais. PAQ. A-7

Legislativo já Merenda vai para crianças "fantasmas"

O plenário do Congresso Nacional aprovou ontem que o Legislativo passará a ter poderes para alterar o projeto de orçamento da União. Atualmente, ele pode apenas aprová-lo ou rejeitá-lo, em bloco. Também ficou definido pelos parlamentares que o Banco Central terá autonomia na condução da política monetária. Foi o texto da nova Constituição, cuja exclusão vane a instituição a emissão de moeda no país. Assim, passará

o número de crianças que atualmente recebem a merenda escolar de 32.481.264, sofrerá em pouco mais de 53 milhões o total de estudantes matriculados na rede pública de primeiro e segundo graus e seus irmãos com direito ao benefício (27.110.907). Concluíme apontou o repórter João Batista Nairati, com base em dados do MEC, a diferença aumentará em alguns Estados. No Maranhão, já cerca de 59% de merendas a mais do



BOA VISTA

BOARIS CASOY
Inventor e autor do Brasil

O presidente Sarney disse ontem não desejar um mandato de seis anos. Ao ser indagado sobre o assunto, em entrevista exclusiva concedida à Folha, em Brasília, ele foi categórico: "Eu não tenho conhecimento nem aceitar, qualquer iniciativa nesse sentido."

Sarney reiterou que, apesar de ter um mandato de seis anos, abdicou de um ano desse período, acrescentando: "Não tenho motivo nenhum para retroceder nessa decisão, não só porque acho que é o melhor tempo para um mandato de um presidente da República, como também é um compromisso que assumi com a nação."

Não havia entrevista marcada. Apenas uma conversa com o jornalista durante o café da manhã, às 8h, no Palácio de Alvorada, onde Sarney mora. Ele tomou café de lenço (como sempre). Um terço azul marinho, camisa igualmente azul marinho e gravata verde-melna e preta. Esta mais magra, elegante, a pele queimada de sol. Mas não consegue esconder a tensão. É um homem tenso, muito tenso. Passada uma hora de conversa informal — que os jornais costumam chamar de "um off" —, o presidente concordou em conceder a entrevista à Folha, na biblioteca de Alvorada. Depois, o próprio repórter fez as faixas.

O presidente colocou uma única pergunta sobre a CPI da Corrupção. Havíamos conversado sobre o assunto. As posições de Sarney a esse respeito já são conhecidas.

Durante a entrevista ele falou com desenvoltura sobre um novo quadro político para depois dos trabalhos do Congresso constituinte ("Mas, o PMDB, a meu ver, continuará sendo o partido maioritário, o partido mais forte") e aboliu a questão de um bloco de apoio ao governo no Congresso ("Eu acho que é uma necessidade para a estabilidade do país").

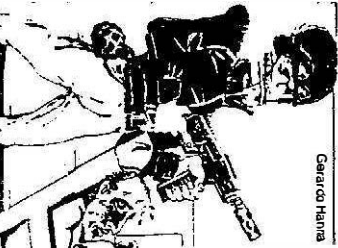
Ao falar sobre a situação econômica, criticou ministros e países

Gleison Barreto

Tempo
No Rio e em Niterói, nublado, ocasionalmente claro, com possível instabilidade. Visibilidade moderada, ocasionalmente boa. Temperatura em elevação; máxima e mínima de ontem: 35,3 e 20,9° no Alto da Boa Vista. Foto do satélite e tempo no mundo na página 14.

Informe Econômico
Depois de dois dias de reuniões, entre os ministros da área econômica, os negociadores da dívida externa e juristas, ficou decidido que o Brasil não vai concordar com a manutenção da cláusula que dá aos credores o direito de se apropriar das reservas do país em caso de conflito judicial. (Página 15)

Ligachev aparece
O segundo homem da Kremlim, Yegor Ligachev, reapareceu ao lado de Gorbachev numa cerimônia comemorativa do 18º aniversário de nascimento de Lênin, desmentindo notícias de que tinha caído em desgraça. (Página 13)



Gorbachev/Hanna

Psiquiatras franceses dizem como se sair bem de um sequestro de avião. O calor, a assistência, firmes e rápidos, jorjavar a ideia. Oglia dos terroristas e nunca a fazer piadinhas. (Página 12)

Eleição nos EUA

Pão sobe 30% sem subsídio para o trigo

A partir da próxima semana, o pão francês de 50 gramas vai passar de Cr\$ 4,80 para Cr\$ 6,24, ou 30% a mais, em consequência da decisão do governo de acabar com o subsídio ao trigo. O preço do pão francês ficará 100% acima do que custava em junho de 1987, quando o governo anunciou o fim do subsídio, exaltadamente como fez ontem.

De acordo com o secretário especial de Abastecimento e Preços, Edgar de Abreu Cardoso, o governo gastou Cr\$ 90 bilhões subsidiando o trigo, de janeiro a março, e vai economizar Cr\$ 110 bilhões até o fim do ano. Os preços do trigo vendidos pelo governo aos moinhos serão aumentados em 60% e todos os derivados subirão de preço. (Página 15)

Remédio contra acene prejudica fetos nos EUA

Um remédio contra acene muito popular nos Estados Unidos, o Accutane, entre 1982 e 1986 provocou anomalias graves em 900 a 1 mil 300 bebês, filhos de mulheres que o usaram durante a gravidez, informou a Food and Drug Administration, agência controladora de remédios e alimentos, em relatório revelado por *The New York Times*.

Em Bastiça, Suíça, a Hoffmann-La Roche, fabricante do Accutane, declarou ser em exagerados os números divulgados pelo jornal. Mas nos EUA, onde o remédio foi comparado à talidomida, suspeita-se que haja muito mais casos. O remédio não é fabricado, nem comercializado, no Brasil, mas pode ser fornecido a pedido de médicos em hospitais. (Página 8)



Com 150 homens, 12 carros e dois helicópteros, a polícia invadiu o Morro de São Carlos pra acabar com a guerra de quadrilhas de traficantes, financiada pela Falange Vermelha (Cidade, página 5)

Funcionários fraudaram conta da IBM

Três funcionários do Departamento de Câmbio da IBM — Armando Frigoso, Maria Helena Lauria e Francisco Figueiredo Filho — fraudaram a empresa em cerca de US\$ 2.000.000, manipulando US\$ 58.000.000 ao longo de 10 meses. Sete funcionários, de dois outros setores da IBM, também estão envolvidos em golpes.

Daniel de Almeida Paula e Roberto Teixeira da Silva, da área financeira, desviaram da empresa US\$ 490.483, de acordo com cálculos da Delegacia de Defraudações. A terceira fraude, que implica cinco funcionários, está sendo mantida sob rigoroso sigilo tanto pela IBM, quanto pela polícia.

O golpe dos três funcionários do Departamento de Câmbio era extremamente engenhoso e empregava mecanismos da própria IBM para a compra de equipamentos no exterior. Normalmente, essas importações são feitas através de bancos com agências em Nova Iorque, que depositam o valor das compras nas contas dos fornecedores.

Frigoso, Lauria e Figueiredo emitem ordens de depósito para uma conta na agência do Citibank de Nova Iorque. O titular dessa conta era o Banco Mercantile de Crédito de São Paulo, cujo diretor de crédito, no Rio, Benjamin Rios, sócio dos funcionários da IBM, aplicava o dinheiro por 30 dias no mercado financeiro americano. O rendimento, evidentemente, ficava com os autores da fraude. (Cidade, pag. 1)



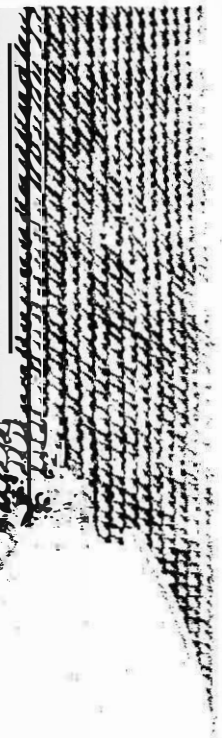
Bruno Liberman

EMPÓ LINA SÃO PAULO
Nobis ad hoc subleat in
Impedimento causat. P. 1000 22

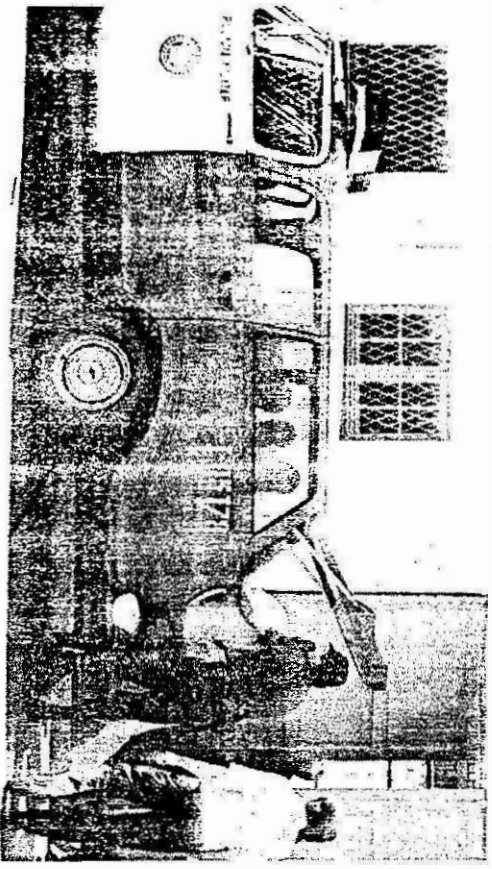
O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891-1897) JULIO DE MESQUITA FILHO (1917-1959) FRANCISCO MESQUITA (1917-1959)
Capital e Interior de S. Paulo—NC2\$ 1,60 ANO 110 TERÇA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1989 N.º 25.149 Domingo NC2\$ 3,00 Assinatura Anual NC2\$ 366,40

JULIO DE MESQUITA FILHO
DIRETOR RESPONSÁVEL



POITAMA



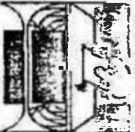
Estados dão partida ao trem da alegria

Uma série de encontros e dispendiosos trens da alegria está sendo posta em movimento pelas Assembleias Legislativas dos 28 Estados. Deles fazem parte os privilegiados criados pelas constituintes estaduais para o funcionari-

ismo. As novas cartas, que ficam prontas até o dia 5, prevêem equiparação de salários, estabilidade de emprego, um aumento incalculável nos gastos públicos. No Paraná, um deputado fez uma lei que beneficia o próprio pai-

Collor e Maluf reagem a Bizola

Fernando Collor de Mello, do PRN, e Paulo Maluf, do PDS, acusados por Leonel Bizola, do PDT, de ser "criados na escola da ditadura", recorreram ontem ao Tribunal Superior Eleitoral exigindo di-



Lajolo renuncia a pedido de Erundina

A secretária municipal dos Transportes, Teresinha Lajolo, renunciou ontem ao cargo, a pedido da prefeita Luiza Erundina, por não conseguir

Bibliões descarta risco imediato de hiperinflação

O ex-ministro da Fazenda Octavio Moura de Albuquerque afirma que o Brasil ainda não está à beira da hiperinflação. O governo pode até manter os índices

Mulher liberada 26 presos

Vinte e seis detentos conseguiram escapar ontem do Instituto de

mas, liberando pela mulher, Márcia Regina, que entrou no presídio ar-

Hoje e os demais se esconderam num matagal. Na perseguição o preso

PRIMEIRA PAGINA - anostragen B

ASSASSINADO MICHEL FRANK

Principal acusado pela morte de Cláudia Lessin, ele foi morto a tiros em Zurique, Suíça, para onde fugiu logo após o crime. Página 14.

Journal da tarde

NCZ\$ 1,60 Terça-feira, 19 de setembro de 1989, Número 7.312 Ano 24

ISONOMIA PARA OS POLICIAIS

**Deputados votam
hoje, e você paga:
US\$ 100 milhões a
mais em despesas.**

Está na ordem do dia da Assembleia, para ser votado hoje, o "trocenço da alegria" que equipara salários da polícia aos do Judiciário — medida que, aprovada, representará um acréscimo da ordem de US\$ 100 milhões na folha de pagamento do Estado. Há um movimento com o mesmo objetivo no âmbito federal, iniciado já qualificado pelo ministro Malison da Nobrega como uma bomba de efeito retardado. Página 7.

**Serviço
especial: os
melhores
negócios em
locações
comerciais.**
Página 10



FOLHA DE SÃO PAULO



O ministro da Justiça, Saulo (à esquerda) e o presidente da Câmara dos Deputados, Mário Hefner (à direita), em reunião na Câmara dos Deputados. Foto: A-5

Credor se previne contra o calote da dívida brasileira

A ameaça do banco Manufacturers Hanover Trust de não aumentar em quase US\$ 1 bilhão suas reservas para créditos incobráveis dos países em desenvolvimento. O credor internacional do Brasil. A decisão foi tomada no dia em que o Brasil deixou de pagar US\$ 1,6 bilhão referentes a juros vencidos da dívida externa. A medida de Manufacturers Hanover Trust pode ser o início de uma reação em cadeia dos bancos internacionais, que aumentam suas reservas para cobrir inadimplências dos clientes. Negociadores brasileiros já haviam comunicado aos credores que o país não faria o depósito dos juros, que venceram na última sexta-feira. O Brasil suspendeu o pagamento para não comprometer suas reservas cambiais. Agora, espera um acordo provisório com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para renunciar os depósitos. O ministro da Fazenda, Malvino D'Amorim, deve chegar a Nova York quinta-feira, mas não há nenhum encontro formal previsto com os bancos credores. (PÁG. C-8)

Saulo diz que Nalras está mesmo em Paris

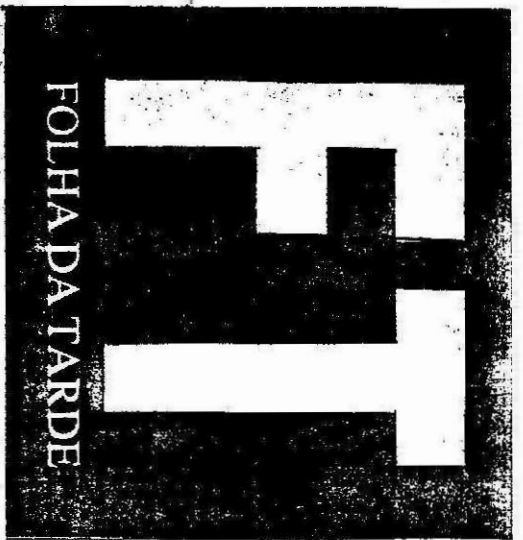
O ministro da Justiça, Saulo Ramos, disse que a Polícia Federal tem informações de que Nalaj Nallas está em Paris e teme que ele fuja da França. No Rio, os advogados do investidor apresentaram sua defesa prévia argumentando que a Justiça carioca é incompetente para julgá-lo. Eles arrolaram os ex-ministros Mário Henrique Simonsen e Delfim Neto como testemunhas de defesa. (PÁG. C-9)



Fiesp admite aumento

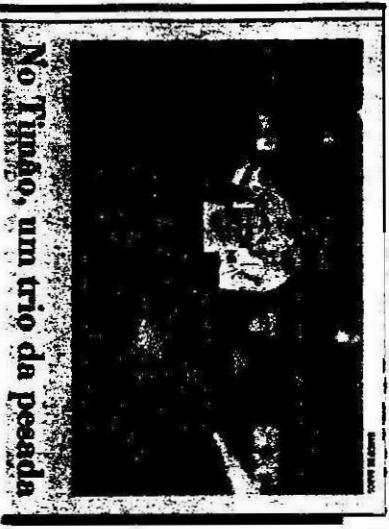


Presidente da Fiesp, João de Deus, no dia 18 de setembro. Foto: A-5



FOLHA DA TARDE

Assassinado Michel Frank, que matou Cláudia Lessin



No Tijuão, um trio da pesada

MARÇO 18, 1990

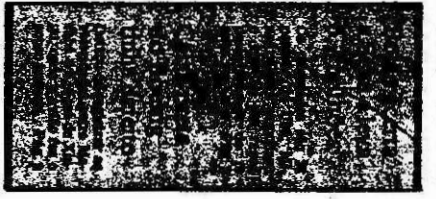
SÃO PAULO, TERÇA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1989

MG-5140



Tudo novo para Mariane

A apresentadora Mariane (foto), da SBT, vai lançar seu segundo disco, em que canta composições dos Menudos e em dueta com o "papagaio-silva" Afolhada do "Da, Da, Da, Mi...". Também mudará o visual. Pág. 21



CINEMA

Hollywood e só sucessos

"Rinôç. Rain" com Michael Doolittle (foto), musical "Amado ao-Judo" e "Super-Hero Little Boy" com Paul Newman, entre o projeto que criou a "Folha" também alcança. São filmes que estão sendo lançados na apresentadora e multuária. Temporada clássica de filmes anist. Pág. 15

Carros: indústria quer mais 48%



As montadoras (na foto, o pálioda Ford) estão pedindo novo aumento, de 48%, nos preços de veículos. O vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automóveis, Luis Adelar Schauer, disse que este índice se compõe de custos no período entre 12 de agosto e 12 de setembro, além de uma projeção de

Michel Frank foi assassinado a tiros no fim de semana, em Zurique, Suíça. Ele era o principal acusado do assassinato de Cláudia Lessin Rodrigues, de 21 anos, em julho de 1977, no Rio, um dos casos que mais abalaram a opinião pública no país. Conforme apurou a polícia, Cláudia foi morta no apartamento de Michel, então com 26 anos, após ter sido drogada e violentada. A demora na prisão preventiva de Michel permitiu sua fuga para a Suíça (era filho de suíços), onde ficou em liberdade. O outro

3 tempo no Rio: portabandeira nublado e clar...
temperatura estivoi. Máxima de ontem, 24 graus, em São Cruz; mínima, 12 graus, no Alto da Boa Vista. Os ventos sopram de Este e Norte, de fracas a moderados.
Página 13

ROBERTO MARINHO • JOAO ROBERTO MARINHO

Funador: IRINEU MARINHO
ANO LVII — RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1989 — N. 20.390

Director-Redactor-Chefe: ROBERTO MARINHO
Director Administrativo: RICARDO MARINHO
Director de Publicidade: EVANDRO CARLOS DE ANDRADE

O GLOBO

Outorga de prerrogativa
Instituir foro especial para subleilão de Política e Jurisdição no caso de estalado de cidadão que deve ser a Constituinte: é outorga de prerrogativa.
Editorial, página 4

Menem vai perdoar os militares da 'guerra suja'

An voltar dos Estados Unidos no final do mes, o Presidente da Argentina, Carlos Menem, deverá cumprir a promessa que fez as Forças Armadas no dia de sua posse, em julho, perdando militares processados por violação aos Direitos Humanos durante a "guerra suja" contra a subversão. O indulto beneficiará inicialmente 16 generais e dois almirantes, e mais tarde favorecerá os militares que por três vezes se rebelaram contra o Governo anterior, presidido por Raúl Alfonsín. A segunda parte da promessa, a ser cumprida a seguir, numa operação bastante delicada, que envolverá Exército, Marinha e Aeronáutica, refere-se à trasladação para a Argentina dos restos mortais de um dos heróis do país, o candidato Juan Manuel Kosas, que morreu no século passado na Grã-Bretanha.
Página 19

Michel Frank assassinado com 6 tiros em Zurique

O principal acusado pela morte do estudante Claudia Lessin Rodrigues há 12 anos, Michel Frank, foi encontrado morto domingo de manhã, com seis tiros na cabeça e na parte superior do tronco, na garagem do prédio onde morava, em Zurique, Suíça. A informação foi dada pelo jornal suíço "Blick". Frank, sobre quem pesavam suspeitas de envolvimento no tráfico de drogas, estava fofico de drogas, estava fofregado naquele país desde 1977. Para os pais da jovem Claudia, Hilton Calazans e Maria Lessin Rodrigues, a morte do principal suspeito do assassinato de sua filha restabeleceu a Justiça. O cabeleireiro Georges Khour, também envolvido no crime, recebeu a notícia da morte de seu ex-amigo Michel Frank com alívio.
Página 12



Michel Frank vivia na Suíça e morreu envolvido com o tráfico de drogas

País não paga juros vencidos da dívida

O Governo não pagou os juros da dívida externa, de US\$ 1,6 bilhão, vencidos na sexta-feira. O Ministro da Fazenda, Maitson da Nobrega, que ontem embarcou para Cancun, no México, disse que poderia ser paga uma parcela, desde que os bancos credores liberassem os US\$ 600 milhões que faltam dos US\$ 5,2 bilhões acertados no ano passado. Os recursos foram retidos por falta de um acordo entre o País e o FMI. Em Cancun, onde participará com Maitson da reunião do Grupo dos Oito, o Presidente do Banco Central, Wadico Buechli, disse que os bancos deverão responder na sexta-feira ao pedido de prorrogação por 90 dias do prazo, que vence em 30 de setembro, para apresentação do pedido formal do crédito de US\$ 600 milhões. Até lá, o Governo espera chegar a um acordo com o FMI.
Páginas 22 e 23

Cai subsídio e o trigo sobe 20%

Saurey perde prazo para responder a candidatos



Talhão de farinha Perú

O Governo acatou com o subsídio ao trigo, aumentando em 20% o preço do produto que é vendido aos mochos. A tonelada de trigo de qualidade inferior passa a custar NCZ\$ 507,60 a partir de hoje e a de me-

Tempo
No Rio e em Niterói, parcialmente nublado a céu aberto. Visibilidade de moderada a boa. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 24 em Santa Cruz e 12º no Alto da Boa Vista. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo. Cidade, página 2.

Sena
Um bolo de 25 pessoas, entre elas um vendedor desempregado da cidade mineira de Uirá, acertou a meta principal do concurso 79 e recebeu o segundo maior prêmio da história das loterias no Brasil — NC\$ 6.676.625,84. As dezesseis arrecadadas foram 08, 11, 19, 21, 28 e 44.

Gerdan
O Grupo Gerdan concluiu a compra da siderúrgica Courtye Steel, no Sul de Ontário, Canadá, com investimento de US\$ 52 milhões — US\$ 7 milhões aplicados como capital e o restante em financiamentos de longo prazo. A indústria tem capacidade instalada para produzir 250 mil toneladas anuais de aço e 220 mil laminados não-pianos comunitários. (Página 18)



Trinta e cinco anos de vida do sua morte, a pintora mexicana Frida Kahlo (foto), mais conhecida enquanto vivea por ser mulher

URSS debate desafio das nacionalidades

Conservadores e reformistas se enfrentam hoje na reunião do Comitê Central do Partido Comunista da URSS para discutir a questão das nacionalidades, um dos grandes desafios à sobrevivência da *perestroika*. Nos últimos três meses, mais de 2 milhões de pessoas protestaram em várias das repúblicas que formam a União Soviética, exigindo autonomia.

Em Leningrado, foi anunciada a formação da Associação Inter-regional de Organizações Democráticas, apresentada como o núcleo de um autêntico partido político de oposição, o primeiro da URSS. Sua fundação encorreu uma conferência que reuniu delegados de 82 entidades alternativas de 14 das 15 repúblicas soviéticas. (Página 8)

Sarney revela pressão contra a informática

A política de reserva de mercado na informática tem recebido a maior soma de pressões deste governo, revelou ontem o presidente José Sarney, ao abrir o 23º Congresso Nacional de Informática, em São Paulo. O presidente disse ter resistido a todas essas pressões, o que possibilitou manter tratamento prioritário para o setor.

A Cobra Computadores vai entrar com recurso contra decisão da Secretaria Especial de Informática de aprovar o licenciamento de tecnologia de superminis entre a Elcibra e a Digital Equipment. O argumento é de que o sistema tem porte igual ao que já é feito no país. O Grupo Roberto Marinho está investindo US\$ 10 milhões para criar uma empresa no setor. (Página 17)



Michel fugiu em 1977 depois da morte de Cláudia Lessin

Michel Frank é morto na Suíça

Principal acusado da morte de Cláudia Lessin Rodrigues, uma jovem de classe média carioca barbaramente assassinada no Rio no dia 24 de julho de 1977, Michel Frank, 38 anos, foi morto a tiros em Zurique, na Suíça, na manhã de domingo. A polícia suíça inicia hoje as investigações, partindo da suspeita de que ele estava envolvido de novo com o tráfico de drogas.

A notícia do assassinato de Michel foi dada no início da noite por parentes seus no Rio e confirmada ao JORNAL DO BRASIL pelo embaixador brasileiro em Berna, Cláudio Garcia de Souza. A mãe de

Bird quer país pobre pagando menos a ricos

Ao divulgar relatório, mostrando que os países endividados do Terceiro Mundo estão pagando mais aos credores, o Banco Mundial (Bird) admitiu a necessidade de uma nova estratégia para o refinanciamento da dívida. O estudo do banco revela que os países endividados desembolsaram US\$ 50,1 bilhões em 1988 — US\$ 12 bilhões a mais do que o pago em 1987.

O relatório divulgado neste fim de semana em Washington, destaca o agravamento da situação econômica dos devedores, o que justificaria a mudança de estratégia. Na lista dos pagadores, o Brasil fica em segundo lugar, atrás do México, com um total que passou de US\$ 7,9 bilhões para US\$ 8,2 bilhões. (Página 15)



Washington - Reuters
Cheney anunciou entrada do Pentágono na luta antiterroristas

■ QUARTAS-FEIRAS: N.º 41.4954; RUA: (Final)
N.º 1114; Salto: N.º 24.740; N.º 1114; (Final)
para PDU: N.º 41.4954; Unif. para ISS: Abre
N.º 41.4954; Taxa de expediente: N.º 2.177;
LPO: N.º 102; Uf. N.º 34.80; N.º 17;
N.º 411; Despesa de propaganda: 20.885;
R.º: 20.100; Despesa de publicidade: 1.120.635; O pre-
ço de venda foi especificado a N.º 25.57,00 para coe-
ra e N.º 58,00 para venda. Estat. Abre: N.º 25
1.200 para coe-ra e N.º 1.100 para venda. No
1.200 para coe-ra e N.º 1.100 para venda. N.º 25
5.20 para coe-ra e N.º 1.100 para venda. N.º 25
5.20 para coe-ra e N.º 1.100 para venda.

Av. XXIX — Rua de Janeiro, terça-feira, 10-9-99 — N.º 12.922

Ultima Hora

- Em cores: Nunca foi tão fácil visitar Macéio
 - Cartola do Fila proibe Renato de falar demais
 - Estado recolhe batatas contaminadas de S. Paulo
- Página 10

TABELAS DOS SERVIDORES MUNICIPAIS

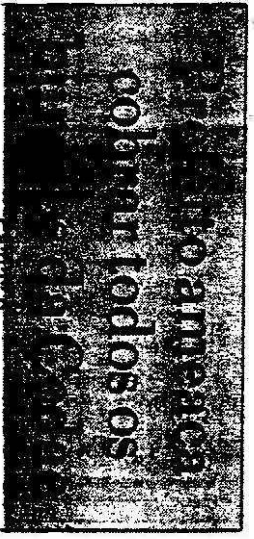
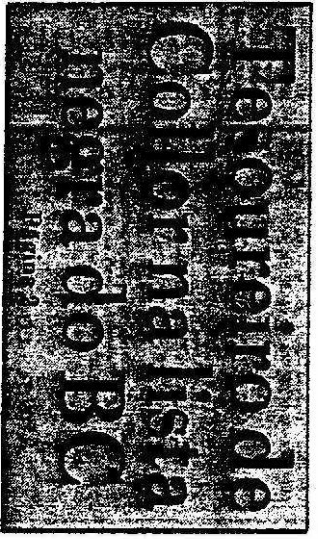
Coluna do servidor, pág. 5—

Açúcar, refrigerantes e trigo aumentam de novo

A Secretaria de Administração de Preços anunciou aumento de 25,6% para açúcar, 30% para refrigerantes e 20% para farinha de trigo. Pág. 3

Caso Claudia Lessin
Michel Frank
teria sido
assassinado
na Suíça

O advogado Wilson Lopes dos Santos afirmou ontem que seu cliente Miguel Frank, acusado da morte da estudante Claudia Lessin Rodrigues, há 12 anos, e cujo corpo foi encontrado na Gruta da Imprensa, no Rio, foi assassinado na Suíça e a morte noticiada pelos jornais suíços e franceses. Pág. 7



TEMPO

Parlamentarmente nublado a claro. O tempo para a esdva. Visibilidade moderada a boa. A máxima de ontem foi de 24,0, em Santa Cruz, e mínima, de 12,0, em Santa Teresa.

Presidente: Ayr Carvalho

Michel Frank assassinado na Suíça



Foto: Roberto Casquella



Agência 17/08/77

Principal acusado da morte da estudante Cláudia Lessin Rodrigues em 1977, Michel Frank foi assassinado, aos 38 anos, com seis tiros no tórax, no manhã de domingo, quando regressava ao seu apartamento, no Centro de Zurique, Suíça. O corpo foi encontrado no noite de domingo e há suspeitas de seu envolvimento com o comércio organizado de drogas. A Polícia atribui o crime a uma quadrilha de traficantes com a qual o brasileiro estaria envolvido.

A notícia foi divulgada ontem pelo jornal Tribune de Zurique e confirmada no Rio pelo advogado da família

Pais vêm justiça

Os pais de Cláudia Lessin — Hilton Rodrigues e Maria Lessin Rodrigues — só souberam do assassinato de Michel Frank pelos repórteres. Para eles, o ideal é que Michel fosse preso e condenado, mos-echaram que com sua morte

“de alguma maneira a justiça acabou sendo feita”. O pai de Michel, Egon Frank, não se abalou, com a notícia e passou a tarde de ontem dormindo. Ele soube da morte de Michel através de telefonema de outro filho. (Pág. 7)

CEIAB PERDOA DÍVIDA DE 4 MIL MUTUÁRIOS



Foto: Sérgio W. Silva

Quadro 1 - SELEÇÃO DE ASSUNTOS

(amostragem "A": 17 a 23/4/88)

legendas: T=total de chamadas (- cotações, classificados, charge, tempo, índice e editorial);
C= coincidências de assuntos; L= assuntos de interesse local; N= nacional; I= internacional

Jornais	2ªf	3ªf	4ªf	5ªf	6ªf	SAB	DOM	
JB	T=	15 (-1)	16 (-2)	20 (-2)	18 (-1)	21 (-3)	20 (-1)	18
	C=	8(57,1%)	7(46,6%)	8(44,4%)	7(41,1%)	7(38,8%)	6(31,5%)	4(22,2%)
	L=	3	2	4	2	6	1	4
	N=	9	5	9	9	8	5	10
	I=	2	6	4	6	4	5	3
OB	T=	10 (-2)	15 (-2)	16 (-2)	13 (-2)	16 (-2)	12 (-3)	14
	C=	6(75,0%)	6(46,1%)	9(64,2%)	5(45,5%)	8(57,1%)	7(58,3%)	6(42,8%)
	L=	4	4	2	3	4	3	4
	N=	4	5	8	4	7	5	7
	I=	0	4	4	3	3	1	3
FSP	T=	12 (-1)	13 (-2)	21 (-2)	14 (-2)	18 (-2)	19 (-3)	14
	C=	6(54,5%)	7(63,6%)	12(63,1%)	9(75,0%)	8(50,0%)	7(43,7%)	1(7,1%)
	L=	3	1	3	1	5	5	1
	N=	6	7	11	9	8	9	10
	I=	2	3	5	2	3	1	3
OD	T=	13	13 (-1)	16	14	15	13	15
	C=	5(38,4%)	8(66,6%)	7(43,7%)	5(35,7%)	9(60,0%)	5(41,6%)	5(30,0%)
	L=	7	6	8	8	8	9	6
	N=	5	5	7	6	6	2	8
	I=	1	1	0	0	1	2	1
UH	T=	11 (-1)	11 (-2)	15 (-2)	12 (-2)	14 (-2)	15 (-2)	xxxxxx
	C=	6(60,0%)	7(77,7%)	7(53,8%)	3(30,0%)	6(50,0%)	3(27,2%)	xxxxxx
	L=	4	4	3	2	6	7	xxxxxx
	N=	6	5	8	7	4	4	xxxxxx
	I=	0	0	2	1	2	2	xxxxxx
JT	T=	8	8	8	10 (-1)	7 (-2)	9 (-1)	xxxxxx
	C=	3(37,5%)	5(62,5%)	6(75,0%)	5(55,5%)	3(60,0%)	5(62,5%)	xxxxxx
	L=	2	0	2	3	1	3	xxxxxx
	N=	5	7	5	4	3	5	xxxxxx
	I=	1	1	1	2	1	0	xxxxxx
FT	T=	21 (-10)	18 (-11)	23 (-11)	20 (-11)	22 (-13)	22 (-13)	xxxxxx
	C=	5(45,4%)	4(57,1%)	7(58,3%)	5(55,5%)	6(66,6%)	6(66,6%)	xxxxxx
	L=	1	1	5	4	5	4	xxxxxx
	N=	10	4	6	5	2	5	xxxxxx
	I=	0	2	1	0	2	1	xxxxxx
ESP	T=	xxxxxxx	13	13	15	14 (-1)	16 (-1)	23 (-1)
	C=	xxxxxxx	8(61,5%)	6(46,1%)	7(46,6%)	6(46,1%)	8(53,3%)	4(18,1%)
	L=	xxxxxxx	1	0	3	2	3	3
	N=	xxxxxxx	9	13	9	8	8	4
	I=	xxxxxxx	3	0	3	3	4	6
Total de assuntos/dia								
	50	51	68	64	63	61	72	
assuntos comuns								
	14(28%)	16(31,3%)	16(23,5%)	17(26,5%)	10(15,8%)	17(27,8%)	8(11,1%)	

Quadro 2 - SELEÇÃO DE ASSUNTOS
(amostragem "B": 17 a 23/9/89)

Jornais	2ªf	3ªf	4ªf	5ªf	6ªf	SAB	DOM
JB	T= 15 (-3)	19 (-3)	18 (-3)	21 (-3)	18 (-2)	17 (-1)	15 (-1)
	C= 6(50%)	8(50%)	8(53,3%)	9(50%)	7(43,7%)	9(56,2)	2(14,2%)
	L= 3	2	3	7	5	5	2
	N= 8	10	8	8	9	7	9
	I= 1	4	4	3	2	4	3
OG	T= 14 (-3)	15 (-3)	16 (-3)	20 (-3)	17 (-4)	16 (-4)	15 (-3)
	C= 7(63,6%)	6(50%)	4(30,7%)	10(58,8%)	6(46,1%)	7(58,3%)	2(16,6%)
	L= 3	3	4	3	1	3	4
	N= 5	7	8	10	8	6	6
	I= 3	2	1	4	4	3	2
FSP	T= 21(-3)	14(-3)	23(-4)	22(-3)	17(-4)	20(-5)	16(-5)
	C= 6(28,5%)	8(72,7%)	7(36,8%)	10(52,6%)	6(46,1%)	9(60%)	0
	L= 5	1	4	3	1	1	3
	N= 10	9	12	13	8	8	5
	I= 3	1	3	3	3	6	3
OD	T= 13(-3)	13(-2)	12(-2)	12(-2)	13(-2)	13(-2)	12(-3)
	C= 7(70%)	7(63,6%)	6(60%)	6(60%)	8(72,7%)	5(45,4%)	2(22,2%)
	L= 4	3	5	4	4	5	6
	N= 6	8	5	5	6	5	3
	I= 0	0	0	1	1	1	0
UH	T= 18(-2)	15(-2)	19(-2)	15(-1)	18(-2)	14(-2)	xxxxxxxx
	C= 5(31,2%)	6(46,1%)	7(41,1%)	3(21,4%)	1(6,25%)	3(25%)	xxxxxxxx
	L= 8	6	9	8	12	7	xxxxxxxx
	N= 6	7	7	5	4	4	xxxxxxxx
	I= 1	0	1	1	0	1	xxxxxxxx
JT	T= 11	14(-1)	15	15	20	17	xxxxxxxx
	C= 5(45,4%)	6(46,1%)	5(33,3%)	9(60%)	8(40%)	7(41,1%)	xxxxxxxx
	L= 5	2	7	3	9	7	xxxxxxxx
	N= 6	7	8	8	9	6	xxxxxxxx
	I= 0	4	0	4	2	4	xxxxxxxx
FT	T= 20(-2)	12(-2)	19(-2)	17(-2)	19(-1)	20(-3)	xxxxxxxx
	C= 12(66,6%)	7(70%)	7(41,1%)	8(53,3%)	6(33,3%)	9(52,9%)	xxxxxxxx
	L= 9	2	8	6	7	7	xxxxxxxx
	N= 8	7	5	8	9	5	xxxxxxxx
	I= 1	1	3	1	2	5	xxxxxxxx
ESP	T= xxxxxx	21(-2)	15(-2)	18(-2)	18(-2)	18(-2)	18(-2)
	C= xxxxxx	10(52,6%)	5(35,7%)	8(50%)	6(37,5%)	8(50%)	1(6,2%)
	L= xxxxxx	5	1	4	4	3	4
	N= xxxxxx	10	8	7	10	8	10
	I= xxxxxx	4	5	5	2	5	2
total de							
assuntos/dia	64	68	85	82	93	77	56
assuntos comuns	18(28,1%)	18(26,4%)	15(17,6%)	20(24,3%)	19(20,4%)	19(24,6%)	2(3,5%)

* ver listagens 1 e 2 a seguir

QUADRO 3 - Número de chamadas por áreas temáticas nas duas amostragens

		JB	OB	FSP	OD	UH	JT	FT	ESP
Política	:A:	12	9	11	7	10	7	4	11
Econômica	:B:	6	7	18	4	9	9	4	11
Política	:A:	7	7	12	2	8	2	5	17
Nacional	:B:	5	11	18	9	7	5	8	16
Política	:A:	3	0	7	4	7	0	6	3
Local	:B:	2	4	3	8	9	5	8	2
Política	:A:	21	9	14	4	5	6	1	16
Internacional	:B:	9	7	7	0	2	5	1	9
Economia, negócios,	:A:	12	3	7	2	2	3	2	5
consumo	:B:	14	1	9	0	4	9	4	4
Espor-	:A:	2	7	5	6	5	3	12	8
tes	:B:	9	6	5	4	7	13	11	3
Movimentos	:A:	1	5	0	9	9	3	3	2
Sociais	:B:	5	3	0	4	9	1	2	2
Violência, fraudes	:A:	10	10	13	33	9	12	11	10
corrupção, justiça	:B:	15	9	13	20	11	10	14	9
Artes, cultura,	:A:	17	10	10	5	0	2	29	5
lazer	:B:	9	15	9	7	15	13	12	14
Ciência e	:A:	7	0	5	1	0	2	3	4
Tecnologia	:B:	15	4	4	1	2	2	1	6
Comporta-	:A:	10	7	2	4	1	3	14	4
mento	:B:	9	9	2	0	6	5	4	5
Outros	:A:	14	13	4	19	9	7	16	5
	:B:	20	13	16	13	9	15	20	12

Listagem 1 - assuntos comuns a dois ou mais jornais (amostragem A)

DOMINGO

Assassinato do segundo homem da OLP.....(Todos)
 Fraude dos iates afundados no Rio de Janeiro.....JB, OG,
 Brigadas vermelhas mata senador italiano.....JB, ESP
 Cerco aos sequestradores de Santa Catarina.....JB, OG, OD
 Ameaça aos reféns do jumbo sequestrado na Argélia.....OG, ESP
 Funcionários públicos entrarão em greve.....OG, OD
 Fluminense enfrenta Botafogo.....OG, OD
 Choque da barca Rio-Niterói com navio da marinha.....OD, ESP

SEGUNDA-FEIRA

Fluminense lidera Taça Rio (e outros esportes).....JB, OG, OD, UH
 Loteria esportiva.....JB, OG, OD, UH
 Loto: apostador de Pernambuco ganha sozinho.....JB, OG, OD
 TV americana diz que Israel matou Jihad.....JB, FSP (suite)
 PSB lança Saturnino para presidente.....JB, UH
 Preso é morto na fuga de 31 na delegacia.....JB, OG, OD, UH
 Jesse Jackson se aproxima de Dukakis.....JB, FSP
 Encontrado em Campos carro de sequestrador.....OG, OD, FT (suite)
 Brasil tem mais prazo em linha de crédito.....JB, OG, FSP, FT
 CPI convoca Fialho e José Reinaldo.....FSP, FT
 Maluf elege presidente do PDS paulista.....FSP, FT
 Greve já está marcada: dia 3.....UH, JT, FT (†)
 Juizes também ameaçam parar.....UH, JT (††)
 James Brown leva 20 mil pessoas a show.....JT, FSP

TERÇA-FEIRA

EUA destroem plataformas do Irã no Golfo.....exceto UH
 Israel matou líder palestino, diz Tunísia.....JB, ESP (suite)
 Linda Batista morre longe da fama.....(Todos)
 Petrobrás pode render a Nahas CZ\$ 800 mi.....JB, FSP
 Flamengo perde gols mas vence Bangu.....JB, OG, OD, UH
 Aumentos: leite, remédios e pão.....JB, OD
 Ivã, o terrível, é julgado em Israel.....JB, ESP
 Polícia aponta doze envolvidos no sequestro.....OG, OD (suite)
 Presidente diz que democracia exige paciência.....OG, FSP
 PM vigia delegacia de 20 em 20 minutos.....OG, OD, UH
 Funaro acusa Sarney da CPI da Corrupção.....exceto OG (suite)
 Trabalho tem estudo para não congelar URP.....FSP, UH
 Presidente "invade" rota de ciclistas.....FSP, FT, JT, ESP
 Mestre diz que radar de barca estava quebrado.....OD UH (suite)
 IR: novo prazo para quem tem dois empregos.....UH, ESP
 Sarney quer plano para afastar a crise.....JT, ESP

QUARTA-FEIRA

Estados terão 5% do lucro sobre capital.....JB, OG, FSP, ESP
 Receita estende prazo para pagar IR.....JB, OG, OD, FSP, ESP(†)
 Combustíveis, telefones e remédios sobem.....(Todos)
 Reféns do boeing foram libertados.....JB, OG, FSP, JT
 Dívida externa subiu 121 bilhões de dólares em 87.....JB, FSP
 Câncer mata Andreazza.....JB, OG, OD, JT, FT, ESP
 Sena: só um acertador.....JB, OG, OD, UH, FT
 EUA não estranham reação iraniana.....JB, FSP, UH, JT (suite)

Carlinhos é reconhecido 15 anos depois.....06, OD
 Sarney decide interpelar Bresser.....06, FSP, UH, FT (suite)
 Naji Nahas lucra CZ\$ 1 bi em SP.....06, FSP, UH, JT, ESP (suite)
 CPI da Corrupção acha Saulo suspeito.....FSP, JT, ESP (suite)
 Medicina vai usar proteína contra Aids.....FSP, FT
 Dom Agnello apóia divisão da arquidiocese.....FSP, FT
 Jânio recoloca mais duas estátuas.....FSP, FT
 Exterminadores do presente.....OD, UH

QUINTA-FEIRA

Trinta anos para os matadores de Denise.....OD, UH
 Sequestradores soltam reféns e somem.....JB, OG, UH, FSP, JT, ESP(suite)
 Avião e Ônibus têm tarifa aumentada.....JB, OG, UH, ESP
 Jackson tenta aliança contra Dukakis.....JB, OG, ESP
 Pai de Carlos nega que ele seja Carlinhos.....JB, OG, OD (suite)
 Juiz dá 18 anos para assassino de Pe. Josimo.....JB, FSP, OD
 Zico critica governo e pede diretas-já.....JB, OD
 Cazuza lança "Ideologia".....JB, FSP, FT
 Fla recusa US\$ 3 mi por Renato do Bologna.....OG, OD
 "Não aceitarei 6 anos", promete Sarney.....FSP, FT (##)
 Saulo contra-ataca CPI.....FSP, FT, JT, ESP (suite)
 Legislativo pode alterar orçamento.....FSP, JT
 Procon lança cartilha sobre mensalidades.....FSP, FT, JT, ESP
 Remédios já estão 15% + caros; telefones sobem hoje...FSP, OD
 Israel comemora 40 anos e cerca território.....FSP, JT
 Eleição para prefeito será em novembro.....UH, ESP
 Corinthians fura o boicote amanhã.....FT, ESP

SEXTA-FEIRA

EUA revela que Tutu é americana.....JB, OG
 Detentos com Aids tumultuam Frei Caneca.....JB, OG, OD, UH
 Ameaça aos constituintes faltosos.....JB, OG
 Apostador de Recife ganha Loto sozinho.....JB, OG
 Eletricidade e refrigerantes mais caros.....OG, FSP
 Vacina para Aids começa a funcionar.....FSP, JT
 Corinthians fura boicote contra Ponte.....FSP, ESP
 Menino deixa rua e volta para casa.....FSP, FT
 Senna acidenta-se mas faz melhor tempo.....FSP, OD, UH
 60 presos removidos para Agua Santa.....OD, UH

SABADO

Pão sobe 30% sem subsídio do trigo.....JB, OG, FSP
 Funcionários fraudaram conta da IBM.....JB, OD
 Remédio contra acne prejudica fetos nos EUA.....JB, ESP
 Ligachev reaparece ao lado de Gorbachev.....JB, ESP
 Pesquisa nos EUA: Dukakis venceria Bush.....JB, OG
 Eleições na França: campanha encerrada.....JB, FSP
 IBGE explica cálculo da inflação de abril.....OG, FSP
 Sarney acusa oposição de ataques mesquinhos.....OG, FSP
 PMs paulistas são expulsos por 50 mortes.....OG, FT
 Mãe admite que Carlos não é Carlinhos.....OG, OD
 ACM vai reiterar denúncias na CPI.....OG, FSP
 Máquina de andar chega à cidade.....FSP, FT
 Nota de nacionalidade partiu de ACM.....FSP, FT
 Matança na Nova Caledônia.....ESP, OD
 O "grande circo" do boicote: O X OJT, ESP

Listagem 2 - amostragem B

DOMINGO

Polícia desmantela maior gangue de carros.....JB, 06, OD, ESP
 Vasco estréia Bebeto e FLa escala Borgh.....JB, 06, OD

SEGUNDA-FEIRA

Resultado da Loto.....JB, 06, OD, UH
 Resultado da Loteca.....JB, 06, OD, UH
 Balé Bejart no Rio.....JB, JT
 Bebeto marca na estréia e Vasco vence o Santos...JB, 06, OD, UH, FT
 Comício de Lula reúne 40 mil em São Paulo.....JB, OD, FT
 Polícia amplia cerco à gangues de carros.....JB, FT (suíte)
 Lawson é o campeão de moto.....06, FSP, JT, FT
 Traficantes matam jornalistas na Colômbia.....06, UH
 Modelo é assassinada em hotel de São Paulo.....OD, FSP, FT, JT
 Assassinadas 16 pessoas no Grande Rio.....OD, UH
 Banco Mundial vai liberar US\$ 1,6 bi ao Brasil...FSP, FT
 Cesta básica sobe 17,15% em São Paulo.....FSP, FT
 Fundos crescem 20% em três meses.....FSP, FT
 Corinthians bate o Flamengo.....FSP, JT
 Saúde veta consumo da batata.....FSP, FT, JT
 Empresários da Fiesp fazem plano para sucessor...FSP, FT
 Mãe traficante é delatada por filho nos EUA.....FSP, FT
 Globo estréia Top Model.....FSP, FT

TERÇA-FEIRA

Resultado da Sena.....JB, 06, OD, FT
 Gerdau compra siderúrgica.....JB, ESP
 Aumenta açúcar, refrigerantes e papel higiênico.JB, 06, UH, OD, FSP
 Consumo de batata está perigoso.....JB, UH, OD, JT, ESP, FT (suíte)
 Michel Frank é morto na Suíça.....(Todos)
 Telé anuncia hoje se fica no Flamengo.....JB, UH
 Menem vai dar anistia a militar em duas etapas...JB, 06
 Nahas pede a juiz perícia na Bolsa do Rio.....JB, FSP
 País não paga juros vencidos da dívida.....06, UH, FSP
 Seis mortos em chacina no Rio.....06, UH, OD
 Maluf liga Brizola a cartel de Medellín.....OD, ESP
 Erasmo Carlos lança novo LP.....OD, JT
 Collor cai e empata com Brizola em 10 capitais...FSP, FT
 Prefeitura do PT perde seu primeiro secretário...FSP, FT, ESP
 Chega a 12 o total de mortes pelo furacão Hugo...FSP, JT, ESP
 Granada explode e mata menino em Minas Gerais....FSP, FT
 Isonomia para os policiais: novo trem da alegria.JT, ESP
 Informática brasileira nos bancos russos.....JT, ESP

QUARTA-FEIRA

DC-10 está desaparecido.....JB, FT, ESP
 Telé sai do Flamengo.....JB, 06, OD, UH
 AZT mais barato.....JB, FSP
 Senado trava e sepulta lei eleitoral.....JB, 06, FSP, ESP
 Suíça premia quem ajudar no caso Frank.....exceto UH (suíte)
 Até Nahas quer ter vez na TV.....JB, FT
 Bancários se dividem e só param a Caixa.....JB, UH, FT
 Tijuca vive noite de guerrilha.....JB, 06, OD, FSP
 Prédio cai em Minas e mata cinco operários.....06, UH, FSP, FT, JT, ESP

Empregados da Light em greve.....OD, UH
 Quatro jovens assassinados na Mangueira.....OD, UH
 Vox Populi aponta queda de Collor.....OD, UH, JT, ESP
 Empresário assume secret. de transp. de SP.....FSP, FT, JT
 Fecha colégio Gávea em 1990.....FSP, FT
 Matheus chega e escolhe Basílio.....FT, JT

QUINTA-FEIRA

Brasileiros suspeitos da morte de Michel Frank...JB, OG, OD, FSP, FT, JT
 Lazoni convidado para comentar BR X Itália....JB, FT
 Enciclopédia Britânica em computador.....JB, ESP
 Bomba explode e mata 171 em avião francês.....(Todos)
 TV ainda não mudou o lobo dos candidatos.....JB, OG
 PM terá posto no Borel.....exceto FT
 Sarney consegue enfiar espaço na agenda de Bush...JB, FSP
 Fla faz pacto para correr e vence Botafogo.....JB, OG
 Novo aumento faz carro subir 79% este mês.....JB, OG, FSP, JT
 TST dá aos bancários do BB 70% em janeiro.....OG, OD, ESP
 Gorbachev expurga os inimigos da reforma.....OG, JT, ESP
 Na hora do rush Afif sorri no trem da Central....OG, OD
 Gabeira lidera manifestação em São Paulo.....OG, FSP, FT
 Banerj para e BB conquista 152%.....OD, UH †
 BC intervém para conter dólar no paralelo.....FSP, JT
 Justiça susta licitação do telefone móvel.....FSP, ESP
 Mensalidade de setembro segue IPC.....FSP, FT, ESP, JT
 Cambodja convive com ameaça de guerra civil.....FSP, FT, JT
 Mostra de Carybé no Masp.....FT, ESP
 Erundina diz que não conseguiu nada nos transp...FT, JT

SEXTA-FEIRA

Resultado da Loto.....JB, OG, OD
 20ª Bienal de São Paulo.....JB, JT
 Borel amanheceu em calma.....JB, OD (suite)
 Boeing cai em NY e 59 sobrevivem.....JB, OG, OD, FSP, FT, ESP
 FMI propõe austeridade para o Brasil.....JB, UH, FT
 Reajuste de 152% fará BB ter prejuízo.....JB, OG, OD (suite)
 Juiz suspende concorrência ganha pela NEC.....JB, ESP (suite)
 Liderança de Collor confirmada pelo Gallup.....OG, ESP
 Escolas terão reajuste pelo IPC.....OG, FSP (††)
 Ministra ameaçada de morte deixa Colômbia.....OG, JT
 Registros complicam piloto da Varig.....OD, FT
 Campeão de moto e de estupro.....OD, FT
 Pai de Michel não acredita em vingança.....OD, FSP, FT, JT
 Credores exigem do Brasil pagamento já.....FSP, JT
 Importação de agosto atinge marca recorde.....FSP, JT
 Minas promulga constituição maior que a federal..FSP, ESP
 Senna quer ser o mensageiro de Deus.....JT, ESP
 Pacaembú vai virar grande palco para a arte.....FT, JT, ESP
 DC-10 francês pode ter sido derrubado por míssil.JT, ESP

SABADO

Morte de Irving Berlin.....JB, OG
 Collor na reserva indígena.....JB, OG
 Over a 52% puxa ouro e dólar.....JB, UH
 Michel Frank foi assassinado por dois suíços....exceto UH (suite)
 Mailson pede compreensão de credores.....JB, FSP

Sarney garante que não pagará reajuste do BB.....JB, OG
Furacão Hugo mata três pessoas.....JB, OD, JT, ESP (suíte)
Bomba mata dez fuzileiros de banda inglesa.....JB, OG, FSP, FT, ESP
Senna supera seu recorde em Portugal.....JB, FSP, FT, JT, ESP
Inflação em três capitais já é de 35,1%.....OG, FSP, FT, ESP, JT
Novo pacote fiscal taxa Bolsas e gdes fortunas...OG, ESP
Policiais estouram cassino no Leblon.....OD, UH
Collor visita Campos em clima tenso.....OD, ESP
Metrô não pára sua expansão.....OD, UH
Collor admite queda e culpa força poderosa.....FSP, FT
Mãe invade ringue para salvar filho boxeur.....FSP, FT
Balé Bejart estréia hoje em São Paulo.....FSP, FT, JT, ESP
São Paulo X Corinthians e Portuguesa X Palmeiras.JT, FT
Dívida: Mailson entrega os pontos.....JT, FT

Listagem 3 - Organização espacial

JORNAL DO BRASIL - 17 a 23/9/89

rubrica externaseções internas

- BRASIL.....Coluna do Castelo - 2ªf a sab
Informe JB/Ancelmo Góis com sucursais:(8)
Lance-livre (notinhas)
Coisas da Política/Ricardo Noblat - 3ªf e dom
- OPINIAO.....expediente da direção do jornal
editoriais; Tópicos
charge
Cartas dos leitores
artigos assinados
Millor (crônica/cartun) - 2ªf a sab
Religião (artigo) - 3ªf a sab
Jô Soares (crônica/cartun) - sab
Luís Fernando Veríssimo - dom
Frases da semana - dom
- ENTREVISTA.....(página - dom)
- MEIO-AMBIENTE/CIENCIA (88)..Circuito Integrado (notas sobre
informática/Cora Ronai) - 2ªf
Astronomia e Astronáutica/ Ronaldo Rogério Mourão - 2ªf
Dando Ciência - 4ªf, 5ªf, dom
- MEDICINA.....(página - 2ªf)
Consultório (pergunta de leitor/ resposta de um
médico consultado pela Redação - 2ªf)
- INTERNACIONAL.....Perfil da semana
Informe internacional/Carlos Castilho, com sucursais
- ECONOMIA.....Informe Econômico/Carlos Alberto Sadenberg,
com sucursais - exceto 2ªf
A semana (agenda) - 2ªf
Cena Internacional - 2ªf
Seu Bolso (análise financeira/Cristina Calmon - 2ªf
Aviação/Mário José Sampaio - 2ªf
Destaque (das publicações internacionais) - 2ªf
Estante (livros da área) - 2ªf
Empresas (notas) - 3ªf e 5ªf
Cotações das bolsas RJ e SP - 3ªf a sab
Indicadores financeiros - 3ªf a sab
Prateleira (ofertas/análise de consumo) - sab
- sem rubrica.....Tempo (nesta página aos domingos)
Obituário
Avisos fúnebres e religiosos
- CIDADE.....(página aos domingos/caderno na semana)
A semana (agenda) - 2ªf
Olho da rua (denúncias) - 3ªf a sab
Queixas do povo (denúncias com respostas)

Personagens [do Rio] - 4^{af}
 Canto do Rio (personalidade carioca) - sab
 Passeio público - sab
 Tempo
 Serviço
 Hip-Hop (charge/Cláudio Paiva)
 Guadrinhos
 Horóscopo
 Cruzadas

ESPORTES.....(caderno às 2^{as} feiras/ páginas na semana)
 Conta-giros (automobilismo/motociclismo)
 Placar JB (campeonatos de todos os esportes)
 João Saldanha (crítica sobre futebol)
 Loteria - 2^{af}
 Xadrez - 2^{af}
 Hoje, na Gávea (turfe) - 2^{af}, 5^{af} e sab
 Indicações ("barbadas") - 2^{af} e 5^{af}
 Ontem na Gávea (resultados do turfe) - 3^{af} e 6^{af}
 De voleio (coluna sobre tênis) - 3^{af}/5^{af}
 Esporte na TV - sab
 Perfil - dom

CADERNO B.....(de 2^{af} a sábado)
 Zóximo (coluna social) - 2^{af} a sab
 Roteiro - 3^{af} a sab
 Cartas dos leitores
 2^{af}- Entreato (artes plásticas)/Contra-cena (notas)
 - Olho Neles: gente que ainda vai dar o que falar
 - Roteiro (programação cultural)
 - Faixa quente (melhores discos)
 3^{af}- Contra-pontos (crítica de música)
 - Crítica/dança
 4^{af}- Cena aberta (coluna social-TV/Regina Rito)
 - Moda
 5^{af}- Supersônicas (Tarik de Souza)
 - Crítica (cinema)/cotações
 6^{af}- Fim de semana (programação)
 - Cena aberta
 - Ligado no vídeo
 - Juri B (cinema)
 - A peça em questão (crítica)
 - O disco em questão (crítica)
 Sab- Maria Lucia Dahl (crônica)
 - Perfil (com mapa astral e palavra amiga)
 - Censura livre (crítica)
 - Crítica/show
 - Crítica/filmes da TV
 - Perfil do consumidor
 - Comida
 - A mesa como convém (crítica de restaurantes)
 - Estilo (reportagem de moda)

DOMINSO.....(revista semanal de variedades)
 PROGRAMA.....(encarte semanal de programações em teatro, cinema,
 música, artes plásticas, vídeo, TV etc)

- CASA E DECORAÇÃO.....(suplemento dominical/standard)**
 Morar (arquitetura de interiores)
 Achados (novidades de miudezas para decoração)
- IDEIAS/ensaios.....(suplemento dominical/tablbide)**
 Paulo Mendes Campos (crônica)
 Universidade (notas)
 Cartas dos leitores
 Recado (artigo editorializado, assinado)
 Inédito
 O que eles estão pensando (enquete)
 O que ele(a) está fazendo (destaque)
 Feiffer (charge)
- IDEIAS/livros.....(suplemento aos sábados/tablbide)**
 Vida cultural (notas de eventos)
 Importados
 Documento
 Ponto crítico
 Cartas
 Lançamento (crítica)
 Romance
 Ensaio
 História
 Lançamentos (resenhas)
 O que eles lêem (enquete)
 O que recomendam (enquete)
 Os mais vendidos (ficção/não ficção)
- VIAGEM.....(suplemento de turismo - 4ªf)**
 Indicações: onde, como chegar, o que e onde comer
 onde se hospedar
- CARRO E MOTO.....(suplemento aos sábados)**
 Várias (novidades)
 Acelerando
 Mercado (novos preços de todas as marcas)
 Gente ao volante
- NITEROI.....(suplemento aos sábados/circulação restrita)**
 Educação; caro leitor; informe publicitário;
 saúde; roteiro; em cartaz; show; capa; cultura;
 perfil; classificados

‡ localização variável

‡‡ também SAÚDE/CIÊNCIA ou MEIO-AMBIENTE/SAÚDE ou CIÊNCIA/EDUCAÇÃO

O GLOBO - 17 a 23/9/89

rubricas externas seções internas

- O PAIS.....editorial
 charge
 artigo
 Cartas dos leitores
 expediente
 Panorama político (Tereza Cruvinel)
 Corpo a corpo (campanha eleitoral)
 Serviço eleitoral - 2ªf a sab.
 A sucessão na TV - 2ªf
 Loto - 2ªf
 Raphael de Almeida Magalhães - 5ªf
 Otto Lara Resende - dom.
 artigos eventuais - dom.
- MEIO AMBIENTE.....página - sab.
 notas de denúncias
- GRANDE RIO.....Tempo
 Swann (coluna social)
 Falecimentos
 Loteria
 anúncios fúnebres e religiosos
 Tabuada da Loto (Oswald de Souza) - 2ªf
 Dança/crítica - 2ªf e 4ªf (ocasional?)
 Em defesa do consumidor - 4ªf
 Queixas e respostas - 4ªf
 Plantação O Globo/Copacabana - 6ªf
 artigo (D.Eugênio Salles) - sab.
 Que fim levou? (reportagem recuperando
 assuntos polêmicos de tempos atrás)- dom
- O MUNDO.....Ciência e vida - 2ªf a sab.
 notas internacionais - 6ªf e sab.
 Todo mundo (coluna dos correspondentes)- dom
- ECONOMIA.....Panorama econômico (George Vidor)
 Indicadores financeiros
 + uma página 2ªf
 Entrevista - 2ªf
 quadro de ventos - 2ªf
 Informática: Cursos - 2ªf
 Joelmir Beting (análise) - 3ªf a sab.
 Secos e molhados (notas) - 3ªf a sab.
- ECONOMIA/NEGOCIOS.....O negócio é notícia - 3ªf a 6ªf.
 Os executivos - 3ªf a 6ªf
 Faltou dizer (crítica /Aloysio Biondi)- dom.
 José Resende Peres (agropecuária)
- ESPORTES.....(caderno - 2ªf)
 Loteca
 turfe:Resultados; Programa; Favoritos - diário
 Raphael de Almeida Magalhães (coluna)

Campeonato brasileiro: próximos jogos; classificação
 Futebol internacional (resultados)
 Mundial/90 - diário
 Motociclismo
 3ªf - Renato Maurício Prado (coluna)
 4ªf - Pit Stop/Celso Itiberê (automobilismo)
 + 6ªf e sab
 - Marcelo Madureira (coluna)
 - Favoritos da Loteca
 - Outros jogos
 5ªf - Juca Kfourri (coluna)
 6ªf - Fernando Calazans (coluna)
 dom - Programa de hoje (turfe)
 Favoritos (turfe)
 Classificação (motociclismo)
 Tempos das 500cc e das 250cc
 Chico Anyisio (coluna)
 Loteria
 Mundial/90 (página inteira)

SEGUNDO CADERNO.....Ibrahim Sued (coluna social)
 Rio Show (programação cultural):
 O bonequinho viu (cotação dos filmes)
 Livros
 Horóscopo
 Logomania; Cruzadas
 Há 50 anos (1ª página de O Globo)
 O que você deve saber sobre Medicina
 Quadrinhos
 Hoje na TV
 2ªf - Globe-Trotter (Elsie Lessa)
 - Show/crítica
 - Discolândia; Críticas; Sonar;
 Meu disco inesquecível
 - Filmes de hoje na TV + 5ªf a sab.
 - Cartas
 4ªf - Affonso Romano de Sant'Anna (crônica)
 5ªf - Disco/crítica
 - Cinema/crítica
 6ªf - Céu do mês (astrologia)
 - Cinema/crítica
 - Olho vivo (cotação dos filmes)
 - Lançamentos
 - Restaurantes; Bares; Está na mesa;
 - Teatro/crítica
 - Teatro infantil/a crítica das crianças
 - Livro infantil
 Sab - O meu Rio (personalidades da cidade)
 - Ela (moda feminina)
 - Nina Chavs (coluna social)
 Dom - Disco/crítica
 - Discos clássicos (Zito Baptista Filho)
 - Affonso Romano de Sant'Anna (crônica)
 - Agamenon Mendes Pedreira escreve (texto
 de humor)
 - Rio Fanzine: Parada Especial; Cinco minutos; Na cidade

- Passatempo: Logomania; Cruzadas;
Versograma; Logobolicho; Criptomania;
Labirinto; Palavras x Words
- Livros (página): Os mais vendidos

JORNAL DA FAMILIA.....Novos hábitos

- Qual é o seu problema? (conselhos médicos)
- Aprenda (cursos)
- Oriente-se: Receitas (culinária)
- O mapa da mina (endereços das lojas citadas na matéria)

REVISTA DA TV.....(suplemento tablóide - dom)

- Cartas; Dúvidas
- Reprise
- A Semana: Jogo rápido; Vai acontecer;
- Novelas (resumo dos próximos capítulos)
- Hoje na TV
- Filmes de hoje

O GLOBINHO.....(suplemento tablóide - dom)

O DIA - 17 a 23/9/89

rubricas externas

seções internas

POLITICA.....	Informe do Dia O voto dos cariocas Em campanha - 4ªf, 6ªf
OPINIAO.....	Cartas na mesa (dos leitores) charge/Jaguar editorial artigos expediente
SINDICAL.....	Justa causa - 2ªf a sab
ECONOMIA/INTERNACIONAL.....	Economia do Dia artigos notas internacionais (coluna)‡ Altas/baixas (indicadores financeiros)
ENTREVISTAS.....	(sindical/política) - dom
GERAL/GRANDE RIOS.....	Comunidades Direito do consumidor - 5ªf Universidades - dom
INTERNACIONAL.....	Mundo louco (notas)- dom Cartas na mesa - dom
MEDICINA/SAUDE.....	
POLICIA.....	Romance policial Direito do povo Falecimentos Registro policial Desaparecidos - dom Resumo do Dia‡
ESPORTES.....	(caderno - 2ªf): Surfe; Nataçao; Ginástica Loteca - 2ªf, 4ªf 5ªf e dom Placar nacional Campeonato brasileiro Atuações; os gols; arbitragem (por jogo) Saque curto (notas sobre todos os esportes) Garotinho/José Carlos Araújo - diário Sérgio Cabral - diário Loteria - 3ªf As barbadass (turfe) - 2ªf, 5ªf sab e dom Jogos de hoje - 4ªf, sab e dom Hoje na TV - 4ªf, sab e dom Giro pelos estados - 4ªf Divisao especial - 4ªf Pole position - 6ªf e sab Em Dia com os automóveis - dom

Em Dia com a Copa - dom
O papo do craque/Ademir Menezes (coluna) - dom

CADERNO DAvesso da vida
Horóscopo
Fique de olho
Numerologia - exceto 5ªf e dom
Cruzadas
Piada do Dia
Jogo dos dez erros
Quadrinhos
Christine (coluna social)
Jorge Mascarenhas (coluna sobre artistas)
Prof. Blum Najac (conselhos sentimentais)
Artur da Távola - 3ªf a dom
Barato do Dia
Pagodes
Show
Teatro
Cinema; programação; crítica (Nelson Hoineff)
Hoje na TV; novelas; filmes
O filme que eu vi - 2ªf
Televisão - 2ªf
Discos - 2ªf, 5ªf
Cursos - 2ªf
Receitas - 2ªf
Música popular (crítica/Roberto Moura) - 3ªf, 6ªf e sab
Extra - 3ªf
Saúde - 3ªf
Quem TV (crítica) - 3ªf a sab
Exposições - 2ªf, 3ªf e dom
Turismo - 4ªf
Escolas de samba - 6ªf
Teatro/criança - sab
Moda - sab e dom
Ouvir e dançar - dom
Colunistas não diários:
Fernando Gabeira - 2ªf, 4ªf e 6ªf
Ruça - 2ªf
Marta Suplicy - 2ªf, 4ªf e 6ªf
Dadá Carvalho - 2ªf
Raquel de Queirós - 3ªf
Jair de Ogun - 3ªf, 5ªf e sab
Eduardo Mascarenhas - 3ªf, 5ªf, sab. e dom
Carlos Eduardo Novaes - 5ªf e dom
Rubem Braga - sab

JORNAL DA TELEVISÃO.....(suplemento dominical/tabloide)
O astro na intimidade
Cartas; Crítica; A semana
Jorge Mascarenhas (coluna social)
Hoje na TV; Os filmes
Teste

‡ O Dia começou a utilizar rubricas externas ou cabeças de página exatamente nesta semana pesquisada e, como toda novidade, demorou um pouco a acertar a paginação, daí a repetição ou a reordenação de rubricas e de seções internas (assinaladas com asterisco) em algumas edições.

ULTIMA HORA - 17 a 23/9/89

rubricas externasseções internas

POLITICA.....	Na Hora H; Primeiro Plano (notas e notinhas) Dia-a-dia dos presidenciais UH-Agenda Assembléia Legislativa
ECONOMIA.....	UH Opinião Ação (cotações IBV)
OPINIAO.....	artigos charge editoriais expediente
SINDICAL.....	Coluna do Servidor - 3ªf a sab
GERAL.....	Pelo mundo (notas internacionais) - 2ªf Ronda; Sumindo de casa - 2ªf Cartas - 3ªf a sab Porto das Caixas - 3ªf a sab
ESPORTES.....	Turfe; Palpites UH; Façam o jogo; Boa UH Comida de hoje Papo legal/Francisco Horta Atuações (jogos de futebol)
CIDADE/POLICIA.....	Ronda
NACIONAL/INTERNACIONAL.....	UH Opinião Caso de polícia (folhetim/ Maurício Hill)
UH-RIO.....	(caderno - 2ªf) Coluna do servidor Porto das Caixas (Denise Eichler)
UH-REVISTA.....	(caderno diário) Humor em geral São Paulo; Fique sabendo; Nossas mulheres; O pulsar de São Paulo Artes Plásticas Horóscopo Cinema Teatro Show Agenda Sala de espera: Cruzadas; Jogo dos 8 erros Hildegard Angel (coluna social) Hilde na TV Reynaldo Loy; Astral; Detalhe Programação/ TV Cinema na TV Jesus Rocha Noite e variedades; Ponto por ponto

Ronaldo Bóscoli; RB Urgente
 Miguel Borges (crônica)
 Disco/crítica - 4af
 Discos; Registro - 4af
 Livros - 4af
 Ciência e Tecnologia - 4af
 Teatro infantil - 4af
 Opera/crítica - 5af
 Balé/crítica - 5af
 UH mercado; Registro - 5af
 Meio ambiente - 5af
 Filatelia - 5af
 Fim de semana: - 6af
 Cinema; TV; Teatro; Show; Livros;
 Artes plásticas; Música;
 + Crianças
 Vídeo;
 Roteiro gastronômico; Não morra pela boca;
 Vá na certa
 Gafieira;
 UH TURISMO.....(suplemento - 3af)
 Ponto a ponto

 UH TURFE.....(suplemento/ tablôide - sab)
 Pista de grama
 Crônica do criador
 dicas com historinha ??
 Boa dia, favoritos
 De olho na noturna
 Nos bastidores
 E porque hoje é sábado/Sérgio Cavalcanti;
 Cânter; Photo Chart;
 Corrida de hoje
 Páreo a páreo; palpites UH; faça o jogo
 Infor + mática (dicas e probabilidades)
 Torneio de barbadas
 Da leitura dos relógios

obs: na edição de sábado, a UH circulou com um suplemento de informação publicitária sobre o Estado do Maranhão;

† a seção Ronda saiu ora na Geral, ora na Polícia;

FOLHA DE S.PAULO - 17 a 23/9/89

rubricas externas

seções internas

- OPINIAO.....expediente da direção do jornal
editoriais
coluna rotativa:
- Florestan Fernandes (2ªf); José Serra (3ªf)
Severo Gomes (dom)
charge
artigos
Frases; de hoje; de ontem
Tendências e Debates (artigos)
Painel do leitor (cartas)
expediente
- POLITICA.....Painel (notas); contraponto (sueños)
Agendas: Executivo; Legislativo
jânio de Freitas (coluna) - 3ªf a sab
Política na TV - 3ªf
Letras jurídicas - dom
- EXTERIOR.....Imprensa no mundo
Ciência - 3ªf, 6ªf, dom
- CIENCIA.....
- ECONOMIA.....(caderno diário)
Indifolha
Opinião econômica: painel econômico; tendências
internacionais; semana econômica; artigo
Mercado financeiro; juros; moedas
Indicadores econômicos; o dinheiro hoje
Agricultura e abastecimento; Indifolha agropecuária
Indústria e matérias primas; Indifolha;
Indifolha metais; termômetro econômico
Atas, editais e avisos
Hoje na economia
Joelmir Beting; Reflexão do dia; secos e molhados - 3ªf/dom
Bolsa de valores de S.Paulo - 3ªf
Mercados - 3ªf
Produtos agropecuários - 3ªf
Dom + Monitor;
Criação e consumo
Leitura; livros
Caixa-alta: planos de saúde; decifre o economês;
lembrete; aluguel; FGTS;
bancos; compare os preços;
o que fazer com seu dinheiro;
onde eles aplicam;
faça as suas contas; preços;
- DIRETAS B9.....(caderno diário)
Indifolha
Os candidatos na TV (programas do TSE)
Os candidatos na televisão (por canal)

Sucesso na TV
 Album de campanha
 O dia dos candidatos
 Em quem você vai votar
 pesquisa de intenção de voto/DataFolha
 O cenário da eleição
 As opções preferenciais dos eleitores
 Palavra de candidato - 4ªf
 Pingue-pongue (entrevista) - 4ªf, 6ªf
 As promessas na TV - 5ªf, sab
 Sobe-desce - dom

CIDADES.....(caderno diário)

Indifolha
 Acontece/cidades: foto de satélite; tempo no Brasil;
 tempo em SP; qualidade do ar; sol; fases da lua;
 marés; agricultura; temperatura no mundo;
 a semana da Terra (raios, furacões etc); qualidade das praias -
 6ªf/sab e dom (RJ e SP)
 agenda; há 50 anos; loto; sena;
 a cidade é sua; emergência SP
 qualidade das praias - 6ªf/sab e dom (RJ e SP)
 Violência
 Mortes
 Saúde; crianças - 2ªf
 Educação; agenda da educação - 3ªf a dom
 Urbanismo - 5ªf

ESPORTES.....(caderno diário)

Indifolha
 Os números do futebol
 Placar
 Agenda
 Loteca - 2ªf
 Turfe
 Atuações
 Copa 90
 Futebol no mundo
 Waves
 Pit stop
 Quem é quem (eventual)
 Futebol; outros paulistas; no mundo; a rodada - 6ªf
 dom - Surfe, bodyboard, basquete, vôlei, box, tênis, automobilismo,
 Fórmula 3, atletismo, campeonato de 500 cc.

ILUSTRADA.....(caderno diário)

Indifolha
 Joyce Pascomitchi; entrelinhas (coluna social)
 Acontece na semana: música; shows, conferências;
 Artes plásticas; teatro; cinema
 Horóscopo
 Acontece: fotos; mostras; sebos; livrarias;
 filmes na TV; programação da TV; teatros; cines; fora de hora;
 eventos; museus; dança; restaurantes; videolocadoras e crian-
 ças
 Quadrinhos

Design - 3ªf
 Discos; os mais vendidos; lançamentos Lp e laser;
 o que você está ouvindo? - 4ªf
 VideoFolha; lançamentos; o que você está vendo? - 5ªf

NEGOCIOS.....(caderno diário)
 Indifolha
 Seu negócio
 Agenda de negócios (cursos, palestras etc)
 Varejo - 2ªf
 Marketing - 3ªf
 Empresas - 3ªf
 Vitrine - 4ªf
 Informação - 5ªf
 Marketing e comunicação - 6ªf

AGROFOLHA.....(caderno - 3ªf)
 Indifolha
 Cartas
 Leitura
 Acontece
 Agenda
 Pesquisa
 Como fazer
 Leilões

INFORMATICA.....(caderno - 4ªf)
 Indifolha
 Agenda
 Falando de micros
 Lançamentos
 Leitura
 Internacional
 Infoshop (classificados)
 Cine/foto/video*

PORTOFOLHA.....(caderno - 5ªf)
 Comércio exterior em debate
 Anote
 Carga aérea

TURISMO.....(caderno - 5ªf)
 Indifolha
 Onde se hospedar
 Consulta
 Opinião
 Plano de viagem

CIENCIA.....(caderno - 6ªf)
 Indifolha
 Acontece; simpósio; lançamentos; assessoria;
 resenha; sem mistério; agenda;
 Engenho e arte
 Periscópio
 Para saber mais
 Síntese

LETRAS.....(caderno - sab)

Indifolha
Resenha
Lançamentos
Livraria
O que você está lendo
Os mais vendidos da semana
Onde comprar
O que ler
Primeira leitura; Quem é...

FOLHINHA.....(suplemento infantil/tablóide - sab)

Cartas; televisão; o que você está praticando;
Esporte; ciência; FolhinhaTur; brincadeiras;
Exposição; Agenda de fim de semana
Quadrinhos

FOLHA d'.....(suplemento/tablóide - dom)

entrevista
capa
televisão
consumo
cultura
comida; bronca(crônica)
guia dos restaurantes
os melhores filmes na TV

* obs. esta seção não saiu na semana pesquisada em função de matéria paga na última página do caderno

FOLHA DA TARDE - 17 a 23/9/89

<u>rubricas externas</u>	<u>seções internas</u>
GERAL.....	FT notas (1) expediente Giba Um (coluna social) Cidade oculta - notas Tarso de Castro (coluna) Desbafo (cartas dos leitores) Loto - 2ªf Pornopress - 3ªf a 6ªf Ciência - 6ªf Parem as rotativas - 6ªf Tudo 24 horas - sab.
EXTERIOR.....	FT notas
POLITICA.....	Fique sabendo (notas) charge
ECONOMIA.....	A toca Banco de dados: salário; câmbio; contribuições/lapas; poupança; juros; aluguéis; OTN/BTN; mercado; inflação; Especial/automóveis - 2ªf
ENTREVISTA.....	(página - sab.)
TURISMO.....	(página - 4ªf)
SHOW.....	Notícias que a gente não tinha onde pôr Ferreira Netto (coluna) críticas: teatro; cinema; show; Horóscopo Alik Kostakis Leão Lobo Antônio Contente (crônica) Quadrinhos Fique ligado: filmes na TV; programação de TV cinema; teatro; artes plásticas shows; boate; bares; restaurantes; cafés; sorveterias; pizzarias Camarote - 2ªf Sala VIP - 2ªf, 5ªf e sab. Video - 2ªf Perdidos e achados - 3ªf e 5ªf Zum zum - 3ªf Conversa ao pé da página - 4ªf e 6ªf Caindo na noite - 5ªf Livros - 6ªf Première - 6ªf
PROGRAMA-SE.....	(tablóide - 6ªf) Dicas para curtir São Paulo

Danceteria; docerias
 Saia com as crianças
 Cinema na TV
 Liquidações; roupas usadas
 Dicas; sebos; livrarias
 Discos usados; artes
 Moda; rodas de samba; saunas
 Música; rapidinhas - sab.

CIDADE.....(página - 4ªf)

APETITE.....(página - 5ªf)

SADDE.....(página - 2ªf)

ESPORTES.....Bola solta
 Necrologia
 Loteca - 2ªf
 Frases - 2ªf
 Classificação - 2ªf
 Rumo à Itália - 2ªf
 Placar - 2ªf
 Povo fala (§)
 Jogo rápido - 6ªf
 Esportes na TV - sab.

PROPAGANDA E MARKETING.....(caderno - 2ªf)

Editorial
 Ora, bolas!
 Entre aspas
 Cartas
 Expediente
 Opinião: de fora do eixo; marketing;
 José Roberto comenta
 Intervalo
 Show-room
 Roda viva
 Fechamento
 Charge
 Câmera 1
 Carlitadas

(§) a FT publica notas e o Povo Fala em todos os seus cadernos.

JORNAL DA TARDE - 17 a 23/9/89

rubricas externas	seções internas
pág.2, sem rubrica.....	Frases; as palavras do dia Contato (notas) Resumo (índice) O tempo matérias curtas com cabeças variáveis: população; aniversário; shows - 2ªf; saúde; comportamento; sexo - 3ªf transportes; informática; gafe - 4ªf homenagem; ambiente; performance - 5ªf aventura; greve; strip-tease - 6ªf pioneira; encenação; estréia - sab Gente/quem é notícia Loterias - 2ªf, 5ªf, sab Sena - 3ªf; Loto - 6ªf
INTERNACIONAL.....	
pag.4, sem rubrica.....	expediente editoriais artigo São Paulo pergunta
POLITICA.....	Idas e vindas - 2ªf Pergunte ao candidato - 2ªf Corrupção - 2ªf Mamatas de mordomias - 2ªf e 3ªf Sucessão - 2ªf a sab São Paulo - 3ªf a sab Telefarpas - 4ªf a sab
CIDADE.....	
POLICIA.....	Acidentes (eventual) E mais - sab
AMBIENTE.....	(página - exceto 6ªf/sai dentro de Cidade) O mundo de Cousteau - sab
ECONOMIA.....	Seu dinheiro/Celso Ming - 2ªf: recado; inflação; casa própria; INPS/Pis/Pasep; carro; escola; aposentadoria; imposto de renda; caderneta; bolsa; BTN; overnight; dolar; penhor; ouro; viagens; aluguel; indicadores; 3ªf a sab: Como aplicar seu dinheiro hoje Os negócios com ações na Bolsa Índices econômicos Mercado; Fundos; 6ªf - Opinião
MEMORIA.....	(página - 4ªf)
SAÚDE.....	(página - 4ªf) (4)

- EDUCAÇÃO.....(página - 5ªf) (1)
- ENTREVISTA.....(página - 5ªf e 6ªf) (1)
- ESPORTES.....(caderno - 2ªf)
 Loteria Esportiva
 Placar JT
 Os números
 Próximos jogos
 Notas (para cada jogador de todos os jogos)
 Pesca
 Loteca - 2ªf e 5ªf
 Outros jogos - sab
 Roteiro; na TV - sab
- DIVIRTA-SE.....(programação/serviços)
 Televisão; os filmes de hoje na TV
 Rádio; música; cinema; vídeo; bares; shows;
 Teatro; infantil; dança; restaurantes; grátis
 Quadrinhos
 Horóscopo/Jean Pierre
 Palavras cruzadas
- ARTES E ESPETACULOS..... (críticas e reportagens)
 vinil (discos); contracena; livros;
 bibliotecas; vídeo; visuais; mercearia;
 O JT recomenda; cinema; teatro; shows;
- O BRASIL REAL.....(página - 2ªf a sab)
 Notícias do Brasil Real
 Compare os dois mundos
- ESTAÇÕES DO ANO.....(página - 4ªf)
- TURISMO.....(página- 5ªf)
- JORNAL DO CARRO.....(tablóide - 4ªf)
 Segurança; consórcios
 Lançamento
 Comportamento
 Moto
 Serviços/endereços
 Sem
 Mercado
 Ranking/novos (tabelas comentadas)
 Ranking/usados (tabelas comentadas)
 Bolsa JC semanal (tabelão)
 Preços dos novos (tabelão)
 Especial/os veículos que não estão na Bolsa (tabelão)
 Peças; autopeças; veículos especiais
 Acompanhe o resultado (teste)
 Polícia (roubo de carros)
 Documento
 Tecnologia
- MODO DE VIDA.....(caderno - 5ªf)
 Avanti (tecnologia aplicada)

Vida moderna
Moda
Moacir Japiassu (crônica)
Gastronomia
Cursos; dicas
Estilo

CADERNO DE SABADO.....artigos
História
Cultura
Censura; religião; literatura; cinema;
Bienal (temporário)
Biblioteca: história; liberalismo; poesia;
romance; linguística; policial
Comportamento

(*) Educação e Saúde às vezes vêm junto com Polícia; há entrevistas dentro de outros cadernos ou seções

O ESTADO DE S.PAULO - 17 a 23/9/89

rubricas externas	seções internas
página 2, sem rubrica.....	Espaço aberto (dois artigos) Dos leitores (cartas) expediente Notas e informações (editoriais) Canal 3 (charge; notas)
POLITICA.....	Campanha na TV (com vinheta) Sucessão presidencial (com vinheta) Diário de campanha Caça ao voto Eliane Cantanhede dom - Pesquisa; Sucessão estadual notas; charge
INTERNACIONAL.....	
SADDE.....	(página) (†)
CIENCIA E TECNOLOGIA.....	(página)
COMPORTAMENTO.....	(página) Religião (†) Imprensa
EDUCAÇÃO.....	(página)
CIDADES.....	
POLICIA.....	(página) Opinião Loteria Federal; Loto
MEIO AMBIENTE.....	(página)
ECONOMIA E NEGOCIOS.....	(caderno diário) Suas contas Espaço aberto (opinião) Hoje Caixa-forte Opinião Política econômica Trabalho Finanças Mercados Informática Internacional Negócios Funcionalismo - 3ªf Preços - 3ªf Aluguéis - 4ªf Salários - 4ªf

	Agricultura; abastecimento - 4 ^{af}
	Marketing - 4 ^{af}
	Consumo - 5 ^{af}
	Lançamentos - 5 ^{af}
	Seus direitos - 5 ^{af}
	Interior - 5 ^{af}
	Tendências - 6 ^{af}
	Gente - sab
	Bastidores - sab
AVIAÇÃO.....	(página - dom)
ESPORTES.....	60l de letra (crônica)
	Classificação
	Turfe - 4 ^{af} e dom
	dom - Campeonato brasileiro
	Esportes na TV
	Xadrez
INTERIOR.....	Opinião
sem rubrica.....	Serviços
	Educação
	Medicina
	Tempo e temperatura
	Tribunais
	Falecimentos
	Movimento religioso
	Xadrez; cinofilia - 5 ^{af}
	Questões vernáculas - dom
ESPECIAL ou ANALISE.....	(página sobre assunto polêmico)
CADERNO 2.....	(diário)
	Coluna 2 (social)
	Crônica
	O que há
	Guia: astral; quadrinhos; cruzadas;
	filmes na TV; programação; vídeo;
	cinema; bares; eventos; teatro;
	música; restaurantes; show; rádio; clássico
	Arte - 3 ^{af}
	Opera; prêmio - 3 ^{af}
	Música - 3 ^{af} ; pop/entrevista; Trilhas;
	rap; lançamentos; rock nacional;
	ecos; digital; rock/tendência;
	entrevista;
	Evento - 4 ^{af}
	Vídeo - 4 ^{af} : suspense; chanchada; comédia;
	clássico; policial; violência; drama;
	monitor; lançamento
	Cinema - 4 ^{af} : diretor; filme; filmografia;
	serviço
	Leitura - 5 ^{af} : entrevista/escritor; crítica;
	dramaturgia; romance; ensaio
	Dança - 5 ^{af} : história; memória; importado;
	teatro; método; dicionário

Exposição; estréia - 5ªf
Cineclube; reggae - 6ªf
O melhor de tudo - 6ªf: gastronomia; lanches;
sugestões; comida; noite; ginástica
Balé; recital; concerto - sab
Luís Fernando Veríssimo (crônica) - sab
Aventuras da família Brasil - sab
Estilo - sab: Milão; Brasil; profissão;
exposição; imagem

(*) Dependendo da importância dos assuntos, rubricas como comportamento, saúde e religião podem vir em páginas isoladas ou agrupadas.

8-NOTAS

1. MORIN, E. (1986) p.31
2. *Ibidem* p.41
3. *Ibidem* p.42
4. *Ibidem* p.42
5. PAILLET, M. (1986)
6. VERON, E. (1980)
7. *Ibidem* p.82
8. ARENDT, H. (1979) p.287
9. FOUCAULT, M. (1982) p.12
10. ARENDT, H. (1979) p.295
11. *Ibidem* p.295
12. MOURA, M. (1987)
13. HEIDEGGER, M. (1973) p.331
14. ARENDT, H. (1979) p.292
15. LYOTARD, F. (1988) p.55/56
16. MOORE Jr, B. (1987) p.683
17. *Ibidem* p.684
18. *Ibidem* p.685
19. *Ibidem* p.685
20. ARENDT, H. (1979) p.289
21. SODRE, M. (1984) p.19
22. *Ibidem* p.29
23. PARRET, H. (1988) p.16
24. *Ibidem* p.16
25. *Ibidem* p.52
26. MARCONDES FILHO, C. (1989) p.39

27. RICOEUR, P. (1976) p. 87

28. RICOEUR, P. (1988) p. 43

29. OSAKABE, H. (1979) p. 62

30. RICOEUR, P. (1988) p. 45

31. *Ibidem* p. 55

32. PARRET, H. (1988) p. 52

33. José Marques de Melo dedica o segundo capítulo de seu livro A opinião no Jornalismo (1985) a um exaustivo levantamento do que ele chama de "classificação dos gêneros jornalísticos". Dos mais de dez autores citados, a maioria pesquisou jornais europeus, norte-americanos e latino-americanos nas décadas de 60 e 70. A classificação mais recente e pertinente a um estudo do jornalismo brasileiro é a do peruano Juan Gargurevitch (1982). No entanto, discordo da atribuição do termo "gênero" a fotos, legendas, cobertura setorial, caricaturas, sumários, cartas dos leitores, seções de serviços, entre outros, como fizeram vários autores citados (e não contestados) por Marques de Melo. Entendo por gênero as formas consagradas de construção de textos (resguardados os estilos individuais) com determinadas finalidades de comunicação, seja na literatura (conto, romance, poesia etc), na ciência (ensaio, dissertação, monografia etc), nas atividades burocráticas (carta, relatório, memorando etc) ou no jornalismo (nota, reportagem, artigo etc). Na minha concepção, títulos e legendas não configuram "textos"; são enunciados isolados que servem de apoio às narrativas jornalísticas. Por outro lado, "cobertura setorial" e "seções de serviços" - classificados como gêneros pelos autores citados - são, na verdade, procedimentos de apuração e de edição e não formas de construção de textos. No final do capítulo, Melo apresenta sua própria classificação, dividida em jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) e opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, crônica, coluna, caricatura e carta), com a qual tenho algumas discordâncias. O termo "resenha", denotativo de "enumeração por partes e descrição minuciosa", possui caráter fundamentalmente informativo e não opinativo. Em seu lugar, seria mais adequado o gênero "crítica". O termo "coluna" indica, no jargão das redações, o espaço fixo reservado para abordagem de tema específico ou para que um especialista (ou jornalista especializado) divulgue informações em primeira mão e/ou faça análises técnicas e conjunturais. Uma coluna pode ser de notas ou resenhas (informativa), notas e comentários (mista), de análise ou crônica

(opinativa). Carta não é um texto jornalístico mas a forma de expressão do leitor sobre e/ou para a instituição jornalística. E caricatura, assim como a charge (até mais comum nos jornais brasileiros) não pertence ao campo da comunicação verbal, o que torna impróprio - na minha opinião - sua classificação no mesmo grupo de gêneros que o editorial, embora seja, sem dúvida, uma expressão de caráter opinativo. Por outro lado, acharia interessante a inclusão do "testemunho", da "campanha", do "folhetim" (no sentido norte-americano de relato dramatizado de fatos reais) e das "notas pitorescas" (os três primeiros propostos por Gargurevitch), eventualmente utilizados no jornalismo brasileiro, particularmente nos chamados "jornais populares".

34. SODRE E FERRARI (1986), p.39

35. *Ibidem*, p.87

36. *Ibidem*, p.125

37. BAKHTIN, ^{M.(1981)} p.159

38. *Ibidem*, p.159

39. *Ibidem*, p.161

40. *Ibidem*, p.161

41. *Ibidem*, p.164

42. *Ibidem*, p.165

43. *Idéias Ensaio*, Ano I, nº 31, Rio de Janeiro, 4/2/1990,

p.8-10: O crime na primeira página.

44. PARRET, H. (1988) p.69

45. *Greimas/Du Sens II* in: PARRET, ^{H.(1988)} p.75

46. PARRET, H. (1988) p.227

50. Estas modalidades foram adaptadas para o discurso

jornalístico com base em PINTO, Milton José (1988).

51. PARRET, MARCUSCHI e PINTO, M.J.

52. DREIFUSS, R. (1986) p.21

53. GARCIA, O.M. (1988) p.63 a 65

54. *Ibidem*, p.63

- 55 ~~52~~.Ibiden, p.68
- 47 ~~47~~.OSAKABE,H.(1979) p.62
- 48 ~~48~~.HABERMAS,J.(1989) p.143
- 49 ~~49~~.Ibiden, p.155
- 56.BAKHTIN,M.(1981) p.37
- 57.Ibiden, p.95
- 58.SANTOS,M.(1988), p.50
- 59.Ibiden, p.51
- 60.SETTI,R.A.(1988) p.9-31
- 61.HALLIN,D.(1989) s/p
- 62.IMPRESA (Jun./89) p.92-95
- 63.HALLIN,D.(1989) s/p
- 64.SETTI,R.A.(1988) p.21
- 65.HALLIN,D.(1989) s/p
- 66.Ibiden
- 67.LARANJEIRA,A.(1989) s/p
- 68.Ibiden
- 69.Ibiden
- 70.SILVA,C.A.L.(1989) s/p
- 71.SETTI,R.A.(1988) p.16

9-BIBLIOGRAFIA

- ARENDE, Hannah. Verdade e Política. In. Entre o passado e o futuro.
São Paulo, Perspectiva, 1979. p.282-325.
- AUSTIN, John L. Outras Mentas. In. Os pensadores, LII. São Paulo.
Abril Cultural, 1975. p.91-120.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochnov). Marxismo, filosofia e linguagem. 2ªed.
São Paulo, Hucitec, 1981. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira.
- BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. 6ª ed. São Paulo, Cultrix,
1979. Trad. Izidoro Blikstein. 116 pp.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Os pensadores, XLVIII. São Paulo,
Abril Cultural, 1975. p.63-82.
- BRECHT, Bertold. Cinco maneiras de dizer a verdade. In: Cadernos de
Opinião 1. Rio de Janeiro, Inúbia, 1975. p.34-41
- CUNHA, Celso Ferreira da. Gramática da língua portuguesa. 3ª ed.
Rio de Janeiro, Mec/Fename, 1976. 656 pp.
- DATAFOLHA. Leitores aprovam reforma gráfica e cor no jornal [relatório
veiculado pelo FiloFolha - de circulação interna da Folha de S.Paulo -
em junho/89] s/p.
- DENEY, John. Conhecimento imediato: entendimento e inferência. In: Os
pensadores, XL. São Paulo, Abril Cultural, 1975. p.229-244
- DINES, Alberto. O papel do jornal, uma releitura. 4ª ed. São Paulo,
Sumus, 1986. 158 pp. (Novas buscas em comunicação, 15).
- DREIFUSS, René. A internacional capitalista: estratégias e táticas
do empresariado transnacional 1918-1986. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo,
1986. 544 pp.
- DUCROT, Oswald. Provar e dizer; leis lógicas e argumentativas.
São Paulo, Global universitária, 1981. Trad. Maria Aparecida Barbosa et
alii. 264 pp.

ECO, Umberto. Os percursos do sentido. In: As formas do conteúdo.

São Paulo, Perspectiva, 1974. p.11-76 (Estudos, 25).

_____. Viagem à irrealidade cotidiana. 2ª ed. Rio de Janeiro,

Nova Fronteira, 1984. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas. 353 pp.

_____. Leçor in fabula; a cooperação interpretativa nos textos

narrativos. São Paulo, Perspectiva, 1986. Trad. Attilio Cancian. 220 pp.

(Estudos, 89).

ERBOLATO, Mario L. e BARBOSA, Julio Cesar T. Comunicação e cotidiano.

Campinas, Papirus, 1984. 192 pp.

_____. Jornalismo especializado; emissão de textos no

jornalismo impresso. São Paulo, Atlas, 1981. 158 pp.

FOLHA DE S.PAULO. Manual geral de redação. São Paulo, FSP, 1984. 92 pp.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 3ª ed. Rio de Janeiro, Graal,

1982. Org. e Trad. Roberto Machado. 295 pp.

GARCIA, Othon Maria. Comunicação em prosa moderna. 14ª ed.

Rio de Janeiro, ed. FGV, 1988. 522 pp.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. 2ª ed.

Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. Trad. Carlos Nelson Coutinho.

244 pp.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública; investigações

quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro, Tempo

Brasileiro, 1984. Trad. Flavio R. Kothe. 397 pp (Biblioteca T.D., 76).

_____. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro,

Tempo Brasileiro, 1989. Trad. Guido A. de Almeida. 236 pp (Biblioteca T.B., 84)

HALLIN, Daniel C. Cartografia, comunidade e guerra fria. Extraído do Reading the News, org. por

Robert Karl Manoff e Michael Schudson, Pantheon Books. 1ª ed, 1987. p.109-145 (FiloFolha).

HEIDEGGER, Martin. Sobre a essência da verdade. In: Os pensadores, XLV.

São Paulo, Abril Cultural, 1975. p. 325-344.

IMPrensa. A TV de papel, por Luis Fernando Mercadante. São Paulo, Feeling Editorial,

jun.1989. Ano II, nº 22, p.92-95.

JAMES, William. O significado da verdade. In: Os pensadores, XL.

São Paulo, Abril Cultural, 1975. p.41-151.

LAGE, Nilson. Ideologia e técnica da notícia. 2ª ed. Petrópolis, Vozes,

1982. 116 pp.

LARANJEIRA, Adilson. O processo de modernização da "FI"[veiculado internamente

na Folha de S.Paulo em jun/89]

LYOTARD, Jean-François. O pós-moderno. 3ª ed. Rio de Janeiro,

José Olympio, 1988. Trad.Ricardo Corrêa Barbosa. 123 pp.

MARCONDES FILHO, Ciro. O capital da notícia; jornalismo como produção

social da segunda natureza. 2ª ed. São Paulo, Atica, 1989. 188 pp (Ensaio, 121).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A propósito de estratégias jornalísticas.

In: Linguagem oral, linguagem escrita. Uberaba, Curso de Letras do

Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba,

1982. p.18-23 (Série Estudos, 8).

_____. A ação dos verbos introdutores de opiniões.

Mimeog. [monografia para o mestrado de Letras da UFPE].

MEDINA, Cremilda de Araújo. Notícia, um produto à venda; jornalismo na

sociedade urbana e industrial. São Paulo, Alfa-ômega, 1978, 195 pp.

_____. Profissão jornalista:responsabilidade

social. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, 302 pp.

_____. Org. O jornalismo na Nova República.

São Paulo, Sumus, 1987. 211 pp (Novas buscas em comunicação, 23).

MELO, José Marques de. A opinião no jornalismo brasileiro.

Petrópolis, Vozes, 1985. 166 pp (Meios de comunicação social,

24/série manuais, 11).

MERLEAU-PONTY, Maurice. Textos sobre linguagem. In: Os pensadores, XLI.

São Paulo, Abril Cultural, 1975. p.317-366.

MONTES, Maria Lúcia. As vicissitudes do poder no discurso dominado.

In: Ensaio de Opinião 2+4. Rio de Janeiro, Inôbia, 1978. p.56-59.

MORIN, Edgar. Para sair da século XX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira,

1986. Trad.Vera Azambuja Harvey. 361 pp.

NELSON, Chico et alli, org. Jornalistas pra quê? Os profissionais

diante da ética. Rio de Janeiro, Sindicato dos Jornalistas profissionais

do município do Rio de Janeiro, 1989. 125 pp

OSAKABE, Haqira. Argumentação e discurso político. São Paulo, Kairós,

1979. 200 pp.

PAILLET, Marc. Jornalismo, o quarto poder. São Paulo, Brasiliense,

1986. Trad.Neca Jahn. 200 pp.

PARRET, Herman. Enunciação e pragmática. Campinas, Ed. da Unicamp,

1988. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et alli. 256 pp.

PINTO, Milton José. As marcas linguísticas da enunciação; esboço de uma

gramática enunciativa do português. [Tese de doutorado] Rio de Janeiro,

Escola de Comunicação, UFRJ, 1988.

QUINTAO, Aylê-Salassié F. O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964.

Rio de Janeiro. Agir, 1987. 213 pp.

RICOEUR, Paul. Teoria da interpretação; o discurso e o excesso

de significação. Lisboa, Edições 70, 1976. 110 pp.

_____. Interpretação e ideologias. 3ª ed. Rio de Janeiro,

F. Alves, 1988. Org. e trad. Hilton Japiassu. 172 pp.

RITO, Lúcia, ARAÚJO, Maria Elisa de, e ALMEIDA, Cândido José Mendes de,

org. Imprensa ao vivo. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. 267 pp.

RYLE, Gilbert. Expressões sistematicamente enganadoras e outros ensaios.

In: Os pensadores, LII. São Paulo, Abril Cultural, 1975. p.7-90.

SANTOS, Milton et alli. O espaço em questão. São Paulo, Marco Zero,

1988. 120 pp (Terra livre, 5).

SETTI, Ricardo A., Trad. e org. Encontro internacional de jornalismo/SP-1987:

Conferências e debates. Rio de Janeiro, Europa Graf. Ed., 1988, 204 pp

[patrocínio IBM Brasil].

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Comentário sobre Cidades[relatório dirigido

ao conselho editorial da Folha de S.Paulo em 23/05/1989.] s/p.

SILVA, Rafael de Souza. Diagramação; o planejamento visual gráfico na

comunicação impressa. São Paulo, Summus, 1985. 155 pp (Novas buscas em

comunicação, 7)

SODRE, Muniz. A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no

Brasil. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984. 147 pp.

_____ e FERRARI, Maria Helena. Técnica de redação; o texto nos

meios de informação. 3ª ed. Rio de Janeiro, F.Alves, 1982. 130 pp.

_____. Técnica de reportagem: notas

sobre a narrativa jornalística. 2ª ed. São Paulo, Summus, 1986. 143 pp

(Novas buscas em comunicação, 14)

STRAWSON, P. F. Escritos lógico-linguísticos. In: Os pensadores,

LII. São Paulo., Abril Cultural, 1975. p.265-351.

STRECKER, Marion. Indifolha, e eu com isso?[relatório veiculado pelo FiloFolha -

de circulação interna da Folha de S.Paulo - em julho de 1989] s/p.

TRAUGOTT, Elizabeth C. e PRATT, Mary L. Speech acts and speech genres.

In: Linguistics for students of literature. New York,

Harcourt Brace Jova Novich Inc., 1980. Trad. Paula Maria Rosas

(estágio de tradução I/Departamento de Letras/PUC-RJ-1º sem.,1983)

_____. Establishing an universe of

discourse. In: op.cit. Trad.Ana Maria de castro Gibson (estágio

de tradução I/Departamento de Letras/PUC-RJ-1º sem.,1983) mimeog.

ERRATA

- a) As notas de 48 a 55 foram renumeradas no texto e na listagem;
- b) Na bibliografia faltaram incluir:
- MOURA, Marluce. *Jornal do Brasil*, 11/10/1987, *Caderno BEspeci-*
 al. Pressrelease, nao. p.6
- MOORE JR., Barrington. *Injustiça; as bases sociais da obediência*
 e da revolta. S.Paulo, *Brasiliense*, 1987. Trad. João Roberto
 Martins Filho. 714pp.